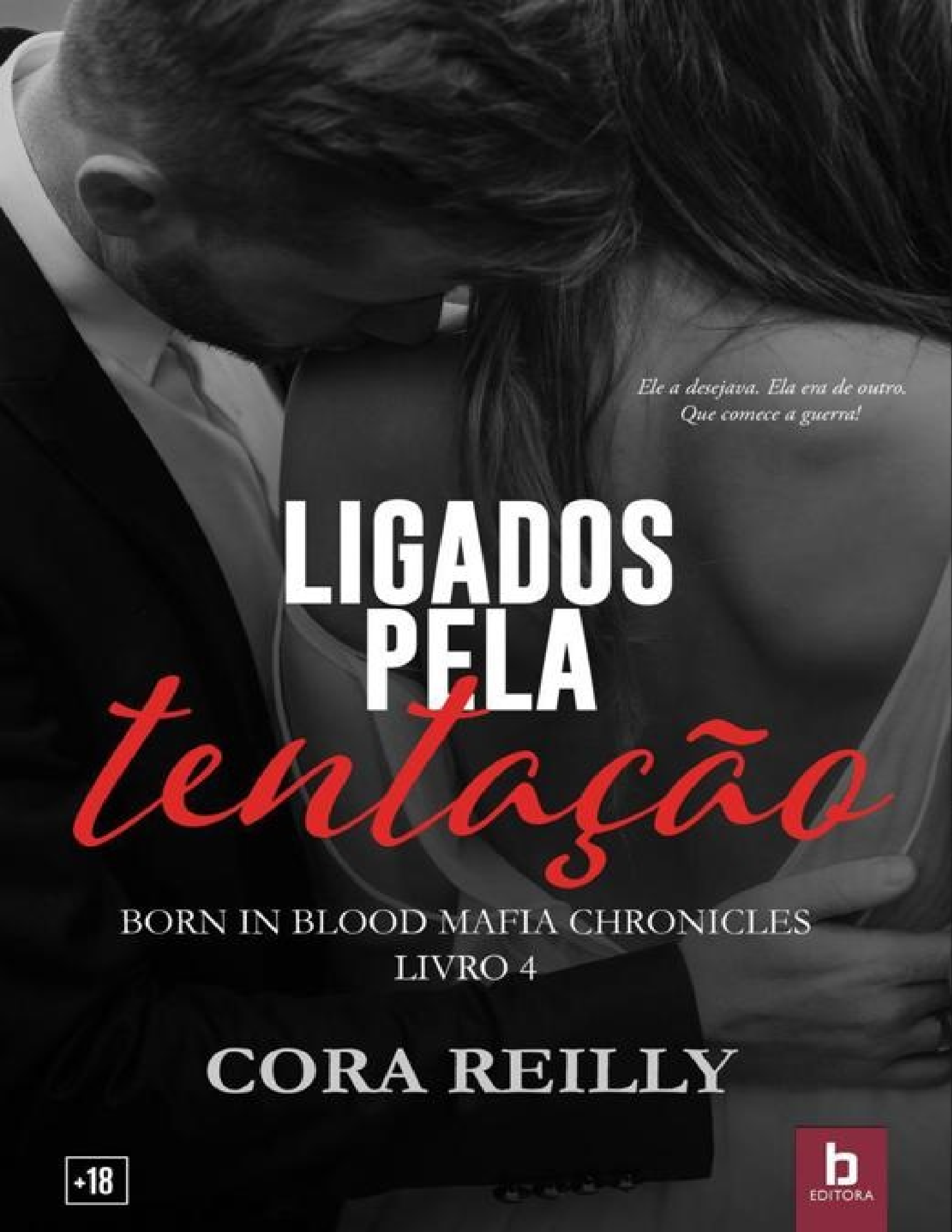


Ele a desejava. Ela era de outro.
Que comece a guerra!

LIGADOS PELA *tentação*

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 4

CORA REILLY

+18

EDITORA


tentação

Copyright © 2015 Cora Reilly
Copyright © 2021 Editora Bezz

Título original: *Bound by Temptation*
Tradução: Stéphanie Rumbelsperger
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Capa e diagramação ebook: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Reilly, Cora
Ligados pela Tentação (Born in Blood Mafia Chronicles, livro 4)/ Cora Reilly; Tradução: Stéphanie Rumbelsperger. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2021.

CONTEÚDO ADULTO
Leitura indicada para Maiores de 18 anos

ÍNDICE

CAPA
FOLHO ROSTO
FICHA TÉCNICA
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
EPÍLOGO
SOBRE AUTORA



PRÓLOGO

Liliana

Eu sabia que era errado. Se alguém descobrisse, se *meu pai* descobrisse, ele nunca mais me deixaria sair de Chicago. Ele nem mesmo me deixaria mais sair de casa. Era completamente inadequado e impróprio. As pessoas ainda falavam mal de Gianna depois de todo esse tempo. Elas agarrariam a oportunidade de encontrar uma nova vítima. E o que seria melhor do que outra irmã Scuderi sendo pega no ato?

E lá no fundo eu sabia que era exatamente igual a Gianna quando se tratava de resistir à tentação: simplesmente não conseguia. A porta de Romero não estava trancada. Entrei no quarto dele na ponta dos pés, prendendo a respiração. Ele não estava lá, mas dava para ouvir a água correndo no banheiro da suíte. Arrastei-me naquela direção. A porta estava entreaberta. Dei uma espiada pela fresta.

Nos últimos dias, descobri que Romero é uma criatura de hábitos, então, encontrei-o debaixo do chuveiro como esperado. Só que da minha posição estratégica eu não conseguia ver muita coisa. Abri a porta e entrei.

Minha respiração ficou presa ao vê-lo. Ele estava de costas para mim e era uma visão gloriosa. Os músculos de seus ombros e das costas estavam contraídos enquanto lavava seus cabelos castanhos. Naturalmente, meus olhos foram mais para baixo, até seu traseiro perfeitamente desenhado. Eu nunca havia visto um homem desse jeito, mas não conseguia imaginar que nenhum outro se

comparasse a Romero.

Ele começou a se virar. Eu deveria ter saído neste momento, porém, fiquei olhando maravilhada para seu corpo. Ele estava excitado? Ele ficou tenso quando me viu. Seus olhos capturaram meu olhar antes de deslizarem pela minha camisola e minhas pernas desnudas. E, depois, eu encontrei uma resposta para a minha dúvida. Antes, ele não estava muito excitado. *Inferno.*

Meu rosto ferveu enquanto eu o assistia ficando mais duro. Fiz o máximo para não cruzar a distância entre nós e tocá-lo.

Romero abriu o box sem pressa e enrolou uma toalha em volta da cintura. Depois saiu. O cheiro de seu sabonete líquido picante flutuou para dentro do meu nariz. Ele veio em minha direção lentamente.

— Sabe — disse ele como uma voz estranha —, se alguém nos encontrar assim pode ter a ideia errada. Uma ideia que poderia custar a minha vida e a sua reputação.

Eu ainda não conseguia me mexer. Estava petrificada, mas meu interior parecia queimar, se liquefazendo em lava incandescente. Eu não conseguia desviar o olhar. Eu não *queria* desviar o olhar.

Meus olhos permaneceram na borda da toalha, na linha fina dos pelos escuros desaparecendo sob ela, no delicioso V de seus quadris. Contra a minha vontade, a minha mão se moveu, alcançando o peito de Romero, precisando sentir sua pele sob as pontas dos meus dedos.

Romero segurou meu pulso antes de eu conseguir tocá-lo, seu aperto era quase doloroso. Levantei o olhar, meio envergonhada e meio surpresa. O que vi no rosto de Romero me fez estremecer.

Ele se inclinou para frente chegando cada vez mais perto. Fechei os olhos trêmulos, porém, o beijo que eu queria nunca veio. Em vez disso, ouvi o ranger da porta. Dei uma espiada em Romero. Ele simplesmente havia escancarado a porta do banheiro. Foi por isso que chegou mais perto, não para me beijar. Fiquei cheia de vergonha. Como pude pensar que ele estava interessado em mim?

— Você precisa sair — murmurou enquanto se endireitava. Ele ainda

segurava meu pulso.

— Então, me solte.

Ele o fez imediatamente e se afastou. Eu fiquei onde estava. Queria tocá-lo, queria que ele me tocasse também. Ele falou um palavrão e, então, veio para cima de mim com uma mão segurando a minha nuca e a outra no meu quadril. Quase dava para sentir o gosto de seus lábios de tão perto. O toque dele me fez sentir mais viva do que qualquer coisa jamais fez.

— Saia — rosnou ele. — Saia antes que eu quebre meu juramento. — Isso foi uma súplica disfarçada de ordem.



CAPÍTULO UM

Liliana

Eu ainda tremia quando pensava na minha primeira tentativa vergonhosa de flertar com Romero. Mamãe e Aria, minha irmã, sempre me avisaram para não provocar os homens e eu nunca fui tão ousada com ninguém como fui com Romero naquele dia. Ele parecia seguro, como se não houvesse jeito de poder me machucar independente da provocação. Eu era jovem e estúpida, tinha apenas quatorze anos e já estava convencida de que sabia tudo que havia para saber sobre os homens, o amor e tudo mais.

Faltavam apenas alguns dias para o casamento de Aria com Luca e ele mandara Romero para proteger minha irmã. Escolher um guarda-costas para sua futura esposa era algo importante; apenas a alguém que fosse merecedor de sua total confiança seria permitido tamanha proximidade, mas saber disso não tinha nada a ver com o motivo de *eu* confiar em Romero.

Romero estava terrivelmente lindo com sua camisa branca, a calça preta e o colete que escondia seu coldre. E, por algum motivo, seus olhos castanhos pareciam mais gentis do que os dos homens do nosso mundo a que eu estava acostumada. Não conseguia parar de olhar para ele. Não tinha certeza do que pensava, ou o que esperava conseguir, mas assim que Romero se sentou, eu me acomodei em seu colo. Ele ficou tenso sob mim, mas algo em seus olhos me deixou apaixonada por ele naquele dia. Antes, frequentemente quando eu flertava com os soldados de meu pai, via nos olhos deles que não hesitariam em

fazer o que quisessem comigo se não fosse pelo meu pai. Só que com Romero eu sabia que nunca precisaria me preocupar que ele tomasse mais do que eu estava disposta a dar. Pelo menos, foi assim que me senti naquele dia. Ele parecia ser um cara legal, como os caras que eu só admirava de longe porque não dava para encontrá-los na máfia. Como um cavaleiro numa armadura brilhante, alguém com quem garotas bobas sonham… garotas como eu.

Apenas alguns meses depois, descobri que Romero não era quem eu achava que fosse, o que eu queria que fosse e quem tinha feito parecer. Aquele dia ainda me perseguia depois de todo esse tempo. Poderia ter sido ali que a minha paixão por Romero desapareceria para sempre.

Meus pais tinham levado Gianna, Fabiano e eu para Nova York com eles para o funeral de Salvatore Vitiello, mesmo eu não conhecendo o pai de Luca e Matteo. Estava muito animada em ver Aria de novo. Entretanto, aquela viagem se transformou num pesadelo, meu primeiro gostinho do que significava ser parte do nosso mundo.

Depois que os russos atacaram a mansão Vitiello, fiquei sozinha com meu irmão, Fabi, num quarto onde Romero nos levara depois que a *Famiglia*, sob o comando de Luca, veio nos salvar. Alguém havia dado um tranquilizante para o meu irmão porque ele ficara completamente perdido depois de ver nosso guarda-costas ser baleado na cabeça. Eu estava estranhamente calma, quase em transe ao lado dele na cama, encarando o nada e tentando ouvir alguma coisa. Sempre que alguém passava pelo quarto, eu ficava tensa e me preparava para outro ataque. Mas, então, Gianna mandou mensagem perguntando onde eu estava. Nunca me movimentei tão rápido na vida. Levei menos de dois segundos para sair da cama, atravessar o quarto e abrir a porta. Gianna estava parada no corredor com seus cabelos ruivos bagunçados. Assim que pulei em seus braços me senti melhor e mais segura. Desde que Aria se mudou, Gianna assumiu o papel de mãe substituta enquanto a nossa mãe estava ocupada cuidando de suas responsabilidades e servindo todos os caprichos de papai.

Quando Gianna decidiu dar uma olhada no andar de baixo, o pânico me

dominou. Eu não queria ficar sozinha neste momento e Fabi não iria mesmo acordar nas próximas duas horas, então, apesar do medo do que poderíamos encontrar no primeiro andar, segui minha irmã. A maioria dos móveis na sala de estar estava destruída por causa da briga com os russos e quase toda coberta de sangue. Nunca fui muito enjoada em relação a sangue, nem com nada, para falar a verdade. Fabi sempre vinha até mim para mostrar seus machucados, principalmente quando havia pus porque ele não os limpara devidamente. E até mesmo agora, enquanto passávamos por todo aquele vermelho nos tapetes e sofás brancos, não foi o sangue em si que fez meu estômago revirar. Foi a lembrança do que aconteceu. Nem era mais possível sentir o cheiro de sangue porque o piso fora limpo com algum tipo de desinfetante. Fiquei contente quando Gianna foi para outra parte da casa, daí, ouvi o primeiro grito vindo do porão. Eu teria dado meia-volta e fingido que não era nada. Ao contrário de Gianna.

Ela abriu a porta de aço que dava num cômodo que descia. A escada era escura, mas de algum lugar nas profundezas do porão vinha uma luz. Eu estremeci.

— Você não quer descer, quer? — sussurrei. Eu deveria saber a resposta. Gianna era assim.

— Quero, mas você fica na escada — disse Gianna antes de começar a descer. Hesitei apenas por um segundo antes de segui-la. Ninguém nunca disse que eu era boa em seguir ordens.

Gianna olhou para mim.

— Fique aqui. Prometa.

Eu quis discutir. Não era mais uma criancinha. Mas, então, alguém gritou lá embaixo e os pelos da minha nuca eriçaram.

— Tudo bem. Prometo — falei depressa.

Gianna se virou e desceu os degraus que faltavam. Ela congelou quando chegou ao último degrau antes de finalmente pisar no porão. Eu só conseguia ver parte de suas costas, mas do jeito que seus músculos se retesaram, eu soube que

ela estava chateada. Houve um grito abafado e Gianna estremeceu. Apesar do medo martelando nas minhas têmporas, desci a escada. Precisava saber o que minha irmã viu. Ela não era alguém que se assustava com facilidade.

Até eu sabia que me arrependeria, mas não pude resistir. Estava cansada de ser deixada de fora de tudo, de sempre ser nova demais, de ser lembrada todos os dias de que precisava de proteção de mim mesma e de tudo ao meu redor.

No momento em que meus pés tocaram o chão do porão, meus olhos pousaram no centro do cômodo. A princípio, nem consegui entender o que estava acontecendo. Era como se meu cérebro estivesse me dando uma chance de sair e não ser notada, porém, ao invés de sair correndo dali, fiquei olhando. Minha mente se sobrecarregou, absorvendo cada detalhe, cada detalhe *pavoroso* diante de mim. Detalhes que eu ainda me lembraria vividamente anos depois.

Havia dois dos russos que nos atacaram amarrados a cadeiras, e também havia sangue. Matteo e outro homem batiam neles e os cortavam, *machucando*-os. Minha visão embaçou e o terror subiu pela minha garganta. Então, meu olhar pousou em Romero, seus gentis olhos castanhos, que não estavam mais tão gentis quanto me lembrava. As mãos dele também estavam cobertas de sangue. O cara legal, o cavaleiro na armadura brilhante com quem eu fantasiara, *aquele cara* não era ele. Um grito escapou do meu corpo, mas eu só consegui perceber por causa da pressão no meu peito e na minha garganta. Não ouvi nada além do zumbido em meus ouvidos. Todos olharam para mim como se *eu* fosse a louca. Não sei direito o que aconteceu depois disso. Lembrava-me de fragmentos. Mãos me segurando, braços me apertando com força. Palavras calmantes que não resolveram nada. Lembrei-me de um peitoral quente nas minhas costas e do cheiro de sangue. Houve uma pequena dor ardente quando Matteo injetou algo em mim antes do meu mundo se transformar em uma calma estranha. O terror ainda estava lá, mas foi acobertado. Minha visão ficou embaçada, mas pude distinguir Romero ajoelhado ao meu lado. Ele me pegou e se levantou comigo em seus braços. A calma forçada venceu e eu relaxei em seu peito. Bem em frente aos meus olhos, uma mancha vermelha maculava sua camisa branca.

Sangue do homem que havia sido torturado. Lentamente, o terror tentou irromper sobre a medicação, mas foi inútil e eu desisti da briga. Meus olhos fecharam quando me conformei com meu destino.

***

Romero

Como Homem de Honra era nosso dever manter seguros aqueles a quem juramos proteger: os fracos, as crianças e as mulheres. Eu, particularmente, devotara minha vida a esse objetivo. Muitas tarefas no meu trabalho envolviam machucar outras pessoas, ser frio e violento, mas manter as pessoas seguras sempre me fez sentir como se houvesse mais para mim além do mal. Não que isso importasse; se Luca me pedisse, eu faria todas as coisas ruins imagináveis. Não era fácil esquecer que apesar de nossa própria ética, moral e códigos, nós, Homens de Honra, éramos o que a maioria das pessoas considerava o mal. Eu fui lembrado da nossa verdadeira natureza, da minha verdadeira natureza, quando ouvi o grito de Liliana. Os gritos dos russos não me comoveram. Já ouvi aqueles e piores gritos antes. Mas aquele grito estridente e sem fim de uma garota que deveríamos proteger era como a porra de uma punhalada no estômago.

A expressão e os olhos dela eram o pior de tudo: eles me mostravam exatamente o que eu era. Talvez um homem bom tivesse jurado ser melhor, mas eu era bom no meu trabalho. Na maioria dos dias, eu *gostava* dele. Nem mesmo o rosto tomado pelo terror de Liliana me fez querer ser algo além de um Homem de Honra. Naquele momento, eu não havia me dado conta de que aquele vislumbre de brutalidade nem era o pior jeito que eu poderia foder com a vida dela.

***

Liliana

Acordei com alguma coisa quente e macia sob meu corpo. Minha mente estava lenta, mas as lembranças estavam claras e em foco, mais em foco do que tudo à minha volta quando eu finalmente me atrevi a abrir os olhos. O movimento no canto atraiu a minha atenção. Romero estava encostado na parede à minha frente. Rapidamente, verifiquei o quarto onde estava. Era um quarto de hóspedes e eu estava *sozinha* com Romero com a porta fechada. Sem o efeito permanente do que quer que Matteo injetara em mim mais cedo, eu teria começado a gritar de novo. Em vez disso, observei calada quando Romero veio em minha direção. Não tinha certeza de por que razão um dia eu pensara nele como sendo inofensivo, agora, cada movimento seu gritava perigo. Quando ele estava quase alcançando a cama, estremeci, me encolhendo no travesseiro. Romero parou, seus olhos escuros suavizaram, mas a gentileza deles não me enganava mais, não depois do que eu vi.

— Está tudo bem. Você está segura.

Nunca me senti tão *não segura* na minha vida… até este momento. Eu queria minha ignorância abençoada de volta. Não falei nada.

Romero pegou um copo d'água da mesa de cabeceira e estendeu-o para mim. Meus olhos procuraram por sangue na pele de suas mãos, mas ele devia ter limpado minuciosamente. Não havia o mínimo sinal de vermelho, nem mesmo entre seus dedos ou debaixo das unhas. Ele deve ter bastante prática em limpar sangue. A bile rastejou pela minha garganta ao pensar nisso.

— Você precisa beber, menininha.

Meus olhos voaram para o rosto dele.

— Não sou *criança*.

A sombra de um sorriso cruzou o rosto de Romero.

— Claro que não, Liliana.

Procurei em seus olhos por algo de zombaria, por um sinal de escuridão que vi lá no porão, mas ele parecia o cara legal que eu queria que fosse. Sentei e peguei o copo da mão dele, a minha tremia, mas consegui não derramar água em cima de mim. Depois de dois goles, entreguei o copo de volta para Romero.

— Você vai poder ir até suas irmãs logo, mas, primeiro, Luca quer falar com você sobre o que viu hoje — falou calmamente.

O medo me perfurou como se fosse uma lâmina fria. Saí da cama quando alguém bateu à porta, e Luca entrou logo depois. Ele fechou a porta. Corri meu olhar dele para Romero. Não queria desmoronar como fiz antes, mas pude sentir outro ataque de pânico pressionando as drogas na minha corrente sanguínea. Nunca ficara sozinha com eles e, depois dos eventos de hoje, era demais.

— Ninguém vai te machucar — disse Luca com sua voz grossa. Tentei acreditar nele. Aria parecia amá-lo, então, ele não devia ser tão ruim, e não estava lá embaixo no porão torturando os russos. Arrisquei outro olhar para Romero, cujos olhos repousavam em mim.

Abaixei o rosto.

— Eu sei — falei por fim, o que provavelmente soou tanto quanto a mentira que era. Respirei fundo e nivelei meu olhar ao queixo de Luca. — Você queria falar comigo?

Luca assentiu. Ele não se aproximou, nem Romero. Talvez o meu medo estivesse claro como o dia para eles.

— Você não pode contar a Aria sobre o que viu hoje. Ela vai ficar chateada.

— Não vou contar — prometi depressa. Nunca tive a intenção de falar com ela. Não queria nem lembrar o que aconteceu, muito menos contar a alguém sobre isso. Se eu pudesse, eliminaria tudo da minha memória imediatamente.

Luca e Romero trocaram olhares, depois, Luca abriu a porta.

— Você é muito mais sensata que sua irmã Gianna. Me faz lembrar de Aria.

De alguma forma as palavras dele me fizeram parecer uma covarde. Não porque Aria fosse. Ela era corajosa, assim como Gianna, as duas à sua própria maneira. Eu me senti uma covarde porque concordei em manter silêncio por motivos egoístas, porque queria esquecer, e não porque queria proteger Aria da verdade. Tinha certeza de que ela lidaria com isso melhor que eu.

— Pode levá-la até Gianna, mas garanta que elas não fiquem andando pela casa novamente — falou para Romero.

— E quanto a Aria? — perguntei rapidamente.

Luca ficou tenso. — Ela está dormindo. Pode vê-la mais tarde. — Dito isso, ele saiu.

Abracei minha cintura.

— Meus pais sabem o que aconteceu?

— Sabem. Seu pai vem buscar vocês assim que terminar com os negócios e os levará de volta a Chicago. Provavelmente de manhã. — Romero esperou, mas não me mexi. Por algum motivo meu corpo se arrepiou com a ideia de ficar mais perto dele, o que era ridículo, considerando que não muito tempo atrás eu fantasiava em beijá-lo.

Ele abriu a porta e saiu.

— Tenho certeza de que sua irmã Gianna está ansiosa para te ver.

Respirando fundo, me obriguei a caminhar em sua direção. O corpo dele estava relaxado e seu rosto, simpático, e, apesar do terror e do medo ainda fervilharem no fundo do meu corpo, meu estômago revirou levemente ao esbarrar nele. Talvez estivesse em choque. Não havia possibilidade de ter uma paixão por ele depois de hoje.



CAPÍTULO DOIS

Liliana

Sempre que eu pensava que havia superado o que aconteceu no último mês de setembro, algo me lembrava daquele dia e meu estômago virava um nó outra vez. Como hoje, quando Gianna e eu fomos até Matteo, Aria e Luca. Papai finalmente cedeu e permitiu que minha irmã e eu fôssemos visitar Nova York para comemorar o meu aniversário de quinze anos.

— Você está bem? — perguntou Gianna baixinho, me assustando junto com meu nervosismo que aumentava. Só de estar em Nova York e ver Matteo e Luca outra vez já era suficiente para preencher meu nariz com o cheiro doce de sangue fresco.

— Estou — apressei-me em responder. Eu não era mais uma garotinha que precisava da proteção das irmãs mais velhas. — Estou bem.

Aria correu em nossa direção quando estávamos quase os alcançando, e nos abraçou.

— Senti tanta saudade de vocês.

Só consegui sorrir ao estar reunida com as minhas irmãs. Eu até teria ido direto para aquele porão se isso significasse que poderia vê-las novamente.

Aria me deu uma olhada.

— Você já está do meu tamanho. Eu ainda me lembro de quando você não queria ir a lugar nenhum sem segurar minha mão.

Olhei em volta rapidamente, mas felizmente ninguém estava por perto para ouvi-la.

— Não diga nada assim quando Romero estiver por perto. Onde ele está, afinal? — Percebi um pouco tarde demais o quanto soei idiota, e corei.

Aria riu. — Ele deve estar em seu apartamento.

Dei de ombros, mas era tarde demais. Não que eu tivesse esquecido o sangue nas mãos de Romero, mas por algum motivo não tinha tanto medo dele quanto tinha de Matteo e até de Luca. E percebi o quanto quando caminhamos em direção a eles. Meu coração acelerou e eu senti um ataque de pânico surgindo. Isso não acontecia há semanas, então, resisti desesperadamente.

— A aniversariante — disse Matteo sorrindo. Como esse cara encantador pode ser a mesma pessoa que vi coberto de sangue no porão?

— Ainda não — falei. Pude sentir meu pânico já diminuindo. Na vida real, Matteo não era tão assustador quando nas minhas lembranças. — A menos que você vá me dar um presente antecipado.

— Gosto do jeito que você pensa — disse Matteo piscando.

Ele pegou a minha mala, depois, estendeu o braço. Olhei para Gianna.

— Você não vai carregar a bagagem de Gianna? — Eu não queria que Gianna pensasse que eu estava flertando com o noivo dela, embora ela não parecesse gostar tanto assim dele na maior parte do tempo.

— Luca pode se encarregar disso — disse Matteo.

Gianna olhou para ele antes de sorrir para mim. — Pode ir.

Aceitei a mão de Matteo. Não tinha certeza de por que Gianna o desprezava tanto. E isso vinha de antes do porão, então, não era por isso. Mas isso não era da minha conta e Gianna não falava mesmo sobre seus sentimentos comigo. Essa função era de Aria. Na cabeça delas, eu sempre fui nova demais para entender. Porém, eu sabia mais do que elas pensavam.

***

Quinze minutos depois, chegamos ao prédio onde moravam Luca e Aria. Dei uma conferida nos espelhos do elevador, me certificando de que a minha maquiagem não estivesse borrada e que eu não tivesse nada nos dentes. Fazia meses desde a última vez que vi Romero e queria causar uma boa impressão. Só que quando entramos no apartamento de Aria e Luca, Romero ainda não estava lá. Meus olhos correram pelo local e, por fim, Aria veio até mim e sussurrou:

— Romero não está porque Matteo e Luca estão aqui para nos proteger.

— Eu não estava procurando por ele — falei depressa, mas ela não acreditou. Virei a cara antes que ela pudesse me ver corando.

— Claro que não — disse Aria com um sorriso cúmplice. — Ele virá mais tarde quando Matteo e Luca tiverem que sair para cuidar dos negócios.

Eu borbulhei de animação, mas ela também estava misturada com algo desagradável e nervoso. Eu tinha um pesadelo esporádico sobre aquela noite no porão, não particularmente sobre Romero, mas eu me perguntava se um encontro ao vivo traria à tona mais daquelas coisas ruins. Contudo, esse nem era o principal motivo de eu estar nervosa. Até agora, Romero sempre me ignorara, bem, não a mim, mas ao meu flerte. Ele me tratava como criança. Talvez finalmente fosse mostrar mais interesse ou interesse nenhum. Afinal, eu estava fazendo quinze anos e não era como se eu não houvesse pego vários dos soldados do meu pai me dando uma conferida. Talvez eu não fizesse o tipo de Romero, independentemente da idade. Eu nem sabia se ele estava namorando ou se estava prometido a alguém.

Durante o jantar, deu para perceber que Aria e Gianna trocavam olhares ocasionais. Não tinha certeza do que isso queria dizer. Será que elas estavam falando sobre mim?

O elevador emitiu um sinal e começou a descer para quem quer que o tenha chamado.

— É Romero — disse Aria. Luca olhou para ela de um jeito estranho, mas eu não reagi de forma nenhuma, mal assenti, como se não me importasse, mas eu me importava, e fiquei contente pelo aviso de Aria.

— Preciso ir ao banheiro — falei, tentando parecer casual. Gianna revirou os olhos. Peguei minha bolsa do chão e corri para o banheiro de hóspedes. Quando fechei a porta, ouvi as portas do elevador abrindo. Logo depois, a voz de Romero ecoou. Era profunda, porém, não rude. Eu adorava o som dela.

Olhei para o espelho, retoquei a maquiagem rapidinho e afofei meus cabelos loiro-escuros. Não eram brilhosos e bonitos como os de Aria e nem tão chamativos quanto o ruivo de Gianna, mas poderia ser pior. As outras pessoas iriam perceber que eu fui ao banheiro para me deixar apresentável, pelo menos minhas irmãs, mas eu não ligava. Queria parecer bonita para Romero. Tentando parecer tranquila, saí do banheiro. Romero se sentara à mesa e estava fazendo seu prato com os restos da nossa sobremesa: Tiramisu e Panna Cotta. Ele estava sentado na cadeira bem ao lado da minha. Olhei para Aria, me perguntando se ela tinha algo a ver com isso. Ela mal sorriu para mim, mas Gianna nem se incomodou em esconder o divertimento. Eu realmente esperava que ela não me envergonhasse na frente de todos. Caminhei até a minha cadeira, esperando parecer madura e relaxada, mas, tirando um sorriso rápido, Romero não prestou atenção em mim. A decepção se instalou intensamente no meu estômago. Sentei-me ao lado dele e dei um gole na minha água, mais para ter algo a fazer do que por sede.

Se eu pensava que o claro desinteresse de Romero por mim seria todo o meu constrangimento de hoje, estava redondamente enganada. Assim que Matteo e Luca saíram para algum tipo de reunião de negócios, ficou óbvio que Gianna e Aria procuravam uma oportunidade de ficar sozinhas. Elas poderiam simplesmente ter me pedido para sair, mas, aparentemente, precisavam se livrar de Romero também. Aria se inclinou para sussurrar em meu ouvido.

— Será que você pode distrair Romero por um tempinho? É importante. — Não tive a chance de recusar nem de fazer nenhuma pergunta.

— Romero, por que não joga Palavras Cruzadas com Lily? Ela parece estar entediada e Aria e eu precisamos de um tempo para um papo de mulheres — disse Gianna incisivamente.

Meu rosto ardeu de vergonha. Gianna geralmente sabia muito bem que não deveria me envergonhar daquele jeito. Ela fez parecer como se Romero precisasse tomar conta de mim enquanto ela e Aria discutiam coisas importantes.

Romero saiu da cozinha onde estava verificando seu celular e parou ao meu lado na mesa de jantar. Eu mal consegui olhar para ele. O que será que ele pensava de mim agora? Espiei por baixo dos cílios. Ele não parecia irritado, mas isso não significava que realmente queria passar sua noite me entretendo. Ele era um guarda-costas, não uma babá.

— Sua irmã parece preferir passar um tempo com vocês — disse ele a Gianna. Então, seus olhos castanhos pousaram em mim. — Tem certeza de que quer jogar Palavras Cruzadas comigo? — perguntou-me, e eu não consegui evitar um sorriso. Poucas pessoas perguntavam o que eu queria, até minhas irmãs esporadicamente esqueciam que eu era uma pessoa com opinião e vontade próprias.

Aria e Gianna me deram um olhar significativo. Eu precisava convencer Romero que queria jogar ou estragaria as coisas para elas.

— Tenho, eu quero mesmo jogar Palavras Cruzadas com você. Eu amo esse jogo, por favor. — Falei com um sorriso brilhante. Eu nem mesmo lembrava a última vez que jogara isso. Nossa família nunca brincou com jogos de tabuleiro.

Romero olhou para as minhas irmãs. Havia uma pitada de desconfiança em seu rosto.

— Vocês poderiam jogar com a gente — falou ele.

— Prefiro jogar sozinha com você — falei num tom sedutor. Gianna piscou para mim quando Romero não estava olhando. — Minhas irmãs odeiam Palavras Cruzadas, assim como todo mundo que eu conheço. Você é a minha única esperança.

Um sorriso ergueu os lábios de Romero e ele assentiu.

— Tudo bem, mas seja paciente. Já faz um tempo que não jogo.

Na verdade, jogar Palavras Cruzadas com Romero foi bem divertido. Era a primeira vez que nós passávamos um tempo juntos só nós dois. Levantei o olhar

da palavra que acabara de colocar, debatendo se eu deveria fazer a pergunta que fazia um buraco no meu estômago. Romero estava ocupado tentando descobrir qual seria sua próxima palavra. Suas sobrancelhas escuras uniram-se de um jeito adorável. Eu queria me inclinar sobre o tabuleiro e beijá-lo.

— Você tem namorada? — descarreguei quando não consegui mais segurar. Então, quis morrer de imediato. Aparentemente, eu não precisava das minhas irmãs para me envergonhar. Estava fazendo isso muito bem por conta própria.

Romero olhou para cima. Havia surpresa e diversão em seu rosto. Pude sentir meu pescoço começando a ruborizar. Muito bem, Lily. Eu pareci uma idiota.

— É assim que você me distrai do jogo para poder vencer?

Eu ri, feliz por ele não estar com raiva de mim por perguntar algo tão pessoal. Ele voltou sua atenção às letras à sua frente e o meu contentamento desapareceu quando percebi que não havia respondido à minha pergunta. Será que isso significava que tinha namorada? Não poderia perguntar novamente sem parecer desesperada.

Irritada, afundei-me na cadeira. Meus olhos correram em direção ao terraço onde estavam as minhas irmãs.

Aria e Gianna provavelmente pensavam que eu não sabia que tramavam algo. Elas achavam que eu era alheia a tudo que acontecia ao meu redor. Só porque eu estava flertando com Romero não significava que eu não percebia os olhares misteriosos que elas trocavam. Eu não lhes perguntava porque sabia que não me contariam mesmo, e me sentiria ainda mais de fora. Elas não faziam isso para serem más, mas doía mesmo assim. Aria pareceu chateada com algo que Gianna falou. Tive que resistir ao impulso de ir até elas e tentar a sorte.

— É a sua vez — a voz de Romero me fez dar um pulo.

Corei e logo fiz uma análise das palavras no tabuleiro, mas a minha concentração ruiu.

— Quer parar? — perguntou Romero depois de alguns minutos. Parecia que era algo que ele queria. Ele devia estar entediado.

Colocando minha decepção de lado, assenti.

— Quero. Vou para o meu quarto ler um pouco. — Levantei-me, esperando que a minha cara não entregasse meus sentimentos, mas não precisava me preocupar. Romero deu um sorriso distraído e pegou o celular para verificar suas mensagens. Eu recuei lentamente. Ele não voltou a erguer o olhar. Eu precisava descobrir um jeito de atrair sua atenção e não era com jogos idiotas.

***

Aria tinha decorado todo o apartamento com balões para o meu aniversário, como se eu fosse uma criança do jardim de infância. Pensei que poderíamos ir a uma das boates de Luca, mas ele, inclusive Aria, se recusaram a me levar lá. A quantidade de comida na mesa fez parecer que planejaram uma festa enorme, mas éramos apenas nós e as duas irmãs mais novas de Romero. Aria lhe pedira para trazê-las. Eu me senti como a criança patética sem amigos que precisava que a irmã mais velha encontrasse amigos para ela. Talvez eu devesse ter ficado em Chicago, assim, pelo menos, eu teria passado o dia com os meus amigos.

Quando Romero chegou com as irmãs, coloquei meu melhor sorriso.

— Feliz aniversário, Liliana — disse ele me entregando um envelope. Era um vale de uma livraria. — Aria disse que você ama ler.

— Sim, obrigada — agradeci, mas por algum motivo esperava um presente diferente de Romero. Algo pessoal, algo que mostrasse que eu era especial.

— Essas são minhas irmãs. — Ele apontou para a mais alta com grossos cachos castanhos. — Esta é Tamara, ela também tem quinze anos. — Sorri e Tamara fez o mesmo, porém, ela parecia tão envergonhada quanto eu. — E esta é Keira, ela tem doze anos. Tenho certeza de que se darão bem. — Era óbvio que eu deveria passar um tempo com elas porque ainda era nova demais para curtir com Aria, Luca e os outros. Isso me irritou, mesmo que Tamara e Keira parecessem bem legais, eu não vim a Nova York para uma festa infantil. Sorrindo mais uma vez, Romero foi até Luca e Matteo, e eu levei as irmãs dele até Aria e Gianna e o bufê.

Tentei ao máximo aproveitar a noite e ser legal com as irmãs de Romero,

mas queria algo especial no meu aniversário, algo com que sonhara por muito tempo. Quando percebi que Romero estava indo para o terraço fazer uma ligação, eu também escapei. Felizmente, os outros estavam bastante ocupados para não sentirem a minha falta por alguns minutos. Romero conversava ao telefone e, a princípio, não me notou. Eu o segui em silêncio e observei enquanto ele se apoiava na sacada. Suas mangas estavam enroladas na altura do cotovelo, revelando antebraços musculosos.

Quando seus olhos pousaram em mim, suas sobrancelhas uniram-se e ele se endireitou. Eu me aproximei e fiquei atrás dele. Ele desligou e colocou o celular no bolso.

— Você não deveria estar lá dentro com seus convidados? — perguntou sorrindo, mas dava para perceber que não estava sendo tão sincero quanto costumava ser.

Cheguei ainda mais perto e sorri para ele.

— Precisava de ar fresco.

Os olhos de Romero estavam alertas ao me observar.

— Você deveria voltar.

— Tem uma coisa que eu gostaria de aniversário — falei baixinho. — Algo que só você pode me dar. — Repeti as palavras na minha cabeça inúmeras vezes, mas em voz alta elas não soaram tão sedutoras quanto na minha imaginação.

— Lily — começou Romero, seu corpo transbordava tensão.

Eu não queria ouvir o que ele iria dizer. Com rapidez, fiquei na ponta dos pés e tentei beijá-lo. Ele agarrou meus ombros antes que meus lábios alcançassem os seus e me segurou distante dele como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— O que você está fazendo? — Ele me soltou e recuou alguns passos. — Você é uma criança e eu, um soldado da *Famiglia*. Não sou um brinquedo com o qual você pode brincar quando está entediada.

Eu não esperava esse tipo de reação da parte dele. Surpresa e choque, sim, mas raiva? Não.

— Eu só queria te beijar. Não quero brincar com você. Eu gosto de você.

Romero balançou a cabeça, depois, gesticulou em direção à porta.

— Volte para dentro. Suas irmãs vão começar a se perguntar onde você está.

Ele soava como um irmão mais velho, e isso era a última coisa que eu queria que ele fosse. Girei nos calcanhares antes de voltar para dentro correndo. Meu coração murchou dentro do meu peito. Por algum motivo, nunca considerei uma rejeição de Romero. Havia fantasiado com o nosso primeiro beijo com tanta frequência que a opção de isso nunca acontecer jamais cruzou a minha mente. Pelo resto da noite eu lutei para manter uma cara feliz, principalmente quando olhava para Romero. Eu estava realmente feliz por voltar a Chicago. Não teria que ver Romero por um bom tempo, tempo suficiente para esquecê-lo e encontrar outra pessoa por quem me apaixonar.

Romero

Eu sabia que Liliana tinha uma queda por mim. Aria já havia mencionado isso, mas eu nunca esperaria que a garota agisse movida pelos seus sentimentos. Ela era uma menina linda. *Menina.*

Eu não tinha o mínimo interesse nela e quanto antes ela entendesse isso, melhor. Ela pareceu magoada *pra* caralho quando a rejeitei, mas não tive escolha. Mesmo se não fosse mais uma criança, eu não poderia deixá-la me beijar.

Quando voltei para a sala de estar, Luca veio até mim.

— O que foi? Por que Liliana estava lá fora com você?

Claro que ele iria perceber. Luca nunca deixava escapar nada.

— Ela tentou me beijar.

Luca ergueu as sobrancelhas. — Presumo que a tenha negado.

— Você precisa mesmo perguntar? Ela é da idade da minha irmã.

— A idade dela nem é o maior problema. Pelo menos aos olhos do pai.

— Eu sei. — Eu era um soldado e garotas como Liliana deveriam ficar em seu círculo social.

Luca suspirou. — Essa garota trará tanto problema quanto Gianna, se não

mais.

Eu desconfiava de que ele pudesse estar certo.



CAPÍTULO TRÊS

Liliana

— O desplante daquela garota! Desde o dia em que nasceu, ela só trouxe problema! — As palavras de papai ecoaram pela casa. Fabiano me olhou como se eu soubesse as respostas para as perguntas dele. Meu próprio cérebro era um enorme ponto de interrogação. Eu não sabia exatamente o que havia acontecido, mas captei o geral. Gianna desapareceu enquanto estava em Nova York com Aria. Agora, todos estavam procurando por ela. Não é de se estranhar que Aria não tivesse me convidado para visitá-la também. Não que eu estivesse muito entusiasmada para voltar a Nova York depois do meu último encontro constrangedor com Romero há quatro semanas. Porém, ainda doía que Aria e Gianna tivessem feito planos pelas minhas costas, pelas costas de todos.

Eu desci a escada, gesticulando para que Fabi permanecesse onde estava, e fui para o escritório de papai. Mamãe estava lá… chorando. Papai estava ao telefone, pelo seu tom ainda furioso, porém, mais contido, presumi que fosse com Cavallaro, seu chefe. Cavallaro era a única pessoa que papai respeitava de verdade. Mamãe me avistou na soleira da porta e logo balançou a cabeça, mas eu dei outro passo e entrei no escritório.

Eu sabia que era melhor ficar longe de papai quando ele estivesse nesse mau humor, embora ele normalmente atacasse Gianna e não a mim, mas a minha irmã não estava mais aqui.

Papai desligou e estreitou os olhos para mim.

— Eu te dei permissão para entrar?

A voz dele me atingiu como chicote, mas me mantive firme.

— O que aconteceu com Gianna?

Mamãe me olhou com advertência.

— Sua irmã fugiu. Ela deve ter engravidado de algum idiota e arruinou a reputação dela e da família.

— Talvez ela volte — falei. Mas, por algum motivo, eu sabia que ela não voltaria. Isso não era coisa de momento. Ela planejara isso, provavelmente por meses. Isso explicava todo o segredo com Aria durante nossa última visita a Nova York. Por que elas não me contaram? Será que não confiavam em mim? Será que achavam que eu iria correndo contar para papai na primeira oportunidade? E, então, outro pensamento penetrou no meu cérebro. Se Gianna foi embora, se ela não se casou com Matteo, quem casaria? O medo tomou conta de mim. E se papai me casasse com Matteo? Eu esperava poder me casar por amor agora que as minhas irmãs já estariam casadas por motivos estratégicos. Talvez fosse um pensamento egoísta numa situação dessas, mas não conseguia evitar. Uma imagem de Romero apareceu na minha cabeça. Eu sabia que era bobagem pensar nele em relação a casamento. Mesmo se Gianna voltasse e ainda se casasse com Matteo, seria quase impossível convencer papai e me dar a um mero soldado, principalmente um de Nova York. E havia o problema de que ele nem me queria e que eu me prometi superá-lo.

Eu sabia de tudo isso, o que não queria dizer que eu não podia ter sonhos e esperança; às vezes, parecia que era só o que me restava.

— Quantos homens terão se deitado com Gianna até lá? Ela não valerá nada mesmo que volte — cuspiu papai. Eu me retraí, horrorizada com suas palavras duras. Não valerá nada? Certamente nós éramos mais para ele do que uma mercadoria a ser vendida. Mais do que um pedacinho de carne entre nossas pernas.

Papai agarrou meus ombros com os olhos em chamas. Eu recuei, porém, ele

não me soltou.

— Não pense que não vejo que você fica de olho nos meus soldados. Você é parecida demais com Gianna para o seu próprio bem. Não terei outra filha me fazendo de bobo.

— Não vou fazer — sussurrei. Papai nunca havia falado comigo neste tom antes. Sua expressão e suas palavras me fizeram sentir vulgar e indigna, como se eu precisasse me limpar dos meus pensamentos impuros.

— Isso mesmo. Não ligo se tiver que te trancar em seu quarto até o dia do seu casamento para proteger sua reputação e sua honra.

Isso não era por causa da minha honra nem da minha reputação. Eu não ligava para isso. Isso era sobre meu pai. Sempre foi sobre os homens da família, o que eles queriam e esperavam.

— Rocco, Lily é uma boa menina. Ela não fará nada — disse mamãe cautelosamente. Não era o que ela costumava falar para mim. Ela sempre me advertia que eu era muito insinuante, ciente demais dos efeitos que meu corpo provocava nos homens. Mas fiquei contente pelo seu apoio porque ela frequentemente permanecia calada quando papai agredia Gianna da mesma forma.

Papai me soltou e virou-se para ela.

— Era seu dever criar meninas decentes. Para o seu bem, espero que esteja certa e que Liliana não siga o exemplo de Gianna. — A ameaça em sua voz me fez estremecer. Como ele podia ser tão horrível com sua própria esposa?

Mamãe empalideceu. Eu recuei e ninguém tentou me impedir. Subi a escada depressa. Fabi esperava por mim com os olhos arregalados e curiosos.

— O que aconteceu? — perguntou ele cheio de medo.

Eu balancei a cabeça em resposta, sem clima para recapitular tudo para ele, e saí correndo para o meu quarto.

Eu nunca havia sido o foco da raiva de papai, como agora. Mas como Gianna foi embora, ele ficaria mais de olho em mim, garantindo que eu fosse a dama perfeita que ele queria que suas filhas fossem. Eu sempre me senti livre, nunca

entendi por que Gianna se sentia tão contida pela vida que tinha, mas já começava a se tornar claro para mim. As coisas mudariam agora.

***

Desde a fuga de Gianna, há meses, as coisas aqui em casa têm sido tensas, na melhor das hipóteses. Papai perdia a cabeça pelas mínimas coisas. Ele me bateu apenas duas vezes, mas Fabi não teve tanta sorte. Porém, pior que a violência era sua desconfiança constante, o jeito que ele me observava como se eu fosse outro escândalo em formação. Minha gaiola de ouro havia se tornado um pouco menor, mesmo que antes isso parecesse quase impossível. Eu esperava que as coisas mudassem agora que Matteo encontrara Gianna e a estava trazendo de volta para Chicago. Talvez isso fosse agradar papai, embora ele parecesse muito longe de estar satisfeito na última vez em que o vi. Eu não sabia direito o que havia acontecido exatamente, mas, pelo que soube, Gianna fora pega com outro homem e esse era o pior cenário possível no mundo. Papai provavelmente me colocaria grilhões para me impedir de fazer o mesmo.

— Quando eles chegarão? — perguntou Fabiano pela milésima vez. Sua voz tinha um tom de choro e eu tive que me conter para não descontar minha frustração nele.

Fabiano e eu ficamos esperando no primeiro andar parados durante os últimos vinte minutos e a minha paciência estava indo embora.

— Eu não sei — sussurrei. — Fique quieto. Se mamãe descobre que não estamos em nossos quartos, teremos problema.

— Mas...

Vozes soaram adiante. Eu reconheci uma delas como sendo a de Luca. Ele conseguia encher a casa com ela; é de se imaginar, considerando o quanto ele era grande.

— Eles chegaram! — Fabiano saiu correndo e eu fui logo atrás dele, descendo a escada num rompante.

Avistei Gianna imediatamente. Seu cabelo estava castanho agora e ela parecia absolutamente exausta, mas tirando isso, era a irmã que eu lembrava. Papai frequentemente fizera parecer que ela seria uma nova pessoa se por acaso voltasse; uma pessoa horrível e indigna.

Papai lançou um olhar para mim e Fabi quando nos viu, mas não liguei. Corri em direção a Gianna e a abracei. Eu senti muita saudade dela. Quando ouvi que Matteo a encontrara, fiquei preocupada que ele fosse matá-la, então, vê-la ilesa foi um grande alívio.

— Não falei para mantê-los lá em cima? — censurou papai.

— Desculpe. Eles foram rápidos demais — respondeu mamãe. Espiei por sobre meu ombro para ver seu rosto apologético enquanto descia a escada. Desde a fuga de Gianna, papai estivera constantemente no limite e com frequência a agredia também. Seus gritos me acordaram mais do que uma vez por noite. Eu não sabia direito quando ele se tornou tão violento. Não me lembrava dele sendo assim quando eu era mais nova, ou talvez eu apenas fosse menos ciente dessas coisas.

— Lily, Fabi, voltem aos seus quartos — ordenou papai. Soltei Gianna e estava prestes a protestar, mas Fabi se adiantou.

— Mas, Papai, não vemos Gianna há séculos — resmungou.

Papai avançou para nós e eu fiquei tensa. Ele raramente me batia, mas parecia furioso. Ele nos agarrou e saiu nos arrastando para longe de Gianna. Depois, nos empurrou em direção à escada.

— Para cima, agora.

Cambaleei por causa da força de seu empurrão, mas quando retomei meu equilíbrio, parei e não me mexi. Não conseguia acreditar que ele não nos deixaria falar com Gianna depois de não a ver por tanto tempo.

— Está tudo bem — falou Gianna, mas não era o que seu rosto dizia. Ela parecia magoada e triste, e normalmente Gianna não era alguém que mostrava esse tipo de sentimento. — Podemos conversar depois.

Meus olhos foram atraídos para algo atrás dela: Romero. Ele estava parado

lá, forte e alto, com os olhos firmemente focados em meu pai. Eu não o via há sete meses, e com o tempo pensei que havia superado minha paixão por ele, mas ao vê-lo meu estômago se agitou novamente.

O rompante de papai atraiu minha atenção de volta para ele.

— Não, não podem. Não vou te deixar perto deles. Você não é mais minha filha e eu não quero que sua podridão contagie Liliana — esbravejou ele. Parecia que ele teria adorado matar Gianna. Isso me assustou. Ele não deveria nos amar, seus filhos, incondicionalmente? Se eu, algum dia, fizesse algo que ele desaprovasse, será que também me odiaria?

— Isso é ridículo — disse Matteo.

— Matteo — alertou Luca. — Isso não é da nossa conta. — Meus olhos correram entre os dois, depois, novamente para Romero cuja mão estava embaixo do colete. Uma parte distorcida de mim queria vê-lo em ação. Ele devia ser incrível em situações de luta; e uma parte ainda pior sabia que mamãe, Fabi e eu ficaríamos melhor se papai se fosse.

Mamãe segurou meu pulso e pegou a mão de Fabi.

— Vamos agora — disse ela insistentemente, nos puxando em direção à escada para o andar de cima.

— Isso mesmo. Esta é a minha família, e Gianna ainda está sujeita às minhas regras, nunca se esqueça disso — falou papai.

— Pensei que não fosse mais sua filha, então, por que tenho que ouvir o que você diz?

Minha cabeça girou, atordoada pelo veneno na voz de Gianna.

— Cuidado — censurou papai. — Você ainda faz parte da Outfit. — Parecia que ele bateria em Gianna se não fosse por Matteo que a segurava pela cintura. Mamãe tentou me puxar junto com ela, mas Romero olhou para cima naquele instante e seus olhos encontraram os meus. Sua rejeição no meu aniversário ainda estava fresca na minha mente e, no entanto, eu sabia que ainda queria beijá-lo. Por que às vezes queremos algo impossível? Algo que só traz sofrimento?



CAPÍTULO QUATRO

Liliana

Às vezes, sinto como se tivesse que me provar para papai todos os dias. Ele esperava que eu fosse estragar tudo como Gianna, só que eu não tinha certeza de como isso era possível; ele nunca me deixava fora de vista. A menos que eu começasse algo com um dos meus antigos guarda-costas, não havia como manchar a minha honra. Contudo, papai ainda não havia se esquecido de Gianna, o que era o motivo de eu não a ver por quase dois anos. Ela foi proibida de vir a Chicago e eu não tinha permissão para visitar Nova York. Se não fosse pela furtividade de Aria, eu nem mesmo conseguiria conversar com Gianna ao telefone.

Às vezes, até eu sentia raiva de Gianna por ela ter fugido e transformado a minha vida num inferno. Talvez papai fosse menos rigoroso se Gianna tivesse seguido as regras. E havia momentos em que eu a admirava pela sua ousadia. Não havia uma noite em que eu não sonhasse com a liberdade. Eu não queria realmente fugir, mas desejava poder conquistar mais liberdade na minha vida. Liberdade para ir a um encontro, liberdade para me apaixonar e estar com a pessoa.

Eu nem lembrava mais como era estar apaixonada. Assim como Gianna, eu não via Romero há quase dois anos. O que senti por ele naquela época não foi amor, nem chegou perto. Foi admiração e interesse, agora eu sabia. Porém, não houve mais ninguém. Claro que era difícil conhecer alguém para se apaixonar se

você vai a uma escola só para garotas e não tem permissão para ir sozinha a nenhum outro lugar.

O som de vidro quebrando no andar de baixo me tirou dos meus pensamentos. Pulei da cama e abri a porta.

— Mamãe? — chamei. Ela esteve ausente a manhã toda. Não houve resposta, mas ouvi alguém se movimentando na cozinha.

Arrastei-me para fora do quarto e desci a escada.

— Mamãe? — Tentei mais uma vez quando já estava quase chegando na porta da cozinha. Ainda sem resposta. Abri a porta e entrei. Uma garrafa de vinho estava quebrada no chão, vinho tinto respingado por todo lado. Mamãe estava ajoelhada ao lado da garrafa, sua saia cor de creme ia lentamente absorvendo o líquido, mas ela não pareceu perceber. Ela encarava um pedaço de vidro em sua mão como se aquilo guardasse todas as respostas para as suas perguntas. Eu nunca a vi desse jeito. Fui em sua direção. — Mãezinha? — Quase nunca a chamava assim, mas parecia a escolha certa no momento.

Ela olhou para cima, seus olhos azuis estavam desfocados e marejados.

— Ah, você está em casa?

“Onde mais eu estaria?”, quis perguntar, mas, em vez disso, toquei seu ombro e disse:

— Qual o problema? Você está bem?

Ela encarou o pedaço de vidro quebrado em sua mão novamente, depois o largou no chão. Eu a ajudei a se levantar. Ela não estava com as pernas firmes e pude sentir o cheiro de álcool em seu hálito. Ainda era cedo para começar a beber, e ela nem era de beber muito.

— Eu fui ao médico.

Congelei.

— Você está doente? O que houve?

— Câncer de pulmão — disse ela com uma leve encolhida de ombros. — Estágio 3.

— Mas você nunca fumou! Como isso é possível?

— Pode acontecer — disse ela. — Vou ter que começar a quimioterapia em breve.

Eu a abracei, me sentindo impotente e pequena sob o peso daquela notícia.

— Papai sabe?

— Eu não consegui falar com ele. Ele não atende o celular.

Claro que não. Por que ele atenderia uma ligação da esposa? Ele devia estar com uma de suas amantes.

— Precisamos contar a Aria e Gianna. Elas precisam saber.

Mamãe agarrou meu braço.

— Não — falou com firmeza. — Isso vai estragar o Natal delas. Não quero que elas saibam ainda. Não tem motivo para preocupá-las. Eu não falo com Gianna há muito tempo mesmo, e Aria já tem o suficiente com que se preocupar sendo esposa de um Capo.

— Mas, mãe, elas vão querer saber.

— Prometa que não vai contar — exigiu ela.

Assenti lentamente. O que mais eu podia fazer?

***

Duas horas depois, ouvi papai chegar em casa e, outros trinta minutos mais tarde, os passos leves de mamãe subindo a escada e a porta do quarto principal sendo fechada. Ela estava sozinha. Será que papai ainda estava lá embaixo? Saí do meu quarto e fui para o escritório dele no primeiro andar. Depois de um instante de hesitação, bati. Eu precisava falar com ele.

Nossa festa de Natal seria em duas semanas e, agora que mamãe estava doente, Gianna deveria ser convidada. Ela e mamãe deveriam ter a oportunidade de passar algum tempo juntas e se reconciliar.

— Entre — falou papai.

Abri a porta e coloquei a cabeça para dentro, meio que esperando vê-lo arrasado e chorando, mas ele estava debruçado sobre alguns papéis trabalhando.

Confusa, entrei.

— Mamãe falou com o senhor? — Talvez ela não lhe tivesse contado sobre o câncer.

Ele levantou o olhar.

— Falou, sim. Ela vai começar o tratamento com o melhor médico de Chicago na semana que vem.

— Ah, certo… — Parei, esperando por mais alguma coisa de papai, mas ele me olhava sem nem um pingo de emoção no rosto. — Eu estava pensando que mamãe precisa do apoio da família agora mais do que nunca. Da família inteira.

Papai levantou as sobrancelhas.

— E?

— Acho que devemos convidar Gianna para a nossa festa de Natal. Ela e mamãe não se veem há muito tempo. Tenho certeza de que mamãe ficará muito feliz em ver Gianna novamente.

O semblante de papai escureceu.

— Eu não vou receber aquela vagabunda na minha casa. Talvez Matteo a tenha perdoado e até se casado com ela, apesar de suas transgressões, mas isso não faz o meu tipo.

Não, *tipo*, definitivamente, não era uma palavra que eu usaria para meu pai.

— Mas mamãe precisa de todo apoio que conseguir.

— Não. E esta é a minha palavra final — grunhiu ele. — E sua mãe não quer que as pessoas saibam que está doente. Começarão a se perguntar se convidarmos Gianna. Agiremos como se não houvesse nenhum problema. Você não vai contar para suas irmãs nem para nenhuma outra pessoa, entendeu?

Concordei. Mas como conseguiria manter esse tipo de segredo de todo mundo?

***

A casa foi decorada lindamente para a nossa festa de Natal. Estava tudo

perfeito. O cheiro da carne assada e do purê de batatas trufadas flutuava pelos cômodos, mas eu não consegui desfrutar dele. Mamãe passara o dia de ontem e a maior parte desta manhã vomitando por causa do tratamento. Com várias camadas de maquiagem, não dava para notar o quanto ela estava pálida, porém, eu sabia. Apenas papai e eu sabíamos. Nem Fabi fazia ideia.

Aria e Luca chegaram apenas alguns minutos antes dos outros convidados. Eles ficaram num hotel, então, não foi muito difícil esconder deles o estado de mamãe. Aria sorriu largamente quando me viu e me abraçou.

— Por Deus, Lily. Você está tão linda.

Sorri de leve. Fiquei tão animada quando encontrei o vestido prateado algumas semanas atrás porque ele me fazia sentir adulta e acentuava as minhas curvas na medida certa, só que hoje a minha animação por causa de um pedaço de pano parecia ridícula.

Aria se afastou e olhou em meu rosto.

— Está tudo bem?

Assenti depressa e voltei minha atenção a Luca, que esperava pacientemente pela sua vez atrás da minha irmã. Ele me deu um abraço rápido. Cumprimentar-me desse jeito pareceu estranho.

— Papai ainda está em seu escritório e mamãe, na cozinha — expliquei. Pelo menos eu esperava que mamãe não estivesse no banheiro, vomitando novamente.

Luca passou por mim e meu olhar pousou em Romero, que esteve escondido atrás do corpo enorme de Luca. Arregalei os olhos ao vê-lo. Eu não esperava que ele viesse. Ano passado, Luca viera sozinho com Aria. Afinal, ele era mais do que capaz de protegê-la.

— Olá — falei casualmente, parecendo bem mais calma do que me sentia. Eu ainda não havia superado a minha paixão por Romero, porém, percebi, com alívio, que não mais me tremia toda perto dele. Os meses e as semanas que se passaram me mudaram.

Romero

Luca tinha negócios para tratar com Scuderi e Dante Cavallaro; foi só por isso que vim para Chicago com eles. Agora, eu estava parado na porta da mansão Scuderi, encarando Liliana, imaginando se eu não deveria ter inventado uma desculpa. Na última vez que vi Lily, ela era uma menina, e embora ainda não fosse uma mulher, havia crescido muito. Estava deslumbrante *pra* caralho. Foi difícil não olhar para ela. Era fácil esquecer que ainda faltavam alguns meses para ela se tornar maior de idade, fácil esquecer que ela estava fora do meu alcance.

Ela inclinou a cabeça num cumprimento e se afastou. Para onde foi a menina que gostava de seduzir e ficava corada? Eu tinha que admitir que fiquei triste por ela não me dar aquele sorriso sedutor, embora, antigamente, ele sempre tenha me incomodado.

Segui Luca e Aria para dentro da casa. Dava para ouvir os passos de Lily logo atrás de mim, dava para sentir seu perfume floral e até ver seu corpo esbelto pelo canto do olho. Custou-me muito controle não espiar por sobre meu ombro e olhar para ela mais uma vez.

Passei as duas horas seguintes observando-a discretamente enquanto fingia estar ocupado protegendo Aria, não que houvesse muito o que fazer mesmo. Porém, quanto mais eu olhava para Lily, mais eu percebia que algo estava errado. Sempre que pensava que ninguém estava prestando atenção nela, ela parecia murchar, seu sorriso diminuía e seus ombros caíam. Ela era uma boa atriz quando colocava todo seu esforço nisso, mas seus poucos momentos de distração foram o bastante para mim. Durante o tempo como guarda-costas aprendi a ficar atento aos detalhes.

Quando ela saiu da sala e não voltou, fiquei preocupado. Porém, ela não era responsabilidade minha. Aria, sim. Olhei para a esposa de Luca. Ela estava mergulhada numa conversa com a mãe e Valentina Cavallaro. Eu pedi licença. Ela estaria segura aqui. Luca estava logo do outro lado da sala no que parecia uma discussão com Dante e Scuderi.

Assim que me vi no corredor, hesitei. Eu não sabia direito para onde Liliana havia ido e dificilmente poderia procurá-la na casa inteira. Se alguém me encontrasse, poderia pensar que eu estava espionando para Luca. Um som veio do corredor à minha direita e atraiu minha atenção, depois de me certificar de que estava sozinho, segui o som até avistar Liliana. Ela estava encostada na parede com a cabeça para trás e os olhos fechados. Dava para notar que estava tentando se controlar e, mesmo assim, estava um espetáculo. Linda *pra* caralho. Algum dia, um homem teria muito sorte de se casar com ela.

A ideia não me agradou, mas não me detive na minha reação estranha. Fui até ela, certificando que meus passos fossem audíveis para que ela soubesse que não estava mais sozinha. Ela ficou tensa, abriu os olhos, mas quando me viu, voltou a relaxar e se virou. Eu não soube ao certo o que fazer quanto à sua reação à minha presença. Parei a alguns passos dela. Meu olhar passeou pelas suas longas e esbeltas pernas, então, eu rapidamente olhei para seu rosto.

— Liliana, está tudo bem? Você sumiu por bastante tempo.

— Por que você insiste em me chamar de Liliana se todos me chamam de Lily? — Ela abriu novamente os olhos e sorriu amargamente. Ela tinha olhos azuis incríveis *pra* caralho. — Minha irmã pediu para me vigiar? — perguntou ela num tom acusatório.

Como se eu precisasse de alguém para isso. Foi quase impossível manter meus olhos longe de Liliana esta noite.

— Não — falei simplesmente.

Seus olhos azuis ficaram confusos, então, ela virou o rosto de lado, deixando-me seu perfil para olhar. Seu queixo tremeu, mas ela engoliu em seco e sua expressão melhorou.

— Você não precisa vigiar Aria?

— Luca está lá — falei. Cheguei um pouco mais perto, perto demais. O perfume de Lily flutuou para dentro do meu nariz e me fez querer enterrar o rosto em seus cabelos. Meu Deus, eu estava enlouquecendo. — Posso notar que algo está errado. Por que não me conta?

Lily estreitou os olhos.

— Por quê? Não sou responsabilidade sua. E da última vez que nos vimos, você não parecia gostar muito de mim.

Será que ela ainda estava chateada comigo por impedi-la de me beijar em seu aniversário há mais de dois anos?

— Talvez eu possa te ajudar — preferi dizer.

Ela suspirou, seus ombros caíram mais um pouco. Com aquela expressão de cansaço, ela parecia mais velha de alguma forma, como uma mulher adulta, e eu tive que me lembrar mais uma vez da minha promessa e do meu juramento. Seus olhos brilharam com lágrimas quando olhou para mim, mas elas não caíram.

— Ei — falei baixinho. Eu queria tocá-la, tirar o cabelo de seu rosto. Caralho. Eu queria muito mais do que isso, mas fiquei onde estava. Não podia tocar na filha do *Consigliere* da Outfit. Eu nem mesmo deveria estar sozinho com ela.

— Você não pode contar para ninguém — falou.

Hesitei. Luca era meu Capo. Havia certas coisas que eu não podia esconder dele.

— Você sabe que não posso prometer isso sem saber o que você vai me contar. — E, então, me perguntei se por acaso ela estava grávida, se talvez alguém tivesse partido seu coração, e a ideia disso me deixou furioso. Não era para querê-la, eu não deveria querê-la, e, no entanto,…

— Eu sei, mas não é sobre a Outfit nem sobre a *Famiglia*. É… — Ela abaixou o olhar e engoliu em seco. — Meu Deus, eu não deveria contar a ninguém. E odeio isso. Odeio manter a farsa quando tudo está desmoronando.

Esperei pacientemente, dando-lhe o tempo que ela obviamente precisava.

Seus ombros começaram a tremer, mas ela ainda não estava chorando. Não sabia bem como ela fazia isso.

— Minha mãe tem câncer.

Por essa eu não esperava. Embora, pensando nisso agora, a mãe dela parecia pálida apesar da densa camada de maquiagem em seu rosto.

Toquei o ombro nu de Lily e tentei ignorar o quanto foi bom, o quanto sua pele era *macia*.

— Sinto muito. Por que não conversa com Aria sobre isso? Pensei que vocês duas conversassem sobre tudo.

— Gianna e Aria conversam sobre tudo. Eu sou a irmã caçula, a que sobra. — Ela soou amargurada. — Sinto muito. — Ela soltou um longo suspiro, tentando obviamente controlar suas emoções. — Papai me proibiu de contar a quem quer que fosse, incluindo Aria, e aqui estou eu contando para você.

— Eu não vou contar para ninguém — prometi antes de poder pensar realmente sobre isso. O que eu estava fazendo ao prometer esse tipo de coisa para Lily? Luca e a *Famiglia* eram a minha prioridade. Se a esposa do *Consigliere* estava doente, eu precisava considerar as consequências. Será que isso o enfraqueceria e a Outfit? Luca provavelmente pensaria que sim. E não era só isso, eu deveria proteger Aria. Será que não fazia parte da minha função contar que sua mãe estava doente? Esse é o problema se você começa a pensar com seu pau. Depois, as coisas sempre se enrolam.

Lily inclinou a cabeça para o lado com uma expressão curiosa.

— Não vai?

Encostei na parede ao lado dela me perguntando como iria sair daquela encruzilhada.

— Mas você não acha que deveria contar para sua irmã? É a mãe dela. Ela merece saber da verdade.

— Eu sei, você acha que eu não sei disso? — sussurrou ela desesperada. — Quero contar para ela. Eu me sinto tão culpada em guardar esse segredo. Por que você acha que estou me escondendo no corredor?

— Então, conte a ela.

— Papai ficaria furioso se descobrisse. Ele está no limite há muito tempo. Às vezes, acho que basta apenas um simples incidente para ele colocar uma bala na minha cabeça.

Ela pareceu com medo *pra* caralho do próprio pai. E o canalha era

assustador. Segurei sua mão.

— Ele fez alguma coisa com você? Tenho certeza de que Luca vai descobrir um jeito de te manter segura. — Que merda eu estava falando? Scuderi convenceria Dante a começar uma guerra se Luca tirasse sua filha caçula dele. Nunca se envolva nos problemas familiares de outras pessoas. Essa era uma das regras mais importantes do nosso mundo.

— Papai não permitiria — disse ela com naturalidade. Ela realmente não era a menina que conheci. Este mundo tirou sua inocência cedo demais. — E ele não fez nada, mas ficaria furioso se eu fosse contra suas ordens diretas.

— Você conhece sua irmã, ela nunca contaria a ninguém.

— Então, ela teria que carregar o segredo e não poderia nem conversar com mamãe sobre isso. Por que é tudo uma confusão? Por que não posso ter uma família normal?

— Não podemos escolher nossa família.

— E no meu caso, nem mesmo meu futuro marido — falou. E balançou a cabeça. — Não sei por que falei isso. Não era com isso que eu deveria estar preocupada agora. — Ela olhou para baixo, para a minha mão, que ainda segurava a dela. Eu a soltei. Se Scuderi ou um de seus homens nos visse, Scuderi teria um novo motivo para perder a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Vou contar a ela — disse Lily do nada. Ela se endireitou e me deu um sorriso agradecido. — Você está certo. Aria merece saber da verdade. — Agora que ela não estava mais apoiada na parede, ficamos ainda mais perto. Eu deveria ter me afastado e mantido distância, mas, em vez disso, meus olhos desceram para seus lábios.

Lily me surpreendeu se afastando.

— Obrigada pela ajuda. — Eu a assisti dobrando o corredor e sumindo.

Liliana

Meu coração martelava dentro do meu peito, não só por ter ficado sozinha

com Romero e mal conseguir sair sem beijá-lo, mas porque estava determinada a ir contra as ordens de papai. Talvez Romero tenha dito a verdade e não fosse contar à minha irmã e a Luca sobre a minha mãe, mas por que ele guardaria um segredo meu? Nós não éramos um casal, nem mesmo amigos. Não éramos nada um para o outro. O pensamento caiu como um peso no meu estômago.

Seria melhor eu contar a Aria agora. Ela acabaria descobrindo e eu queria que fosse por mim. Encontrei-a na sala de estar com um prato de *prosciutto* na mão. Ela estava conversando com Valentina. Fui até elas e Valentina foi a primeira a me notar. Havia uma ponta de piedade em seus olhos verdes antes de sorrir para mim. Será que ela sabia?

Claro que sabia. Papai provavelmente contara imediatamente a Dante, seu chefe, e Dante contara à sua esposa. Será que papai também já havia contado a outras pessoas? Pessoas que ele pensa merecerem mais a verdade do que sua própria família?

— Oi, Val — falei. — Posso roubar Aria um pouquinho? Preciso falar com ela.

Aria me lançou um olhar questionador, mas Valentina apenas assentiu. Cruzei o braço com o da minha irmã e andei despreocupadamente pela sala com ela. Eu não queria que papai ou mamãe desconfiassem de nada. Captei o olhar de Romero do outro lado da sala. Ele estava parado ao lado de Luca e Dante, mas olhava em minha direção. Ele me deu um pequeno aceno encorajador e, de alguma forma, aquele pequeno gesto me fez sentir melhor. Nos últimos dois anos, eu me convenci de que aquilo com Romero não era nada além de uma paixonite boba, mas agora, eu não tinha mais tanta certeza disso.

— Lily, o que está acontecendo? Você está agindo estranho a noite toda — sussurrou Aria enquanto íamos em direção ao corredor.

— Já vou te contar. Quero que estejamos a sós.

O rosto de Aria encobriu-se de preocupação.

— Aconteceu alguma coisa? Você precisa de ajuda?

Eu a levei para o meu quarto no andar de cima. Quando fechei a porta, soltei

Aria e afundei na cama. Ela se sentou ao meu lado.

— É a mamãe — falei sussurrando. — Ela tem câncer de pulmão. — Talvez eu devesse ter dado a notícia de uma maneira menos direta, porém, não a teria deixado menos horrível.

Aria me olhou nos olhos, depois, encostou na parede, soltando um suspiro pesado.

— Meu Deus. Achei-a com uma aparência exausta, mas culpei outra briga com papai.

— Eles ainda brigam, o que deixa tudo pior.

Aria lançou o braço sobre mim e, por um segundo, ficamos abraçadas em silêncio.

— Por que ela mesma não me contou?

— Papai não quer que ninguém saiba. Na verdade, ele me proibiu de te contar.

Aria se afastou.

— Ele te proibiu?

— Ele quer manter as aparências. Acho que tem vergonha da doença de mamãe. — Hesitei. — Foi por isso que demorei para contar. Não sabia o que fazer, mas conversei com Romero e ele me convenceu a te falar.

Aria analisou meu rosto.

— Romero, é?

Dei de ombros. — Você vai contar a Gianna quando voltar a Nova York?

— Claro que vou — falou Aria. — Odeio que ela não possa estar aqui. — Suspirou. — Quero conversar com mamãe sobre isso. Ela precisa de nosso apoio, mas como podemos dar a ela se não deveríamos saber?

Eu não sabia. — Odeio como papai está agindo. Ele é tão frio em relação a ela. Você é tão sortuda por ter um marido que se importa com você, Aria.

— Eu sei. Algum dia você também terá.

Eu realmente esperava que ela estivesse certa. A vida com alguém como meu pai seria um inferno ao qual eu não conseguiria sobreviver.

***

A cada dia, mamãe ficava um pouco mais enfraquecida. Às vezes, parecia que bastava eu desviar o olhar por um instante e sua pele já se transformava num tom mais assustador de cinza e ela perdia ainda mais peso. Até seus lindos cabelos já tinham caído completamente. Era impossível continuar mantendo sua doença em segredo. Todos sabiam. Quando outras pessoas estavam por perto, papai bancava o marido dedicado e preocupado, mas em casa, quando estávamos sozinhos, ele mal suportava a presença de mamãe, como se estivesse preocupado que fosse contagiosa. Recaiu sobre mim apoiá-la enquanto tentava terminar o último ano na escola. Aria, Gianna e eu conversávamos pelo telefone quase todos os dias. Sem elas, eu não conseguiria sobreviver. E à noite, quando me deitava no escuro e não conseguia dormir de preocupação e medo, me lembrava do jeito que Romero me olhou na nossa festa de Natal, como se me visse pela primeiríssima vez; me visse de verdade como mulher e não apenas como uma criança idiota. O olhar em seus olhos castanhos fez eu me sentir acolhida mesmo que fosse só uma lembrança.

Uma batida suave me fez sentar.

— Pois não? — perguntei baixinho. *Por favor, que mamãe não esteja vomitando outra vez.* Eu queria uma noite sem o cheiro ácido no meu nariz. Fiquei mal por pensar assim. Como podia pensar algo desse tipo?

A porta abriu e Fabi enfiou a cabeça na fresta antes de entrar. Seus cabelos escuros estavam despenteados e ele estava de pijama. As cortinas não estavam fechadas, então, deu para perceber que ele chorou, mas não falei nada. Fabi havia completado doze anos há alguns meses e era orgulhoso demais para admitir seus sentimentos para qualquer um, até para mim.

— Você está com sono?

— Eu pareço estar dormindo? — perguntei brincando.

Ele balançou a cabeça, depois, colocou as mãos nos bolsos da calça do pijama. Ele estava velho demais para vir para a minha cama por medo de alguma coisa. Papai teria arrancado a cabeça de Fabi se o encontrasse com lágrimas no

rosto em meu quarto. Fraqueza não era algo que papai tolerava no filho, nem em ninguém, na verdade.

— Quer assistir a um filme? — Escorreguei para o lado. — Não consigo dormir mesmo.

— Você só tem filmes de meninas — falou ele como se eu estivesse pedindo um enorme favor, porém, foi até a minha prateleira de DVDs e escolheu alguma coisa. Depois, se sentou ao meu lado com as costas na cabeceira. O filme começou e nós o assistimos em silêncio por um longo tempo.

— Você acha que mamãe vai morrer? — perguntou Fabi de repente com o olhar fixo na tela.

— Não — respondi com toda a convicção que não sentia.

***

Hoje era meu aniversário de dezoito anos, mas não haveria festa. Mamãe estava doente demais. Não havia espaço em nossa casa para comemorações nem felicidade. Papai mal ficava em casa, sempre saía para tratar de negócios e, recentemente, Fabi começara a acompanhá-lo. E, assim, eu era deixada em casa sozinha com mamãe. Claro que havia uma enfermeira e a nossa empregada, mas elas não eram da família. Mamãe não as queria por perto, então, era eu que ficava sentada à sua cama depois da escola, lendo para ela, tentando fingir que seu quarto não cheirava à morte e desalento. Aria e Gianna haviam ligado de manhã para me desejar feliz aniversário. Eu sabia que elas queriam vir nos visitar, no entanto, papai proibira. Nem mesmo no meu aniversário ele conseguia ser legal.

Larguei o livro que estava lendo para mamãe. Ela adormeceu. O barulho de seu respirador, um clique e um chocalho, preenchiam o quarto. Levantei-me, precisando andar um pouco. Minhas pernas e minhas costas estavam rígidas por ficar sentada o dia inteiro.

Fui até a janela e olhei lá fora. A vida estava acontecendo em todos os lugares ao meu redor. Meu telefone vibrou no bolso, tirando-me dos meus

pensamentos com um susto. Peguei-o e vi um número desconhecido na tela. Encostei-o ao ouvido.

— Alô? — sussurrei enquanto saía para o corredor para não perturbar mamãe, embora barulhos dificilmente a acordassem.

— *Alô, Liliana.*

Congelei.

— Romero? — Não consegui acreditar que ele me ligava, e, então, uma ideia terrível me atingiu como única explicação para esta ligação. — Meu Deus, alguma coisa aconteceu com as minhas irmãs?

— *Não, não. Desculpe, não quis te assustar. Eu queria te desejar um feliz aniversário.* — A voz dele estava suave, acolhedora e profunda, e me acalmou como o mel faz com uma garganta dolorida.

— Ah — falei. Apoiei-me na parede enquanto minha pulsação diminuía novamente. — Obrigada. Minha irmã te falou que é meu aniversário? — Sorri de leve. Dava para imaginar Aria fazendo isso, com esperança de me animar. Ela não havia falado comigo sobre isso, mas eu tinha quase certeza de que sabia que eu ainda gostava de Romero depois de todo esse tempo.

— *Ela não precisou. Eu sei o dia do seu aniversário.*

Eu não falei nada, não sabia o que dizer. Ele se lembrava do meu aniversário?

— *Você tem planos para o seu dia?*

— Não. Vou ficar em casa e cuidar da minha mãe — falei cansada. Não conseguia me lembrar da última vez que dormira a noite inteira. Se mamãe não me acordava porque estava vomitando ou com dor, então, eu ficava deitada acordada olhando para o nada.

Romero ficou em silêncio do outro lado da linha, então, numa voz mais gentil ainda ele falou:

— *Tudo vai melhorar. Sei que as coisas parecem irremediáveis agora, mas não serão assim para sempre.*

— Você já viu muita morte na vida. Como consegue suportar?

— *É diferente se quem está morrendo é alguém com quem você se importa ou se tem a ver com negócios.* — Ele precisava ser cuidadoso com o que falava pelo telefone, então, eu me arrependi de ter mencionado isso, mas era bom ouvir a voz dele. — *Meu pai morreu quando eu tinha quatorze anos. Não éramos tão próximos quanto eu gostaria, contudo, sua morte foi a única que realmente me abalou.*

— Mamãe e eu não somos tão próximas quanto as minhas amigas são de suas mães, e agora que ela está morrendo eu me arrependo disso.

— *Ainda há tempo. Talvez mais do que você pense.*

Eu queria que ele estivesse certo, só que lá no fundo sabia que era só uma questão de semanas até mamãe perder sua batalha.

— Obrigada, Romero — falei suavemente. Eu queria ver seu rosto, queria sentir seu cheiro reconfortante.

— *Faça algo que te deixe feliz hoje, mesmo que seja uma coisinha simples.*

— Isso está me deixando feliz — admiti.

— *Que bom* — falou. Um momento de silêncio.

— Preciso ir agora. — De repente, fiquei envergonhada pela minha admissão. Quando vou parar de me expor? Eu não era o tipo de pessoa que sabia esconder os sentimentos e odiava isso.

— *Tchau* — falou Romero.

Finalizei a ligação sem dizer mais nada, depois, fiquei olhando para o meu telefone por bastante tempo. Será que eu estava interpretando demais a ligação de Romero? Talvez ele quisesse ser educado e ligar para a irmã da esposa do chefe em seu aniversário de dezoito anos para ganhar alguns pontos. Entretanto, Romero não parecia fazer esse tipo. Então, por que ele ligou? Será que tinha alguma coisa a ver com o jeito que ficou me olhando na festa de Natal? Será que ele estava começando a gostar de mim tanto quanto eu gostava dele?

***

Duas semanas depois do meu aniversário, a saúde de mamãe ficou ainda pior. Sua pele estava fina demais e fria, seus olhos brilhavam por causa dos analgésicos. Eu a segurava sem força, com medo de machucá-la. Ela parecia tão frágil. Lá no fundo, eu sabia que não demoraria muito mais tempo. Queria acreditar que um milagre pudesse acontecer, mas não era mais uma criancinha. Eu sabia. Às vezes, desejava ser ainda aquela menina inocente de antes.

— Aria? — disse mamãe com uma voz fraca.

Dei um pulo na cadeira e me aproximei dela.

— Não, sou eu, Liliana.

Os olhos de mamãe focaram em mim e ela sorriu suavemente. Parecia horrivelmente triste em seu rosto desgastado. Ela já fora tão bonita e orgulhosa, e, agora, era apenas uma casca daquela mulher.

— Minha doce Lily — falou.

Comprimi os lábios. Mamãe nunca fora o tipo extremamente afetivo. Ela nos abraçava e lia histórias para nós dormirmos e normalmente tentava ser a melhor mãe que sabia ser, mas quase nunca nos chamava por apelidos.

—Sim, estou aqui. — Pelo menos até papai tentar me mandar embora de novo. Por ele, mamãe estaria trancada longe de todos que amava, apenas sendo cuidada por enfermeiras que ele contrataria até ela, enfim, morrer. Tentei dizer a mim mesma que era porque ele queria protegê-la, deixar uma mulher orgulhosa ser lembrada como costumava ser e não apenas por sua doença, mas eu desconfiava de que esse não era o principal incentivo. Às vezes, eu me perguntava se ele tinha vergonha dela.

— Onde estão suas irmãs? E Fabi? — Ela olhou por cima da minha cabeça como se esperasse vê-los aqui.

Abaixei o olhar para seu queixo, incapaz de olhar em seus olhos.

— Fabi está ocupado com a escola. — Era uma mentira deslavada. Papai garantiu que Fabi estaria ocupado com sabe Deus o que, para que ele não passasse muito tempo com a nossa mãe. Como se papai estivesse preocupado que sua doença contagiasse Fabi se ele chegasse muito perto. — Aria e Gianna

chegarão logo. Elas mal podem esperar para vê-la novamente.

— Seu pai ligou para elas? — perguntou mamãe.

Eu não queria mentir para ela de novo. Mas como poderia lhe contar que papai não queria que elas viessem visitar nossa mãe moribunda, que elas nem mesmo saberiam que ela estava tão perto da morte se eu não tivesse ligado? Enchi seu copo com água e o segurei em seus lábios.

— Você precisa beber.

Mamãe deu um golinho, porém, virou a cabeça.

— Não estou com sede.

Meu coração partiu quando coloquei o copo de volta na mesa de cabeceira. Procurei por algo sobre o que conversar com mamãe, mas o que eu queria mesmo era contar para ela minha paixão por Romero, era algo que não poderia lhe confiar.

— Você precisa de alguma coisa? Posso pegar um pouco de sopa.

Ela balançou a cabeça de leve, me observava com uma expressão curiosa e eu estava começando a me sentir desconfortável. Não sabia bem o porquê. Havia tal expressão de desamparo e anseio em seu olhar que se comunicava com um lugar obscuro dentro de mim.

— Meu Deus, eu nem lembro mais como é ser jovem e despreocupada.

Despreocupada? Eu não me sentia despreocupada há muito tempo.

— Tem tanta coisa que eu queria fazer, tinha tantos sonhos. Tudo parecia possível. — Sua voz ficou mais forte, como se a lembrança tirasse energia de algum lugar no fundo de seu corpo.

— Você tem uma linda casa e muitos amigos e filhos que te amam — falei, porém, mesmo eu sabia que era a coisa errada a se dizer, e eu odiava esta sensação de sempre fazer a coisa errada, de não ser capaz de ajudar.

— Tenho mesmo — disse ela com um sorriso triste. Lentamente ele desapareceu. — Amigos que não me visitam.

Eu não podia negar isso e nem tinha certeza se papai era o motivo por eles ficarem longe ou se eles nunca se importaram com a minha mãe de jeito

nenhum. Abri a boca para falar alguma coisa, outra mentira pela qual me sentiria culpada depois, mas mamãe continuou falando.

— Uma casa que foi paga com dinheiro de sangue.

Mamãe nunca admitira que papai fazia coisas horríveis por dinheiro e eu nunca tive a impressão de que ela ligava muito para isso. Dinheiro e luxo eram as únicas coisas que papai sempre nos deu à vontade. Prendi a respiração, meio curiosa e meio apavorada com o que ela diria a seguir. Será que se arrependia de ter tido filhos? Será que éramos uma decepção para ela?

Ela acariciou a minha mão.

— E vocês, meus filhos… eu deveria tê-los protegido melhor. Sempre fui muito fraca para defendê-los.

— Você fez tudo o que pôde. Papai não teria te ouvido mesmo.

— Não, não teria — sussurrou. — Mas eu deveria ter tentado mais. Tem tantas coisas das quais me arrependo.

Eu não podia negar. Frequentemente eu desejava que ela tivesse nos defendido, principalmente Gianna, quando papai perdeu a cabeça de novo. Mas não havia por que deixá-la mal por algo que não podia ser mudado.

— Você só tem esta vida, Lily. Aproveite ao máximo. Eu queria ter feito isso e, agora, é tarde demais. Não quero que você termine como eu, que olhe para trás para uma vida cheia de oportunidades e sonhos perdidos. Não deixe que a vida passe sem aproveitá-la. Você é mais corajosa que eu, corajosa o suficiente para lutar pela sua felicidade.

Engoli em seco, surpresa com seu discurso passional.

— O que quer dizer com isso?

— Antes de me casar com seu pai, estava apaixonada por um jovem que trabalhava no restaurante do meu pai. Ele era doce e encantador. Não fazia parte do nosso mundo.

Olhei para a porta, preocupada que papai nos ouvisse. Como se isso pudesse acontecer. *Como se ele realmente fosse colocar os pés neste quarto.*

— Você o amava?

— Talvez. Mas o amor é algo que se desenvolve com o tempo e nunca tivemos a chance. Eu poderia tê-lo amado muito, tenho certeza disso. Uma vez, nós nos beijamos atrás das caçambas de lixo. Estava frio e o lixo fedia, mas foi o momento mais romântico da minha vida. — Um sorriso doce se instalou em seu rosto, uma expressão que nunca vira antes em minha mãe.

A compaixão apertou meu coração com força. Será que papai nunca fizera nada romântico para ela?

— E meu pai?

— Seu pai… — ela travou. Respirou fundo algumas vezes, estremecendo. Mesmo com a ajuda do tanque de oxigênio, ela respirava com dificuldade. — Ele não tem tempo para romance. Nunca teve.

Mas tinha tempo para prostitutas pelas costas de mamãe. Até eu sabia sobre elas e normalmente eu era a última pessoa que ficava sabendo desse tipo de coisa. Nunca o ouvi dizer uma palavra amável para mamãe. Sempre supus que ele só conseguisse mostrar afeição entre quatro paredes, mas agora, eu percebo que ele provavelmente nunca fez isso. A única coisa legal que fazia era comprar uma joia cara para ela.

— Não me entenda mal, respeito seu pai.

— Mas não o ama — completei. Sempre tive a certeza de que mamãe amava papai, mesmo ele não retribuindo o sentimento, mas descobrir que não havia nada entre eles, de alguma forma pareceu um soco no estômago. Aria e Gianna fizeram o melhor de seus casamentos arranjados, mas percebo que muitas não têm tanta sorte e nunca amaram ou mesmo toleraram seus maridos. A maioria das mulheres em nosso mundo estava presa em um casamento sem amor com um homem infiel e, em alguns casos, até violento.

Ela suspirou, seus olhos iam se fechando, sua pele ficou ainda mais pálida que antes.

— Eu sempre disse a mim mesma que ainda havia tempo para fazer as coisas que amo, para ser feliz… e agora? Agora é tarde demais.

Será que essas palavras pareceriam um soco sempre que ela as falasse?

— Não — falei trêmula. — Não é. Não desista.

Ela olhou para mim com um sorriso triste.

— Não vai demorar muito. Não tenho nada do que me arrepender. Mas você tem sua vida inteira à frente, Liliana. Prometa que vai vivê-la plenamente. Tentar ser feliz.

Engoli em seco. Durante toda a minha vida mamãe me disse para aceitar meu destino, ser uma boa menina, obediente.

— Quero me casar por amor.

— E deveria — sussurrou.

— Papai não vai permitir. Ele vai encontrar alguém para mim, não vai?

— Aria e Gianna fizeram bons casamentos. Você não precisa se casar por motivos táticos. Deveria ser livre para se apaixonar e se casar com aquele rapaz especial.

Uma imagem de Romero apareceu na minha mente e um monte de borboletas encheu meu estômago.

— Eu me lembro desse olhar — disse mamãe docemente. — Tem alguém, não tem?

Eu corei. — É bobagem. Ele nem está interessado em mim.

— Como não poderia estar? Você é bonita e inteligente e vem de uma boa família. Ele seria louco por não se apaixonar por você.

Nunca conversei com mamãe desse jeito, e me senti inacreditavelmente triste que tivesse sido necessário o câncer para que nos aproximássemos. Queria que ela tivesse sido esse tipo de mãe antes, e, então, me senti culpada por pensar algo assim.

— Ele não é alguém que papai aprovaria — acabei falando. E isso era um grande eufemismo. — Ele é só um soldado.

— Ah — sussurrou mamãe. Ela lutava para manter os olhos abertos. — Não deixe que ninguém te impeça de alcançar sua felicidade. — As últimas palavras mal saíram audíveis quando mamãe adormeceu lentamente. Tirei minha mão debaixo da dela e me levantei. Sua respiração estava pesada, áspera e

equilibrada. Quase dava para imaginar que pararia a qualquer segundo. Saí do quarto, mas não fechei a porta. Queria ter certeza de que ouviria se mamãe pedisse ajuda.

Fui para a escada onde quase dei um encontrão em papai.

— Mamãe ficará feliz de te ver — falei. — Só que ela acabou de adormecer, então, terá que esperar um pouquinho.

Ele afrouxou a gravata.

— Eu não estava indo ver sua mãe. Tenho mais algumas reuniões agendadas.

— Ah, sim. — Era por isso que ele parecia uma loja de perfume e por que seu terno estava amassado. Passou a manhã com uma de suas putas e devia estar a caminho da próxima. — Mas ela adoraria te ver mais tarde.

Papai estreitou o olhar.

— Você ligou para a sua irmã? Luca me ligou esta manhã para contar que ele e Aria estão a caminho de Chicago para visitar sua mãe.

— Eles têm direito de se despedir.

— Você acha mesmo que eles querem ver sua mãe desse jeito? Sua mãe já foi uma mulher orgulhosa, se ela ainda estivesse em seu juízo perfeito, não iria querer que ninguém a visse nesse estado lastimável.

A raiva fervilhou dentro de mim.

— Você tem vergonha dela, simples assim!

Ele levantou um dedo em advertência.

— Cuidado. Não use esse tom de voz comigo. Eu sei que você está sob muita pressão, mas a minha paciência está se esgotando nesse momento.

Comprimi os lábios. — Aria e Luca ainda virão ou você proibiu a visita deles? — Não mencionei que Gianna também poderia estar vindo. Ele descobriria em breve e, se Deus quiser, Luca estaria aqui para acalmá-lo.

— Eles chegarão à tarde. Isso permitirá que Luca e Dante tratem de negócios.

É com isso que ele está preocupado? Negócios? Sua esposa está morrendo e ele não dá a mínima. Assenti e saí sem dizer nada. Meia hora depois, vi meu pai

sair de casa novamente. Havia um tempo em que eu o admirava. Quando o via em seus ternos pretos e pensava que ele era a pessoa mais importante do mundo. Mas isso não durou muito. Na primeira vez que ele levantou a mão para mamãe, eu soube que ele não era o homem que eu pensava.

***

Aria, Gianna e Luca chegaram duas horas depois. Matteo ficou em Nova York. Não apenas porque Luca precisava de alguém confiável lá, mas porque o encontro de Gianna com papai seria mesmo explosivo. Se Matteo também estivesse lá, alguém morreria.

Aria e Gianna me abraçaram bem apertado.

— Como você está? — perguntou Aria.

Dei de ombros. — Não sei. É difícil ver mamãe tão fraca.

— E papai agindo como um babaca não ajuda — resmungou Gianna.

Luca me deu um aceno curto.

— Vou esperar na cozinha. Ainda tenho algumas ligações para fazer.

Eu desconfiava de que ele apenas nos dava um tempo sozinhas com nossa mãe e eu me senti grata por isso. Quase lhe perguntei sobre Romero, entretanto, me impedi de fazer isso.

Levei minhas irmãs para cima. Quando entramos no quarto de mamãe, elas ficaram chocadas. Inclusive eu, que lhe fazia companhia todos os dias, ficava chocada todas as manhãs que via o quanto ela parecia acabada, e o cheiro era igualmente horrível. As enfermeiras limpavam o chão e os móveis com desinfetante duas vezes por dia, mas o fedor de deterioração e urina ainda cobriam tudo. Inclusive, ele parecia se agarrar às minhas roupas e à minha pele e entupia meu nariz quando eu não conseguia dormir à noite.

Mamãe estava acordada, mas demorou um tempinho até o reconhecimento brilhar em seus olhos. Então, ela sorriu e, por um momento, apesar dos tubos em seu nariz, não parecia tanto que a morte já a havia marcado como dela. Aria foi

até a cama imediatamente e abraçou mamãe com cuidado. Gianna estava tensa ao meu lado. Ela e mamãe não se viam há um tempo e não tinham se separado exatamente em bons termos. Quando Aria se afastou, o olhar de mamãe pousou em Gianna e ela começou a chorar.

— Ah, Gianna — sussurrou.

Gianna correu para nossa mãe e a abraçou também. Esta reunião ter um motivo tão terrível quase partiu meu coração. Eu queria que tivéssemos ficado juntas desse jeito antes deste dia. Puxei mais duas cadeiras em direção à cama e as coloquei perto daquela onde passei inúmeras horas. Todas nos sentamos e mamãe parecia em paz pela primeira vez em muito tempo. Deixei Aria e Gianna falarem e eu ouvi. Gianna se debruçou em mim enquanto Aria contava à mamãe sobre uma nova exposição em Nova York.

— Onde está Fabi? Ele não deveria estar em casa?

— Papai sempre manda alguém pegá-lo na escola, aí, eu não vejo Fabi até a hora do jantar.

— Ele já o está iniciando? Fabi é novo demais para essa merda.

— Não sei. É difícil conversar com Fabi sobre isso. Ele não me conta tudo como costumava fazer, mudou muito desde que mamãe ficou doente. Às vezes, não o reconheço.

— A máfia muda todo mundo. Suga o que há de bom nas pessoas — murmurou Gianna.

— Veja Matteo, Luca e Romero, eles não são totalmente maus.

Gianna suspirou.

— Mas também não são bons. Longe disso. Eu sei como Fabi costumava ser antes da podridão penetrar nele, mas em relação a Luca e Matteo, só os conheci como Homens de Honra, então, é diferente. — Gianna estreitou os olhos contemplativa. — Você ainda é apaixonada por Romero? Não deveria ter um novo alvo a essa altura?

Corei, mas não respondi. Felizmente, Aria envolveu Gianna na conversa e eu pude relaxar outra vez.

***

Gianna, Aria e eu adormecemos nas cadeiras. Duas horas depois, fomos acordadas pela voz brusca de papai.

— O que ela está fazendo aqui?

Eu me sentei, levando alguns segundos para me orientar. Papai ficou na porta olhando ferozmente para Gianna. Ele ainda não a havia perdoado pelo que ela fizera, provavelmente levaria sua ira para o túmulo junto com ele.

— Não estou aqui para te ver, acredite — resmungou Gianna.

Aria se levantou da cadeira e foi até papai para lhe dar um abraço rápido. Seu humor costumava melhorar quando ela estava por perto, porém, ele nem olhou para ela.

— Eu não te quero na minha casa — falou para Gianna.

Avistei Fabi alguns passos atrás dele, claramente incerto de como reagir. Eu sabia que ele sentia muitas saudades de Gianna e sempre ficava ansioso para conversar com ela pelo telefone, mas a influência de papai cresceu nos últimos meses e ficou claro que meu irmãozinho não tinha certeza de qual lado escolher.

Levantei-me, arriscando um olhar preocupado para mamãe. Ela ainda não tinha tomado seus remédios. Eu não queria que ela testemunhasse isso.

— Por favor, vamos discutir lá fora — sussurrei.

Papai deu meia-volta e saiu para o corredor sem olhar uma única vez para mamãe. O resto de nós o seguiu. Gianna não deu a chance de Fabi tomar uma decisão, ela o abraçou e, logo depois, ele retribuiu o abraço. Papai fuzilou meu irmão com os olhos. Eu não podia acreditar que ele não conseguisse deixar seu orgulho idiota para trás nenhuma vez. Mamãe precisava da gente em seus últimos dias, mas ele não dava a mínima. Ele nem mesmo esperou que eu fechasse a porta antes de explodir novamente.

— Eu te proibi de pisar nesta casa — rosnou.

Fechei a porta e me apoiei nela. Minhas pernas ficaram trêmulas.

— Também é a casa de mamãe e ela pediu para me ver — falou Gianna. Era verdade. Perdi a conta de quantas vezes mamãe perguntara sobre Gianna.

— Eu paguei por esta casa e minha palavra é lei.

— Você não tem nenhum respeito pelos últimos desejos de sua esposa? — censurou Gianna.

Eu estava bem certa de que papai teria batido em Gianna, embora ela fosse esposa de Matteo, mas Luca subia a escada neste momento. Isso não impediu papai de dizer mais coisas desagradáveis e Gianna, de revidar. Eu não podia mais aguentar. Passei correndo por eles. A briga me seguiu pelo corredor, até no andar de baixo eu ainda conseguia ouvi-los gritando. Entrei correndo na cozinha, bati a porta e me encostei nela antes de enterrar o rosto nas mãos. As lágrimas contra as quais lutei por tanto tempo pressionavam meus olhos. Eu não consegui contê-las.

Um barulho me fez olhar para cima. Romero estava parado junto ao balcão da cozinha e me observava com uma xícara de café. Estremeci de vergonha e logo tentei enxugar meu rosto.

— Desculpe — falei. — Não sabia que havia alguém aqui. — Eu nem sabia que Romero havia vindo, mas não deveria ter me surpreendido. Já que Matteo ficou em Nova York, Luca precisava de alguém para ficar de olho nas minhas irmãs quando ele estivesse ocupado.

— A casa é sua — falou simplesmente. Seus olhos eram gentis e compreensivos. Tive que desviar o olhar ou começaria mesmo a chorar, com catarro, soluços e tudo mais, e essa era a última coisa que eu queria.

— Costumava ser — sussurrei. Eu sabia que precisava ficar de boca fechada, mas as palavras continuavam saindo. — Mas agora, sinto como se estivesse aprisionada. Não há nada de bom. Para qualquer lugar que olho há apenas escuridão, só doença, ódio e medo. — Fiquei calada, chocada com o meu rompante.

Romero pousou o café no balcão.

— Quando foi a última vez que você saiu de casa?

Eu nem fazia ideia. Dei de ombros.

— Vamos dar uma volta. Podemos tomar um café. Está bem quente lá fora.

A euforia explodiu através da nuvem negra onde ficaram meus sentimentos nas últimas semanas.

— Tem certeza de que não tem problema?

— Vou checar com Luca, mas não vejo por que seria um problema. Um segundo.

Dei passagem para ele. Sua deliciosa loção pós-barba penetrou nas minhas narinas quando ele passou por mim e eu quis encostar o nariz em sua camisa para encontrar conforto em seu cheiro. Meus olhos o seguiram, rastreando seus ombros largos e seus quadris estreitos. As palavras de mamãe dispararam pelo meu cérebro novamente. Talvez a felicidade não estivesse tão longe quanto pensei.

Romero

Eu nem deveria considerar ficar sozinho com Lily, nem agora, nem nunca. Não quando não conseguia parar de reparar no quanto ela parecia madura. Ela não era a menininha que conheci. Agora, era uma mulher em idade de casar, mas estava fora do meu alcance. Pelo menos para os padrões de seu pai. Eu era um dos melhores lutadores em Nova York, apenas Luca e Matteo eram tão bons com a faca ou com a arma, e eu não era exatamente pobre, mas, definitivamente, não era uma realeza da máfia e não poderia bancar uma cobertura como a de Luca. Eu nem tinha certeza de por que caralhos eu pensava nesse tipo de coisa agora. Eu não iria pedir a mão de Lily, nem agora, nem nunca e, neste momento, havia coisas mais importantes a se tratar.

Subi a escada, seguindo o som da discussão. Gianna e o pai brigavam novamente e Luca parecia tentar impedi-los de arrancar as cabeças um do outro. O único problema era que ele parecia estar perto de perder a própria cabeça. Fui até eles e Luca me olhou desesperado. Scuderi era um pé no saco e Luca não era

a pessoa mais paciente do planeta. Uma péssima combinação. Ele veio até mim.

— Vou perder a porra da cabeça se Gianna e o pai não pararem de brigar.

— Lily não está lidando bem com isso. Ela teve que ver a piora da mãe durante meses. Quero levá-la para dar uma volta, tomar um café, para distraí-la dessas coisas.

Luca analisou meu rosto com uma expressão que não gostei nem um pouco.

— Claro, mas eu não preciso de mais nenhum problema. As coisas entre Nova York e Chicago já estão abaladas.

— Não farei nada para prejudicar nosso relacionamento com Chicago.

Luca assentiu, mas não pareceu convencido. Ele voltou a olhar para Scuderi e suas duas filhas.

— É melhor eu voltar. Esteja de volta antes do jantar, assim, Scuderi não terá que saber que Liliana saiu de casa. — O canalha mal prestava atenção em alguma coisa, menos ainda naquela menina.

Dei meia-volta, deixando Luca com sua incumbência de merda de mediar a discussão entre Scuderi e Gianna. Lily estava sentada à mesa da cozinha quando entrei no cômodo, mas logo se levantou com uma expressão esperançosa em seu lindo rosto. Lindo? Que merda é essa, Romero? Eu não podia começar a pensar assim quando estava perto dela. Os limites se confundem facilmente, e Luca estava certo: nós não precisávamos de mais nenhuma merda na nossa conta.

— E aí? Podemos ir? — perguntou Lily com o mesmo sorriso esperançoso.

Parei a mais de um braço de distância.

— Podemos, mas precisamos voltar antes do jantar.

Isso dava um pouco mais de duas horas.

Uma pontada de desapontamento brilhou em seus olhos, mas logo foi embora.

— Então, vamos.

Saímos de casa e Lily parou na calçada e olhou para cima com uma expressão feliz. Raios de sol projetavam um brilho suave em seu rosto.

— Isso é bom demais — disse ela baixinho.

Sei de tantas coisas que seriam ainda melhores.

Como seu rosto ficaria no auge da paixão? Era algo que eu provavelmente nunca descobriria. Não falei nada, apenas a observei enquanto ela se embebia do sol.

Ela piscou para mim com um sorriso envergonhado.

— Desculpe. Estou desperdiçando o tempo. Deveríamos tomar um café e não ficar na calçada o dia inteiro.

— Isso é para você. Se preferir ficar aqui e aproveitar o sol, podemos fazer isso. Não me importo. — Nem um pouquinho. Ficar olhando para Lily era algo que eu poderia fazer o dia inteiro.

Ela balançou a cabeça. Seus cabelos loiros caíam em ondas leves sobre seus ombros e eu tive que me impedir de tocá-los e deslizar uma mecha em meus dedos. Por algum motivo que eu não sabia, estendi o braço para ela, que o enganchou no seu sem hesitar, um sorriso ergueu seus lábios enquanto me olhava. Droga! Eu a conduzi pela rua.

— Conhece alguma cafeteria boa? Estive em Chicago muitas vezes nos últimos anos, mas não estou familiarizado com o cenário culinário.

— A apenas dez minutos a pé tem uma pequena cafeteria com um café fantástico e cupcakes deliciosos. Podemos ir lá. Normalmente eu peço tudo para viagem, mas podemos nos sentar se você quiser. — Havia muitas coisas que eu queria, a maioria envolvia Lily nua na minha cama.

— Parece uma boa. Mostre o caminho.

— Sabe o que gosto em você? Você é tão descontraído e relaxado. Parece um vizinho fofo. Legal e gentil.

— Lily, eu sou um Homem de Honra. Não faça de mim o herói que não sou. Não sou legal, nem gentil.

— Comigo você é — disse ela despreocupadamente. Seus olhos azuis eram crédulos demais. Ela não sabia das coisas que eu vinha pensando sobre ela, a maioria não era legal. Queria fazer tantas coisas obscenas, que ela nem entenderia metade delas, e era por isso que eu precisava manter distância. Talvez

ela parecesse madura, mas ainda era muito nova, muito inocente.

Eu apenas sorri.

— Estou tentando.

— Está indo bem — falou num tom de provocação. A tristeza e o desalento haviam ido embora de seu rosto por enquanto, e era só desse incentivo que eu precisava.

Liliana

Romero sorriu.

— Obrigado. — Eu o teria beijado ali. Ele estava tão lindo e sexy.

— Não tem que agradecer — falei. Fomos passeando pela rua em direção ao pequeno Café que parecia pertencer a uma rua de paralelepípedos em Paris, e não em Chicago. Foi estranho caminhar com um homem que não tinha o dobro da minha idade, como os guarda-costas de meu pai. Apenas quando paramos no balcão foi que Romero soltou meu braço, porém, até aí, caminhamos juntos como amantes. Como seria se fosse real? Se ele não estivesse apenas tentando me distrair da minha mãe doente? Se fôssemos um casal de verdade?

— Está tudo bem? — perguntou Romero com a voz baixa.

Eu fiquei encarando. Logo, voltei minha atenção à garota atrás do balcão que esperava pelo nosso pedido.

— Um capuccino e um cupcake Red Velvet — falei distraída. Era meu pedido padrão e meu cérebro estava muito exausto para verificar os especiais do dia na lousa.

— Vou querer o mesmo — falou Romero, pegando a carteira para pagar para nós dois.

— Não precisa pagar para mim — sussurrei quando fomos até uma mesa desocupada perto da janela.

Romero levantou uma sobrancelha.

— Uma mulher nunca paga quando está comigo.

— É? — perguntei curiosa. Romero parecia já ter se arrependido de seu

comentário, mas era tarde demais. Ele despertara a minha curiosidade. — Quantas namoradas você já teve?

Era uma pergunta muito pessoal.

Romero riu.

— Isso não é algo que vou te contar.

— Ou seja, muitas — falei rindo.

A garçonete trouxe nosso pedido, dando tempo para Romero se recompor. Assim que ela saiu de perto, falei:

— Eu sei como as coisas funcionam com os homens. Vocês têm muitas mulheres.

— Quer dizer que você conhece todos nós? — indagou Romero. Ele se recostou na cadeira como se não tivesse nenhuma preocupação.

Dei um gole no meu cappuccino.

— As mulheres conversam e, pelo que ouvi, a maioria dos Homens de Honra não diz "não" às casas de prostituição da Outfit. Para a maioria deles ter tantas mulheres quanto possível é algum tipo de passatempo.

— Para muitos homens, sim, mas não para todos.

— Então, você é a exceção? — questionei em dúvida. Queria que fosse verdade, mas eu era realista.

Romero deu uma mordida em seu cupcake, claramente pensando no que iria me dizer.

— Eu tive dias selvagens quando era mais novo, com uns dezoito ou dezenove anos.

— E agora? Você tem namorada? Noiva? — Sempre evitei pensar nisso, mas pelo jeito que Romero falou, era uma opção válida. Dei um gole no café, feliz pela sensação da xícara em minhas mãos. Tinha algo em que focar.

Romero balançou a cabeça com um olhar indecifrável.

— Não, tive algumas namoradas nos últimos anos, mas é difícil manter um relacionamento estável quando o trabalho sempre vem em primeiro lugar. Eu sou um soldado. A *Famiglia* sempre será minha prioridade. A maioria das mulheres

não suporta isso.

— A maioria das mulheres não é questionada se quer ou não esta vida. E quanto a um casamento arranjado?

— Não gosto da ideia de alguém me dizendo com quem devo me casar.

— Então, sua família nunca tentou te arranjar ninguém?

Romero sorriu. Eu poderia ter pulado em cima da mesa e me arrastado para seu colo.

— Claro que sim. Somos italianos, está em nosso sangue se meter na vida de nossos filhos.

— Mas você nunca gostou de nenhuma das garotas que eles sugeriram?

— Gostei bastante de algumas delas, porém, nenhuma estava interessada em mim ou eu não conseguia me ver passando o resto da minha vida com elas.

— E ninguém nunca tentou te obrigar a casar?

— Como fariam isso?

Assenti. É… como? Ele era um Homem de Honra, não uma garota estúpida.

— Você tem razão. Pode tomar suas próprias decisões.

Romero pousou a xícara na mesa.

— Luca poderia me pedir para casar por razões políticas. Eu provavelmente recusaria.

— Mas ele não faria isso — falei.

— Talvez você também consiga escolher sozinha. Pode ser que encontre o cara perfeito logo e ele seja merecedor aos olhos de seu pai.

O cara perfeito estava sentado na minha frente. Doeu Romero ter sugerido que eu encontrasse outra pessoa. Será que não percebia que eu tinha sentimentos por ele? Eu não queria encontrar um cara qualquer que meu pai aprovasse. Eu queria o homem à minha frente.

Depois disso, conversamos sobre coisas aleatórias, nada de importante, e, cedo demais, tivemos que voltar para a minha casa. Desta vez, não demos os braços. Tentei não parecer desapontada, mas foi difícil. Quando chegamos ao hall de entrada da casa, pude sentir o peso da tristeza permanente voltar aos

meus ombros.

Romero tocou meu braço levemente. Meus olhos tracejaram seu maxilar forte com uma leve barba, seus olhos castanhos preocupados, suas maçãs do rosto salientes. E, então, eu fiz o que me prometera não fazer novamente, contudo, neste exato momento, nesta casa fria e sem esperança, ele era a luz e eu, a mariposa. Fiquei na ponta dos pés e o beijei. O toque foi o contato mais breve, quase imperceptível, mas me fez ansiar por mais. Romero agarrou meus braços e me empurrou.

— Não, Liliana.

Livrei-me de suas mãos e saí sem dizer nada. Mamãe havia dito que eu deveria correr riscos pela minha felicidade e era exatamente o que estava fazendo.

Romero

Entrei na cozinha igual a um furacão. Precisava de outro café. A porta bateu com força demais depois que passei. Queria estilhaçar alguma coisa. Meus lábios ainda formigavam por causa daquele beijo ridículo. Nem mesmo dava para chamar aquilo de beijo. Foi rápido demais. Porque eu agi como o soldado obediente que deveria ser. Caralho.

Preparei um café para mim e tomei num gole só, depois, pousei a xícara no balcão fazendo um barulho muito alto.

A porta da cozinha abriu e Luca se apoiou no batente com um olhar inquisidor.

— Você sabe que esta não é a sua casa, certo? Não acho que Scuderi vai gostar de você destruindo seu balcão caro de mármore. — Os cantos de sua boca se ergueram num quase sorriso.

Relaxei encostado à ilha da cozinha.

— Eu não acho que Scuderi sequer saiba onde fica a cozinha. Onde ele está, afinal? A casa está tão silenciosa que é de se suspeitar. Pensei que ele e Gianna

nunca fossem parar de brigar.

O semblante de Luca escureceu.

— Eles ainda estariam naquilo, se Scuderi não tivesse saído para uma reunião, o que eu também terei que fazer em breve. Dante e eu vamos discutir os russos esta noite em algum restaurante italiano que ele adora.

— Suponho que eu vá ficar aqui para ficar de olho nas mulheres — falei com firmeza. A ideia de estar perto de Lily durante toda a noite me preocupou.

Luca veio até mim.

— Será que preciso me preocupar com o que aconteceu entre você e Liliana quando saíram para tomar café? Será que eu quero saber?

Olhei para ele.

— Nada aconteceu, Luca. Você me conhece, sou um bom soldado.

— Você também é um cara com um pau e Liliana é uma menina linda que te paquera há anos. Às vezes, isso pode levar a acidentes infelizes.

Soltei um longo suspiro.

— Porra — resmungou Luca. — Eu estava brincando. Não me diga que está mesmo acontecendo alguma coisa.

— Liliana me beijou, mas mal dá para chamar assim. Nossos lábios mal se tocaram e eu a afastei, então, você não precisa se preocupar.

— Ah, claro que eu tenho que me preocupar a julgar pelo olhar de arrependimento em seu rosto quando disse que seus lábios mal se tocaram. Você a quer.

— Sim, eu a quero — resmunguei, começando a ficar irritado com seu interrogatório. Luca costumava ser o cara que não conseguia manter o pau dentro da calça e, agora, estava bancando o todo-poderoso. — Só que não vou fazer nada quanto a isso. Eu consigo me controlar. Nunca faria nada para prejudicar a *Famiglia*.

Luca deu um tapinha no meu ombro.

— Sei disso. E se você, algum dia, correr o risco de seguir seu pau em vez do cérebro, apenas lembre-se de que Liliana está passando por uma situação ruim.

Provavelmente, está só procurando uma distração, está vulnerável e é nova. Sei que você não vai permitir que ela estrague a vida.

Se alguma vez já senti culpa na vida, essa era a pior delas. Assenti, porque as palavras que estavam na ponta da minha língua eram muito duras para o meu Capo.

Aria entrou na cozinha naquele instante, mas travou quando nos viu.

— Interrompo? — Ela olhou entre Luca e eu. — Achei que deveríamos começar a preparar o jantar. Papai deu o dia de folga para nossa empregada porque ele não quer ninguém em casa agora. Isso significa que temos que cozinhar.

— Vamos pedir pizza — falou Luca. Ele foi até a esposa, abraçou-a e deu um beijo em sua cabeça. Nos primeiros anos trabalhando com Luca, teria apostado tudo que ele não seria capaz desse tipo de carinho.

— A conversa de vocês tem algo a ver com Lily? — perguntou Aria casualmente enquanto vasculhava vários panfletos de entrega de pizza.

Não falei nada e Luca deu de ombros.

— Por que a pergunta? — falou ele.

Aria balançou a cabeça.

— Não sou cega. Lily está agindo estranho desde que voltou do passeio com Romero. — Ela me olhou com advertência. — Não a quero sozinha com você.

Luca ergueu as sobrancelhas. Eu sabia que também precisava parecer bastante chocado.

— Não me olhe assim. Você sabe que gosto de você, Romero, mas Lily está passando por muita coisa ultimamente, e quando se trata de você, o cérebro dela para de funcionar. Não quero ter que me preocupar com ela.

— Então, agora você protege a virtude dela? — perguntei com sarcasmo.

— Ei — disse Luca bruscamente. — Não use esse tom de voz com ela.

Aria balançou a cabeça.

— Não, tudo bem. Não estou protegendo a virtude dela. Só não quero vê-la magoada. Você tem irmãs mais novas, não quer mantê-las seguras?

— Quero — falei. — E nunca faria nada para prejudicar Lily. Mas respeito sua vontade. De agora em diante, não vou ficar sozinho com ela. — Com um aceno breve em direção a Luca, saí da cozinha. As palavras de Aria não me caíram bem. Luca confiava em mim para estar com ela, eu pensava que ele era um canalha possessivo, mas Aria não confiava em mim para estar com sua irmã. Claro que a verdade era que eu nunca estive nem um pouco interessado em Aria. Eu não era cego. Ela era linda e definitivamente sexy, mas nunca tive fantasias com ela, e não só porque eu sabia que Luca me caparia se eu desse em cima dela. Lily era outro assunto. Eu imaginei seu corpo nu embaixo de mim mais de uma vez e quando estava perto dela, queria imprensá-la na parede e ir com tudo. Esse era um problema maior. Talvez seja melhor que a ordem de Aria fosse outra barreira entre mim e Lily.



CAPÍTULO CINCO

Liliana

Alguém estava me sacudindo. Abri os olhos, mas a princípio, tudo estava embaçado.

— Lily, levante-se. Acho que mamãe está morrendo — disse Aria com pânico na voz. Levantei-me num sobressalto com a cabeça girando.

Aria já estava saindo do meu quarto, provavelmente para acordar os outros. Uma de nós sempre ficava sentada ao lado da cama de mamãe para garantir que ela nunca ficasse sozinha. Esta noite havia sido a vez de Aria. Livrei-me do cobertor, saí da cama e fui correndo para o quarto no final do corredor. O cheiro de antisséptico e desinfetante me saudou mesmo antes de eu entrar, mas meu nariz já se acostumara ao fedor mordaz. Gianna já estava lá dentro, empoleirada na beira da cama. Mamãe estava com os olhos fechados e, por um segundo, tive certeza de que era tarde demais e ela já havia morrido. Então, vi o lento subir e descer de seu peito. Hesitante, aproximei-me da cama. Gianna mal olhou para mim. Ela olhava para seu colo. Abracei-a por trás pelos ombros e encostei meu rosto ao dela.

— Odeio isso — sussurrou Gianna.

— Onde está a enfermeira?

— Ela saiu para podermos nos despedir em paz. Deu mais uma dose de morfina para mamãe para que ela possa ir sem dor.

Aria e Fabi entraram no quarto. Fabi usava sua expressão corajosa e, caramba, ele parecia tão crescido, já estava mais alto que Aria. Luca parou no corredor, mas não entrou, pelo contrário, fechou a porta para nos dar privacidade.

A respiração de mamãe estava fraca, quase imperceptível. Seus olhos agitaram-se por baixo das pálpebras como se ela assistisse a um filme em sua cabeça. Não demoraria mais muito tempo. Fabi agarrou o pé da cama, os nós de seus dedos estavam perdendo a cor. Havia lágrimas em seus olhos, porém, seu rosto era como pedra. Eu conhecia aquele olhar, aquela postura.

Desviei meu olhar dele. Aria veio até nós.

— Como ela está?

Não sabia direito como responder a esta pergunta.

Gianna olhou para mim.

— Onde está papai? Ele deveria estar aqui! — Ela falou baixo, mas, mesmo assim, Aria e eu arriscamos um olhar preocupado para mamãe. Ela não precisava ficar chateada nos últimos instantes de sua vida. Meu estômago se contraiu dolorosamente e, por um segundo, tive certeza de que teria que correr para o banheiro para vomitar. A morte fazia parte da nossa vida, principalmente quando se cresce em nosso mundo. Compareci a vários funerais nos últimos anos, mas quase todos eles foram de pessoas que eu mal conhecia.

— Eu não sei — admitiu Aria. — Bati à porta dele e até entrei, só que parecia que ele nem havia dormido em sua cama.

Gianna e eu trocamos olhares. Será que ele estava mesmo com uma de suas putas esta noite? Mamãe sentiu-se muito fraca ontem, então, não era uma surpresa que pudesse acontecer esta noite. Ele deveria ter ficado em casa ao seu lado.

— Sabe onde ele está? Você tem agido como o melhor amigo dele nos últimos dias — resmungou Gianna com uma careta para Fabi.

Ele enrijeceu. — Ele não me conta aonde vai. E não sou seu melhor amigo, mas, como seu único filho homem, tenho responsabilidades.

Gianna se levantou e eu não tive escolha a não ser soltá-la.

— Ai, meu Deus, que tipo de merda é essa? Não posso acreditar — censurou ela.

— Gianna — disse Aria em advertência. — Chega. Não aqui, não agora.

— Não importa que papai não esteja aqui — falei com firmeza. — Nós estamos aqui por ela. Somos as pessoas mais importantes da vida dela, não ele.

Foi a última vez que mencionamos papai naquela noite. Horas se passaram com mamãe permanecendo no mesmo estado e, esporadicamente, meus olhos fechavam, entretanto, sua respiração mudou.

Sentei-me na cadeira e peguei sua mão.

— Mãe? — falei.

Aria segurava sua outra mão. Gianna estava na poltrona no canto e não se mexeu. Ela estava com as pernas encolhidas junto ao peito com o queixo nos joelhos. Fabi tinha dormido com o rosto no mastro de madeira da cama. Estendi a mão e o cutuquei. Ele se mexeu em sua cadeira.

As pálpebras de mamãe se agitaram como se ela fosse abrir os olhos. Prendi o ar, esperando que ela olhasse para nós mais uma vez, talvez até dissesse algo, entretanto, sua respiração diminuiu ainda mais.

Não tinha certeza de quanto tempo mais levaria. Perdi toda noção do tempo enquanto monitorava o peito de mamãe, o jeito que ele mal se movia, até parar por completo. Fabi correu para chamar a enfermeira, mas eu não precisei dela para me dizer o que já sabia: nossa mãe foi embora. A enfermeira veio até nós e com um aceno triste desapareceu novamente.

Soltei a mão de mamãe, levantei da cadeira e me afastei. Aria não se mexeu, ainda apertando a mão dela. Num segundo, mamãe estava ali e, no seguinte, ela havia ido. Simples assim a vida termina e, com ela, os sonhos e esperanças da pessoa. A vida era curta demais, qualquer momento poderia ser o último. Mamãe me dissera para ser feliz, mas em nosso mundo a felicidade não era algo que vinha fácil.

Aria descansava a cabeça na beira da cama, chorando sem emitir som. Como

eu, Fabi se levantou. Ele parecia não conseguir compreender o que havia acontecido. Gianna caminhou até Aria, pela primeira vez em horas chegou perto da cama e pôs a mão nos ombros dela. Ela nem olhou na direção de mamãe e eu entendi. A relação de Gianna com nossa mãe sempre foi difícil e apenas ficou pior quando mamãe aceitara como papai tratou Gianna de forma horrível depois que ela fugiu. Nos dias seguintes à sua chegada, os sentimentos de Gianna mudavam frequentemente a cada segundo.

Depois de um tempo, Aria levantou e depositou um beijo na testa de mamãe. Para a minha surpresa, Gianna fez a mesma coisa, embora logo tenha se afastado novamente da cama. Eu só consegui olhar. Sabia que também deveria dar um beijo na testa de mamãe como um último adeus, mas não consegui me levar a tocar este corpo. Não era mais ela. Era algo vazio e sem vida.

Saí do quarto cambaleante. Minha garganta estava fechando e meus olhos ardiam. Queria sair correndo e não parar, só que esbarrei em Romero no corredor. Se ele não tivesse segurado meus ombros, eu teria caído. Tentei recuperar o fôlego. O pânico lentamente comprimiu meu corpo como um torno.

— Leve-a daqui — ordenou Luca. Eu nem havia percebido que ele estava ali.

— E quanto à ordem de Aria?

— Que se foda.

Romero passou um braço na minha cintura e me conduziu pelo corredor. Eu ainda estava tentando colocar ar nos meus pulmões, mas era inútil. Minhas pernas dobraram.

— Ei — falou Romero com a voz tranquila. — Sente-se. — Ele me guiou até o chão e me ajudou a colocar a cabeça entre as pernas enquanto traçava círculos calmantes nas minhas costas. A sensação de sua mão quente me estabilizou. — Apenas respire — murmurou ele. — Está tudo bem.

A voz dele me tirou do buraco negro que queria me consumir e, no fim, minha respiração voltou ao normal.

— Ela está morta — sussurrei quando tive certeza de que conseguia falar.

Romero parou de massagear as minhas costas.

— Sinto muito.

Assenti, lutando contra as lágrimas.

— Papai não estava lá. Não sei onde está. Ele deveria ter estado lá ao lado dela em seus últimos minutos! — A raiva caía bem, melhor que a tristeza.

— Sim, deveria. Talvez Dante o tenha chamado.

Olhei para Romero.

— Dante não teria feito isso, não no meio da noite, não quando sabe que nossa mãe está tão doente. Não, papai não queria estar presente quando mamãe morresse. Ele mal a visitou quando ela piorou. Ele é um canalha egoísta e, provavelmente, está comendo uma de suas putas neste exato momento.

Romero sorriu sombriamente.

— Às vezes esqueço que você já é adulta e sabe do lado feio do nosso mundo.

— É melhor não se esquecer disso — falei. — Sei mais do que todos vocês pensam.

— Não duvido disso — falou. Por um momento, nós apenas nos olhamos. Eu me sentia mais calma agora.

— Obrigada — falei simplesmente.

Romero tirou a mão das minhas costas. Queria que não tivesse tirado. Seu toque era bom. Ele se endireitou e estendeu a mão. Aceitei-a e ele me levantou. A porta do quarto de mamãe abriu e Aria saiu, seus olhos correram entre mim e Romero. Ele soltou a minha mão e me deu um sorriso encorajador antes de ir falar com Aria que sentia muito pela morte de mamãe. Aria assentiu, entretanto, seus olhos correram para mim novamente. Seu rosto estava molhado pelas lágrimas. Caminhei até ela e a abracei. Romero tomou isso como sua deixa para sair, porém, antes de ele virar no corredor, olhou por sobre seu ombro e nossos olhares se cruzaram. A sensação fria e vazia em meu peito diminuiu, dando lugar a algo quente e mais esperançoso. Então, ele desapareceu da minha vista. Quase fui atrás dele, mas minhas irmãs precisavam de mim agora. Ouvimos passos

atrás de nós e vimos Luca vindo em nossa direção, tirando o celular do ouvido.

— Ele não está atendendo? Você tentou enviar uma mensagem? — perguntou Aria ao se afastar de mim e correr para o marido.

Luca fez uma careta.

— Sim, mandei duas mensagens, mas ele ainda não respondeu e não atende às minhas ligações. Duvido que volte tão cedo.

Voltei para o quarto de mamãe embora meu corpo se arrepiasse com a simples ideia, mas Aria precisava de um tempo com o marido. Eu só sobraria na cena. Antes de fechar a porta, vi Luca segurando o rosto de minha irmã e beijando suas pálpebras. Isso era amor e devoção. Ele não sairia do seu lado se ela estivesse morrendo. Ele não era um homem bom, mas era um bom marido. Rezei para que eu tivesse essa sorte algum dia. Eu não conseguiria viver a vida que minha mãe tinha, com um marido frio que não ligasse para mim. Eu sei que Romero não seria assim. Mas até parece que papai o escolheria para ser meu marido.

Gianna estava de volta na poltrona, mas falava ao telefone com a voz baixa, provavelmente com Matteo. Ela também havia encontrado alguém.

Fabi não estava mais lá. Não queria interromper Gianna, então, fui procurar meu irmão caçula. Eu o encontrei em seu quarto, sentado na escrivaninha polindo uma de suas muitas facas de combate. Elas já estavam brilhando.

— Quer conversar? — perguntei.

Ele nem olhou para cima, apenas comprimiu os lábios.

Esperei, então, assenti.

— Tudo bem. Mas se mudar de ideia, estarei no meu quarto.

Romero esperava do lado de fora. Ele acenou para o meu irmão.

— Você quer que eu fale com ele? Talvez precise de alguém que não seja da família.

— Você quer dizer alguém que não seja do sexo feminino — falei com amargura, entretanto, engoli meus sentimentos. — Você deve ter razão. Ele pode preferir conversar com você.

Romero parecia querer dizer mais alguma coisa, mas passou por mim e foi até o meu irmão.

— Precisa de ajuda para polir sua coleção?

Fabi levantou a cabeça. Admiração cruzou seu rosto pálido. Ele não disse nada, mas estendeu um pano a Romero. Romero ficou na ponta da mesa e desembainhou sua própria faca. Um punhal longo e curvado que parecia absolutamente mortal. Os olhos de Fabi iluminaram-se e ele se levantou da cadeira para olhar mais de perto.

— Uau! — murmurou.

— É melhor eu polir essa daqui primeiro. Suas facas estão numa condição muito melhor.

— É porque elas são só para ver — disse Fabi. — Mas a sua é uma arma, é real. Quantos você já matou com ela?

Fechei a porta depressa. Já havia tido morte suficiente para uma noite. Eu não queria saber quantas Romero já havia causado em sua vida. Olhei em direção ao quarto onde o cadáver de mamãe esperava para ser levado, depois, virei e fui para o meu quarto. Aria tinha Luca, Gianna tinha Matteo, e por um instante, até Fabi tinha Romero, mas eu lidaria com isso sozinha. Eu já fazia isso há semanas e meses.

Romero

Eu queria estar ao lado de Lily, queria consolá-la, mas respeitava a vontade de Aria. Ela também havia passado por um monte de merda e não precisava de mais nenhuma dor se preocupando com a irmã.

Ao invés disso, mostrei a Fabi como manejar a minha adaga, como desembainhar uma faca comprida tão rápido quanto uma pequena. Foi fácil distraí-lo de sua tristeza. Mas, cacete, não era ele quem mais precisava de mim.

Precisar de você? Merda, se eu começasse a pensar desse jeito agora, me colocaria num problema enorme. Lily não era responsabilidade minha e ela,

definitivamente, não precisava de mim.

Fabi sacou da sua faca do coldre que lhe emprestei e sorriu com a velocidade com que fez isso. Já fui assim um dia, ansioso para aprender tudo que havia sobre luta, sobre vencer. Ansioso para provar o meu valor. Meu pai fora um cobrador de dívidas inferior, alguém que nunca conseguiria falar diretamente com o Capo. Eu queria ser melhor, provar o meu valor para ele e para mim mesmo. Fabiano carregava grandes expectativas nos ombros, ele tinha muitas chances de fracassar, mas poucas opções de se destacar.

— Preciso falar com Luca agora — falei por fim. Fabi assentiu e voltou a se sentar em sua cadeira. Ele pegou um pano e poliu novamente a mesma faca. Imaginei que ele passaria a noite inteira assim, e talvez, até os próximos dias.

Saí e fui em direção à escada, mas parei em frente à porta de Liliana, tentando ouvir alguma coisa. Talvez eu quisesse ouvir algum choro para poder entrar depressa e consolá-la, ser seu cavaleiro na porra de uma armadura.

Segui em frente.



CAPÍTULO SEIS

Liliana

Eu estava pálida como um defunto por causa da roupa preta do luto. Aria, Gianna e eu vestíamos o mesmo vestido preto modesto e sapatilhas, e nossos cabelos estavam presos num coque. Mesmo com as olheiras sendo assustadoras, não me maquiei. Papai havia organizado um funeral gigantesco: um caixão de carvalho caro, um mar de flores lindas e a melhor comida para o banquete que seria servido em seguida. Ele agia como o viúvo desolado que todos esperavam ver. Foi um espetáculo admirável. Ele deveria ter ficado ao lado de mamãe quando ela precisou de verdade dele. Isto era apenas para impressionar as pessoas e, talvez, para fazê-lo se sentir melhor. Até um homem como ele tinha que se sentir culpado por abandonar sua esposa moribunda.

Funerais eram uma grande festa em nosso mundo. Papai era um homem importante e, assim, a morte de mamãe foi um evento social. Todos queria comparecer e choraram lágrimas de crocodilo ao darem os pêsames. Meus olhos estavam tão secos quanto areia. Pude notar as pessoas me olhando, esperando que eu chorasse por causa da minha mãe, que mostrasse a reação que todos esperavam de mim. Mas eu não podia chorar. Eu não queria chorar, não cercada por tantas pessoas e suas lágrimas falsas. Elas fingiam se importar com a minha mãe, que a conheciam, mas nenhumas dessas pessoas a visitou quando ela ficou limitada à casa. Ela morreu para elas muito antes de sua morte. No instante em

que deixou de ser a dama reluzente da sociedade, abandonaram-na como se fosse um trapo. Elas me deixavam enjoada, todas elas.

Papai pôs os braços sobre os meus ombros e os de Fabi enquanto nos conduzia em direção ao caixão. Estremeci sob seu toque. Acho que ele não se deu conta de que foi a repulsa pela sua proximidade que causou a minha reação porque apertou meu ombro como se me consolasse. Custou-me um autocontrole inacreditável para continuar onde estava e não me desgrudar dele.

O padre começou sua oração enquanto o caixão era lentamente abaixado para dentro da cova. Dei uma espiada por cima dos cílios e vi os olhos de Romero sobre o túmulo. Diferente de Luca e Matteo, que voaram para vir ao funeral, Romero não tinha permissão para ficar neste lado com a nossa família. Seu semblante era solene enquanto nos olhávamos, no entanto, ele abaixou o olhar de volta para o caixão. Ele esteve me evitando nos últimos dias. Quando eu entrava no cômodo onde estava, geralmente ele saía com uma desculpa idiota. Era óbvio que não suportava a minha presença e não sabia como me dizer. Todos estavam pisando em ovos comigo e meus irmãos. Eu queria que ele me dissesse a verdade. Eu aguentaria. Papai nos levou de volta para perto dos outros, para longe do túmulo de mamãe e finalmente me soltou. Exalei silenciosamente, feliz por estar fora do foco das atenções e longe de meu pai.

Assim que as pessoas começaram a se direcionar para o caixão para dar o último adeus, eu recuei. Ninguém me parou. Ninguém pareceu me notar. Eles estavam ocupados fazendo seu teatro. Eu me virei e não olhei para trás. Apressei-me pelo caminho, para longe da sepultura, fazendo as pedrinhas voarem conforme meus pés batiam no chão. Eu nem sabia ao certo para onde estava indo. O cemitério era enorme, havia vários lugares onde encontrar paz e silêncio. Cheguei a uma parte que era ainda mais opulenta que aquela onde mamãe fora enterrada. Incontáveis fileiras de mausoléus de famílias antigas me cercavam. A maioria deles estava trancada, entretanto, um dos portões de ferro estava entreaberto. Fui naquela direção e, depois de me certificar de que ninguém me via, abri-o e entrei. Estava frio lá dentro e o cheiro de mofo

arrastou-se para dentro do meu nariz. Tudo era feito de mármore cinza. Abaixei devagar e me sentei encostada à parede fria.

Em momentos como este eu entendia por que Gianna havia fugido. Nunca tive vontade de abandonar essa vida para sempre, só que às vezes eu queria fugir pelo menos por um tempo.

Sabia que em algum momento alguém perceberia que eu sumi e viria me procurar, e nem me importei que papai pudesse perder a cabeça comigo.

Levou menos de uma hora até ouvir alguém gritar meu nome ao longe. Abri a boca para responder, mas não saiu nenhum som. Repousei a cabeça no mármore e espiei pelas barras do portão de ferro. Na minha vida, frequentemente eu me sentia cercada por barras invisíveis e, agora, eu procurava abrigo atrás delas. Um sorriso amargo surgiu em meus lábios. Passos rangiam do lado de fora do mausoléu. Prendi a respiração quando alguém veio olhar do lado de fora do portão.

Uma silhueta alta com um corpo familiar aproximou-se dali. Romero. Ele ainda não havia me visto, mas seus olhos vasculhavam os arredores. Eles passaram pelo exato lugar onde eu me escondia e ele estava prestes a ir embora. Eu poderia ter ficado escondida, sozinha com a minha raiva e tristeza, mas, de repente, não quis isso. Por algum motivo, eu queria que Romero me encontrasse. Ele não fingira lágrimas e não era da família… era seguro. Limpei a garganta baixinho, mas claro que um homem como Romero não deixou escapar. Ele se virou e seus olhos me avistaram. Ele veio em minha direção, abriu o portão e entrou com a cabeça abaixada porque era muito alto para ficar de pé. Ele estendeu a mão para mim. Em seus olhos, procurei a piedade que eu tanto odiava, contudo, parecia uma mera preocupação e, talvez, ele se importava comigo. Não soube direito o que fazer com sua preocupação quando, há não muito tempo, ele fez o máximo que pôde para ficar longe de mim.

Aceitei a mão dele e seus dedos se fecharam ao redor da minha antes que ele me colocasse de pé. O impulso do movimento me catapultou direto para os braços de Romero. Eu deveria ter me afastado. Ele deveria ter me empurrado.

Não fizemos nada disso.

Era bom estar tão perto de alguém, sentir seu calor, algo do qual minha vida esteve tão desprovida ultimamente. Ele saiu devagar do mausoléu, me levando com ele, ainda me segurando apertado.

— Nós te procuramos por quase uma hora — falou Romero em voz baixa, preocupado, mas eu só conseguia focar no quanto seus lábios estavam perto e no quanto seu cheiro era bom. — Seu pai vai gostar de saber que você está em segurança.

Meu pai. Tive uma descarga de raiva por causa do modo com que ele vinha agindo nos últimos meses. Eu estava tão cansada de sentir raiva, de não saber aonde ir com ela. Fiquei na ponta dos pés, fechei os olhos e encostei os lábios nos de Romero. Era a terceira vez que eu fazia isso. Parecia que nunca aprendia, mas eu não tinha mais medo de ser rejeitada. Estava tão anestesiada por dentro que não havia como qualquer coisa conseguir me ferir novamente.

A mão de Romero subiu para os meus ombros como se ele fosse me empurrar, entretanto, ele simplesmente a deixou ali, quente e forte. Ele não tentou aprofundar o beijo, mas nossos lábios movimentaram-se um contra o outro. Houve apenas um leve toque e até mesmo isso foi rápido demais. Algo desceu pelo meu rosto e alcançou meus lábios. Eu nunca imaginei que meu primeiro beijo de verdade teria gosto de lágrima. Abaixei os calcanhares e abri os olhos. Eu estava esgotada demais, triste demais, furiosa demais para ter vergonha dos meus sentimentos.

Romero analisou meu rosto, franzindo as sobrancelhas escuras.

— Lily — começou a falar, entretanto, eu comecei a chorar para valer, lágrimas densas rolavam pelas minhas bochechas. Enterrei meu rosto no peito de Romero. Ele segurou minha nuca e me deixou chorar.

Na segurança dos braços de Romero, ousei dar lugar à minha tristeza, não temi que ela me tomasse por inteiro. Eu sabia que Romero não deixaria que isso acontecesse. Talvez fosse uma hipótese ridícula, mas eu acreditava que Romero me manteria segura de tudo. Eu tentei esquecê-lo, tentei seguir em frente,

encontrar outra pessoa em quem focar a minha paixão, porém, tudo isso ficou aquém.

— É melhor voltarmos. Seu pai já deve estar morto de preocupação.

— Ele não se preocupa comigo, só com o quanto eu posso prejudicar as aparências — falei calmamente, afastando-me. Sequei meu rosto. Romero tirou uma mecha de cabelo que ficou presa na minha pele molhada. Ainda estávamos perto, mas agora que eu tinha melhor controle das minhas emoções, recuei, envergonhada pelo jeito que me joguei em Romero. *Mais uma vez.* Fiquei contente por não poder ler a mente dele. Eu não queria saber o que pensava de mim neste momento.

O telefone de Romero tocou e, depois de um sorriso apologético, ele atendeu.

— Sim, estou com ela. Já vamos aí.

Fiquei olhando para um senhor que estava parado diante de um túmulo. Seus lábios moviam-se e ele se apoiava com força numa bengala. Eu desconfiava de que ele conversava com a esposa falecida, contando-lhe como estavam sendo seus dias, o quanto ele queria se unir a ela novamente. Este nunca seria o meu pai. Ele parecia já ter superado a morte de mamãe.

Romero tocou levemente em meu ombro e eu quase voei de novo para os seus braços, mas, desta vez, fui forte.

— Está pronta para voltar?

Pronta? Não. Eu não queria ver papai nem seu luto falso. Eu não queria ouvir nem mais uma palavra de piedade.

— Estou.

Nenhum de nós dois mencionou o beijo enquanto voltávamos para a sepultura de mamãe. Romero me beijou, ou me deixou beijá-lo por pena, e essa era a dura realidade da situação. Luca e Aria eram os únicos nos esperando.

Aria correu em minha direção e me envolveu num abraço apertado.

— Você está bem?

Eu me senti mal instantaneamente. Ela também havia perdido a mãe. Ela

também estava triste e, agora, teria que se preocupar comigo, além de tudo.

— Estou, só precisava de um momento sozinha.

Aria assentiu em compreensão.

— Papai e os outros convidados foram para a casa para o banquete do funeral. É melhor irmos para lá também, senão ele vai ficar ainda mais furioso.

Assenti. Aria lançou um olhar para Romero que tive dificuldade em decifrar. Depois, ela me levou para o carro, seus braços envolviam meus ombros com força. Luca e Romero vinham atrás. Não olhei para o túmulo de mamãe outra vez, sabia que seria demais para mim.

— Que olhar foi aquele para Romero? — perguntei baixinho enquanto nos acomodávamos no banco de trás.

Aria fez uma cara inocente, mas eu não acreditei. Eu a conhecia bem demais, mesmo não estando tão próximas quanto costumávamos ser, devido à distância entre nós. Ela suspirou.

— Eu disse para ele ficar longe de você.

— Você fez o quê? — censurei.

Luca olhou por sobre seu ombro para nós duas e eu abaixei ainda mais a voz. Esperava que ele não tivesse ouvido o que falei. Romero parecia ocupado procurando uma boa estação no rádio.

— Por que você fez isso? — perguntei quase sussurrando.

— Lily, eu não quero que você se magoe. Você acha que Romero vai te fazer se sentir mais feliz e te ajudar com a tristeza, mas isso só vai tornar tudo pior. Talvez você ache que está apaixonada por ele, mas não deveria confundir solidão com nenhuma outra coisa.

Encarei incrédula minha irmã.

— Eu não sou idiota. Conheço meus próprios sentimentos.

Aria pegou a minha mão.

— Por favor, Lily, não fique zangada. Eu só quero te proteger.

Todos sempre disseram que queriam me proteger. Eu me perguntava de quê. Da vida?

***

Dois dias depois, Aria, Gianna, Matteo, Romero e Luca voltaram para Nova York. Eu não sabia quando os veria de novo. Aria perguntara a papai se eu poderia visitá-los por algumas semanas no verão, porém, ele recusou com um olhar não tão velado em direção a Gianna. Eu fiz uma cara corajosa, disse que estaria ocupada saindo com meus amigos e cuidando de Fabi. Romero nem havia me dado um abraço de despedida e nós não tivemos a oportunidade de ter uma conversa particular. Talvez fosse melhor eu não conseguir lhe perguntar sobre o beijo.

Aria ligou na mesma noite, tentando se certificar de que eu estava mesmo bem. Eu não estava, mas não lhe contei.

Em vez disso, aprendi a seguir em frente, tentando fingir que as coisas estavam indo bem. Mas meus amigos ou estavam viajando de férias ou ocupados com assuntos familiares, e eu passava meus dias sozinha em nossa casa apenas com a companhia da empregada e do meu velho guarda-costas. Papai e Fabi ficavam fora de casa na maior parte do tempo e, quando voltavam, compartilhavam segredos novos sobre os quais não podiam conversar comigo, e mesmo na presença deles, eu me sentia sozinha. O pior tipo de solidão é quando se está cercado por gente.

Era comum eu passar horas sentada na cadeira ao lado da cama onde mamãe morreu, pensando em suas últimas palavras e me perguntando como eu poderia manter minha promessa. Papai não me permitia ir à faculdade, não me permitia ir a Nova York, não queria que eu saísse com meus amigos. Tudo o que eu podia fazer era esperar que algo acontecesse… que a vida acontecesse. Talvez se mamãe não tivesse morrido, papai teria passado o verão me apresentando a maridos em potencial e eu teria um casamento para planejar num futuro próximo. Mesmo isso parecia preferível ao modo como minha vida se desenrolava agora, sem nada para esperar.

Romero

Luca, Matteo e eu jogávamos cartas quando o celular de Aria tocou. Ela estava sentada no sofá com Gianna bebendo vinho e rindo.

No segundo em que Aria começou a falar, eu sabia que havia algo errado. Luca também abaixou suas cartas.

— Por que você não ligou antes? Deveria tê-la mandado para cá conosco na mesma hora!

Luca se levantou.

— Você também pode falar comigo — falou Aria, olhando para Luca em seguida. — Meu pai quer falar com você. — Ela estendeu o telefone para ele e Luca o pegou com um olhar preocupado para a esposa.

Gianna cruzou a sala em direção à irmã.

— O que está acontecendo?

Eu estava com um mau pressentimento.

— Lily desmaiou hoje. Ao que parece, ela não tem comido muito desde o funeral.

Levantei-me da cadeira.

— Ela está bem?

Aria assentiu. — Fisicamente, sim. Papai chamou um médico e ele disse que ela precisa comer e beber mais. Só que é mais do que isso. Pelo que papai falou, Lily tem ficado sozinha quase o tempo todo desde que viemos embora. Ninguém cuida dela. Não consigo acreditar que papai me convenceu a deixá-la lá. Eu deveria tê-la trazido comigo para Nova York na mesma hora.

— Juro pela minha honra que nada de mal acontecerá a Liliana enquanto ela estiver aqui. Ela estará protegida. Vou me certificar disso — falou Luca. Depois, ele ouviu o que quer que Scuderi tivesse a dizer do outro lado da linha. — Estou ciente disso. Acredite, Liliana estará tão segura aqui quanto está em Chicago. — Ele ouviu mais uma vez e desligou.

Aria correu em sua direção.

— E aí? Ele vai permitir que ela venha para cá?

Luca sorriu de leve. — Ele concordou em deixá-la passar o verão todo aqui, talvez até mais do que isso. Ele parecia verdadeiramente preocupado com ela.

— Sério? Isso é ótimo! — disse Aria radiante.

— Duvido que ele esteja fazendo isso porque está preocupado, mas quem se importa, contanto que ele permita que ela fique conosco — declarou Gianna.

— Quando ela chega? — perguntei, tentando parecer casual, como se eu fosse um mero soldado preocupado garantindo que pudesse cumprir seus deveres de guarda-costas.

A expressão de Luca deixou claro que ele não acreditou nisso nem por um segundo, porém, Aria estava envolvida demais em sua euforia para prestar atenção.

— Amanhã à tarde.

— Ela vai ficar em nosso apartamento, certo? — perguntou Aria.

Luca assentiu. — Eu disse ao seu pai que cuidaria da segurança dela pessoalmente.

— Você quer dizer que ela não vai ficar por aí se divertindo ou, Deus me livre, macular sua pureza — resmungou Gianna.

— Isso mesmo — disse Luca com naturalidade. — E já que, se não mantiver minha promessa, a guerra com a Outfit pode ser o resultado, farei tudo que estiver ao meu alcance para garantir que a diversão dela seja bastante limitada. — Seus olhos me encontraram novamente e eu tive que reprimir um palavrão. Ele nem sabia sobre o beijo que Lily e eu demos no cemitério. Eu me perguntei o quanto ficaria pior se soubesse.

— Podemos passar o verão nos Hamptons. Está muito quente e abafado na cidade e não usamos muito a mansão mesmo. — Aria tocou no antebraço de Luca e o olhou com um daqueles olhares que sempre o vencia. — Por favor, Luca, não quero que Lily fique presa no apartamento. Nos Hamptons, nós podemos deitar à beira da piscina, nadar no mar e passear em nosso barco.

— Certo, tudo bem — falou Luca com um olhar conformado. — Mas Matteo

e eu não podemos ficar com vocês o tempo todo. Temos muita coisa com que lidar no momento. Romero e Sandro terão que mantê-las seguras enquanto estivermos lá.

Aria olhou para mim. Ela provavelmente se perguntava se era uma boa ideia eu ficar perto de sua irmã e, para ser honesto, eu me perguntava a mesma coisa.



CAPÍTULO SETE

Liliana

Eu não tinha me dado conta do quanto havia negligenciado a mim mesma nas últimas duas semanas, desde o funeral de mamãe. Não tenho sentido muita fome e raramente sinto sede, desse modo, não tenho comido muito.

Claro que fiquei feliz por meu desmaio ter feito papai mudar de ideia. Mandar-me a Nova York foi o melhor presente que ele poderia ter me dado. Nas duas últimas semanas, eu não queria nada além de, enfim, sair desta casa.

Quando pousei em Nova York, Aria e Luca esperavam por mim. Depois de um breve momento de decepção por Romero não estar lá, eu me permiti ficar feliz por simplesmente estar aqui. Aria me abraçou apertado. Quando ela se afastou, seus olhos passearam pelo meu corpo.

— Como papai pode não ter percebido nada antes? Meu Deus, Lily, você perdeu tanto peso.

— Foram apenas alguns quilos e vou recuperá-los em breve — falei sorrindo.

— Acho bom — falou Luca, me abraçando com um braço só. — Se for preciso, vou te alimentar à força. Prometi ao seu pai que tomarei conta de você.

Revirei os olhos.

— Eu nem mesmo entendo por que papai se importa. Ele mal presta atenção em mim e, agora, do nada, está morto de preocupação? O que está acontecendo?

Um olhar de preocupação cruzou o rosto de Aria e eu ia lhe perguntar por que quando Luca nos cutucou em direção à saída.

— Vamos indo. Odeio este lugar.

— E então, o que faremos hoje? — perguntei enquanto íamos para o carro. Depois de semanas sem fazer nada, de não sentir nada, eu precisava sair, precisava me *sentir viva* novamente.

— Nada — falou Aria em tom de desculpas.

Minha expressão mudou e Aria se apressou em acrescentar:

— Mas é só porque vamos para os Hamptons amanhã cedo. Vamos passar o verão na praia.

— Sério? — perguntei.

Aria sorriu largamente e, de repente, a nuvem escura sobre a minha cabeça desapareceu.

Romero

Eu era bom em manter a cara séria mesmo em situações difíceis, mas quando vi Lily assim que ela entrou na cobertura, não soube bem esconder minha fúria. Fúria pelo pai dela ter deixado a própria filha se afogar em tristeza enquanto ele estava ocupado promovendo sua posição na Outfit ao introduzir seu filho jovem demais.

Lily perdeu peso, tanto que sua clavícula e suas omoplatas se destacavam. Ela parecia frágil, mas ainda linda *pra* cacete. Eu queria protegê-la de tudo.

Seus olhos encontraram os meus e a saudade neles quase me obrigou a cruzar a sala e envolvê-la em meus braços, mas fiquei onde estava, não só por causa do olhar de Aria para cima de mim. Luca fizera uma promessa a Scuderi. Nós, a *Famiglia*, manteríamos Liliana segura e isso incluía sua honra. Levando em consideração que a maioria dos meus sonhos incluía Lily em algum tipo de nudez, eu, definitivamente, precisava manter distância, e faria isso.

Nas últimas semanas, eu comi várias garotas na esperança de afastar Lily do meu pensamento, mas ao vê-la agora, percebi que havia sido totalmente em vão.

Claro que imaginar Lily sempre que eu estava com uma mulher não ajudava muito.

Eu estava completamente ferrado.

Luca veio até mim quando eu estava encostado no balcão da cozinha e assistia à reunião das três irmãs.

— Estar numa mansão com Liliana será um problema?

— Não — falei com firmeza.

— Tem certeza? Porque não era isso que o olhar que estava na sua cara há um segundo me dizia.

— Eu tenho certeza. Como você disse, Liliana é uma garota bonita, mas eu tenho estado com garotas bonitas. Com garotas ainda mais bonitas. Não vou arriscar a ira de Scuderi.

Era uma mentira do caralho. Nenhuma das garotas com quem estive poderia competir com a beleza de Lily, mas ainda bem que Luca não podia ler mentes, embora ele tentasse fazer os soldados idiotas acreditarem que ele tinha algum tipo de sexto sentido assim apenas para mantê-los na linha.

— Não apenas a ira de Scuderi — disse Luca. — Isso é sério *pra* caralho. Eu estou falando sério, Romero.

O que foi esse aviso?

Tive que engolir um comentário e assenti. Luca era um bom Capo e nunca tive problema em seguir suas regras, mas, por algum motivo, essa não me caiu bem. Lily tentou fisgar meu olhar durante o jantar, porém, me certifiquei de manter a minha atenção em Matteo e Luca. Eu não queria alimentar as esperanças de Lily.

E o mais importante, eu precisava manter a porra do meu impulso sob controle.

Liliana

Romero ainda estava me ignorando. Embora “ignorar” não fosse bem a palavra. Ele me tratava com educado desinteresse, sempre amigável, mas nunca muito amável. Se eu não soubesse o que Aria dissera a ele, teria dificultado tudo;

entretanto, do jeito que as coisas estavam, eu tinha quase certeza de que ele estava interessado em mim.

No primeiro dia na mansão, o sol estava brilhando forte e nós decidimos jantar do lado de fora, na praia. Eu resolvi colocar meu vestido rosa de praia. Ele era decotado, de frente única, e aderia às minhas curvas. Bom, pelo menos costumava aderir, agora ficava levemente solto em certos lugares, porém, ainda bem bonito. Quando as minhas irmãs e eu fomos para a mesa que os homens arrumaram, Romero, que estava no comando da churrasqueira, tirou os olhos dela e a expressão neles quando me viu foi todo o incentivo de que eu precisava. Estava longe da educação desinteressada das últimas 24 horas.

Ele parou de me olhar e voltou a virar a carne. Ele também estava maravilhoso, o jeito que o sol poente caía sobre seus cabelos castanhos, o jeito que seus antebraços flexionavam quando ele se movia. Eu adorei o modo com que ele enrolou as mangas brancas para cima e abriu os dois botões superiores da camisa, revelando um pedacinho de seu peito bronzeado.

— Você está babando — sussurrou Gianna em meu ouvido.

Eu corei e tirei os olhos de Romero, depois, olhei para a minha irmã que se sentou à mesa com um sorriso sorrateiro no rosto.

Sentei-me na cadeira ao lado dela.

— Você também mandou que Romero ficasse longe de mim?

Gianna pegou a garrafa de vinho branco do cooler e encheu nossas taças.

— Eu? Não. Você me conhece. Sou a favor da desobediência e do proibido. Se você quiser tirar uma casquinha de Romero, então, vá em frente. A vida é curta demais.

Parei com a taça de vinho na boca. As palavras de mamãe explodiram na minha mente, praticamente as mesmas palavras.

— Aria não concorda — falei, depois, tomei metade do vinho.

— Aria está tentando agir como uma mamãe galinha, mas é você que tem que decidir o que quer.

— Você está tentando me meter em problemas? — perguntei, sentindo meu

estômago aquecer por causa do vinho. Terminei minha taça com outro gole longo.

— Sinceramente, não acho que precise de mim para isso — disse Gianna erguendo as sobrancelhas ruivas. — Mas me faça um favor e vá devagar com o vinho.

— Pensei que quisesse que eu me divertisse.

— E quero, mas quero que esteja sóbria para entender o que quer. E não acho que Romero vai te levar a sério se estiver bêbada.

— Você tem razão. Ele é cavalheiro demais para tirar vantagem de uma garota bêbada.

Gianna bufou.

— Uau, agora eu sei por que Aria está preocupada. — Ela observou Romero por um tempo. Ele estava rindo por causa de alguma coisa que Matteo falou. — Eu não colocaria muita fé em seu cavalheirismo se fosse você. Mantenha o controle quando estiver com ele. Ele continua sendo um Homem de Honra. Não me faça ter que matá-lo, está bem?

— Acho que você não é uma mamãe galinha, é?

— Não sou. Sou a mamãe ursa furiosa que vai arrancar o pau dele se te machucar.

Eu caí na gargalhada. Aria se juntou a nós na mesa neste instante, cheia de desconfiança.

— Não sei se gosto de vocês duas juntas sozinhas. Se quiserem saber a minha opinião, cheira a problema.

— Ao que parece, você não me quer sozinha com ninguém — falei, meio que provocando.

Aria gemeu e pegou uma taça de vinho para si.

— Ainda está chateada comigo?

— Não estou chateada com você. — Eu apenas irei ignorar as ordens de Aria e esforçar-me para convencer Romero a fazer o mesmo.

Aria olhou para Gianna, que fez uma cara inocente, e, depois, para mim.

— Eu não gosto disso. Prometam que não vão se meter em problemas.

— Já tenho problemas suficientes, muito obrigada — falou Gianna sorrindo.

Aria me lançou seu olhar de irmã mais velha.

— Vou me comportar, prometo — acabei falando. Depois, me servi de mais vinho, tentando bolar um plano para ficar um tempo sozinha com Romero. Eu sabia que Aria faria o possível para ser a minha sombra constante.

***

Durante o dia era quase impossível me livrar de Aria. Ela ficava de olho em mim, e especialmente em Romero, como uma águia. Quando foi que ela virou uma empata-foda? Durante as noites e nos primeiros horários da manhã eram as melhores opções que eu tinha. Já que eu mal dormia mesmo, isso não seria um grande problema. Por algum motivo, a escuridão me deixou com medo de dormir, então, passava as noites fantasiando com Romero e fazendo planos sobre como seduzi-lo, enquanto dormia ocasionalmente ao tomar banho de sol à tarde com as minhas irmãs.

Demorei alguns dias para reunir coragem para dar o próximo passo. Eu sabia como fazer uma cara corajosa, mas isto não era algo que já tivesse feito antes. Eu não tinha nenhuma experiência com homens, exceto pela paquera inofensiva com os soldados de meu pai ao longo dos anos.

Eu não estava tão preocupada com a rejeição de Romero quanto costumava ficar. Eu o peguei me olhando muitas vezes nos últimos dias quando pensava que ninguém estivesse prestando atenção. Quando o sol apareceu, os primeiros raios hesitantes varreram o meu rosto, eu saí da cama e fui até a minha janela olhar a praia. Igual a todas as outras manhãs nos últimos dias, avistei uma figura solitária correndo pela praia de short e sem camisa. Era o ponto alto do meu dia. Não sei bem onde Romero adquiriu a disciplina de levantar antes do sol nascer todas as manhãs para se exercitar, e eu esperava de verdade que ele não mostrasse tanto autocontrole quando chegasse a hora. Eu o observei subir

correndo a colina que levava à mansão e me encostei mais à parede para que ele não me encontrasse espiando-o. Depois que ele sumiu do meu campo de visão, esperei mais cinco minutos antes de sair do meu quarto. Estava muito silencioso a esta hora, quase seis da manhã. Minhas irmãs ainda estavam dormindo; elas nunca se levantavam tão cedo, e Matteo e Luca haviam ido para Nova York ontem e não voltariam até a noite, então, a única pessoa que poderia ter cruzado o meu caminho seria Sandro, o outro guarda. Quando passei pela porta de Sandro, garanti estar extremamente em silêncio, mas não havia barulho nenhum vindo do quarto dele. Apressei meu passo ao chegar mais perto do quarto de Romero.

Eu sabia que era errado. Se alguém descobrisse, se *meu pai* descobrisse, ele nunca mais me deixaria sair de Chicago. Ele nem mesmo me deixaria mais sair de casa. Era completamente inadequado e impróprio. As pessoas ainda falavam mal de Gianna depois de todo esse tempo. Elas agarrariam a oportunidade de encontrar uma nova vítima. E o que seria melhor que outra irmã Scuderi sendo pega no ato e, ainda mais, com um soldado?

E lá no fundo eu sabia que era exatamente igual a Gianna quando se tratava de resistir à tentação: simplesmente não conseguia. A porta de Romero não estava trancada. Entrei no quarto dele na ponta dos pés, prendendo a respiração. Ele não estava lá, mas dava para ouvir a água correndo no banheiro da suíte. Arrastei-me naquela direção. A porta estava entreaberta. Dei uma espiada pela fresta.

Nos últimos dias, descobri que Romero é uma criatura de hábitos, então, encontrei-o debaixo do chuveiro como esperado. Só que da minha posição estratégica eu não conseguia ver muita coisa. Abri a porta e entrei.

Minha respiração ficou presa ao vê-lo. Ele estava de costas para mim e era uma vista gloriosa. Os músculos de seus ombros e das costas estavam contraídos enquanto lavava seus cabelos castanhos. Havia uma cruz cercada por arame farpado tatuada em sua coluna. Naturalmente, meus olhos foram mais para baixo, até seu traseiro perfeitamente desenhado. Eu nunca havia visto um

homem desse jeito, mas não conseguia imaginar que nenhum outro se comparasse a Romero. Nem mesmo o Romero que fantasiei em meus sonhos se comparava.

Ele começou a se virar. Eu deveria ter saído neste momento. Porém, fiquei olhando maravilhada para seu corpo. Ele estava excitado? Ele ficou tenso quando me viu. Havia outra tatuagem em seu peito, sobre o coração: o lema da *Famiglia*.

Seus olhos capturaram meu olhar antes de deslizarem pela minha camisola e minhas pernas desnudas. E, depois, eu encontrei uma resposta para a minha dúvida. Ele não estava tão excitado antes. *Inferno.*

Meu rosto ferveu enquanto eu o assistia ficando mais duro. Fiz o máximo para não cruzar a distância entre nós e tocá-lo. Nunca entendi o conceito de querer tanto alguma coisa que chegava a doer. Agora eu entendia.

Romero abriu o box sem pressa e enrolou uma toalha em volta da cintura. Depois saiu. O cheiro de seu sabonete líquido picante flutuou para dentro do meu nariz. Ele veio em minha direção lentamente.

— Sabe — disse ele como uma voz estranha —, se alguém no encontrar assim pode ter a ideia errada. Uma ideia que poderia custar a minha vida e a sua reputação.

Eu ainda não conseguia me mexer. Estava petrificada, mas meu interior parecia queimar, se liquefazendo em lava incandescente. Eu não conseguia desviar o olhar. Passei horas repassando as coisas que queria dizer quando o encurralasse, mas, agora, eu estava muda.

Meus olhos permaneceram na borda da toalha, na linha fina dos pelos escuros desaparecendo sob ela, no delicioso V de seus quadris. A minha mão se moveu contra minha vontade, alcançando o peito de Romero, precisando sentir sua pele sob as pontas dos meus dedos. Eu não tinha nenhum controle dos meus impulsos quando se tratava dele. Talvez isso devesse ter me apavorado. As garotas não deveriam ser assim.

Romero segurou meu pulso antes de eu conseguir tocá-lo, seu aperto era

quase doloroso. Levantei o olhar, meio envergonhada e meio surpresa. O que vi no rosto de Romero me fez estremecer.

Ele se inclinou para frente chegando cada vez mais perto. Fechei os olhos trêmulos, porém, o beijo que eu queria nunca veio. Em vez disso, ouvi o ranger da porta. Dei uma espiada em Romero. Ele escancarou a porta do banheiro. Foi por isso que chegou mais perto, não para me beijar. Fiquei cheia de vergonha. Como pude pensar que ele estava interessado em mim?

— Você precisa sair — murmurou enquanto se endireitava. Seus dedos ainda seguravam meu pulso.

— Então, me solte.

Ele o fez imediatamente e se afastou. Eu fiquei onde estava. Queria tocá-lo, queria que ele me tocasse também. Ele falou um palavrão e, então, veio para cima de mim, com uma mão segurando a minha nuca e a outra no meu quadril. Quase dava para sentir o gosto de seus lábios de tão perto. O toque dele me fez sentir mais viva do que qualquer coisa jamais fez, e eu quis mais desta sensação, queria me afogar nela.

— Saia — rosnou ele. — Saia antes que eu quebre meu juramento. — Isso foi uma súplica disfarçada de ordem.

Eu queria que ele quebrasse a promessa, nada mais, mas algo em seu olhar me fez recuar alguns passos. Eu era corajosa, mas não idiota. Deixei meu olhar passear pelo seu corpo uma última vez e corri para fora, atravessando o quarto, parando apenas para checar o corredor antes de sair. Não havia ninguém por ali, então, saí e corri para o meu quarto. Estava quase alcançando a minha porta quando Gianna apareceu, ainda de pijama e com uma xícara de chocolate quente nas mãos. Ela parou, estreitando os olhos desconfiada.

— O que está fazendo se esgueirando pelo corredor de camisola?

Por que ela tinha que se levantar cedo justo hoje?

— Nada — falei um pouco rápido demais. Dava para sentir o rubor crescendo em minhas bochechas. Quando meu corpo pararia de me trair em situações deste tipo?

— Nada — repetiu Gianna, cruzando os braços e dando um gole em seu chocolate. — Certo. O quarto de Romero não fica naquela direção?

Dei de ombros.

— Talvez. Até parece que ele alguma vez me convidou para entrar lá.

— Isso não quer dizer que você não esteve lá.

— Já acabou com o interrogatório? Não sei por que de repente está tentando parecer com o papai. Até parece que você sempre seguiu as regras.

— Calminha aí. Eu só estava curiosa. Por mim, você pode visitar Romero e quem quiser, quando quiser, mas sabe como são as coisas. Se os empregados te pegarem, os boatos vão se espalhar como fogo. Você tem que ser esperta quanto a isso, e sair correndo pela casa como uma galinha sem cabeça não ajuda. Se Aria tivesse te pegado nessa situação, você teria muito o que explicar.

— Eu não fiz nada de errado — falei obstinadamente.

Gianna sorriu amargamente.

— Eu sei, mas não significa que não te castigarão por isso. Tome cuidado, só isso. — Ela me entregou sua xícara de chocolate quente — Acho que você precisa mais disto que eu.

Eu pensei que estivesse sendo cuidadosa, mas pelo menos as minhas irmãs pareciam ver através de mim. Eu só podia esperar que mantivessem meu segredo de seus maridos. Tanto Romero quanto eu estaríamos em apuros se as pessoas começassem a acreditar que algo estava acontecendo entre nós dois, mesmo que não estivesse. Ninguém se importava com a verdade. Eu queria que houvesse algo do que se falar, queria que Romero tivesse me beijado do jeito que eu desejava, queria que ele não tivesse interrompido o beijo.

Romero

Quase corri atrás de Liliana para arrastá-la de volta ao meu quarto e conseguir o que quero. Droga! Ela me queria. Estava escrito na cara dela, claro como o dia. Assim que me virei e a vi parada lá com aqueles enormes olhos azuis, pensei que estava imaginando coisas. Afinal, estava pensando nela durante

o banho. Ela estava sempre na minha cabeça. Se Luca soubesse o quanto estava difícil me concentrar naquele momento, ele arrumaria outra pessoa para proteger Aria e, definitivamente, me mandaria de volta a Nova York, para bem longe de Lily. Se eu fosse um bom soldado, pediria a ele que fizesse isso, mas eu não queria ir a lugar algum. Eu queria ficar perto de Lily.

Passei a mão pelos cabelos ao olhar para a porta do banheiro. Por que a mandei embora? Ela queria que eu a beijasse. Ela queria mais do que isso. Por que, então, eu tive que ouvir a porra da minha consciência?

E nem foram os meus escrúpulos que me impediram de beijar Lily. Isso ia contra o meu juramento, meu dever, mas não foi o motivo principal. Mesmo que não fosse meu dever protegê-la, ainda assim, eu *queria* proteger Lily, até dela mesma. Ela não conseguia imaginar as consequências de flertar comigo desse jeito. Em nosso mundo, todo o valor de uma garota era baseado em sua reputação, sua pureza, isso valia especialmente para as garotas do alto escalão dos Homens de Honra. E até mesmo entre os soldados, apenas algumas poucas mulheres tinham permissão para namorar quem escolhiam. Nós ainda seguíamos as mesmas regras de mais de um século atrás e eu duvidava que isso fosse mudar em algum momento. Se eu deixasse Lily se aproximar, se deixasse esta coisa entre nós dois se desdobrar, se eu a tomasse do jeito que a desejo, então, ela estaria arruinada aos olhos da nossa sociedade.

Claro que havia muitas coisas que poderíamos fazer que não destruiria sua virgindade. Tantas coisas, caramba.

Isso era algo muito perigoso de se considerar porque se eu realmente começasse a pensar em todos os modos que poderia ter Lily sem arruiná-la, o mais provável seria que eu agisse de verdade com base nessas ideias e não tinha certeza se era forte o suficiente para parar em certo ponto. Pelo menos, não se Lily não me pedisse para parar, e eu desconfiava que ela não pediria.

Durante o café da manhã, agi como se nada tivesse acontecido. Aria já estava atenta demais. E Gianna parecia saber mais do que deveria.

Lily encontrou meu olhar quando suas irmãs não estavam olhando e a

expressão em seus olhos fez meu pau se contorcer. Eu havia lhe dado uma amostra. Agora, ela sabia que eu a queria.

Passei a minha vida servindo aos outros, sempre colocando minhas próprias necessidades em segundo lugar. Seria mesmo tão ruim assim se eu conseguisse o que quero ao menos uma vez? Nunca na minha vida eu quis tanto alguma coisa quanto a garota à minha frente.

Por que eu deveria me privar disso?



CAPÍTULO OITO

Liliana

Fiquei encarando o teto, ou melhor, onde eu sabia que ele estava. A escuridão era impenetrável, eu não conseguia nem distinguir a minha própria mão. Às vezes, parecia que a escuridão da vida era só o que existia na minha existência. Um longo túnel sem fim. As palavras de mamãe me assombravam principalmente à noite. Eu prometi a ela que seria feliz, mas nem sabia ao certo como fazer isso. Uma solidão profunda me preencheu, tomou conta de mim desde que mamãe morreu. Nunca fomos tão próximas como algumas filhas eram de suas mães, só que ela estava lá, uma presença constante. E, agora, parecia que eu estava completamente sozinha. Claro que havia Fabi, porém, ele era novo e logo estaria envolvido nos negócios da máfia, e papai… neste momento, estar aqui nos Hamptons me deixava feliz, contudo, era algo temporário.

Minhas irmãs sempre estiveram ao meu lado, entretanto, elas tinham suas próprias vidas, seus maridos, e um dia teriam suas próprias famílias. Elas ainda me amariam e ainda cuidariam de mim, mas eu queria minha própria felicidade, independente delas. Eu queria o que elas tinham. E sabia que a única pessoa com quem queria esse tipo de felicidade era Romero.

Ele me olhava diferente neste verão. Antigamente, sua expressão deixava claro que eu não era nada além de uma menina para ele, alguém para proteger. Mas, recentemente, algo havia mudado. Eu não era experiente em relação aos

homens, claro, porém, seu olhar guardava uma pontada de algo que eu via sempre no rosto de Luca quando ele olhava para a minha irmã, Aria.

Pelo menos, eu tinha quase certeza disso. Eu me descobri e sentei. Não me incomodei em acender as luzes com medo de atrair atenção e, ao invés disso, fui em direção à porta. Girei a maçaneta e saí para o corredor. Estava quieto e escuro, mas, pelo menos, aqui eu conseguia bolar planos. Não que eu precisasse ver alguma coisa para encontrar o quarto de Romero. Eu sabia exatamente onde ele ficava. Perdi as contas do número de vezes que me imaginei indo até lá. Mas, até agora, a razão me impediu. Esta noite, eu estava cansada de ouvir a razão, de não arriscar. Eu não queria ficar sozinha, não queria passar a noite inteira olhando para a escuridão, sozinha e triste. Segui o corredor com cuidado, sem fazer nenhum barulho, mal ousando respirar. Quando cheguei à porta do quarto de Romero, fiquei parada ali por muito tempo. Estava quieto do lado de dentro. Claro. Já havia passado muito da meia-noite e ele sempre se levantava cedo para correr.

Minha mão tremia por causa do nervosismo quando segurei a maçaneta e a empurrei para baixo. A porta abriu sem emitir nenhum som. Esgueirei-me para dentro e a fechei novamente, então, não me mexi por um bom tempo, apenas fiquei olhando em direção à cama e para os contornos do corpo de Romero. As cortinas não estavam fechadas, assim, a luz da lua iluminava um pouco. Ele estava de costas para mim e com o cobertor apenas sobre sua cintura. Meus olhos trilharam seus ombros e seus braços musculosos. Aproximei-me, dando um passo hesitante após o outro. Isso era muito errado. Romero já havia me surpreendido em seu quarto antes, e pior, ele me pegou espiando-o no banho, mas isto parecia mais íntimo. Ele estava na cama e, se as coisas saíssem como eu queria, logo estaria junto dele. E se ele me mandasse embora? Pior: e se ele ficasse com raiva e contasse a Luca? E se eles me mandassem de volta a Chicago naquela casa sombria e sem esperança, com meu pai que não sentia nenhuma falta da minha mãe?

Congelei a alguns passos da cama. Minha respiração acelerou como se eu

tivesse me exercitado e as minhas mãos suavam. Talvez eu estivesse enlouquecendo. Eu estava tentando dizer a mim mesma que fazia isto porque mamãe queria que eu fosse feliz, mas talvez eu só estivesse usando isso como uma desculpa para a minha insanidade. Eu já queria Romero bem antes de mamãe dizer alguma coisa, e até já havia tentado beijá-lo muito antes de sua morte.

Balancei a cabeça, ficando puta comigo mesma por pensar demais em tudo. Havia um tempo em que eu fazia o que quisesse contanto que tivesse vontade. Dei outro passo em direção à cama, mas devo ter feito algum barulho sem perceber, porque a respiração de Romero mudou e seu corpo ficou tenso. Ai, não. Não havia mais como voltar atrás.

Ele rolou de costas num movimento fluido e, então, seus olhos pousaram em mim. Ele relaxou, mas logo ficou tenso de novo.

— Liliana?

Eu não respondi. Minha língua parecia estar presa no céu da minha boca. Em que eu estava pensando?

Romero colocou as pernas para fora da cama e se sentou na beirada por um segundo, me observando em silêncio. Será que ele conseguia enxergar o meu rosto? Eu devia estar parecendo um rato encurralado por um gato, mas não estava com medo. Nem um pouquinho. Na verdade, eu estava envergonhada e curiosamente excitada. Eu era um rato doido e doente, disso eu tinha certeza. Ele se levantou e claro que meus olhos fizeram uma rápida análise de seu corpo. Ele vestia apenas uma boxer. Parecia bom demais para ser verdade. Como se saísse diretamente dos meus sonhos. Era constrangedor pensar no quanto eu sonhava com Romero e em todas as coisas que eu queria fazer com ele.

— Lily, o que você está fazendo aqui? Está tudo bem? — Havia preocupação em sua voz, mas também havia outra coisa. Algo que ouvi quando ele me pegou espiando-o no banho. Era algo sombrio e quase ansioso.

Meu estômago se agitou e eu dei um passo em sua direção. Eu queria me jogar em seus braços, beijá-lo e muito mais.

— Posso dormir com você? — As palavras dispararam, simples assim, e assim que elas saíram, não consegui acreditar que as havia pronunciado. Principalmente porque elas poderiam facilmente ter sido interpretadas da maneira errada.

Romero congelou. O silêncio se estendeu entre nós dois. Tive certeza de que me destruiria a qualquer segundo. Dei outro passo em sua direção, já estava quase o alcançando.

O som da respiração de Romero estava inacreditavelmente alto. Dava para ver seu peito subir. Será que estava com raiva?

— Você não deveria brincar com esse tipo de coisa — falou em voz baixa. — Não é engraçado. — Ele estava com raiva. Talvez eu devesse ter entendido o recado e me virado para sair do quarto, mas da mesma forma que Gianna, eu nunca fui muito esperta em situações como esta.

— Eu não estava brincando e não disse nesse sentido — sussurrei. — Quero dormir na sua cama, apenas dormir. — Por enquanto. Em algum momento, iria querer mais do que isso.

— Liliana — murmurou Romero. — Você enlouqueceu? Tem noção do que está dizendo?

A fúria aumentou. Todos sempre pensaram que eu era nova demais, inocente demais, feminina demais para tomar decisões.

— Eu sei exatamente o que estou dizendo.

— Duvido.

Reduzi a distância entre nós dois até nossos peitos estarem quase se tocando. Romero não recuou, mas se preparou.

— Todas as noites sinto como se a escuridão estivesse me engolindo inteira, como se a minha vida estivesse saindo do controle, como se não houvesse nada de bom na minha vida. Mas quando penso em você, todos esses sentimentos desaparecem. Eu me sinto segura quando estou com você.

— Não deveria. Não sou um homem bom para padrão nenhum.

— Não ligo para a bondade. Cresci nesse mundo. Sei como as coisas são e

estou bem com isso.

— Você não sabe nem da metade. E se sabe mesmo como as coisas são, então, deveria se dar conta do que poderia acontecer se alguém te encontrar no meu quarto à noite.

— Estou cansada de ouvir o que não posso fazer. Será que não posso decidir sozinha? A vida é minha, então, por que não posso tomar as decisões?

Romero ficou em silêncio por um segundo, e disse:

— Claro que sim, é a sua vida, mas seu pai tem certas expectativas para você. E não é só isso, Luca deu sua palavra a ele e a Dante Cavallaro de que tomaria conta de você e te manteria segura. Isso inclui a sua reputação. Se alguém lhes contasse que você esteve no meu quarto agora, isso poderia significar uma guerra entre a Outfit e Nova York. Isto não é um jogo. É sério demais para ficar de brincadeira.

— Eu não estou de brincadeira. Eu me sinto muito sozinha, Romero — sussurrei. — E gosto de você. Eu gosto de você de verdade. — Isso era um eufemismo. — Só quero ficar perto de você. Você retribuiu o beijo e eu sei que fica me olhando. Sei que está interessado em mim.

Ele não falou nada.

A dúvida penetrou no meu cérebro. Será que eu imaginei os olhares que ele me lançava?

— Se não gosta de mim, então, fala logo. Está tudo bem. — Não estava. Eu ficaria devastada, mas talvez fosse melhor assim. Eu seguiria a minha vida de alguma forma.

— Porra — murmurou ele, virando-se, e me deixou olhando para as suas costas. — Se eu fosse um cara bom, te diria exatamente isso. Eu mentiria para você para o seu próprio bem. Mas eu não sou bom, Lily.

O alívio me inundou. Ele não disse que não gostava de mim. Eu li direito os sinais. Meu Deus, eu poderia ter gritado de alegria. Repousei as mãos em seus ombros. Sua pele era macia exceto por algumas poucas cicatrizes, mas elas só o deixavam mais atraente para mim. Eles se flexionaram sob meu toque, porém,

ele não se afastou.

— Então, você está interessado em mim? E gosta de mim?

Romero deixou escapar uma risada cruel.

— Isso é uma loucura.

— Só me fala. Você me acha atraente?

Ele se virou. Não foi rápido o bastante para tirar as minhas mãos, então, agora, elas repousavam em seu peito. Bem melhor assim. Eu tive que evitar passar as mãos pelo seu corpo. Mesmo na penumbra dava para ver a chama em seus olhos. Ele me olhou dos pés à cabeça. Eu estava só com o short do pijama e uma camiseta, mas nem estava com vergonha. Queria que Romero me visse assim, queria arrancar uma reação dele.

— Lily, você é deslumbrante. Claro que te acho atraente. Olhe para você… você é tão linda que nem dá para explicar.

Abri os lábios. Isso foi mais do que eu ousava esperar. Cheguei ainda mais perto e olhei para ele.

— Então, por que você vive me afastando?

— Porque é a coisa certa a se fazer e porque conheço os riscos.

— E não vale o risco?

Romero olhou para mim com tanta intensidade que não pude deixar de me arrepiar. Ele não respondeu. Agarrou meus quadris e me puxou contra si antes de colocar a boca na minha. Abri os lábios sem hesitar, ansiosa por aquele beijo, ansiosa pela sua proximidade. Ele enfiou a língua na minha boca. Não houve um lampejo de hesitação nem dúvida em seu beijo. Gemi. Foi muito diferente do nosso primeiro beijo, mais intenso. Ele segurou a minha nuca, me guiando do jeito que queria. Mal consegui acompanhar. Fiquei na ponta dos pés e me apoiei nele enquanto me agarrava aos seus ombros para dar equilíbrio. O beijo me consumiu, despertou um fogo na minha barriga e me fez desejar muito mais.

Romero se movimentou e eu tentei segui-lo, mas ele me mantinha a certa distância. Sua respiração estava pesada e havia um olhar selvagem em seu rosto.

— Me dê um segundo — rosnou.

Ele fechou os olhos como se estivesse com dor. Só conseguia pensar em beijá-lo novamente, em ter suas mãos em meu corpo. Eu não queria nada além disso. Mas fiz como ele pediu e lhe dei alguns segundos para recuperar o controle sobre si mesmo. Por fim, ele voltou a abrir os olhos. O olhar selvagem desapareceu e foi substituído por algo mais controlado. Seu aperto em meus ombros relaxou e ele acariciou minha pele levemente com os polegares. Nem tive certeza se ele se deu conta disso. O toque leve fez minha pele se arrepiar de prazer. Eu queria que dissesse alguma coisa, mas também temia o que ele pudesse dizer. Uma de suas mãos passeou pelo meu rosto.

— É melhor você ir agora — falou baixinho.

Congelei. — Você está me mandando embora?

A hesitação cruzou seu rosto.

— É melhor assim, Lily, acredite.

Dei um passo para trás. Eu não iria implorar. Se ele não queria passar a noite comigo, então, eu teria que aceitar.

— Tudo bem. Boa noite. — Virei-me e corri para fora do quarto. Mal prestei atenção enquanto cruzava o corredor em direção ao meu quarto. Eu me expus hoje, arrisquei tudo para conseguir o que queria. Não faria isso novamente. Eu tinha uma queda enorme por Romero, mas, também, ainda tinha o meu orgulho. Se ele não queria arriscar, então, eu aceitaria.

Fechei a porta e fui para a minha cama. Como antes da escuridão se fechar em mim. Estava muito quieto no meu quarto, muito solitário e vazio. Nem mesmo a lembrança do beijo que Romero e eu trocamos conseguia me animar. Não quando deve ter sido a última vez que eu beijei Romero. Demorei muito tempo para adormecer e, então, o rosto triste de mamãe assombrou meus sonhos.

***

Romero e eu mal nos olhamos na manhã seguinte. Eu não procurei pela sua proximidade como de costume. Tentei evitar seus olhos o máximo possível, mas algumas vezes o peguei olhando de relance em minha direção. Não tinha certeza

do que significava, mas fiquei contente por ele e eu não passarmos nenhum tempo juntos. Claro que ele estava quase sempre por perto, fica difícil evitar seu guarda-costas, porém, fiz o melhor que pude para focar totalmente nas minhas irmãs, para aproveitar meu tempo com elas.

Romero

Já tinha passado da meia-noite quando fui para o meu quarto. Luca, Matteo e eu ficamos jogando cartas até uma hora atrás, uma distração que eu precisava *pra* caralho e, depois, quando eles se juntaram às esposas na cama, fiquei sentado no terraço e me perguntei por que eu não podia ter o mesmo.

Um barulho me fez parar. Minha mão foi para a minha arma enquanto eu seguia o barulho em direção à porta de Lily. Parecia que ela estava sofrendo, murmurando e chorando enquanto dormia. Chequei o corredor, mas estava sozinho. Todos já estavam dormindo ou, pelo menos, ocupados com as portas de seus quartos fechadas. Abri a porta e entrei. Meus olhos demoraram um pouco para se acostumar com a escuridão, que era pior ali do que no resto da casa, porque as cortinas não deixavam entrar nenhuma luminosidade. Mantive a porta entreaberta e fui mais adiante no quarto. Eu sabia o que devia fazer e definitivamente não era ficar sozinho no quarto de Lily com ela à noite. Na minha lista de coisas a se evitar, esta, com certeza, estava no topo.

Ela estava obviamente angustiada e eu jurei protegê-la, porém, um pesadelo não a machucaria. Não havia motivo para eu estar ali. Eu poderia ter chamado Aria ou Gianna, ou apenas deixar Lily continuar dormindo com seu pesadelo, só que eu era um babaca idiota.

Quando ela foi ao meu quarto dois dias atrás, custou-me cada porra de grama de autocontrole mandá-la sair. Eu a queria na minha cama e não apenas para dormir. Assim que ouvi a pergunta que ela fez, se poderia dormir comigo, quase fiquei de pau duro. Eu sabia que ela não estava falando naquele sentido, mas eu nunca quis tanto interpretar alguém errado quanto naquela noite.

Era perturbador. Eu sempre coloquei meu trabalho e a *Famiglia* em primeiro

lugar. Todas as mulheres na minha vida até agora foram uma boa distração, contudo, elas nunca chegaram perto de interferir no meu serviço. Lily era diferente. Eu não sabia bem como ela fez isso, mas eu não conseguia tirá-la da porcaria da minha cabeça. Olhei da porta aberta para a cama de Lily e fui até ela. Deixei a porta entreaberta, mesmo que parte de mim quisesse fechá-la e ter privacidade total, mas se eu queria manter a minha promessa a qualquer custo, eu precisava do risco de alguém passando por ali e olhando para dentro do quarto.

Enquanto estava parado ao lado de Lily, observei-a por um instante. Ela estava deitada de costas com seus cabelos loiros esparramados no travesseiro e a testa franzida. Até na agonia de um pesadelo ela era linda *pra* caralho. Droga! No que eu me meti? Toquei seu ombro. Ela vestia apenas uma camiseta e rocei meus dedos na pele nua de seus ombros, o toque fez com que um arrepio percorresse meu corpo até o meu pau. A porra do ombro dela, não seu seio, nem sua bunda ou sua boceta. Pelo amor de Deus, quase fiquei de pau duro por tocar um ombro. Isso era patético num nível completamente novo.

— Liliana? — Por algum motivo, pareceu mais seguro usar o nome dela ao invés do apelido.

Seus olhos moveram-se por baixo das pálpebras e ela despertou sob a minha mão, mas não acordou. Eu toquei a lateral de seu pescoço delicadamente, sentindo seu pulso se agitar sob as pontas dos meus dedos.

— Lily — falei um pouco mais alto.

Ela se mexeu e abriu os olhos, encarando-me diretamente.

— Romero? — sussurrou ela com a voz ainda pesada de sono. Eu queria tanto beijá-la…

Liliana

Alguém tocou em meu pescoço, arrancando-me do meu sono. Abri os olhos, mas levou alguns segundos para que meu cérebro registrasse o que estava diante de mim: Romero.

— Romero? — Talvez eu ainda estivesse sonhando. Isso com certeza era uma melhoria em relação ao meu último sonho com a minha mãe, que conversava comigo sem vida sobre a felicidade.

— Está tudo bem — disse Romero com sua voz grossa.

Olhei em volta. — Você está no meu quarto. — Eu parecia uma idiota, mas estava surpresa. Afinal, ele praticamente me jogou para fora de seu quarto dois dias atrás e agora estava no meu. Uma reviravolta que eu não esperava. Não que eu me importasse.

Os lábios de Romero se contorceram como se ele quisesse sorrir, entretanto, ficou sério novamente. Às vezes, acho que tenta guardar seus sorrisos porque se preocupa que, se ele se permitir esse tipo de emoção, todas elas poderiam vir à tona.

— Você teve um pesadelo. Achei melhor te acordar.

Assenti. Ele estava parado ao lado da minha cama, meio inclinado sobre mim. Se eu estendesse a mão, poderia agarrar seu pescoço e puxá-lo. Meus dedos coçaram para fazer exatamente isso, no entanto, não me esqueci da sua rejeição há não muito tempo. Ele precisava dar o próximo passo e eu não tinha certeza se entrar no meu quarto para me acordar de um pesadelo contava como tal. Eu queria que sim. Sentei-me e meu cobertor caiu até a altura dos meus quadris. Eu vestia apenas uma camisola fina. Os olhos de Romero seguiram o movimento e pararam em meu peito.

— Obrigada por me acordar. Sonhei com a minha mãe. — Não tinha certeza de por que motivo falei isso. Meu pesadelo era a última coisa em que eu queria pensar, muito menos conversar com Romero sobre ele. Seus olhos voltaram para o meu rosto; às vezes, penso que poderia me afogar neles. Quando ele estava por perto, eu me sentia muito feliz e leve. De alguma forma, eu sabia que era ele a pessoa com quem eu estava destinada a ficar. Eu soube disso praticamente desde o início. Se havia algo como o destino, então era isso.

Romero afastou uma mecha de cabelo da minha testa e eu me inclinei com o toque. De alguma forma, ele estava mais perto agora.

— Você sente falta dela.

Assenti. Eu sentia, mas suas últimas palavras me assombravam mais do que sua morte. Sua tristeza por causa das coisas que ela sentia falta, a saudade em seus olhos… acho que eu nunca conseguiria esquecer aquilo. Romero e eu nos olhamos e ficamos apenas nos encarando. Na luz baixa que vinha do corredor, eu conseguia ver o conflito nos olhos dele. Eu queria avançar, porém, me detive. Tinha que ser forte, tinha que ter um pouco de amor-próprio.

Eu estava prestes a falar alguma coisa, qualquer coisa, para frear a tensão crescente, mas, então, Romero se abaixou e me beijou. Eu não esperava que ele fizesse isso e fiquei sem ar contra seus lábios, mas a minha surpresa durou apenas alguns segundos, logo envolvi meus braços em seu pescoço e retribuí o beijo com tudo o que havia em mim. Ele colocou um joelho na cama ao meu lado e segurou a minha cabeça. Seu beijo tirou o que restava do meu cansaço e da tristeza permanente do meu sonho. Não sei direito quanto tempo nosso beijo durou, com Romero ajoelhado na minha cama e eu meio sentada, mas ganhava mais vida a cada segundo. Em algum momento, eu me afastei, respirando pesado. Havia um latejar insistente entre as minhas pernas, mas eu sabia que seria errado ir mais além esta noite.

Romero acariciou meu rosto e ia se levantar, mas eu segurei seu braço.

— Eu não quero ficar sozinha esta noite.

Esperei que ele protestasse, mas não aconteceu. Meu coração desabou quando ele foi em direção à porta. Será que ele iria embora sem dizer nada? Pelo contrário, ele fechou a porta sem fazer barulho antes de voltar para a cama. A cada passo que ele dava em minha direção, meu coração parecia dilatar de emoção. Romero tirou o coldre e o colocou na mesa de cabeceira, depois, tirou os sapatos. Deslizei para o outro lado da cama para deixar espaço para ele, meu peito estava agitado pela emoção. Ele não ficou debaixo da coberta comigo como eu esperava, em vez disso, se esticou por cima dela. Espiei-o por sobre meu ombro. Ele parecia cansado, ainda mais cansado do que eu. Ele sorriu, parecendo quase conformado, com uma pitada de arrependimento. Ele colocou o

braço sorrateiramente na minha cintura e me abraçou junto ao seu corpo, com as minhas costas em seu peito e o cobertor entre nós dois. Eu queria que aquela barreira saísse dali, mas decidi deixar que fosse do jeito dele esta noite. Eu havia vencido uma pequena batalha, a guerra poderia esperar. Apesar do montinho material que havia entre nós, eu tinha quase certeza de que podia sentir o quanto nosso beijo afetara Romero. Sorrindo para mim mesma, fechei os olhos.

— Obrigada por ficar comigo.

Romero beijou a minha cabeça.

— Durma um pouco. Vou manter os pesadelos afastados.

— Sei que vai — sussurrei.

***

Quando o alarme me acordou na manhã seguinte, eu estava sozinha na cama. Sentei-me e apertei o botão que abria as cortinas. A luz cegante me saudou e eu rapidamente fechei os olhos. Quando finalmente comecei a me acostumar com a claridade, olhei pelo meu quarto por um sinal da estada de Romero, mas não havia nada. Podia muito bem ter sido um sonho. Por um momento de parar o coração, achei que havia sido justamente isso. Pressionei o nariz no travesseiro e absorvi o cheiro dele. Não foi um sonho. Saí da cama. Claro que ele não ficaria até de manhã. Romero era prudente, um de nós precisava ser. Se uma das minhas irmãs entrasse sem bater, o que já aconteceu, aí, poderíamos estar com sérios problemas. Ainda assim, ele ter me deixado sozinha sem falar nada pareceu uma pequena rejeição.

Controle-se, Lily.

Tínhamos que ser cuidadosos, senão eu seria mandada de volta para casa e não poderíamos passar mais nenhum tempo juntos. Este era um bom começo.

Começo de quê? Eu não era tão ingênua a ponto de acreditar que meu pai aceitaria Romero como um possível candidato a casamento. Eu nem tinha certeza se Romero me considerava alguém com quem ele iria querer se casar.

Mas eu estava me precipitando. Queria assumir riscos, aproveitar a vida e ser feliz. Esta noite com Romero foi um passo na direção certa.

Apressei-me no banho, mas dei uma atenção extra à maquiagem e aos cabelos. Depois desci. Dava para ouvir minhas irmãs já rindo na cozinha e segui o som. Elas estavam de pé ao lado da bancada segurando xícaras de café. Não havia mais ninguém lá, mas a mesa grande de madeira estava posta para seis pessoas, então, esperava que os homens se juntassem a nós mais tarde. Tentando esconder minha decepção por Romero ainda não estar lá, fui até elas. Aria me serviu uma xícara de café e me entregou com um olhar preocupado.

— Não conseguiu dormir de novo esta noite?

Parei com a xícara na boca e meu pulso acelerou. Será que elas viram Romero entrando no meu quarto? Ou, quem sabe, saindo de manhã?

— Por quê? — perguntei hesitante.

Gianna bufou. — Porque você está parecendo cansada *pra* caralho. Está com olheiras.

Achei que tivesse passado bastante corretivo. Droga!

— Estou bem. Sonhei com a mamãe, mas não foi ruim.

Aria passou o braço pelos meus ombros. — Ainda sobre o que ela te disse?

— É — falei evasiva. — Não consigo tirar suas palavras da minha mente.

— Não leve muito a sério tudo o que ela falou. Ela estava doente. Não é sua obrigação consertar os erros dela. Ela estava infeliz no final, mas a culpa era só dela — falou Gianna.

— Gianna — disse Aria em advertência.

— Não é como se mamãe tivesse tentado me culpar de alguma coisa. Ela apenas queria que eu fosse feliz.

— E você será feliz. Vamos garantir que seja — disse Aria, apertando meu ombro levemente antes de se afastar. — Vamos comer. Quem sabe quando os homens vão resolver aparecer. Eles tinham algo a discutir.

— É? — perguntei nervosa enquanto nos sentávamos à mesa. — Negócios? — Se eu já estava nervosa quando Romero e eu ainda não havíamos feito nada

de verdade, o quão pior seria quando algo estivesse realmente acontecendo?

Aria me lançou um olhar estranho. — Acho que sim. Eles só falam sobre isso.

— Você está meio estranha — falou Gianna enquanto pegava um pão doce da cesta de pães. Ela analisou meu rosto. — Aconteceu alguma coisa?

— Não — falei depressa demais. Peguei uma tigela, um pouco de cereal e leite. Felizmente os homens chegaram naquele instante. Congelei quando meus olhos pousaram em Romero. Seu olhar mal me tocou quando ele, Luca e Matteo dirigiram-se à mesa. Apesar de saber que tínhamos que agir normalmente e não atrair nenhuma suspeita, sua rejeição evidente em me olhar me deixou preocupada. Peguei minha colher e comecei a comer o cereal. Dava para sentir os olhos das minhas irmãs em mim. Elas me conheciam muito bem, mas eu não lhes daria nenhuma chance de desconfiar de nada. Eu não queria que elas tivessem que guardar um segredo de seus maridos, principalmente aquele tipo de segredo. Pelo resto do café da manhã eu me certifiquei de manter os olhos longe de Romero e conversei com as minhas irmãs.

Depois do café, Aria e Gianna decidiram ir de novo para a piscina. Eu fui para o meu quarto vestir um biquíni, uma coisinha fofa rosa com bolinhas brancas. Quando saí, quase esbarrei num peitoral rígido. Engasguei, porque não esperava que houvesse alguém em frente à minha porta.

— Meu Deus, você me assustou — falei rindo de leve.

Romero não falou nada. Seus olhos passearam pelo meu corpo.

— Você está de tirar o fôlego.

Eu não consegui conter uma ironia.

— Você não pareceu reparar no café da manhã.

Romero encontrou meu olhar.

— Eu reparei, acredite. É impossível não reparar — falou baixinho. Estávamos sozinhos no corredor e perto o bastante para eu poder sentir o cheiro de sua loção pós-barba. — Eu não quis te ignorar, mas não temos escolha. Isso tem que continuar sendo um segredo.

— Isso? — perguntei. — E o que é “isso” exatamente? — Nós mal havíamos feito alguma coisa. Nos beijamos três vezes, mas foi só isso.

— Não sei. Talvez nada. Mas eu quero você, Lily. Não consigo parar de pensar em você. Não importa o que eu faça, você sempre está lá.

Exalei. Parecia um peso enorme saindo dos meus ombros. Então, não era só eu.

— Eu também quero você. O que faremos agora? — Dei um passo, me aproximando. Os olhos de Romero viajaram pelo meu corpo mais uma vez, o que me fez formigar por inteiro. Como seria se ele tocasse cada local por onde seus olhos passavam?

Romero se aproximou e eu coloquei a cabeça para trás para olhar em seu rosto. Ele não me tocou, embora eu quisesse.

— O que eu quero fazer é te levar para o seu quarto e arrancar seu biquíni, depois, provar cada centímetro da sua pele. Sei que terá um gosto absolutamente perfeito.

— Por que não descobre? — sussurrei.

— Porra — resmungou Romero. Ele segurou a minha cabeça e a inclinou para o lado, então, se abaixou e deu um beijo de boca aberta na minha jugular antes de trilhá-la com a língua. Deixei escapar um gemido constrangedor quando meu centro de prazer se contraiu de excitação. Inclinei ainda mais a cabeça para o lado, dando-lhe melhor acesso, mas ele saiu do meu pescoço e beijou a minha boca. Eu me pressionei contra ele. Sua camisa pareceu fria contra a minha pele nua. Um barulho em algum lugar na casa fez com que nos afastássemos. Não havia ninguém no corredor, porém, foi um bom lembrete de que precisávamos tomar cuidado. Depois de outra olhada no corredor, Romero segurou meu rosto outra vez. — Seu gosto é mesmo tão perfeito quanto pensei.

Sorri. — Você nem me provou toda. — Meu rosto incendiou quando me dei conta do que falei e de como Romero entenderia.

Os olhos de Romero obscureceram com o que eu desconfiava ser desejo.

— Eu pretendo fazer isso, acredite.

Eu estremeci.

— Pretende?

— Ah, sim. — Ele suspirou, depois recuou. — Mas precisamos ser cuidadosos. Estamos num caminho perigoso.

— Eu sei e não me importo. Eu quero.

Romero me beijou de novo. Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei como você fez isso, mas eu não consigo te tirar da cabeça. E agora, isto. — Ele fez um gesto para o meu biquíni. — Você tem sorte em não poder ler a minha mente, pois ficaria chocada.

— Não tão chocada quanto você, se pudesse ler a minha — falei com o que esperava ser um sorriso sedutor. Virei-me e fui embora, assegurando-me de andar rebolando.

Romero

Enquanto assistia a Lily se afastar, quase gemi. O biquíni minúsculo mal cobria sua bunda perfeita e suas longas pernas me deixaram louco. Eu queria ler a mente dela, queria descobrir o que ela desejava, e lhe dar.

Seu comentário anterior sobre prová-la encheu a minha mente de imagens da minha boca na boceta dela. Mal podia esperar para descobrir se era tão rosada e perfeita quanto eu imaginava. Queria chupá-la até ela implorar por misericórdia.

Minha calça ficou desconfortável e eu tive que ajeitá-la para dar um pouco mais de espaço para o meu pau. Como eu conseguiria me conter se continuava pensando em prová-la? Já foi bastante difícil ficar deitado na cama dela à noite sem essas imagens na minha cabeça me torturando. Eu sabia que Lily me visitaria novamente à noite. Agora que sabia o quanto eu a queria, ela aproveitaria a oportunidade.

Mas eu também sabia que precisava estabelecer certos limites. Flertar e beijar ainda era aceitável, embora eu estivesse bastante certo de que Luca e Aria, e, principalmente, Scuderi não concordariam. Levar as coisas mais adiante era algo que eu não poderia arriscar. Fiz uma promessa a Luca e deveria, pelo

menos, tentar mantê-la até certo ponto.



CAPÍTULO NOVE

Liliana

Naquela noite, eu entrei no quarto de Romero mais uma vez. As luzes estavam apagadas, mas ele estava sentado encostado na cabeceira. Ele não falou nada quando me aproximei da cama e, de repente, fiquei nervosa.

— Ei — sussurrei, depois bocejei porque fora um longo dia e, como de costume, o sono fugiu de mim. — Posso ficar na sua cama?

Romero ergueu o cobertor. Deslizei depressa ali para baixo, porém, não me aconcheguei a ele, subitamente tímida. Romero olhou para mim, depois, tirou alguns fios de cabelo da minha testa. Apoiei-me em meus cotovelos para beijá-lo, mas ele balançou a cabeça em negação. Congelei.

— Não acho que devemos nos beijar se estivermos juntos na cama.

— Você não quer mais me beijar? Foi tão ruim assim?

— Não, eu ainda quero te beijar e vou te beijar, mas não quando estivermos na cama. Existem certos limites que não devemos ultrapassar, Lily.

— Certo — respondi devagar. Talvez ele estivesse certo. Beijar na cama era um pequeno passo para fazer muito mais e algumas coisas simplesmente não podiam ser desfeitas. — Mas podemos ficar abraçados?

Romero riu. — Eu deveria falar que não — murmurou. — Mas já estou ferrado mesmo.

Ele se deitou e abriu os braços. Eu me aproximei mais dele e deitei a cabeça

em seu braço. Não tinha certeza de por que eu me sentia tão confortável em sua presença. Eu não era alguém que gostava de contato físico com pessoas que não conhecia, mas sempre queria intimidade com Romero.

Fechei os olhos, mas não adormeci imediatamente.

— Você já se arrependeu de trabalhar para Luca? Como filho de um soldado, devia ter a opção de não se tornar parte da *Famiglia*. Você poderia ter tido uma vida normal.

— Não. Eu sempre quis isso — disse Romero. Ele corria os dedos pelo meu antebraço de um jeito bem distraído, mas eu não sabia se ele se dava conta do que estava fazendo. — Conheço Luca e Matteo muito antes de ser iniciado. Eu sempre admirei Luca porque ele era mais velho e forte como um touro, e Matteo e eu sempre nos metíamos em confusão juntos.

— Aposto que Matteo se metia em confusão e você tinha que salvar o rabo dele.

Romero soltou uma risada.

— É, mais por aí. Quando Luca se tornou um Homem de Honra e eu ouvi a história de como ele matou pela primeira vez aos onze anos, eu não quis nada além do que ser como ele.

— Você só tinha oito anos na época. Não deveria estar brincando de carrinho em vez disso?

— Eu sempre soube que queria me tornar um membro da *Famiglia*. Queria ser o melhor lutador deles. Frequentemente, eu treinava com Matteo e, no início, até com Luca. Eles acabavam comigo. Mas aprendia rápido, e quando fui iniciado alguns anos depois, apenas alguns conseguiam me encarar numa luta de facas e fiquei cada vez melhor com o passar do tempo. Trabalhei duro.

Dava para notar que ele tinha orgulho do que conquistou.

— O que a sua família queria? Eles tentaram te manter longe da máfia?

— Meu pai não queria esta vida para mim. Ele tinha que fazer muitas coisas horríveis como cobrador de dívidas. Só que ele e a minha mãe confiavam em mim para decidir sozinho.

Como devia ser ter pessoas que confiavam em você para tomar suas próprias decisões?

— Esta vida te faz feliz? — perguntei calmamente. Às vezes eu queria que houvesse uma definição fácil para o que me fazia feliz.

— Por vezes, sim, mas ninguém pode ser feliz o tempo todo. — Ele ficou calado por um segundo. — O que te faz feliz?

— Não sei. Isto, mas sei que é passageiro.

O peito de Romero subiu e desceu sob meu rosto até que tive certeza de que ele adormecera.

— A felicidade geralmente é. Isso não significa que não possa aproveitá-la enquanto durar.

***

Lá no fundo eu sabia que precisava parar essa loucura. Se alguém nos pegasse, nossas vidas estariam arruinadas. Mas eu não conseguia. Sempre que estava perto de Romero, o sofrimento que repousava tão profundamente em mim nas últimas semanas parecia suportável. Tudo parecia mais leve e mais esperançoso.

Abri a porta. Como sempre, as luzes estavam apagadas, mas as cortinas não estavam fechadas, assim, a luz da lua iluminava os contornos dos móveis e me mostrava o caminho para a cama. Fechei a porta sem fazer barulho e atravessei o quarto nas pontas dos pés. Romero não estava dormindo. Pude sentir seus olhos me seguindo conforme eu escorregava para baixo da coberta. Ele estava deitado de costas com os braços apoiados atrás da cabeça. Não consegui decifrar sua expressão. Ele esperou que eu deitasse a cabeça em seu peito para poder me abraçar. Ele nunca daria o primeiro passo, mas esta noite eu não queria apenas dormir ao lado dele. Eu não sabia exatamente o que queria, mas com certeza era mais. Agradeci pelo escuro quando fiquei de joelhos e montei em seus quadris.

Romero ficou tenso debaixo de mim e se sentou, espalmando meus ombros.

— O que você está fazendo? — murmurou ele com uma propriedade em sua voz que eu nunca ouvira antes.

— Não sei — sussurrei antes de roçar meus lábios levemente nos dele. Não sabia bem que tipo de reação eu esperava, definitivamente não foi a que recebi. Ele nos virou, então, minhas costas ficaram pressionadas no colchão e ele, pairando sobre mim. Ele não estava me segurando, mas seu corpo me prendia; seus joelhos, entre as minhas pernas; seus braços, ao lado da minha cabeça e a parte superior de seu corpo, sobre mim. Romero por todos os lugares. Meu Deus… uma sensação deliciosa. Talvez devesse haver nervosismo e hesitação. Estávamos sozinhos no quarto e se eu gritasse por ajuda estaria com mais problemas do que deixando-o fazer o que quisesse. Mas eu não tinha medo de Romero. Talvez fosse burra por isso. Eu sabia do que ele era capaz. Ele era um assassino. E um homem adulto, que já teve muitas mulheres antes de mim que se entregaram ao lhe oferecer seus corpos. Todos sempre me disseram que fazer joguinhos iria me meter em problemas algum dia. Talvez esta noite provasse que eles estavam com razão.

Apesar disso, meu corpo reagiu à proximidade de Romero. Meu centro se contraiu de ansiedade, eu não estava totalmente certa do motivo disso, e o calor se acumulou na minha barriga. Por muito tempo o único barulho no escuro foi da nossa respiração rápida.

— Lily — falou ele em voz baixa, implorando. — Eu me orgulho do meu autocontrole, mas sou um homem e um não muito bom. Até agora, tentei ser um cavalheiro. Sei que você está triste e sozinha e eu não queria me aproveitar de você. Mas se der o próximo passo e oferecer mais, aí, você não pode esperar que eu não aceite a sua oferta.

— Talvez seja o que eu quero. — Meu coração martelou dentro do peito quando as palavras saíram da minha boca.

Romero passou os lábios na minha têmpora, o mínimo toque me fez formigar.

— Você tem noção do que está oferecendo, Lily?

Hesitei.

Romero respirou fundo, beijou minha testa e começou a recuar.

Eu agarrei seus ombros, até por cima da camisa seu calor parecia me queimar.

— Às vezes, quando estou sozinha, tento imaginar como seria se você me tocasse.

— Caralho — sussurrou ele. Depois, me beijou com suavidade antes de recuar de novo. Nem mesmo as minhas mãos conseguiram impedi-lo desta vez.

— Por que você está se afastando?

— Luzes.

— Luzes? — falei nervosa.

— Preciso ver seu rosto. — Ele acendeu as luzes e eu pisquei contra a claridade repentina. Ele se deitou ao meu lado, mas manteve um braço na minha cintura. — Quando você imagina o meu toque, você chega a se tocar? — perguntou com a voz baixa.

Arregalei um pouco os olhos, o calor invadiu meu rosto. Romero segurou minha bochecha e tracejou o rubor.

— Diga — falou.

Abaixei o olhar para o seu queixo.

— Sim — admiti num sussurro. O que será que ele pensaria de mim agora?

Romero encostou o nariz nos meus cabelos.

— Caralho.

— Você já disse isso.

Ele não riu como eu esperava que fizesse. Ele estava muito quieto. Sua mão na minha cintura ficou mais apertada quando ele levantou a cabeça e me encarou com olhos famintos. Ele levou a boca à minha e eu abri os lábios para ele. Sua língua deslizou para dentro e tudo à minha volta pareceu se tornar insignificante enquanto eu o saboreava. Não foi nosso primeiro beijo, mas pareceu algo completamente diferente, deitada na cama com ele, sem nada para nos parar. Seu beijo era violento. Não havia hesitação nem surpresa desta vez. Ele chupou meu

lábio inferior, depois, a minha língua. Ele a chupou delicadamente e eu não sabia bem como era possível sentir todo o movimento no meio das minhas pernas.

— Está bem assim? — murmurou no meu pescoço e eu só consegui assentir. Aria e Gianna sempre me chamaram de tagarela, mas com Romero as palavras falhavam frequentemente. Seus lábios trilharam levemente a pele sobre a minha clavícula, depois, sua língua saiu para me provar. Sua boca se moveu ainda mais para baixo no decote do meu baby doll. Seus dedos percorreram o tecido e seus lábios seguiram o mesmo caminho. Arqueei as costas, querendo que ele descesse ainda mais, que fizesse mais.

— Você disse que eu deveria descobrir como é o seu gosto em todos os lugares. Estou muito tentado a fazer isso — murmurou. Ele olhou para cima. Seu olhar era de predador. A única expressão que já havia se aproximado disso foi quando ele estava no porão com os russos. Havia algo de sombrio e descontrolado em seus olhos castanhos, mas, desta vez, eu não tive medo. — O que você quer? — perguntou ele asperamente.

Quem dera eu soubesse. — Mais — falei baixinho.

Romero abaixou o olhar para o meu peito. Meus mamilos enrijeceram por baixo do material fino do baby doll, duros e ansiando por atenção. Romero passou o polegar levemente sobre um bico e eu fiquei sem ar.

— Assim? — perguntou.

Assenti furiosamente. — Mais.

Romero riu e o som me fez ansiar ainda mais pelo seu toque. Ele pegou meus dois mamilos entre os polegares e os indicadores e torceu-os levemente por cima da seda. Fechei os olhos com a sensação no meio das minhas pernas. Comprimi as coxas, desesperada por algum tipo de alívio. Romero segurou meu mamilo com os lábios, chupando-o delicadamente. Por alguma razão, o tecido pareceu intensificar ainda mais as sensações. Eu estava perto de explodir. Sua mão roçou no osso do meu quadril antes de ir para a bainha do meu baby doll e suavemente percorrer a minha barriga. Arrepios cobriram a minha pele com o toque leve. Ele soltou meu mamilo, mas o tecido molhado do baby doll ficou grudado nele. Eu

mal podia acreditar que isso estava finalmente acontecendo.

Romero mudou para o outro mamilo e repetiu o mesmo processo. Esfreguei as coxas. A tensão entre elas estava quase insuportável. Os olhos de Romero seguiram o movimento antes de correrem para o meu rosto.

— Você quer que eu te toque lá?

Assenti depressa. Romero sorriu. Ele desceu a mão pela lateral do meu corpo até alcançar a minha coxa, acariciou a parte externa suavemente, sem tirar os olhos do meu rosto, garantindo que eu estava bem. Suas carícias aproximaram-se da parte interna da coxa até que eu não queria nada além de pegar sua mão e empurrá-la para dentro da minha calcinha. Como se pudesse sentir a minha impaciência, Romero puxou meu short de leve. Abri as pernas sem nem pensar, num convite silencioso. Será que eu estava sendo muito atrevida? Não me importava.

Ele deslizou a mão para dentro do meu short, seus dedos tracejaram a pele sensível na beira da minha calcinha. Ele observou atentamente meu rosto quando enfiou o indicador por baixo do tecido, passando-o em minhas dobras. Ofeguei e gemi. Eu já estava tão molhada que seu dedo deslizou em mim com facilidade. Seus lábios reivindicaram os meus com menos controle que antes e eu não me importei.

— Está bem assim? — rosnou ele entre beijos enquanto seu dedo continuava passeando em minhas dobras suavemente. Faíscas pareciam voar em meu centro de prazer. Era bem mais intenso do que quando eu me tocava.

— Está — sussurrei.

Ele movimentou o dedo mais para cima em minhas dobras, espalhando minha umidade para o meu montinho. Ele começou a massagear para frente e para trás, um toque leve que era incrível. Meus quadris moviam-se por causa da sensação intensa. Gemi em sua boca, abrindo ainda mais as pernas para dar-lhe melhor acesso. Ele beijou meu pescoço, depois, chupou meu mamilo de novo, ensopando mais o baby doll. Seus dedos entre as minhas pernas me levaram cada vez mais para o ápice.

— Você é tão gostosa, Lily. Tão macia, molhada e quente — murmurou.

Choraminguei em resposta. Ouvi-lo dizer essas palavras me fizeram relaxar mais sob seu toque. Ele era gentil e ia com calma. Passei as mãos em suas costas e em seus cabelos, querendo sentir o máximo possível dele, querendo tê-lo mais perto de todas as maneiras possíveis. Eu sempre o quis e as minhas irmãs sempre me disseram que este sentimento pararia com o tempo, mas o meu desejo só aumentou. Eu não achava que algum dia pararia, não que eu quisesse isso.

A outra mão de Romero foi para o decote da blusa do baby doll e o abaixou, libertando meu seio. Eu tive que lutar contra o impulso de me cobrir. Por algum motivo era mais difícil ficar nua diante dos olhos dele do que tê-lo me tocando no meu local mais íntimo. O constrangimento saiu voando pela janela quando Romero abaixou a cabeça e prendeu meu mamilo em seus lábios. Ao mesmo tempo, seu dedo no meu clitóris começou a acelerar. Eu estremeci e enterrei o rosto no vão do pescoço de Romero. Ele lambeu meu mamilo com suavidade e foi bem melhor sem a barreira do tecido. Meus gemidos constrangedores e suspiros sem fôlego não puderam ser reprimidos contra sua pele. Comprimi os lábios, tentando conter os sons, mas tudo que Romero fazia era gostoso.

Romero soltou meu mamilo.

— Quero poder ouvir seus gemidos. Adoro o som deles.

Levantei a cabeça. — Sério?

Romero sorriu de um jeito que eu nunca tinha visto. Era mais sombrio, mais perigoso e indescritivelmente sexy.

— Sério. Você consegue sentir o quanto eu adoro?

Ele se encostou com um pouco mais de pressão em mim e algo duro e quente afundou na minha perna. Eu mal podia acreditar que fiz isso com ele. Romero beijou a minha boca, depois, embaixo do meu queixo, meu pescoço, até voltar ao meu mamilo. Ele fez círculos em volta dele com a língua, e mudou para o outro seio.

— Eu queria fazer isso há tanto tempo. Caralho, eu não ligo que seja errado, isso vai contra a minha promessa, não consigo resistir a você.

Ouvi-lo dizer isso pareceu a vitória final, e quando ele voltou a chupar meu mamilo, eu desmoronei. Reprimi meus gritos no travesseiro, sabendo que precisávamos ser cuidadosos.

Romero beijou meu pescoço e eu sorri para ele.

— Uau.

— É, uau. Assistir você foi impressionante *pra* caralho.

Ergui-me nos cotovelos e meus olhos desceram para o volume em sua cueca boxer. Eu queria vê-lo nu novamente desde que o vi no chuveiro. Pousei a mão em sua ereção. Mesmo por cima da boxer ele estava incrivelmente quente.

— Não sei se é uma boa ideia — falou Romero em advertência, mas ele ficou ainda mais duro sob meu toque.

— Eu quero — falei.

Romero não protestou. Ele ergueu os quadris e abaixou a boxer. Sua ereção se libertou.

Envolvi a base com os dedos, surpresa com a grossura. Romero respirou fundo e caiu de costas na cama com as mãos no colchão. Acariciei-o levemente para cima e para baixo, corri os dedos sobre a ponta e voltei para o saco. Eu não conseguia parar de explorá-lo, curiosa e excitada ao mesmo tempo.

Romero segurou meu rosto e eu me virei para olhar para ele, mas não parei com a minha exploração.

— Porra, Lily, você está me deixando louco.

— Como você quer que eu te toque? — perguntei baixinho. Eu queria fazê-lo se sentir tão bem quanto ele fez comigo. Ouvi Gianna falar algo sobre boquetes com Aria uma vez e que isso deixava qualquer homem de joelhos, mas eu não tinha certeza se conseguiria fazer isso de uma maneira satisfatória. Talvez eu devesse pedir instruções a Gianna…

— Você está indo bem.

Eu não queria ir bem. Eu queria ser incrível. Deixando minhas preocupações de lado, inclinei-me sobre ele e o coloquei na boca.

Surpreso, Romero deu um pulo debaixo de mim e agarrou a minha nuca.

— Não precisa fazer isso.

Isso não saiu com convicção. Eu lambi da base até a cabeça. Ele não tinha gosto de nada, exceto pela ponta onde algumas gotas se juntaram. Eu as lambi sem pensar.

Romero falou palavrões, passando a mão pelos meus cabelos.

— Estou fazendo certo? — perguntei depois de alguns minutos.

— Com toda a porra de certeza. Você nem sabe o quanto é difícil não empurrar na sua boca.

— Se é o que você quer, pode fazer.

— Não, hoje não. Não tenha pressa e faça o que quiser. Eu vou gostar de tudo, acredite — disse ele com a voz baixa. E assim eu fiz. Lambi em volta da ponta e o coloquei na boca, passando a língua pela sua extensão várias vezes. Romero não emitiu muitos sons, mas sua mão apertava em meus cabelos e ele respirava fundo de vez em quando.

— Eu vou gozar — avisou. Eu chupei com mais vontade, segurando em suas coxas para me dar um impulso melhor, então, Romero gozou gemendo baixo. Eu o mantive em minha boca, esperando que ele amolecesse, mas isso não aconteceu. Ele não estava tão duro quanto antes, porém, definitivamente não estava mole.

— Eu falei como um aviso. Você não tinha que engolir, Lily — falou Romero. Ele me puxou para si e me beijou. — Você está bem? Ou foi horrível?

— Horrível? Não. Por quê? Eu queria fazer você se sentir bem. E não liguei quando você gozou na minha boca.

Romero soltou uma risada sem fôlego.

— Não fale essas coisas para mim. Não vou conseguir mais focar em nada.

Eu sorri, e meus olhos voaram novamente para a ereção de Romero.

— Por que não fica mole?

Dava para notar a confusão de Romero, então, veio a compreensão e sua boca se retorceu num sorriso que beirava o orgulho.

— Só porque eu gozei não quer dizer que não continuo excitado. Custa mais

do que um orgasmo para *me deixar mole.*

— Sério? — perguntei maliciosamente.

Romero balançou a cabeça. — Não esta noite. Está tarde. Você não pode ficar tanto tempo.

A decepção expulsou minha empolgação. — Eu sei.

Romero acariciou meu rosto. — Temos que ser cautelosos. Acredite quando digo que adoraria passar a noite inteira com você.

Assenti e deitei a cabeça no peito dele. Queria dormir algumas horinhas antes de ter que voltar escondida para o meu quarto.

Aproveite o momento, falei para mim mesma antes de adormecer.



CAPÍTULO DEZ

Romero

Depois que Lily me fez aquele boquete, passei o dia seguinte pensando apenas em retribuir o favor com a minha língua. Ainda bem que a mansão não era o lugar mais perigoso porque o meu foco já era. Não acho que teria feito um bom trabalho protegendo alguém se tivéssemos sido atacados.

Meu pau estava tão duro que quase doía enquanto eu esperava, na minha cama, que Lily viesse esta noite. Quando deu meia-noite e ela ainda não havia chegado, quase fui procurá-la. Não conseguia me lembrar da última vez que fiquei com tanto tesão.

Quando a minha porta enfim abriu e Lily entrou, tive que me impedir de empurrá-la contra a parede e meter nela. Essa era a única coisa que eu não podia fazer. Muitas linhas já tinham sido cruzadas, mas era aí que eu precisava traçar o limite.

Lily pulou na cama e me beijou avidamente. Pelo visto, eu não era o único esperando por isso.

— Gianna e Matteo estavam no corredor, então, tive que esperar — disse ela, já enfiando a mão por baixo da minha camisa.

Eu adorava seu toque, mas era a minha vez. Eu a segurei e a virei de costas. Ela engasgou de surpresa. Enganchei as mãos no cós da calcinha dela e a abaixei, depois, parei. Isso ainda era novo para Lily. Não poderia tratá-la como

as mulheres com quem estive antes.

— Está bem assim?

Ela levantou as pernas para me ajudar a puxar a calcinha até seus pés. E assentiu depressa. Havia apenas necessidade em seus olhos. Eu sorri. Posicionei-me entre as pernas dela e uma pitada de constrangimento apareceu em seu lindo rosto, mas não lhe dei tempo para pensar sobre isso. Abaixei-me, afastei suas pernas e dei uma longa lambida.

E, caramba, o gosto dela era ainda melhor do que eu imaginara.

Liliana

Na escola, já tinha ouvido as garotas conversando sobre os garotos caindo de boca nelas, mas nunca consegui imaginar como seria ter a boca de alguém em mim desse jeito. Será que seria estranho? Molhado? Nojento? Constrangedor?

Não foi nada disso. Foi avassaladoramente incrível. Ou, quem sabe, foi só porque Romero sabia exatamente o que fazer, como mordiscar, chupar e lamber até eu enfiar os dedos no colchão porque não conseguia mais me aguentar de prazer. E parecia ficar melhor a cada vez que fazíamos isso. Passaram-se semanas, e todas as noites Romero me dava prazer com sua boca. Ele parecia gostar disso tanto quanto eu gostava de cair de boca nele.

Esta noite, ele estava indo com calma e eu não tinha nenhuma intenção de apressá-lo. Foi tão gostoso… A barba de Romero me arranhava levemente de vez em quando, o que intensificava ainda mais as sensações. Ele levantou a cabeça e eu bufei em protesto.

Ele riu, mas não desceu a boca.

— Diga quando for gozar, tudo bem? Quero saber.

— Tudo bem — falei, depois, gemi quando Romero fechou os lábios no meu clitóris e continuou de onde havia parado.

Pude sentir que estava quase lá. Minhas coxas começaram a tremer.

— Vou gozar — falei sem ar, envolvida demais em meu prazer para sentir vergonha.

O dedo de Romero roçou na minha abertura e, então, ele o deslizou para dentro. Eu arqueei as costas. Houve um lampejo de dor, mas, por algum motivo, isso só me fez gozar mais forte ainda.

No fim, fiquei deitada na cama sem me mexer, tentando recuperar o fôlego.

Romero suspirou pesadamente.

— Cacete. Você é tão apertada.

Não consegui responder nada, afetada demais pela sensação dele dentro de mim. Ele movimentou o dedo lentamente, massageando as minhas paredes internas, triplicando as sensações em meu corpo, curvou o dedo e meus quadris deixaram o colchão quando eu perdi o fôlego em surpresa e outro orgasmo me sacudiu. Ele tirou o dedo e o pôs na boca. Só consegui olhar, curiosamente excitada pela visão.

Romero arrastou-se para cima de mim.

Uma dúvida ficou na minha mente: e se a leve dor significava que Romero rompeu meu hímen? Era ridículo eu sequer me preocupar com algo assim.

Romero alisou minhas sobrancelhas.

— Ei, eu te machuquei?

— Não, eu… só estava me perguntando se… — fiquei com vergonha de manifestar minhas preocupações.

Romero pareceu descobrir sozinho.

— Você está com medo de não ser mais virgem porque coloquei o dedo em você. — Não consegui decifrar a emoção em sua voz. Será que estava com raiva? Irritado?

Ele segurou a minha nuca. — Eu não faria isso com você, Lily. Eu não tiraria sua virgindade sem permissão e, mesmo que… — Ele balançou a cabeça. — Eu nem deveria pensar em tirar sua virgindade. Mas não precisa se preocupar. Meu dedo não é tão grosso e eu não fui tão fundo para causar qualquer dano. Você está segura.

— Eu não fiquei com medo, só… — O quê? Eu fiquei preocupada. Não havia por que negar. Não que eu não quisesse Romero. Eu queria. Só que era um passo enorme, um passo que não tinha volta.

— Está tudo bem. Você deveria ter medo disso. Sua vida estaria arruinada se você perdesse a virgindade antes da sua noite de núpcias — falou com uma voz estranha. Ele me abraçou e, então, eu não consegui mais ver seu rosto.

— Eu quero que seja com você, sabia? — sussurrei no escuro.

— Mas eu não posso fazer isso — expôs Romero apertando os dedos em meu braço.

— Por que não?

— Lily — manifestou Romero quase com raiva. — Você sabe por que não. Até agora tivemos sorte de não sermos pegos. Suas irmãs e Luca já suspeitam do jeito que está. Neste momento, ainda podemos negar tudo e ninguém poderá provar o contrário, mas se transarmos, aí, haverá uma evidência.

— Evidência? — Eu me irritei. — Não estamos planejando cometer um crime.

— Em nosso mundo é, sim, um crime. Não vivemos sob as regras do mundo exterior e você sabe disso.

— Nós só queremos estar juntos porque nos amamos. É tão ruim assim? — Fechei a boca apressada quando me dei conta do que havia dito. Eu praticamente coloquei as palavras “eu te amo” na boca de Romero quando ele nunca as dissera. Eu também ainda não havia dito, mas sabia que o amava. Será que ele também me amava?

Ele parou de se mexer e, por um momento, até parou de respirar.

— Caralho — sussurrou asperamente. Ele depositou um beijo em minha têmpora. — Isso está saindo de controle.

— Eu estou falando sério, Romero. Eu amo você — falei.

Ele ficou calado. — Não deveria. Não temos futuro juntos, Lily.

Meu coração doeu com as palavras dele. Eu não queria que fossem verdadeiras.

— Você não sabe disso.

— Você tem razão — acabou concordando. Ele beijou a minha têmpora outra vez, depois, nenhum de nós dois falou mais nada.

***

Mamãe morreu com saudade em seus olhos e arrependimento nos lábios. Não era assim que eu queria terminar. Eu não queria ter uma pilha de “e se” e “como teria sido” na minha mente durante as últimas horas da minha existência. Eu queria olhar para trás e não me perguntar o quão maravilhosa a vida poderia ter sido. Eu queria Romero. Eu queria que Romero fosse o meu primeiro, queria compartilhar tudo com ele. Neste exato momento, eu não queria nada além disso, e sabia que mesmo que um dia me arrependesse, esse arrependimento nunca seria tão torturante quanto o que sentiria se não fizesse, o que sempre me deixaria imaginando como teria sido me tornar uma só com a pessoa que eu amava. Às vezes, é preciso arriscar algo para viver e Romero era um risco que eu estava disposta a assumir. Só conseguia pensar nisso enquanto desfrutava dos últimos segundos do meu orgasmo.

Romero subiu em mim e me deu um selinho. Ele estava prestes a se deitar ao meu lado como sempre fazia depois de cuidar de mim, mas segurei seus ombros.

— Eu não quero que pare esta noite.

Ele ficou imóvel. Seus olhos escuros percorreram o contorno do meu rosto como se esperasse encontrar alguma pontada de arrependimento em algum lugar, mas eu sabia que não encontraria nada. Passei noites demais ansiando, imaginando e desejando e, esta noite, eu finalmente conseguiria o que queria. Claro que precisava da cooperação de Romero, porém, eu tinha a sensação de que ele não me rejeitaria. Ele era leal e responsável, mas também um homem, e me queria. Dava para ver em seus olhos, e sua ereção pressionando o meu quadril também era um bom indicativo disso.

— Lily — rosnou Romero, e limpou a garganta. Tive que reprimir um

sorriso. — Isso é algo que não pode ser desfeito. Tudo que fizemos até agora é fácil de esconder, mas passou daqui, existem maneiras de provar nossas… transgressões.

Eu ri de leve. — Trangressões? — Levantei a cabeça e o beijei. — Como isso pode ser errado? — Claro que eu sabia que papai e muitas outras pessoas em nosso mundo poderiam ter escrito um romance com todas essas maneiras, mas eu não me importava. Não havia nenhuma parte minha que pensava que o que estávamos fazendo era errado, e era só isso que importava.

— Nós já conversamos sobre isso. Eu não deveria fazer nada. Pelo amor de Deus, prometi a Luca que te protegeria. De que forma arruinar a sua vida é te proteger?

— Você não está arruinando a minha vida. Eu quero, isso não conta?

— Claro que conta.

Eu me encostei a ele e segurei seu pau por cima da boxer.

— Eu quero você. Só você. Quero que você seja o primeiro. — Eu queria que ele fosse o único. — Você não quer ser o meu primeiro?

Romero soltou uma risada e beijou o canto da minha boca, depois, minha bochecha antes de seus olhos focarem nos meus novamente.

— Você sabe o quanto eu te quero. Mal consigo pensar em outra coisa.

Apertei sua ereção.

— Eu sei.

Ele exalou profundamente, e soltou uma risada baixa.

— Você me tem nas mãos de todas as maneiras possíveis. Não deveria ser assim.

Sorri. Foi bom saber que eu tinha esse tipo de poder sobre alguém como Romero. Só que ele tinha o mesmo poder sobre mim e sobre meu coração. Era assustador saber que outra pessoa tinha o poder de partir seu coração com poucas palavras. O amor era assustador.

— Eu quero que seja com você, Romero. Não quero nenhum outro. Por favor.

Ele me beijou mais uma vez, mais intenso desta vez, e empurrou levemente em minha mão. Ele estava quente e duro e eu mal podia esperar para senti-lo dentro de mim.

— Tem certeza? — perguntou, porém, mal havia qualquer veemência nas palavras.

— Tenho. Eu quero você.

Romero assentiu. Excitação e nervosismo explodiram em meu corpo. Eu meio que esperava que ele ficasse contra, mas fiquei contente por não tentar me convencer do contrário. Hoje, eu finalmente me tornaria dele.

Romero

Eu deveria ser a voz da razão, quem protege Lily de si mesma e de mim, mas eu não era tão forte quanto todos pensavam. Luca acreditava em mim, confiava na minha lealdade e no meu controle. Ele não me conhecia suficientemente bem. Confiança e desejo enchiam os lindos olhos azuis de Lily. Ela me queria e, caramba, eu a queria mais do que qualquer coisa. A porra do tempo todo em que eu a fodia com meu dedo imaginava como seria estar com meu pau dentro dela, sentir suas paredes quentes ao meu redor. Eu não podia rejeitá-la. Talvez se houvesse um lampejo de dúvida em seu olhar, porém, não havia nada. Saboreei mais uma vez sua boca. Ela era doce, macia e irresistível. Ela apertou meu pau e ergueu levemente os quadris, um convite que eu conhecia muito bem e ansiava por aceitar. Afastei-me de seus lábios.

— Ainda não.

— Mas… — começou a falar. Deslizei a mão para o meio de suas pernas e enfiei meu dedo do meio nela. Ela soltou um suspiro baixo e se abriu um pouco mais para mim. Eu adorava o quanto ela era responsiva. Sempre molhada para mim. Houve vários momentos na minha vida em que eu me senti poderoso, mas dar prazer a Lily superava todos eles. Ela não disse mais nada, apenas fechou os olhos e relaxou, confiando em mim para fazê-la se sentir bem. Eu beijei seu seio, mordisquei seu mamilo enquanto botava e tirava o dedo lentamente. A

respiração dela acelerou, porém, eu mantive um ritmo constante. Cheguei mais para baixo e me posicionei entre suas coxas. Deixei-me aproveitar a visão do meu dedo entrando em sua perfeita boceta rosada. Tudo nela era lindo. Inclinei-me para frente, incapaz de resistir por mais tempo. Abocanhei seu monte de nervos e provoquei-a com meus lábios e minha língua enquanto continuava enfiando o dedo nela, mais fundo e mais forte agora. Dava para sentir seu hímen sempre que empurrava. Pressionei a língua em seu clitóris e deslizei outro dedo dentro dela. Nunca havia tentado isso antes e suas paredes contraíram ao redor dos meus dedos. Sua respiração ficou presa pela surpresa e ela enrijeceu debaixo de mim. Passei a língua em volta dela do jeito que ela gostava, depois a chupei. A tensão saiu de seu corpo e uma nova onda de umidade veio a seguir, facilitando que meus dedos entrassem nela. Encontrei um ritmo lento conforme ouvia os gemidos e suspiros doces que saíam de seus lábios. Eu poderia escutá-la para sempre. Nunca me cansava de lhe dar prazer. Simplesmente não havia sensação melhor no mundo do que fazer Lily explodir de prazer e saber que era eu que lhe causava isso. Um sentimento sombrio me preencheu. Ela não era realmente minha, talvez nunca fosse. Algum dia ela se casaria com alguém que seu pai escolheria e, então, o tal homem a veria desse jeito. Irracionalmente, uma descarga de fúria me atingiu, mas eu empurrei o sentimento para longe. Este não era o momento de pensar nesse tipo de coisa. Eu não queria perder o controle só porque deixei meus pensamentos desviarem-se para um lugar perigoso. Eu queria aproveitar cada porra de segundo disso, principalmente porque não sabia quantas chances mais nós conseguiríamos ter de ficarmos juntos.

Foquei na doçura de Lily, até ela finalmente desmoronar, abafando os gemidos no meu travesseiro. Queria poder ouvi-la gritar sem restrições, sem o medo de ser pega. Um dia. Um dia eu a faria verdadeiramente minha. Eu descobriria um jeito.

Tirei meus dedos de dentro dela e me sentei, curtindo a visão de seu peito arfante enquanto ela desfrutava o rescaldo de seu orgasmo. Ela abriu os olhos lentamente e sorriu. Caramba. Esse sorriso me conquistava todas as vezes.

Inclinei-me e a beijei, daí, alcancei a gaveta na minha mesa de cabeceira e peguei um preservativo.

Lily me observava e um breve lampejo de nervosismo cruzou seu semblante.

Parei. — Tem certeza de que quer fazer isso? — Eu queria me dar um tiro por perguntar. Eu não queria nada mais além de estar dentro dela, de fazê-la minha, de sentir suas paredes em volta do meu pau. Por que tinha que bancar o nobre? A quem eu estava enganando?

Ela lambeu os lábios do jeito mais torturante possível e sussurrou:

— Tenho, eu quero você.

Graças a Deus. Beijei seus lábios mais uma vez. Saí da cama e tirei a cueca. Meu pau se estendeu querendo atenção. Desenrolei o preservativo rapidamente sobre ele antes de voltar. Esta não era a primeira vez que Lily me via nu, mas hoje havia uma pontada de ansiedade em sua expressão ao ver meu pau. Coloquei-me entre suas pernas, deixando meus dedos percorrerem a pele macia de suas coxas.

Havia apenas confiança em seus olhos. Eu não merecia tanta confiança da parte dela e, mesmo assim, amava *pra* caralho vê-la em seu rosto. Apoiei meu peso nos cotovelos e comecei a beijá-la com carinho. A ponta do meu pau repousava levemente em seu calor molhado. Eu queria me enterrar dentro dela e custou cada grão do meu autocontrole ficar imóvel e esperar que ela relaxasse debaixo de mim. Enganchei a mão sob sua coxa e afastei um pouco mais suas pernas. Olhei fundo em seus olhos, depois, movimentei os quadris e comecei a empurrar dentro dela. Não tirei os olhos dela enquanto avançava em seu calor apertado. Ela era maravilhosa *pra* caralho. Apertada, quente e molhada, e eu só queria empurrar nela com tudo. Em vez disso, foquei nos olhos de Lily, no jeito que ela confiava em mim para fazer que isso fosse bom para ela, para cuidar dela e ser carinhoso. O desconforto surgiu em seu rosto quando ainda não estava nem no meio do caminho. Eu parei, mas ela apertou os dedos em meus ombros.

— Não pare — disse ela depressa.

— Não vou parar — prometi. Parar era a última coisa que eu queria fazer.

Trilhei meus lábios pela sua têmpora, e empurrei ainda mais dentro dela até alcançar sua barreira. Eu não falei que doeria. Isso apenas a deixaria tensa. Empurrei tudo dentro dela. Suas paredes apertaram meu pau com força. Eu não me mexi.

O rosto de Lily estava contorcido de dor.

— Está tudo bem — murmurei. — Esta foi a pior parte. — Pelo menos, esperava que tivesse sido. Ela estava tão apertada que fiquei preocupado que, se eu começasse a me mexer, apenas pioraria para ela, mas não podia ficar dentro dela deste jeito para sempre. E eu queria de verdade me mexer, queria me perder dentro dela. — Lily?

Ela me deu um sorriso trêmulo.

— Eu estou bem. Não está tão ruim quanto antes.

Isso não era algo que um cara quisesse ouvir da garota com quem estava. Eu queria fazê-la se sentir bem, mas sabia que seria difícil na primeira vez. Mesmo querendo muito me mexer, decidi ficar como estava e beijá-la por um tempo. Meu pau gritou em protesto.

— Você pode se mexer de verdade — sussurrou ela. E isso foi tudo o que precisava. Eu tirei quase tudo antes de meter de volta nela devagar.

Ela expirou, cravando as unhas nas minhas costas. Fui ainda mais devagar e tentei não ir tão fundo, e logo o corpo de Lily relaxou sob mim. Fiz amor com ela desse jeito por um longo tempo e quando ela respondeu com o primeiro gemido hesitante, eu quis dar a porra do grito de vitória. Mas isso não podia durar para sempre, não com o jeito com que as paredes dela se contraíam em volta de mim, e eu desconfiava de que ela não iria gozar. Da próxima vez ela iria. E haveria uma próxima vez, agora eu sabia. Quando se tratava de Lily, eu não conseguia resistir à tentação.

Acelerei mais até que senti meu pau apertar e descarregar dentro dela. Abracei Lily enquanto balançava os quadris desesperadamente, então, travei.

Ela fechou os olhos e descansou a testa no meu peito.

— Você está bem? — murmurei.

Ela assentiu, mas não disse nada. Afastei-me um pouco e levantei seu rosto, preocupado que ela estivesse chorando. Só que ela simplesmente parecia exausta… e feliz.

O alívio tomou conta de mim. Saí de dentro dela devagar e tirei o preservativo. Antes de jogá-lo na lata de lixo, vi a mancha de sangue na camisinha.

Por algum motivo, foi preciso essa imagem para deixar a realidade assumir. Porra. O que eu fiz?

— Romero? — sussurrou Lily. Deitei-me ao lado dela e a puxei para os meus braços. Ela não precisava saber em que eu estava pensando. Eu não queria preocupá-la.

Não demorou muito para ela pegar no sono, mas eu fiquei deitado acordado por horas. Por fim, saí da cama e fui até a janela. Fiquei olhando para o mar por um bom tempo. O arrependimento não era um sentimento útil. Não dava para desfazer o que passou. Virei para a cama.

Lily estava deitada encolhida sob o cobertor, apenas seus lindos cabelos e seu rosto sereno de fora. Ela dormia profundamente. Eu precisava acordá-la logo para que voltasse para o seu quarto. O céu lá fora já começava a ficar acinzentado. Logo as pessoas acordariam e seria muito arriscado se Lily ainda estivesse no meu quarto neste momento. Eu deveria tê-la mandado embora imediatamente em seguida para sua própria segurança, mas não tive coragem de fazer isso e também não queria vê-la ir tão cedo depois do que fizemos.

— Porra — resmunguei. Até agora, tudo o que Lily e eu fizemos havia sido arriscado, mas irrastreável. Mas isso… isso podia destruir a reputação de Lily e até mesmo começar uma guerra. Tirar a virgindade de Lily foi algo egoísta. Eu sabia bem. Aprendi a tomar decisões racionais ao longo dos anos, tomar decisões que fossem boas para a *Famiglia*. Contudo, hoje, eu ignorei meu dever e a minha promessa a Luca.

Lily suspirou dormindo e se virou. O cobertor se moveu com ela e o ponto rosa no lençol se tornou visível. Fechei os olhos. *Caralho.* Isso deveria acontecer

em sua noite de núpcias. Mas eu sabia que Rocco Scuderi nunca me daria a mão de Lily em casamento. Eu era apenas a merda de um soldado. Respeitado e digno, mas, ainda assim, um soldado. Apesar da minha culpa em tirar a virgindade de Lily, sabia que faria isso novamente. Eu quis torná-la minha por tanto tempo e essa foi a única maneira que consegui. Pelo menos, agora, uma parte dela me pertencia, pelo menos, ela nunca se esqueceria da nossa noite juntos, mas eu também sabia que não era o bastante. Eu não queria que Lily tivesse apenas a lembrança da noite que passamos juntos pelo resto de seus dias, eu queria que ela se lembrasse do prazer que eu pude lhe dar todas as noites, queria saboreá-la, sentir seu cheiro, senti-la a cada porra de noite. Queria que ela adormecesse em meus braços e que acordasse ao meu lado de manhã. Queria torná-la minha para que todos soubessem, mas não havia maneira nenhuma de eu conseguir isso sem trair Luca e a *Famiglia*. Luca me tratava como a um irmão, mas se eu fizesse isso, se eu fosse contra a Outfit reivindicando Lily oficialmente, ele teria que acabar comigo como um cachorro raivoso pelo bem da *Famiglia*.

Suspirando, fui até a cama e me inclinei sobre Lily. Afastei o cabelo de seu rosto.

— Lily, você precisa acordar — sussurrei.

As pálpebras dela se agitaram e ela virou de costas. O cobertor escorregou, revelando seus seios perfeitos. Seus mamilos ficaram eriçados por causa do ar frio no quarto. Meu pau se agitou em resposta. Eu me inclinei sobre ela. Ela ainda tinha o meu cheiro. Caralho. Eu já estava ficando duro de novo. Ela abriu os olhos e me deu um sorriso sonolento. Felicidade e confiança brilhavam em seu rosto. Será que ela não se deu conta de que eu destruí sua vida ontem à noite?

Ela corou levemente. Eu beijei sua testa.

— Você precisa sair daqui — falei.

Ela congelou, seus olhos cheios de insegurança.

— Eu fiz alguma coisa de errado ontem à noite?

Meu bom Deus. Eu quis me apunhalar com a porra da minha faca. Eu era um enorme babaca. Nunca deveria ter deixado chegar a isso. Lily era uma boa menina e eu a arruinei. Beijei o ponto abaixo de sua orelha, depois, sua bochecha.

— Não, você não fez nada de errado, querida.

Ela relaxou e levantou a mão para a minha nuca, parecendo esperançosa.

— Podemos ficar um pouco abraçados?

Ela parecia vulnerável *pra* caralho. Claro que ela queria intimidade depois da noite passada, e eu também queria, mas estava clareando lá fora. Só que pelo jeito que ela me olhava eu não conseguiria dizer que não. Deslizei para baixo do cobertor e ela se encostou em mim. Sua pele nua roçou na minha e todos os meus sentidos despertaram. Coloquei minha luxúria de lado. Não era hora para isso. Acariciei seus cabelos.

— Você está bem?

Ela assentiu em meu ombro.

— Estou um pouquinho dolorida. — Ela soou envergonhada.

Depositei um beijo em sua têmpora. E não tinha certeza do motivo de ter falado isso, porque isso com certeza não facilitava as coisas, mas saiu:

— Eu te amo.

Ela tomou fôlego antes de sussurrar:

— Eu também te amo.

Eu estava cavando meu túmulo e o dela também, só porque não consegui controlar meu pau, meu coração e a minha boca.

Ela soltou um pequeno suspiro de felicidade. Não parecia se dar conta do tamanho da nossa encrenca. Eu não conseguia parar de me sentir culpado. Queria poder dizer que teria agido de maneira diferente se tivesse a chance, mas sabia que dormiria com ela novamente. Eu a queria antes e ainda a queria agora.



CAPÍTULO ONZE

Liliana

Eu mal podia acreditar que Romero e eu tínhamos realmente transado. Eu não me arrependi. Talvez o arrependimento viesse em algum momento, mas eu não conseguia imaginar isso.

Foi dolorido e, ainda assim, foi o momento mais feliz da minha vida até agora. E depois, quando Romero admitiu que me amava, eu quis contar a todos sobre isso. Deixe que fiquem furiosos, deixe que me xinguem, o que me importa? Eu estava feliz e era só isso que importava. Mas eu sabia bem, Romero e eu precisávamos manter segredo. Talvez algum dia nós descobríssemos um jeito de tornar oficial sem causar uma guerra, mas, neste momento, eu só queria aproveitar nosso tempo juntos. O verão estava chegando ao fim, mas papai não parecia me querer de volta. Talvez ele tivesse se esquecido de que eu existia e eu poderia me mudar para Nova York para sempre.

Na primeira vez que encarei Aria e Gianna depois de perder a minha virgindade, fiquei preocupada que elas notassem que algo estava diferente, mas claro que elas não perceberam nada. Ninguém suspeitou de nada.

Talvez essa constatação tenha sido o motivo de eu ficar mais ousada.

Já era quase meio-dia e eu mal conseguia manter os olhos abertos. Romero e eu fizemos amor até as primeiras horas da manhã e, assim que voltei para o meu quarto, só consegui dormir por duas horas antes de ter que me levantar de novo

para o café da manhã.

— Por que não descansa um pouco no sofá? Você parece cansada — disse Aria quando bocejei outra vez. Estávamos folheando uma revista que detalhava os eventos nos Hamptons em busca de algo para fazer nos próximos dias. Tomar banho de sol e nadar estava ficando cansativo.

Gianna balançou as sobrancelhas pelas costas de Aria.

— Parece mesmo. Parece que ela não dormiu o suficiente esta noite.

Romero olhou para mim de onde estava com Luca e Matteo, mas não pareceu preocupado. Decidi ignorar o comentário de Gianna. Levantei-me da mesa.

— Acho que tem razão, Aria. Vou me deitar um pouco.

Aria colocou a revista de lado e deu uma espiada no relógio antes de olhar para Luca.

— Se quisermos almoçar fora, é melhor sairmos daqui a pouco.

Luca assentiu.

Fui até o sofá, me estiquei e fechei os olhos. Adormeci num sono leve quase imediatamente, sendo interrompida apenas pelo som de Aria e Luca saindo, seguido pela risada de Gianna e Matteo alguns minutos depois quando eles foram para a praia. No silêncio que se seguiu, senti minha mente descansar novamente.

— Eu estou cansando você — disse Romero perto de mim.

Abri os olhos e o vi parado sobre mim com um sorriso. Meus lábios se curvaram lentamente num sorriso e meu sono começou a desaparecer. Enganchei a perna atrás de seu joelho numa tentativa de fazê-lo cair para frente e, de preferência, pousar em cima de mim, mas Romero era forte demais. Porém, depois de uma olhada rápida em direção à porta do terraço, ele se abaixou e me deu um beijo. Quando ele estava prestes e se levantar de novo, lancei meus braços em volta do seu pescoço e as pernas em sua cintura.

— Aria e Luca saíram para almoçar e Gianna e Matteo vão passar o dia no barco. Ou seja, a casa é nossa.

Romero pareceu num dilema, mas quando pressionei meu centro em sua virilha, soube que o tinha. Ele já estava duro. Grunhindo, ele se deitou em cima de mim. Nossos lábios encontraram-se ansiosamente. Depois de alguns minutos de beijos acalorados e mãos exploradoras, Romero recuou.

— É arriscado demais fazer sexo aqui fora.

— Eu sei, mas existem outras coisas que podemos fazer — falei antes de puxar a cabeça de Romero de volta para outro beijo. Ele não protestou outra vez, o que deveria ter algo a ver com o fato de que eu estava massageando sua ereção por cima da calça.

Por algum motivo, namorar Romero no meio da sala de estar fez as coisas parecerem mais reais entre nós dois, como se talvez pudéssemos ser um casal oficial e não apenas algo que precisava acontecer na clandestinidade da escuridão.

Meus lábios ficaram feridos por causa do beijo de Romero, mas eu adorava seu beijo. Romero deslizou a mão por baixo da minha blusa e serpenteou os dedos sob o bojo do meu sutiã, encontrando meu mamilo. Fiquei sem ar e arqueei as costas. Romero me beijou com mais intensidade. Joguei a perna sobre sua lombar, puxando-o ainda mais para junto de mim. Mal podia esperar para senti-lo sem as roupas entre nós. Talvez eu pudesse convencê-lo a arriscar uma rapidinha na sala de estar.

Uma porta bateu e passos ecoaram, mas não houve tempo para reagir antes que Aria aparecesse na sala.

— Lily, eu… — Ela calou a boca e congelou, Romero e eu fizemos o mesmo. Romero tirou a mão debaixo da minha blusa e se sentou depressa. Ele manteve os braços de um jeito que supus ser para esconder sua ereção, mas duvidava que fosse enganar Aria. Meus olhos analisaram a área atrás das costas dela, porém, Luca não estava lá. Essa foi a única coisa boa nesta situação.

Ninguém disse nada por um longo tempo. Tentei colocar meu sutiã no lugar e ajeitar o cabelo, mas não fiz um bom trabalho porque as minhas mãos tremiam.

— Não é o que parece — falei, mas parei quando percebi o quanto isso soou

estúpido.

Aria levantou as sobrancelhas como se ela pensasse exatamente a mesma coisa.

— Era por isso que eu não o queria sozinho com ela, Romero. Sabia que isso iria acontecer!

— Você faz parecer como se eu não tivesse nada a ver com isso. Romero não fez nada sozinho — falei, mas Aria mal me deu atenção. Ela estava olhando para Romero. — Por que você voltou, afinal? Não deveria estar almoçando com o seu marido?

— Você está me culpando por isso? — perguntou Aria incrédula. — Luca recebeu uma ligação dizendo que havia um problema em uma das boates. Algo com um dos subchefes da Rússia, então, ele me deixou aqui na frente e foi direto para Nova York. Vocês têm sorte que ele não tenha entrado.

— Se você contar a Luca... — implorou Romero, mas Aria o interrompeu.

— Eu não vou contar para ele — falou ela.

Romero me ajudou a levantar.

— Ele é seu marido. Você lhe deve a verdade.

O que ele estava fazendo? Ele estaria com um enorme problema se Luca descobrisse. E se Luca contasse ao meu pai? Lancei um olhar confuso para Romero, mas ele não reagiu. Então, outro pensamento me atingiu. Talvez ele quisesse que as pessoas descobrissem. Talvez ele esperasse que Luca consentisse e descobrisse um jeito de fazer meu pai concordar com uma união entre mim e Romero. A esperança me inundou.

— Lily, posso conversar com você em particular, por favor? — perguntou Aria.

Assenti, embora meu estômago se revirasse de nervoso. Aria era minha irmã. Eu a amava e confiava nela, mas Romero estava certo. Ela também era a esposa do Capo e eu não tinha certeza de para onde a lealdade dela pendia. Segui-a até a sala de jantar, depois, para a cozinha. Ela não falou nada até estarmos as duas acomodadas nas banquetas.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — perguntou ela. Meu Deus, ela até soava como a esposa de um Capo, tão madura e responsável.

— Há um tempinho. Quase desde que vim para Nova York — admiti. Não havia mais por que continuar mentindo. E eu queria de verdade conversar com ela sobre isso. Romero e eu mantivemos segredo por cerca de três meses.

Aria acenou lentamente, seus olhos estavam cheios de preocupação.

— Eu deveria ter desconfiado. Às vezes achava que via vocês trocando aqueles olhares secretos que apenas os amantes trocam, mas não quis acreditar.

Não sabia bem o que dizer, se é que ela esperava que eu dissesse algo.

— Nós tentamos esconder.

— Claro que tentaram! — sussurrou Aria com dureza. — Ah, Lily. Isso é ruim, você sabe disso, não? Se papai descobrir, o inferno vai explodir. Você vai estar em apuros, e não é só isso. Papai pode muito bem começar uma guerra por causa disso. Afinal, Luca prometeu que te manteria segura enquanto você estivesse em Nova York, e ter um de seus homens tendo um caso com você definitivamente é uma quebra dessa promessa.

— Caso? — falei ofendida. O que Romero e eu temos é muito mais do que isso. — Você faz parecer como se fosse só pelo sexo.

Aria arregalou os olhos.

— Eu não quis dizer isso, mas… espera aí. Por favor, me diga que você ainda não dormiu com ele. — A expressão dela era tão suplicante e nervosa que eu quase considerei mentir.

Mordi o lábio. — Eu o amo de verdade, Aria.

— Então, você realmente dormiu com ele — falou em voz baixa. Ela fazia parecer que era o fim do mundo.

Assenti. — E não me arrependo. — Fiquei tão feliz por ter dividido esse momento com Romero. Eu queria dividir muito mais com ele. A cada vez que dormia com ele nas últimas semanas, ficávamos mais próximos, mesmo tendo pensado que isso não era possível.

Aria recostou-se e respirou fundo.

— Papai vai te matar se descobrir. Depois daquilo com Gianna, ele vai enlouquecer completamente.

— Mamãe me disse para ser feliz pouco antes de morrer. E Romero me faz feliz. Eu quero estar com ele.

— Lily, papai não vai permitir. Não importa o que qualquer um de nós diga, ele não vai te deixar casar com um mero soldado de Nova York. Ele não pode ganhar nada com uma união dessas, não quando eu já estou casada com o Capo e Gianna, com o *Consigliere*.

— Eu sei — falei num sussurro. — Mas… eu… — travei. Sabia que Aria estava certa. Eu soube disso praticamente desde o início. Odiava ter que me desculpar por amar alguém, por querer estar com essa pessoa. Não deveria ser assim.

Aria pegou a minha mão e entrelaçou nossos dedos.

— Algumas mulheres conseguem fingir a virgindade na noite de núpcias. Talvez você também consiga. E não é como se papai já tivesse arranjado um casamento para você, então, podemos pensar em alguma coisa até lá.

— Aria, eu não quero me casar com outra pessoa. Só quero Romero. Estou falando sério, eu o amo.

Aria olhou dentro dos meus olhos por um bom tempo. Não tinha certeza do que ela esperava encontrar ali, mas esperei.

— Você o ama mesmo, não? — falou ela conformada. — E ele? Ele te ama?

— Ele disse depois que fizemos amor pela primeira vez. — Esperava que ele dissesse novamente depois da nossa primeira noite juntos, mas, até agora, nada. Talvez ele não fosse o tipo que dizia isso em voz alta com frequência.

— Tem certeza de que ele te leva a sério?

— Claro que sim, não ouviu o que te disse? — falei, mas até mesmo eu pude ouvir a pontada de incerteza na minha voz e não sabia direito de onde ela vinha.

— Alguns homens dizem coisas que não querem dizer depois do sexo porque se sentem culpados.

Arregalei os olhos. — Ele não faria isso. E se você está dizendo que ele só

estava tentando me comer, isso é ridículo. Você conhece Romero, ele não me usaria desse jeito.

— Não, você tem razão. Romero não é desse tipo e ele não arriscaria tanto por sexo. Ele deve gostar de você já que foi contra as ordens de Luca.

— Você não vai contar a ele, vai?

— Já falei que não. Ele já tem bastante com que lidar, não quero que se preocupe com isso também. Vamos dar um jeito. Mas até lá, por favor, seja mais cuidadosa. Não vou falar para você se afastar de Romero porque desconfio de que irá agir pelas minhas costas, mas se outra pessoa descobrir, as coisas podem realmente fugir do controle.

— Eu sei — falei. — Romero e eu seremos cuidadosos.

Aria comprimiu os lábios. — E não tem mesmo como você considerar terminar com Romero?

— Não — falei sem hesitar.

Ela sorriu de forma triste e desceu da banqueta.

— Quero conversar com Romero agora.

Fiquei de pé e segurei seu braço.

— Por quê? Você vai tentar convencê-lo a me deixar?

— Você acha mesmo que eu faria isso com você? — perguntou Aria num tom magoado.

Eu me senti mal instantaneamente, mas Aria mudou ao longo dos anos. Talvez fosse porque ela assumiu mais responsabilidades como esposa de Luca, mas às vezes achava que ela agia muito como uma mãe intrometida quando se tratava de mim. Eu não duvidava de que ela sempre quis o que pensava ser o melhor para mim, o único problema era que eu não tinha certeza se nós duas concordávamos com o que seria o melhor.

— Não, mas por que você quer falar com Romero?

— Só quero — falou com teimosia. — Por favor, fique aqui enquanto eu vou falar com Romero. Faça este favor.

— Aria, por favor, não faça uma tempestade num copo d’água.

— Ah, Lily, a tempestade é muito maior do que você pensa — disse ela antes de sair.

Romero

Eu queria arrancar os cabelos de tanta frustração. Nós deveríamos ter tomado mais cuidado. Normalmente nunca baixo a guarda. Sempre antecipei possíveis riscos. Hoje, falhei em tantas maneiras que chegava a ser patético.

Aria vinha em minha direção. Ela parecia realmente puta. E eu não podia culpá-la. Ela parou bem na minha frente com seus olhos azuis ardendo de raiva.

— Como você pôde fazer isso? Em que estava pensando? — censurou ela. — Você não devia estar pensando, pelo menos, não com a cabeça. — Ela fez um gesto na direção da minha virilha.

Ergui as sobrancelhas. Aria não era assim.

— Não é só sexo.

— Lily disse a mesma coisa, mas o que é então? Você conhece as regras, pelo amor de Deus. É irônico que eu tenha que te lembrar.

— Eu conheço as regras — falei secamente, ficando furioso. Mas Aria era a última pessoa com quem eu deveria estar puto. Ela estava certa.

— Lily disse que você dormiu com ela. — Aria balançou a cabeça. — Por Deus, Romero, se alguém descobre, Lily estará arruinada. Ou você pretende se casar com ela?

— Não posso. Você sabe disso. Seu pai nunca permitiria, e se formos contra a vontade dele significaria guerra.

— Eu *sei*. Então, por que fez isso?

— Eu não pressionei Lily se é o que está pensando — falei. Será que ela achava que eu forcei a irmã de alguma forma? — Lily também queria.

— Eu não duvido disso. Vejo como ela olha para você. Ela te ama. Claro que ela quer dormir com você, mas você deveria ter pensado melhor!

— Eu sei. O que você quer que eu diga? Que estou arrependido?

— Você estaria mentindo — resmungou Aria.

A indignação me atingiu, mas ela estava certa. Eu não me arrependia por ter transado com Lily, pelo menos não o bastante para não fazer de novo.

— Você vai me dizer para ficar longe dela agora?

— Você agiria pelas minhas costas. E Lily me odiaria se eu tentasse ficar entre vocês dois. Você já dormiu com ela, então, não é como se importasse se fizerem isso de novo, contanto que tomem cuidado para não serem pegos e que você não engravide a minha irmã.

— Você vai ter aquela conversa comigo? — falei por diversão.

— Estou falando sério. Se Lily engravidar, aí, as coisas vão ficar bem ruins.

— Nós tomamos cuidado.

— Tanto cuidado quanto tomaram quando peguei vocês no sofá?

— Estou falando sério. Lily não vai engravidar.

Aria cobriu o rosto com as mãos.

— Meu Deus, não acredito que estamos tendo essa conversa. Queria Lily em Nova York para ela se divertir um pouco, mas não esse tipo de diversão.

Não tinha certeza do que dizer. A culpa pesava muito em meus ombros, mas como Aria disse, agora, era tarde.

— Você vai ficar longe dela se eu ameaçar contar a Luca? — perguntou Aria ao abaixar as mãos.

— Não — falei sem hesitar.

— Que bom — falou ela me tirando do caminho. — Pelo menos isso significa que você a leva a sério. Talvez possamos encontrar uma solução para você e minha irmã. Deixe-me pensar sobre isso.

— Tenho pensado sobre isso há muito tempo, mas talvez você tenha mais sorte do que eu. A menos que queiramos guerra, teríamos que convencer seu pai a concordar com uma união entre Lily e eu.

— Gianna e eu casamos por motivos políticos. Por que Lily não teria permissão para se casar com quem ela quer?

— Se eu fosse mais do que um soldado, talvez, aí, seu pai considerasse.

Os olhos de Aria se iluminaram.

— Você poderia se tornar um Capitão com o nosso próprio grupo de soldados. Você vem trabalhando para Luca há tanto tempo e ele sempre diz que é o seu melhor soldado. O único motivo por que ele ainda não te promoveu é por confiar em você comigo e não quer nenhum outro como meu segurança.

Olhei para ela. Normalmente a posição de Capitão era transmitida de pai para filho. Soldados raramente recebiam a honra de se tornar Capitão.

— Papai ainda não encontrou um marido para Lily. Isso é um bom sinal. Gianna e eu já estávamos comprometidas quando tínhamos a idade de Lily, então, talvez, ele esteja aberto a sugestões e será uma boa jogada melhorar o relacionamento entre Nova York e Chicago outra vez.

— Você também daria uma boa Capo — falei sorrindo.

— Sou casada com um bom Capo, só isso.

— É mesmo — falei. — Mas não quero me tornar Capitão apenas porque você convenceu Luca disso. Não trabalhei tão duro por uma promoção por piedade.

— Eu não terei que convencê-lo, e Luca nunca faz nada por piedade. Você deveria saber disso.

Assenti. Ela tinha razão.

— Assim que você lhe contar não terá volta. Ele pode não aceitar muito bem. Afinal, eu fui contra suas ordens diretas. Isso ainda é um crime.

— É, você foi — falou Aria. — Mas ele te ama como a um irmão. Ele vai te perdoar. Só preciso descobrir um jeito de contar para ele.

— Eu poderia conversar com ele. Tenho que assumir os meus atos.

Aria balançou a cabeça. — Não, posso ser mais convincente que você, e ele não consegue ficar chateado comigo por muito tempo.

Eu ri. — Vocês, mulheres Scuderi, levam jeito com os homens.

Aria sorriu pela primeira vez desde que achou Lily e eu no sofá. Tomei isso como um bom sinal, embora eu não fosse tão ingênuo de pensar que me tornaria

Capitão amanhã e que Scuderi me aceitaria de bom grado como seu futuro genro. Essa seria uma batalha difícil.



CAPÍTULO DOZE

Liliana

Nervosa, eu andava de um lado para o outro na cozinha. Por que Aria estava demorando tanto? Eu nem queria saber o que ela estava falando para Romero. E se o convencesse a terminar comigo? Ela me prometera que não faria nada assim, mas eu não tinha certeza disso. Se ela achasse que tinha que me proteger de qualquer mal, jogaria sujo se precisasse.

A porta abriu e Romero entrou. Ele parecia quase relaxado. Corri até ele.

— O que ela disse?

— Que devemos tomar cuidado.

— Só isso? Ela não vai contar nada a Luca?

— Não, não agora.

— O que quer dizer com isso?

Um leve sorriso curvou seus lábios.

— Pode ser que haja um jeito de ficarmos juntos.

— Quer dizer oficialmente? — perguntei animada.

— É, mas primeiro Aria precisa descobrir um jeito de conversar com Luca, depois, partiremos daí.

Tentei conter minha alegria, mas era difícil. Eu só queria um futuro de verdade com Romero.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei, mas após alguns poucos segundos Romero

se afastou com um olhar sofrido.

— Precisamos ser mais cuidadosos. Aria vai arrancar a minha cabeça se nos pegar beijando abertamente desse jeito de novo.

— Provavelmente não só a sua cabeça — falei com um sorriso malicioso, segurando-o pela calça.

Romero gemeu, agarrou meu pulso e tirou a minha mão dali.

— Lily, pare de me torturar.

— Pensei que gostasse quando te torturo.

Romero se abaixou e roçou os lábios em minha orelha.

— Gosto, quando estamos *sozinhos*.

— Então, que tal se fôssemos para o meu quarto?

— Não há nada que eu queira mais, só que não deveríamos arriscar durante o dia — disse Romero com pesar. — E eu preciso de verdade ligar para Luca e perguntar sobre o problema com o subchefe da Rússia.

Brincando, fiz beicinho. — Odeio quando você é racional. Esta noite está muito longe. Eu te quero agora.

— Caralho — resmungou Romero. Depois, me deu um sorriso perigoso. — Vá em frente. Te encontro em alguns minutos.

Saí correndo para o meu quarto, já sentindo meu centro comprimir de ansiedade.

***

Luca voltou de Nova York no dia seguinte. Ele estava no limite, então, nossa confissão teria que esperar. Durante o jantar naquela noite, Aria, Romero e eu agimos como se nada tivesse acontecido. Eu realmente esperava que Aria descobrisse um jeito de falar com Luca para podermos todos encontrar um modo de tornar possível um futuro para mim e Romero.

Gianna continuava a arriscar um olhar para Aria e eu como se pudesse sentir que algo estava acontecendo. Gianna sempre era atraída para os problemas, então, isso não era surpresa nenhuma.

No meio da refeição principal, o telefone de Luca começou a vibrar.

— O que foi agora? — grunhiu ao largar o garfo. Hoje, definitivamente, não era o dia certo para lhe contar sobre Romero e eu. Fazia tempo que não o via num mau humor tão forte. Ele se levantou, tirou o celular do bolso da calça e atendeu. — Rocco, eu não estava esperando sua ligação — falou.

Todos nós nos voltamos para a conversa.

Luca olhou em minha direção.

— Liliana está bem.

Meu pai havia ligado apenas uma vez durante todo o verão para perguntar como eu estava. Por algum motivo, fiquei preocupada com os verdadeiros motivos de sua checagem.

— Amanhã? Isso é repentino. Aconteceu alguma coisa?

Pousei o garfo, meu estômago se contorceu de angústia.

— Claro. Ela estará aí — disse Luca intrigado. Ele desligou e voltou para a mesa, sentando seu corpo enorme na cadeira.

— O que está acontecendo? — perguntou Aria antes de eu sequer conseguir pronunciar uma palavra. Ela parecia estar tão preocupada quanto eu. Será que pensou que papai descobrira algo sobre mim e Romero? Se fosse esse o caso, a ligação não teria terminado tão pacificamente, disso eu tenho certeza. E quem poderia ter lhe contado. Ninguém nesta casa faria isso.

— Seu pai quer que Liliana volte para casa amanhã — disse Luca pensativo.

— Como é? — falei em choque. Romero quase não conseguiu esconder a surpresa também. Tive que me obrigar a parar de olhar para ele depressa antes que Luca desconfiasse de alguma coisa. — Tão rápido?

Matteo riu. — Você está aqui há três meses.

Gianna deu uma cotovelada nele, que esfregou o local sorrindo.

— Eu estava brincando, caramba. Por que você tem que ser tão violenta? — perguntou.

Eu não estava no clima de brincadeiras. Sentia como se tivessem puxado o tapete debaixo dos meus pés. Sempre soube que teria que voltar em algum

momento, mas agora que estava sendo confrontada com a ordem de meu pai, me senti despedaçada.

— Ele te quer no primeiro voo. Já reservou uma passagem — continuou Luca como se seu irmão e Gianna não estivessem mais discutindo.

— Ele disse o porquê? — perguntei.

— Ele disse algo sobre responsabilidades sociais. Ao que parece, tem algumas festas que ele quer que você compareça, mas não foi muito comunicativo com as informações.

Meus olhos correram novamente para Romero, entretanto, foquei em Luca.

— Ele disse por quanto tempo terei que ficar em Chicago?

Luca estreitou o olhar.

— Não. Chicago é a sua casa, então, eu não tinha nenhum direito de perguntar.

— Lily é maior de idade, ela poderia simplesmente se recusar a voltar — falou Gianna com naturalidade. Matteo estava com o braço em volta do ombro dela. Como de costume, a discussão deles não durou muito tempo. Provavelmente iriam logo para o quarto fazer as pazes.

— Aí, eu a arrastaria para dentro do avião se necessário. Se seu pai quer que ela vá para casa, ela irá. Não vou arriscar um conflito por algo tão ridículo assim.

Mordi o lábio. — Está tudo bem. Eu vou. Vou sobreviver a algumas festas, estou animada para ver Fabi de novo. Eu senti falta dele. Vou suplicar a papai que me deixe voltar a Nova York assim que possível.

Não falei mais nada pelo resto do jantar e fiquei contente quando pude finalmente me levantar. Era ridículo eu estar tão nervosa por voltar para casa; porque, apesar de tudo, Chicago ainda era o *meu lar*. Fui para o terraço e envolvi os braços em minha cintura, sentindo um frio inexplicável mesmo ainda estando quente.

A porta abriu atrás de mim outra vez e Aria veio para o meu lado, me dando um sorriso compreensivo.

— Vou ligar para o papai e pedir que ele te mande de volta logo para outra

visita. Até parece que ele precisa de você em Chicago. Você estará de volta antes que se dê conta.

— Você deve estar feliz por eu ir embora porque, assim, não posso ver Romero por um tempo — explodi. Eu me senti instantaneamente mal por descontar na minha irmã. Fechando os olhos, falei: — Desculpa.

Aria tocou levemente meu ombro.

— Não se preocupe. E eu não quero mesmo que você vá embora, por favor, acredite.

Assenti. — Eu me acostumei com a vida aqui. Estava feliz. Nem me lembro da última vez em que estive feliz em Chicago.

— É temporário. Você vai estar de volta em breve e, enquanto estiver em Chicago, vou conversar com Luca sobre Romero. Talvez quando você voltar, nós tenhamos bolado um plano para convencer papai a aceitar Romero como seu marido.

A esperança me inundou. Olhei para a minha irmã.

— Você está certa. Eu deveria encarar isso como umas férias curtas. Talvez em breve eu possa chamar Nova York de meu lar para sempre.

Não dissemos mais nada depois disso, apenas ficamos uma ao lado da outra observando o mar impetuoso. O que eu queria fazer de verdade era conversar com Romero, estar em seus braços e me convencer de que isso entre nós dois estava destinado a durar, mas era cedo demais para ir para a cama e não podíamos arriscar nada com todos ainda acordados.

Quando a brisa começou a cair, Aria e eu voltamos para dentro da sala. Romero prendeu meu olhar do outro lado do cômodo. Eu mal podia esperar para estar sozinha com ele esta noite, para sentir seu corpo deslizando no meu. Nunca precisei tanto dele.

***

Mais cedo do que o normal, esgueirei-me para fora do meu quarto e fui para

o de Romero. Queria passar o máximo de tempo possível com ele. Ele não pareceu surpreso quando entrei.

Ele estava sentado na beirada da cama com os braços apoiados nos joelhos e levantou quando fechei a porta. Por um tempo, apenas nos encaramos até a pressão em meu peito ameaçar arrebentar minha caixa torácica. Por que eu estava sendo tão sentimental quanto a isso? Romero cruzou o quarto e me agarrou pelos quadris, depois, nos virou e me levou de costas para a cama até as minhas panturrilhas esbarrarem nela e nós dois cairmos no colchão.

Nossas mãos percorreram nossos corpos quase freneticamente, despindo e acariciando. Quem sabia quando teríamos a chance de sentirmos um ao outro novamente? Poderia levar semanas. *Tempo demais.* Nós precisávamos fazer o melhor da nossa última noite juntos.

Esta noite eu queria estar no controle. Empurrei Romero de costas e ele não resistiu. Montei em seu quadril e me abaixei em sua ereção, sentindo-a deslizar para dentro de mim por completo. Fechei os olhos por um momento, suspirando de leve com a sensação familiar de saciedade. Romero agarrou meus quadris e começou a empurrar para cima, metendo bem no fundo dentro de mim. Inclinei-me para frente, apoiando nos antebraços para ficar com o rosto sobre o dele e meus cabelos nos envolveram como se fosse uma cortina, nosso próprio santuário particular longe do mundo lá fora.

— Vou sentir saudade de você — sussurrei enquanto mexia para frente e para trás. — Vou sentir saudade disso, *de tudo*.

— Você não vai demorar muito — grunhiu.

Ele soava absolutamente seguro. Eu o beijei, mexendo ainda mais rápido até que nós dois gozamos ao mesmo tempo, mas ainda não estávamos satisfeitos. Fizemos amor mais duas vezes naquela noite como se, daquela maneira, pudéssemos estampar as sensações de nossa intimidade em nossas mentes.

— Eu não quero ir embora — murmurei em seguida ao deitar nos braços de Romero. — Quero adormecer em seus braços.

Romero pegou seu despertador.

— Então não vá. Vamos acordar cedo para você poder voltar para o seu quarto sem ninguém perceber.

Sorri e descansei o rosto em seu peito. Não demorei para dormir com o som dos batimentos cardíacos de Romero em meu ouvido como música.

***

O alarme nos acordou antes do sol nascer e eu logo peguei minhas roupas no quarto escuro. Antes de sair, Romero me puxou contra seu peito e me beijou intensamente, depois, eu saí e voltei correndo para o meu quarto. Dormi mais umas duas horas antes de realmente me levantar e preparar tudo para a minha ida ao aeroporto.

A parte mais difícil de ir embora era que eu não podia abraçar nem beijar Romero quando nos despedimos na sala de espera do aeroporto. Com uma última olhada, segui em frente, tentando ignorar a preocupação insistente de que não voltaria.

***

Quando pousei em Chicago, Mario, meu antigo guarda-costas, esperava por mim. Ele não era a pessoa mais falante, então, não falamos nada durante o caminho para a casa da minha família.

Quando pisei na frente da porta de entrada, meu coração bateu como um tambor dentro do meu peito. Na última vez em que estive aqui, a casa era só tristeza e morte.

Mario abriu a porta para mim e eu entrei. Não estava tão ruim quanto costumava ser, mas eu definitivamente não me sentia mais em casa aqui. Será que era a minha imaginação ou o fedor do desinfetante ainda perdurava nos cantos?

— Onde está meu pai? — perguntei depressa antes da minha mente invocar mais loucura.

— No escritório. Ele quer te ver imediatamente.

Eu duvidava que o motivo fosse porque ele estava com saudades de mim. Mario se retirou para levar as minhas malas para o meu quarto. Caminhei pelo extenso corredor e bati à porta de meu pai, tentando ignorar o jeito com que meu estômago revirava de nervoso.

— Entre — gritou papai.

Respirei fundo e entrei. Fabi estava em pé ao lado da janela. Ele havia crescido nos três meses em que estive fora e algo no jeito que ele se portava me dizia que não era a única mudança nele. Os últimos meses pareciam tê-lo afetado. Teria sido melhor se Fabi tivesse tido permissão para ir a Nova York comigo no verão, mas isso naturalmente estivera fora de questão.

Papai estava sentado atrás de sua mesa como sempre. Ele não se incomodou em se levantar para me abraçar. Mas Fabi veio até mim e eu o abracei antes que ele pudesse resolver que era descolado demais para um carinho. Ele estava mais alto que eu. Recuei para dar uma olhada em seu rosto.

Soube que algo estava errado no instante em que vi o semblante de Fabi. Recentemente, papai o envolvera cada vez mais nos negócios da máfia, embora Fabi ainda fosse levar várias semanas para completar treze anos. Será que aconteceu alguma coisa? Ele ainda não podia ser obrigado a matar alguém, certo? A ideia de meu irmãozinho poder já ser um assassino transformou meu estômago num poço de gelo.

— Sente-se — ordenou papai com um aceno em direção à poltrona em frente à sua mesa. Fabi se libertou imediatamente do meu abraço, mas o que mais me preocupou foi que se certificou de manter os olhos em meu queixo.

— É bom te ver de volta em Chicago. Acredito que Luca e Aria tenham tomado conta de você? — perguntou papai.

Nada de mencionar Gianna, o que não era uma grande surpresa.

Sentei-me na cadeira em frente a ele.

— Tomaram, sim. Foi ótimo.

Tentei capturar o olhar de Fabi; ele havia voltado ao lugar onde estava na

janela, ocupado em evitar meus olhos, suas mãos estavam fechadas em punho na lateral de seu corpo e seus lábios eram uma fina linha branca em seu rosto raivoso. Meu estômago deu um nó.

Papai tamborilava com os dedos na madeira clara de sua mesa. Se eu não o conhecesse bem, diria que ele parecia quase envergonhado. Fui tomada pelo medo. Mais uma vez corri os olhos para Fabiano, só que ele olhava para o chão.

O silêncio se estendeu entre nós até eu estar certa de que iria sufocar.

— Você disse a Luca que me queria aqui para ir a algumas festas?

— Isso é parte do motivo. Você precisa se tornar parte de nosso círculo social novamente. — Papai parou, depois, limpou a garganta. Ele parecia quase culpado. — A vida tem que continuar. A morte faz parte da nossa existência, mas nós devemos garantir que a nossa linhagem familiar continue forte.

Aonde ele estava indo com isso?

— Vou me casar novamente.

Fiquei dividida entre alívio e choque. Pelo menos, eu não estava encrencada, mas mal podia acreditar, muito menos entender como ele podia considerar outro casamento quando mamãe morreu há menos de seis meses.

— Mas… — parei. Nada que eu pudesse dizer mudaria alguma coisa. Apenas me traria problemas. — Quem é ela? Eu a conheço?

Havia poucas viúvas da idade de papai que eu conhecia, entretanto, eu não estava certa de que alguma delas fosse seu tipo. Até pensar nisso me fez sentir culpada e nem era eu que estava considerando substituir a mamãe. Talvez papai estivesse se sentindo mais solitário do que dava a entender. Sempre pensei que ele e mamãe gostavam muito um do outro, mas talvez eu estivesse errada. Talvez ele a tivesse amado de um jeito torto. Talvez ele não fosse capaz de demonstrar. Algumas pessoas eram assim.

Fabiano deixou escapar um som baixo, atraindo meus olhos para ele, porém, ainda olhava para seus pés. O que provavelmente era a melhor coisa porque papai lançou-lhe um olhar que fez a minha espinha se arrepiar. Percebi um hematoma suave na têmpora esquerda de Fabi e não pude deixar de me perguntar

se havia mais escondido por baixo de suas roupas e se papai era o responsável por todos eles.

Os dedos de papai voltaram a tamborilar.

— Ramona Brasci.

Quase caí da cadeira.

— Como é? — descarreguei. Ele tinha que estar brincando. Ramona era apenas um ano mais velha do que eu. Podia, inclusive, ter sido filha de papai. Ela frequentou a escola comigo, pelo amor de Deus!

Olhei para Fabi outra vez, precisando que ele me dissesse que era uma brincadeira, mas sua careta foi toda a resposta de que eu precisava. Isso era nojento. Será que era algum tipo de crise da meia-idade da parte de papai? Eu não conseguia nem começar a entender como ele pôde escolher alguém que poderia ser sua filha.

— Em contrapartida — continuou papai calmamente —, você vai se casar com o pai dela, Benito Brasci.

E foi aí que o meu mundo inteiro se partiu. Eu conseguia enxergar tudo diante dos meus olhos. Todas as imagens de um futuro com Romero, de felicidade e sorrisos, de beijos doces e noites intermináveis de amor estilhaçando em pedacinhos e sendo substituído por algo horrendo e sombrio. Algo sobre o que as pessoas sussurram em vozes abafadas, porque estão preocupadas que o horror possa se tornar realidade se falarem sobre ele em voz alta. Nem em meu pesadelo mais obscuro, imaginei que papai me casaria com um homem velho como Benito Brasci. Eu não me lembrava muito dele, mas não precisava. Tudo nisso era errado.

Tentei falar, mas emudeci. Perguntei-me quando as primeiras lágrimas iriam cair. Neste momento, eu me sentia muito entorpecida.

— Você está condenando Lily a uma vida de infelicidade — Fabiano verbalizou as palavras que eu só conseguia pensar. Ele parecia tão… velho. Como se tivesse se tornado um homem em algum momento em que eu não estava olhando. Queria sorrir para ele em agradecimento, mas meu rosto estava

congelado, eu estava inteira congelada. Isso estava realmente acontecendo?

Hoje de manhã eu ainda beijei Romero e, agora, eu deveria me casar com Brasci.

— Estou tomando decisões racionais. Você ainda não entende, mas irá.

— Não. Eu nunca faria algo assim.

— Você fará pior, acredite, filho. — Ele suspirou. — Todos temos que fazer sacrifícios. É a vida.

Que tipo de sacrifício era casar-se com uma mulher jovem que poderia ser sua filha? Eu deveria fazer o sacrifício.

Não pude parar de me perguntar quando as lágrimas chegariam, mas não havia nem sequer a característica delas formigando ainda. Não havia nada. Eu não era nada. Tentei novamente formar uma imagem de Benito Brasci, mas era um vazio. Não importava. Ele não era Romero.

— Você irá conhecê-lo amanhã. Ele e Ramona virão para o jantar.

Seria cômico se não fosse trágico.

— Tudo bem — respondi simplesmente. Soei sossegada. Fabiano me olhou intrigado, papai parecia imensamente satisfeito. Levantei da cadeira e cruzei o cômodo em direção à porta. — Vou dormir. O dia foi longo.

— Não vai jantar conosco? — perguntou papai, mas ele não soava como se se importasse.

— Não estou com fome — falei calmamente.

— Então, durma bem. Amanhã será um dia emocionante para nós dois.

Minha mão na maçaneta travou por um instante. Um lampejo de alguma coisa, talvez raiva, paralisou meu corpo e foi embora, e eu fiquei entorpecida novamente.

Um pé na frente do outro. Um pé na frente do outro. O mantra preenchia a minha cabeça enquanto eu subia a escada. Passos ressoaram atrás de mim e logo Fabiano estava ao meu lado. Ele segurou meu braço. *Maior do que eu. Tão crescido.* Esses pensamentos se repetiam na minha mente. Talvez meu cérebro tivesse quebrado com o choque, ou apagado porque a realidade da situação era

demais para suportar.

— Que porra há de errado com você, Lily? — grunhiu ele. Sua voz ainda não era de adulto, mas também não era de um menino.

— Errado? — perguntei.

— É, errado — resmungou Fabiano. Ele me soltou e eu esfreguei meu braço. Ele estava forte.

Havia algo de errado comigo? Talvez esse fosse o problema. Já fiz muitas coisas erradas. Transei com Romero, embora não fôssemos casados. Talvez isso fosse o castigo para os meus pecados. O pastor em nossa igreja provavelmente teria dito isso.

— Por que você não está surtando? Por que simplesmente disse que tudo bem? Você sequer tem noção de com o que concordou?

Eu não estava ciente de ter concordado com nada. Como poderia quando ninguém sequer perguntou a minha opinião?

— Porque não há nada que eu possa fazer.

— Babaquice — disse Fabi batendo o pé. Talvez não estivesse tão crescido quanto pensei.

Quase sorri, se meu rosto fosse capaz de fazer algum movimento.

— Quando você começou a xingar tanto?

— Todos os Homens de Honra xingam.

— Mas você ainda não é um deles.

— Serei em breve.

Assenti. Era o que eu temia. Papai parecia disposto a arruinar as nossas vidas.

— E isso nem importa agora. Você não pode simplesmente aceitar esse casamento. Precisa fazer alguma coisa.

— O quê? O que posso fazer? — perguntei com uma pontada de raiva. Aquela breve explosão de emoção me assustou porque eu preferia o torpor.

— Alguma coisa — disse Fabiano em voz baixa, suplicando-me com seus olhos castanhos. — Qualquer coisa. Não aceite simplesmente.

— Então me diga o que posso fazer. O futuro Homem de Honra é você. Me diga.

Fabiano desviou o olhar, sua expressão era de culpa.

Toquei seu ombro. — Não há nada que nenhum de nós dois possa fazer.

— Você poderia fugir como Gianna — explodiu Fabi.

— Ela foi pega.

— Mas você não seria.

— Seria. — Eu não era nada parecida com Gianna. Não duraria nem um mês, provavelmente nem mesmo uma semana. Eu não era rebelde. Eu nem mesmo queria abandonar essa vida. Não havia como sobreviver por conta própria por muito tempo.

Mas talvez eu não fosse estar sozinha. Romero poderia ir comigo. Ele sabia como escapar dos perseguidores. Juntos nós podíamos conseguir.

— Você está pensando sobre isso, não está? — perguntou Fabi com um sorriso infantil.

— Lembre-se de onde está sua lealdade — sussurrei. — Isso é traição. Se papai descobrir, você será punido severamente.

— Ainda não sou um Homem de Honra.

— Praticamente sim, você mesmo disse. Você será julgado como fazem com um Homem de Honra e isso quer dizer morte.

— Papai precisa de um herdeiro — disse Fabi.

— Papai logo terá uma noiva jovem que pode lhe dar vários filhos. Talvez ele não vá precisar de você, no fim das contas.

Fabi fez um som de engasgo.

— É como se ele fosse se casar com você. É doentio.

Eu não podia negar.

— Benito Brasci é mais velho que papai, não é?

— Não sei. Ele parece um ancião.

— É melhor eu ir para o meu quarto — falei distraidamente. Precisava falar com Romero. Fabi não me impediu quando subi os degraus que faltavam e fui

para o meu quarto.

Quando fechei a porta, por um momento temi que fosse mesmo explodir em lágrimas, entretanto, a rolha que bloqueava minhas emoções segurou firme.

Tirei meu celular do fundo da mala e digitei o número de Romero. Minhas mãos tremiam e, quando Romero não atendeu depois dos dois primeiros toques, como ele costumava fazer, pude sentir o pânico deslizar pelas frestas do meu torpor. Ele não sabia que eu iria ligar, mas não pude deixar de me preocupar que algo tivesse acontecido com ele. Ou que ele tivesse descoberto sobre meu noivado com Brasci e não quisesse nada comigo. E se Luca soubesse disso o tempo todo? Era possível que papai tivesse contado a ele pelo telefone e Luca não tivesse mencionado nada porque sabia que Aria e Gianna fariam um escândalo.

A ligação caiu na caixa postal e eu desliguei depressa. Nem havia largado o celular quando a tela se iluminou com o nome de Romero. Respirando fundo, atendi.

— *Lily, você está bem? Eu estava em reunião e o celular, no mudo.*

Desabei contra a parede ao som da voz de Romero. Ela me acalmou, porém, ao mesmo tempo, me fez perceber o que perderia se tivesse que me casar com Brasci.

— Papai escolheu um marido para mim — falei por fim. Eu soava como se estivesse falando sobre o tempo, completamente indiferente.

Do outro lado da linha, fez-se silêncio. Eu nem conseguia ouvir sua respiração. Não me atrevi a falar nada, embora estivesse explodindo de medo e nervoso.

— *Quem é?* — perguntou Romero com a voz baixa. Desejei poder ver sua cara para ter uma noção de seus sentimentos. Ele soava tão sem emoção quanto eu.

— Benito Brasci. Você não deve conhecê-lo, mas…

Romero me interrompeu:

— *Conheço. Eu o conheci durante uma reunião no ano passado.*

— Ah — falei, depois esperei, mas Romero ficou calado outra vez. Por que ele estava tão calmo? Será que não se importava que eu fosse me casar com outro homem? Talvez isso sempre tivesse sido uma distração para ele. Talvez ele nunca tenha tido a intenção que tivéssemos mais do que… o quê? Um caso? Eu me senti suja ao pensar nisso. — Ele é muito mais velho que eu.

— *Eu sei.*

Claro que Romero sabia, contudo, eu não sabia bem o que dizer.

— Pensei — falei hesitante. — Pensei que pudéssemos…

Não ousei pronunciar as palavras.

— *Você pensou que poderíamos o quê?*

Fechei os olhos.

— Pensei que poderíamos fugir juntos. — Retraí-me assim que as palavras saíram da minha boca. Poderia soar mais patética e ingênua?

— *Isso significaria guerra entre a Outfit e Nova York* — falou ele com naturalidade, como se isso não tivesse absolutamente nada a ver com ele. Não pensei nisso, mas claro que seria a primeira coisa que passaria pela cabeça de Romero. A *Famiglia* sempre vinha em primeiro lugar.

Eu fui idiota. Mamãe sempre me alertou que os homens te prometiam o mundo se quisessem alguma coisa de você. Romero foi gentil e amoroso, e eu lhe dei tudo em troca: meu corpo, meu coração, cada coisinha que eu podia dar. Dei com prazer e não queria me arrepender de absolutamente nada, mas era difícil.

Mordi o lábio, repentinamente prestes a chorar. Pude sentir as comportas abrindo. Não demoraria muito.

— Você tem razão — resmunguei. — Eu… — engasguei e desliguei depressa. Depois, escondi o celular na minha mala de novo e me encolhi na cama, deixando o choro devastar meu corpo até meus músculos doerem, até a minha garganta doer, até tudo doer, mas nada doía tanto quanto meu coração. O que era isso? O fim de todos os sonhos que eu tinha?



CAPÍTULO TREZE

Romero

Fiquei olhando para o meu telefone. Que porra Scuderi estava pensando? Eu quis tanto matá-lo no passado, agora, eu queria que tivesse feito isso.

Nino saiu da sala de reunião e colocou um cigarro na boca. Esse cara me dava nos nervos.

— Por que a cara amarrada? Arrume um belo de um boquete de alguma das garotas. Isso sempre me deixa feliz.

Parti para cima dele, agarrei-o pelo colarinho e o atirei na parede. Ele bateu com a cabeça e deixou o cigarro idiota cair.

— Que merda foi essa, seu babaca? Me solta! — gritou ele como um veadinho de merda.

Dei dois socos em seu estômago e ele caiu de joelhos. Meu Deus, eu queria muito matar alguém. Nem me importava quem. Eu bati nele incansavelmente.

— Ei! O que está acontecendo aqui? — grunhiu Luca. Ele segurou meus braços e os puxou para trás das minhas costas. — Que diabos você está fazendo, Romero? Acalme-se, porra.

Eu relaxei enquanto ele me segurava e respirei fundo.

Matteo se ajoelhou ao lado de Nino, que estava sangrando por causa de ferimentos na cabeça e no nariz. Eu nem havia me dado conta de que também bati na cara dele. Aria chegou depois de um tempo. Desde que começou a

trabalhar na contabilidade dos clubes, ela quase sempre estava por aqui. Ela me lançou um olhar questionador e logo a preocupação se apossou de seu semblante.

— Eu vou te matar, seu filho da puta — rosnou Nino.

Matteo o ajudou a se levantar.

— Você não vai fazer nada. Vá para dentro e peça para alguém dar uns pontos em sua cabeça.

Nino saiu cambaleante, mas não sem antes me lançar um olhar mortal. Como se eu desse a mínima. Ele que tente me matar. Vou limpar o chão com seu rabo fracote.

— Aconteceu alguma coisa com Lily? — perguntou Aria temerosa, vindo até mim.

— Pode me soltar agora — falei para Luca. Ele soltou e se afastou, seus olhos estreitos voavam entre mim e sua esposa.

— Por que Romero saberia se tivesse algo de errado com Lily? — perguntou ele com cuidado.

Aria não falou nada, apenas olhou para mim. Talvez eu devesse ter ficado preocupado que Luca pudesse descobrir, só que eu também não dava a mínima para isso.

— Seu pai arranjou um casamento com Benito Brasci para ela — falei com a voz baixa.

Aria engasgou.

— O quê? Ele nunca disse nada sobre estar procurando um marido para ela! — Ela olhou para Luca. — Ou ele comentou alguma coisa com você?

Luca ficou petrificado.

— Não, ele não comentou nada. Mas, neste momento, estou mais preocupado com o fato de que Romero sabe sobre isso antes de qualquer outra pessoa e de que ele quase matou um dos meus homens por causa disso.

Eu me encostei na parede. Poderia muito bem lhe dizer a verdade.

— Lily e eu tivemos um romance durante o verão.

Matteo assobiou baixo. Por algum motivo isso me irritou *pra* cacete. Olhei para ele e quase perdi a cabeça de novo quando vi seu sorriso. Que merda isso tinha de tão engraçado?

Luca falou na minha cara:

— Você não me disse não muito tempo atrás que não estava interessado nela? Que não teria porra de problema nenhum quando ela estivesse por perto? Eu me lembro muito bem dessa conversa e, agora, você me diz que estava tendo um *romance* com Liliana pelas minhas costas o verão inteiro?

Aria tocou no braço de Luca e se colocou entre nós dois.

— Luca, por favor, não fique chateado com Romero. Ele e Lily não tinham intenção de causar nenhum mal. Eles se apaixonaram. Simplesmente aconteceu.

— E você sabia o tempo todo? — resmungou Luca. — Você sabia e não me contou? Não tivemos uma discussão sobre lealdade e confiança quando você ajudou Gianna a fugir?

Aria empalideceu. — Elas são minhas irmãs.

— E eu sou seu marido, porra.

— Luca, ela não teve a intenção… — comecei a falar.

Luca me deu um soco no peito.

— Fique fora disso, caralho. Você tem sorte de eu não colocar uma bala na sua cabeça neste segundo por ir contra as minhas ordens.

— Ei, calma aí, Luca. Talvez não seja tão ruim quanto parece — falou Matteo, tentando ser a voz da razão, o que por si só já era uma piada.

— Ah, desconfio que seja exatamente tão ruim quanto parece — murmurou Luca. Ele fixou o olhar em mim. — Só me conte uma coisa: teremos problemas na noite de núpcias de Liliana?

Eu sabia o que ele estava perguntando.

— Lily não vai se casar com aquele cara. Ele não tem mais de cinquenta anos? É ridículo — intrometeu-se Aria.

— Tem mais de cinquenta e é um pedaço de merda — acrescentou Matteo.

Luca ignorou os dois. Ele cravou os olhos em mim.

— *Haverá* um maldito problema na noite de núpcias?

— Eu transei com Lily — falei calmamente.

Matteo soltou outro de seus assobios irritantes.

Luca xingou. Ele parecia querer esmagar a minha cabeça com uma marreta.

— Por que você não pôde deixar seu pau dentro da calça? Não poderia, pelo menos, não ter cruzado o limite de realmente fodê-la?

— Não me arrependo — falei. — Agora mais do que nunca.

Luca recuou como se não confiasse em si mesmo tão perto de mim.

— Isso é uma confusão do caralho. Você tem noção do que acontece se Benito Brasci descobre que sua esposa não é virgem? Scuderi vai se dar conta de que isso aconteceu em Nova York e estaremos ferrados.

— Não acho que será um problema. Uma vez fiquei ao lado de Brasci no mictório. O pau do cara é minúsculo. Ele não pode esperar que haja algum sangue no lençol com aquela salsichinha. Liliana provavelmente nem vai notar o pau dele dentro dela — ironizou Matteo.

Fiquei puto. Avancei nele, dei com meu punho em seu maxilar. Mas Matteo não era Nino. Após o meu primeiro golpe, ele bloqueou o segundo e sacou da sua faca. A minha também estava em punho. Nós nos encaramos com as facas apontadas um para o outro.

— Chega! — urrou Luca, ficando entre nós dois e nos afastando um do outro. — Vou derrubá-los como cães raivosos se não se controlarem neste segundo.

— Foi ele que começou — falou Matteo sem tirar os olhos de mim. Nunca lutamos um contra o outro e eu não tinha certeza se conseguiria derrotá-lo numa luta de facas, mas não me importaria em descobrir.

— Você o provocou — falou Aria. — O que você disse foi horrível.

Matteo revirou os olhos. — Meu Deus, eu estava tentando deixar o clima mais leve.

— Sem sucesso — disse Luca friamente. — Agora, guardem as facas. Os dois.

Embainhei a minha faca e Matteo fez o mesmo. Exalei.

— Eu não deveria ter te dado um soco — falei por fim.

Matteo assentiu. — Eu deveria ficar calado de vez em quando.

Apertamos as mãos e eu me encostei na parede de novo. Minhas pernas ficaram pesadas. Olhei para o meu celular. Precisava ligar para Lily, falar que eu não desistiria dela.

— Mas ela não está grávida, está? — perguntou Luca depois de um tempo.

Neguei. Sempre tomamos cuidado.

— Então, quem sabe possamos sair ilesos disso. Pode ser que Brasci não perceba, e existem maneiras de fingir manchas de sangue no lençol.

— Ela não vai se casar com aquele homem — falei.

Luca ergueu as sobrancelhas.

— Não vai, é? Você está pensando em impedir Scuderi? Quem sabe sequestrar Lily e se casar com ela?

Eu não falei nada. Queria bater em Luca também, mas isso definitivamente teria sido o prego no meu caixão.

— Luca, por favor. Você pode conversar com meu pai?

— Conversar com ele e falar o quê? — grunhiu Luca. — Que o meu melhor soldado comeu a filha dele e a quer para si? Que quebrei a minha promessa de proteger Liliana e, agora, ela perdeu a porra da honra? Isso vai terminar *bem pra caralho.*

— Não, mas você poderia lhe dizer que Gianna e eu queremos nossa irmã em Nova York conosco e se ele não consideraria casá-la com alguém da *Famiglia*. Não precisa dizer com quem por enquanto. Isso nos daria tempo para pensar em alguma coisa.

— Não posso me envolver. Não é da minha conta. E se seu pai já prometeu Liliana a Brasci, ele não vai mudar de ideia. Isso faria com que sua imagem fosse afetada e ofenderia Brasci.

— Mas nós temos que fazer alguma coisa! — exclamou Aria.

— Não vou entrar em guerra por causa disso! — explodiu Luca.

Eu o entendia. Ele tinha que pensar apenas na *Famiglia*. Só que eu não.

***

Liliana

Fui acordada pelo toque do telefone. Lentamente, a conversa com meu pai e, depois, com Romero se reproduziram na minha mente. Meus olhos correram para a minha mala que estava no closet, pensando e esperando que fosse Romero de novo, então, lembrei que o celular estava no mudo. A decepção me corroeu mais uma vez. Sentei-me, desorientada e exausta de tanto chorar. O relógio na mesa de cabeceira mostrava que eram apenas 22h. Fui até a minha mesa onde estava o telefone fixo e o atendi. Era Aria. Ela já devia estar sabendo. Será que papai ligou para ela para dar a boa notícia?

Atendi.

— Oi, Aria — falei rouca. Não havia como esconder que estive chorando. Aria conhecia aquela voz.

— *Ah, Lily. Acabei de saber. Sinto muito. Não consigo acreditar.*

— *Não vamos deixar papai ir em frente com isso. Vamos pensar em algo* — gritou Gianna ao fundo. Elas estavam juntas, tinham maridos que amavam, e eu ficaria presa aqui com um velho a quem nunca seria capaz de amar. Como as coisas ficaram tão terrivelmente erradas?

— Papai te ligou? — perguntei. Minha voz retomou um pouco da falta de emoção à qual eu preferia.

— *Não, não ligou. Descobrimos por Romero.*

— Ele te contou.

— *Contou, sim* — falou Aria lentamente. — *Ele agrediu um dos outros soldados que lhe disse algo, então, Luca teve uma conversa com ele e descobriu.*

— Por que ele agrediu o homem?

— *O que acha? Porque ele não quer que você se case com Brasci* — disse Aria docemente. — *Ele está tentando te ligar há uma hora, mas você não atende. Ele quase enlouqueceu aqui. Quer falar com você.*

— Ele está aí com vocês?

— *Está. Vou passar o telefone para ele agora, tudo bem?*

O medo enlaçou o meu pescoço. — Tudo bem.

— *Lily* — murmurou Romero no telefone. Agora, a voz dele era tudo, menos indiferente. Soltei um suspiro pesado e senti as lágrimas correrem pelo meu rosto.

— *Lily?*

Engoli em seco.

— Pensei que você não quisesse mais nada comigo agora que estou prometida a outro.

— *Não, nunca. Sei que não reagi do jeito que deveria. Eu… eu fiquei tão furioso quando me contou que o seu maldito pai quer te vender para aquele velho filho da puta. Eu quis voar até aí e matá-lo. Não queria descontar a minha raiva em você, então, tentei me conter.*

— Tudo bem — sussurrei.

— *Você ainda quer fugir?*

Sim, mais do que qualquer coisa.

— Isso significaria guerra. Você mesmo disse.

— *Eu não me importo. Eu arriscaria uma guerra por você.*

— Luca está aí te ouvindo dizer isso?

— *Não.*

— Ele te mataria se te escutasse.

— *Suas irmãs arriscariam uma guerra por você também.*

Eu não duvidava disso. Principalmente Gianna, mas até mesmo Aria, que era mais racional, faria qualquer coisa para me proteger e era isso que me assustava tanto. Fabiano em breve estaria metido nos negócios da máfia. A guerra com os russos havia piorado nos últimos anos e eu provavelmente nem sabia metade de tudo isso. Se Nova York e Chicago começassem a brigar entre si, poderia custar as vidas de muitas pessoas com quem eu me importava.

— Tenho que conhecê-lo amanhã.

— *Não te quero sozinha com ele, Lily.*

— Mas, e se ele pedir e papai autorizar?

— *Você é uma garota italiana honrada, use isso. Se eu for me preocupar que você ficará sozinha com ele, reservo uma passagem para o próximo voo e estarei aí amanhã. Caralho. É exatamente isso que eu quero fazer… e matá-lo.*

Sorri ligeiramente, desejando que ele pudesse fazer isso. Queria apenas tê-lo comigo, sentir seus braços me envolvendo.

— Não sou mais uma garota honrada. Talvez se eu contar ao meu pai, consiga me livrar desse casamento.

— *É capaz de ele te matar. Seu pai tem estado bastante instável desde aquilo com Gianna.*

— Talvez seja melhor do que me casar com aquele cara.

— *Não diga uma coisa dessas. Vamos dar um jeito.*

Assenti, mesmo ele não podendo me ver. Queria acreditar nele.

— Eu sei — falei baixinho.

— *Aria vai ligar para o seu pai amanhã de manhã para ter uma noção da determinação dele.*

— Não acho que ela consiga convencê-lo a desistir. Luca sabe de tudo sobre nós dois?

— *Sabe, pelo menos tudo o que precisa saber para analisar a situação.*

Meu rosto inflamou, mas Romero estava certo. Precisávamos contar a verdade a Luca se quiséssemos que ele fosse capaz de fazer algo.

— Ele ficou muito furioso?

Romero ficou calado por um segundo.

— *Ele não ficou contente. Eu bati em Matteo, o que não ajudou muito.*

— Você bateu no Matteo? Por quê? Achei que Aria tivesse dito que você agrediu outro soldado.

— *Os dois* — admitiu Romero. — *Eu simplesmente perdi a cabeça.*

— Por favor, não se meta em problemas por minha causa. Não quero que se machuque, prometa.

Houve outro momento de silêncio antes de ele falar:

— *Prometo*.

Mas eu desconfiava de que fosse uma promessa que ele não tinha certeza de poder manter. Ele já ter agredido Matteo, o *Consigliere* da *Famiglia*, não era um bom sinal.

— *Ligue para mim depois de seu encontro com Brasci amanhã. Vou ficar maluco se não souber de você. E não o deixe tentar nada. Ele não tem nenhum direito. Eu vou matá-lo se ele ultrapassar qualquer tipo de limite, se ele sequer te olhar da maneira errada.*

— Você não me prometeu que vai ficar longe de problemas? — brinquei sem entusiasmo.

— *Vou tentar, mas vou estar no limite amanhã, disso eu tenho certeza.*

Conversamos sobre algumas coisas sem importância antes de nos despedirmos e desligarmos. Agarrei o telefone ao peito. Deitei na cama devagar. Fiquei aliviada por Romero ainda me querer, mas também fiquei com medo de que ele fizesse alguma coisa que o levasse à morte. Luca gostava muito de Romero, mas, da mesma forma, ele era o Capo e precisava manter seus homens na linha. Se Romero fizesse alguma coisa que prejudicasse publicamente a *Famiglia*, Luca poderia não ter escolha a não ser puni-lo severamente. Eu não deixaria isso acontecer.

***

Mal dormi mais do que duas horas. Sabia que a minha primeira noite em Chicago não seria fácil, mas não esperava que fosse tão horrível.

Havia olheiras sob meus olhos e eu não me importei em escondê-las. Talvez Benito resolvesse não se casar comigo se eu parecesse um cadáver. Coloquei uma calça jeans e uma blusa antes de descer. Fabi e papai já estavam sentados à mesa, tomando o café da manhã. Perguntei-me se eles faziam isso todos os dias quando eu estava fora.

— Desde quando você acorda tão cedo num sábado? — perguntei a Fabi ao me sentar na cadeira em frente a ele.

— Só porque ele não tem aula não quer dizer que deva ficar de preguiça — respondeu papai no lugar de Fabi. Fabi espetou uma fruta com o garfo parecendo querer que ela fosse papai.

— Ele está perto de ser iniciado?

Papai pousou seu café.

— Você sabe muito bem que não é da sua conta.

Fechei minhas mãos em punho debaixo da mesa. Minha garganta fechou ao dizer as palavras seguintes:

— Quando Benito Brasci e sua filha chegarão?

— Por volta das 18h. Já te disse que jantaremos com eles. — Ele estreitou os olhos. — Espero que não pretenda usar isso esta noite. Coloque um de seus vestidos de coquetel e deixe os cabelos soltos. Benito prefere assim.

Pisquei algumas vezes, atordoada demais para emitir palavras. Fabi largou o garfo fazendo barulho.

— E você deveria comer. Não quero que desmaie novamente. Esta noite é importante — continuou papai indiferente.

Peguei um pão doce e enfiei uns pedaços na boca, mas não tinha certeza se conseguiria mantê-lo no estômago.

— Pare de partir a comida com a mão, Liliana, pelo amor de Deus.

— Deixe-a em paz! — gritou Fabi.

Papai e eu congelamos.

— O que você disse? — perguntou papai com um tom de voz perigoso.

Fabi olhou para ele em retorno, mas logo abaixou o olhar.

— Por que não pode deixá-la em paz? Eu não gosto que a trate assim.

— Não vou deixar que você me critique, Fabiano. É melhor aprender a ficar com a boca fechada senão terá grandes problemas quando for parte da Outfit. Entendeu?

Fabi assentiu, mas seus lábios estavam comprimidos.

Engoli o resto do pão doce à força, embora não tivesse gosto de nada. Papai pegou o jornal e desapareceu por trás dele.

Fabi e eu não tentamos falar nada. E, de verdade, o que havia para dizer?



CAPÍTULO QUATORZE

Liliana

Escolhi o vestido que usei na festa de Natal do ano passado. Ele era mais simples que meus outros vestidos, com gola alta e na altura dos joelhos. Contudo, era mais justo do que eu gostaria para esta noite. Conforme papai dissera, deixei meus cabelos soltos, caindo nos ombros, embora a ideia de ficar atraente para Benito me apavorasse infinitamente. Decidi calçar sapatilhas já que papai não mencionou nada sobre saltos altos.

— Liliana, por que está demorando tanto? Nossos convidados chegarão a qualquer momento. Desça de uma vez!

Respirei fundo e saí do meu quarto. Tudo ficaria bem. Se eu sobrevivesse a este dia, Romero descobriria um jeito de me livrar desse casamento. Tudo ficaria bem. Eu repetia essas palavras inúmeras vezes enquanto descia a escada, mas minha garganta fechou da mesma forma. Fabi estava vestido com um terno azul marinho apropriado e uma gravata, mas seu semblante era de um adolescente emburrado.

Papai também vestia um terno de negócios, porém, ele quase sempre se vestia assim. Ele analisou minha roupa de maneira crítica.

— Você deveria ter escolhido um vestido diferente, mas terá que servir por agora. Não temos tempo para que você se troque novamente.

Parei no degrau. A raiva me inundou mais uma vez, mais intensa do que

antes. A campainha tocou, impedindo-me de dizer alguma coisa que provavelmente teria me rendido um tapa na cara. Papai olhou para Fabi e para mim com advertência antes de ir até a porta e abri-la.

Apertei o corrimão ao ponto de dor.

— Benito, prazer em vê-lo. Entre, entre. O jantar nos espera. Nossa cozinheira preparou um assado maravilhoso — disse papai de uma maneira excessivamente amigável que ele só usava com pessoas importantes, definitivamente não com sua família.

Tive que me impedir de sair correndo pela escada e me esconder em meu quarto. Eu não era mais uma criança. Lidaria com essa situação com elegância, e depois, faria o melhor que pudesse para evitar esse casamento. Tinha que haver um jeito.

Mas, e se não houvesse?

Desci os últimos degraus e parei ao lado de Fabi.

Papai abriu amplamente a porta para que Brasci e a filha entrassem. Prendi o fôlego. E quando meu pretenso marido entrou no hall de entrada, a repulsa me dominou.

Ele era alto e magro, com cabelos castanhos grisalhos penteados para trás iguais aos do papai, mas onde os de papai eram cheios, os de Benito eram desbastados e seu couro cabeludo aparecia. Sua pele era bronzeada por causa das muitas horas na câmara de bronzeamento e parecia quase couro. Ele era velho. Seus olhos escuros pousaram em mim e um sorriso curvou seus lábios.

O olhar de Benito fazia eu me sentir como se lesmas rastejassem sobre a minha pele: o jeito com que seus olhos percorriam cada centímetro do meu corpo, já me marcando como dele. Eu queria limpá-lo como se fosse lodo. Meus olhos deslizaram para a garota ao lado dele, pouca mais velha do que eu e com um olhar de resignação desesperada em seu rosto. A situação dela não era melhor que a minha. Ela se casaria com meu pai. Nossos olhares se encontraram. Havia acusação no dela? Talvez ela pensasse que eu era o motivo do acordo entre meu pai e o dela. Eu nem mesmo podia culpá-la. Tudo nisso era muito

injusto.

Papai gesticulou para que eu me aproximasse. Mesmo cada fibra do meu ser sendo contra, eu me rastejei até eles. Fabi estava dois passos atrás de mim. Quando cheguei ao lado de papai, ele pôs uma mão na minha lombar e disse com um sorriso orgulhoso:

— Esta é minha filha, Liliana.

Benito inclinou a cabeça, mas seus olhos permaneceram me encarando. Ele não fazia nada claramente inapropriado, porém, por alguma razão, seu olhar parecia invadir meu espaço pessoal.

— É um prazer te conhecer — falou ele, depois se aproximou e beijou meu rosto. Congelei, contudo, não o afastei. Papai provavelmente teria me matado se eu fizesse isso.

— E Fabiano — falou Benito, olhando para o meu irmão, que parecia ter provado algo amargo.

Benito acenou para que a filha avançasse.

— Esta é Maria.

Papai também a cumprimentou com um beijo no rosto e eu quase vomitei. Maria olhou novamente para mim. Ela parecia tão… conformada. Entretanto, quando olhou de novo para o meu pai, sorriu para ele. Para mim, tinha ares de ser falso, mas papai parecia satisfeito com a reação dela. Praticamente pude ver seu peito inflar de orgulho.

Papai acenou em direção à sala de jantar.

— Vamos jantar. Assim, teremos a oportunidade de conversar.

Papai estendeu a mão para Maria e ela a pegou sem hesitar. Eu sabia o que estava por vir. Mas, ao invés de pegar a minha mão, Benito colocou a dele na minha lombar. Eu quase me afastei, no entanto, me obriguei a continuar firme. Contudo, não consegui forçar um sorriso.

Entramos na sala de jantar e quando eu finalmente sentei-me na minha cadeira, quase chorei de alívio por estar livre do toque de Benito. Só que ele se sentou ao meu lado. Papai e Benito logo estavam imersos numa conversa, o que

deixou Maria e eu sentadas num silêncio constrangedor. Eu dificilmente poderia perguntar-lhe qualquer coisa de importante com nossos pais sentados ali perto. Eu escapava para dentro da minha mente, mas de vez em quando meus olhos se voltavam para o homem ao meu lado que cheirava a fumaça de charuto.

E só conseguia pensar que queria estar de volta a Nova York com Romero.

— Por que vocês, meninas, não vão se sentar no sofá para podermos tratar de negócios? — pediu papai, arrancando-me dos meus pensamentos.

Levantei-me da cadeira e conduzi Maria para a sala de estar. Nós nos sentamos ao lado uma da outra, dando início a outro silêncio constrangedor. Limpei a garganta.

— É estranho, não é, que estejamos sentadas aqui com nossos pais planejando nossos casamentos?

Maria me observou com cautela.

— Eles querem o melhor para nós.

Eu quase bufei. Ela parecia um papagaio. Será que seu pai colocara essas palavras em sua boca?

— Você acredita mesmo nisso? Você vai se casar com um homem que poderia ser seu pai. Como isso é o melhor para você?

Mais uma vez o olhar dela correu para onde estavam nossos pais. Ela se comportava perfeitamente, fato. O que me preocupava era como ela tinha tanto cuidado. Será que seu pai era muito rigoroso? Violento, quem sabe?

— Eu serei a esposa do *Consigliere*. Isso é bom.

Eu desisti. Obviamente, ela não conversaria honestamente comigo, ou havia sofrido uma lavagem cerebral tão eficiente que realmente falava sério.

— É, isso com certeza é um grande feito. — Eu não queria tratá-la mal, mas estava com meus nervos em frangalhos demais para ter consideração. Só que ela não entendeu meu sarcasmo. Estava ocupada demais arriscando olhares para os nossos pais.

Papai se levantou.

— Por que você não conversa com Benito por um instante, Liliana? Eu vou

conversar com Maria.

Essa era a última coisa que eu queria. Benito veio em minha direção a passos largos e o pânico começou a se instalar. Para onde iríamos? Eu não queria ficar sozinha com ele. As palavras de mamãe atravessaram a minha mente. Eu era uma garota italiana respeitável, pelo menos até onde eles sabiam. Papai e Maria sentaram-se juntos à mesa de jantar e Benito sentou-se ao meu lado no sofá. Ao menos eu não ficaria sozinha com ele.

Ele até deixou um espaço entre nós dois, mas ainda estava perto demais para o meu gosto. Dava para sentir o cheiro do charuto em suas roupas e em seu hálito, e seu joelho estava a menos de dez centímetros do meu. Pude sentir minha visão ficar turva. Meu Deus, eu não ia ter um ataque de pânico porque ele estava sentado ao meu lado, não é? O que aconteceria quando ele realmente se casasse comigo? Aí, ele faria mais do que apenas se sentar ao meu lado. Fiquei olhando para frente, incerta do que fazer ou falar. Deu para senti-lo me observando.

— Você é uma garota muito atraente — falou. Ele pegou a minha mão e a levou aos seus lábios. Nem consegui reagir, estava em choque demais. Quando seus lábios roçaram na minha pele, eu quis afundar em mim mesma. Muitos homens já beijaram a minha mão em festas, mas, por alguma razão, isso era pior.

— Obrigada — engasguei.

— Seu pai já te falou a data do nosso casamento?

Havia uma data? Apenas ontem eu soube sobre isso. Como já podia existir uma data? Muda, balancei a cabeça, negando.

— Daqui a quatro semanas. No dia 20 de outubro. Seu pai não queria esperar, e eu concordo. Ele se casará com Maria na semana anterior a do nosso casamento.

Eu olhei para ele, depois, em direção ao meu pai, que estava cheio de malícia para Maria como se ela fosse um pedaço de doce que ele queria devorar. Eu ia vomitar. A qualquer momento, meu jantar voltaria.

— Liliana, está ouvindo? — Havia uma pitada de impaciência no tom de

Benito e algo menos gentil brilhava em seus olhos.

Eu estremeci.

— Sinto muito. Só fiquei surpresa. — Surpresa? Surpresa? Meu Deus, surpresa nem começava a descrever os meus sentimentos. Se já havia uma data, como Romero poderia convencer meu pai a escolhê-lo como meu marido? Não poderia. Eu não era ingênua. Papai nunca concordaria. Ele queria Maria e, para consegui-la, precisava me ceder a Benito em troca.

Benito sorriu, mas de alguma forma, isso só o fez parecer mais assustador. Talvez fosse a minha imaginação.

— Claro que está muito em cima, mas as pessoas não vão querer perder nossos casamentos, então, estou confiante de que faremos uma grande festa.

Assenti. Segurei meu pulso, sentindo os batimentos e me surpreendi em encontrá-los. Eu me sentia tão entorpecida que podia muito bem estar morta.

Benito falou sobre as pessoas que precisávamos convidar e a comida que precisávamos servir, mas eu não consegui me concentrar. Tinha que falar com Romero. Benito tocou em meu joelho e eu fui arrancada dos meus pensamentos.

— Você está nervosa — disse em tom acusatório. Ele não tirou a mão do meu joelho.

— Fico contente que estejam se dando tão bem — falou papai ao chegar por trás, Maria vinha a alguns passos dele como um cachorrinho. Nunca fiquei tão feliz em ver meu pai. Benito tirou a mão do meu joelho e eu logo me levantei. Precisava fugir antes de enlouquecer.

Felizmente, Benito e a filha foram embora logo depois.

Papai parecia incrivelmente satisfeito quando fechou a porta. Ao se voltar para mim, seu sorriso se desfez.

— Não me olhe assim. Benito é um homem importante. Ele é um dos nossos Capitães mais influentes, com um grande número de soldados leais. É importante tê-lo do nosso lado.

— Posso voltar para Nova York para comprar o vestido de noiva com Aria? — Não toquei no nome de Gianna, embora me sentisse mal por isso, mas não

podia arriscar que papai ficasse furioso de novo. E eu, definitivamente, não queria lembrá-lo da fuga de Gianna.

Papai riu.

— Você pode comprar aqui. Não vou te deixar sair de Chicago novamente, há muito o que fazer e eu não confio que não vá inventar algo estúpido se te deixar longe da minha vista. Sei que você e Gianna não são muito diferentes. Não vou deixar que estrague isso, você vai se casar com Benito.

Assim que voltei para o meu quarto, digitei o número de Romero com as mãos trêmulas. Ele atendeu depois do primeiro toque.

— *Você está bem?* — perguntou ele imediatamente.

— O casamento é daqui a quatro semanas.

— *Porra* — grunhiu Romero. Deu para ouvi-lo batendo em alguma coisa e, depois, o barulho de algo quebrando. Romero sempre pareceu muito controlado. — *Seu pai enlouqueceu, caralho. Eu não vou permitir. Não estou nem aí se ele é o* Consigliere.

— Por favor, se acalme. — Parte de mim apreciava sua fúria porque mostrava o quanto ele se importava comigo, mas a outra parte estava apavorada com as consequências que ele poderia encarar se agisse conforme suas emoções.

— *Como pode estar tão calma, Lily? Você tem noção do que isso significa?*

— Claro que tenho — sussurrei. — E quanto a Aria e Luca? Eles podem fazer alguma coisa?

— *Não sei. Aria está conversando com seu pai neste momento.*

— Que bom — falei indiferente, mas sabia que era inútil. Papai parecia determinado.

— *Você tem permissão para voltar a Nova York?*

— Não, papai não quer que eu saia de Chicago. Ele quer ficar de olho em mim até o casamento.

— *Merda. Vou falar com Luca. Vamos dar um jeito.*

— Tudo bem — sussurrei.

— *Eu não vou te perder, Lily. Não vou permitir que ninguém te machuque.*

Eu juro.

— Eu sei.

— *Ligo para você assim que falar com Luca.*

— Tudo bem. — Eu parecia um disco arranhado. Desliguei e me sentei de pernas cruzadas na minha cama. Não tenho certeza de quanto tempo passou até Romero voltar a ligar. Atendi imediatamente. Eu estava estranhamente calma.

— E aí? — perguntei.

Romero respirou fundo e eu soube que estava tudo acabado. Uma tristeza profunda me dominou.

— *Seu pai vai em frente com esse casamento. Aria tentou convencê-lo a parar com isso, mas ele ficou muito puto e a acusou de tentar enfraquecer a Outfit, avisou para ela não se envolver senão ele veria como um ataque à Outfit e aconselharia Dante a cortar relações conosco.*

— Então, não há nada que possa impedir esse casamento.

— *Posso voar para Chicago amanhã e te pegar. Duvido que seu pai consiga me impedir.*

— E depois?

— *Depois pensamos em alguma coisa.*

— Poderemos voltar a Nova York? Luca nos protegeria?

Romero ficou calado por um segundo.

— *Luca não arriscaria uma guerra por causa disso. Estaríamos por conta própria.*

— Isso significaria que Luca também nos caçaria?

Romero suspirou.

— *Lily, nós podemos fazer isso. Eu poderia nos manter seguros.*

Eu não duvidava disso, mas que tipo de vida seria? Eu nunca mais veria Aria e Gianna, nunca mais veria Fabi, nunca poderia voltar a Nova York nem a Chicago, e sempre teríamos que viver com medo.

— Posso conversar com Aria?

— *Claro. Qual o problema, Lily? Pensei que você queria que fugíssemos*

juntos.

— Queria. Quero. Só que você ama a *Famiglia* e você e Luca são como irmãos. Você perderia tudo se fugíssemos.

— *Você vale a pena.*

Eu não tinha certeza se isso era verdade.

— Posso falar com Aria agora?

— *Claro. Mais tarde nos falamos de novo, tudo bem?*

— Tudo bem — respondi.

A voz de Aria soou do outro lado.

— *Ah, Lily, isso é uma porcaria. Como você está?*

— Eu sinto como se estivesse caindo e não houvesse nada para amparar a minha queda — admiti.

— *Não vamos te deixar cair, Lily. Vou convencer Luca a mudar de ideia. Você é minha irmã. Não vou te deixar ser infeliz pelo resto da vida. Se Luca me ama, ele vai te ajudar.*

— Ele disse que não quer arriscar uma guerra. Ele acha mesmo que Dante começaria uma guerra caso eu não me case com Benito?

— *Se você fugir para ficar com Romero, aí, papai vai tomar isso como um ataque da* Famiglia *e convencerá Dante a se vingar. Haverá uma guerra. Tanto Luca quanto Dante têm que mostrar força. Seus homens esperam isso deles. Apesar dos anos de parceria, Nova York e Chicago ainda não gostam uma da outra.*

— Se Romero decidir agir por conta própria e me levar de Chicago, o que Luca faria?

— *Não sei. Ele está verdadeiramente determinado a evitar uma guerra com Chicago. Por isso, ele teria que dizer que Romero é um traidor que agiu sem a permissão de seu Capo e, para manter a Outfit feliz, teria que caçar Romero e…* — ela parou.

— E matá-lo — terminei por ela. — Ele conseguiria fazer isso? Será que ele conseguiria realmente matar Romero?

— *Eu não acho que ele faria* — falou Aria —, *mas poderia entregá-lo para a Outfit.*

— Isso também significaria a morte de Romero.

— *Vou conversar com Luca. Se ele me ama, não fará isso. Gianna também falará com Matteo. Vamos te ajudar, Lily, não importa a que custo. Não ligo se isso significa guerra.*

— Fabi logo fará parte da Outfit. Pode ser que ele tenha que lutar com Romero, Luca e Matteo. Muitos morrerão e os russos podem aproveitar a chance e matar ainda mais dos nossos.

— *Não ligo se os russos tomarem partes da cidade. Isso só tem a ver com dinheiro. Eu quero que sejamos todos felizes.*

— Mas como poderemos ser felizes? E se Dante e a Outfit tentarem assassinar Luca? Isso já aconteceu quando Nova York e Chicago estavam em guerra.

Aria ficou calada. Ela amava Luca.

— *Não vai chegar a isso.*

— Você não sabe disso. — Ficamos em silêncio.

— *Quer que eu passe o telefone de novo para Romero?* — perguntou Aria depois de um tempo.

— Quero. — Pude ouvi-la se movimentando e logo Romero estava de volta no outro lado da linha.

— *Então, você e Aria conversaram sobre tudo?*

— Conversamos. Aria vai falar com Luca outra vez.

— *Ele não vai mudar de ideia. E está certo em se manter firme. Ele precisa pensar na* Famiglia — falou.

— Eu não me importo com a *Famiglia*, mas me importo com você.

— *Não se preocupe comigo. Morrerei feliz se for para te salvar de Benito Brasci.*

Era exatamente isso que eu temia.

— Não diga isso. A minha vida não vale mais que a sua. Casar com ele não é

uma sentença de morte.

— *Agora você quer se casar com ele?* — perguntou Romero secamente. Ele estava estressado demais. Desejei poder tocá-lo e acalmá-lo.

— Claro que não, mas não quero colocar a sua vida em risco.

— *Não há outro jeito, Lily. Mas não se preocupe. Já fiz isso antes.*

Eu sabia que sim, mas isso era diferente. Conversamos mais alguns minutos antes de eu prometer ligar para ele no dia seguinte para detalhar os planos da minha fuga.

Quando desligamos, fiquei encarando a parede branca em frente à minha cama por muito tempo, como se ela pudesse me dar as respostas de que eu precisava.

As pessoas que eu mais amava arriscariam tudo para me manter segura, para me salvar de um casamento sem amor, mas a que custo?

Romero soara como se não se importasse nem um pouco com a possibilidade de perder tudo. Eu sabia que ele amava a *Famiglia*, que tinha orgulho em fazer parte dela. Ele amava essa vida, mas a abandonaria se me ajudasse a fugir desse casamento. Luca não arriscaria uma guerra. O pessoal dele faria um motim. Ele não teria escolha a não ser perder Romero e entregá-lo à Outfit. Aria poderia acabar com seu casamento se tentasse chantagear Luca para me ajudar. Ele já a havia perdoado uma vez por traí-lo, mas será que perdoaria novamente?

Poderia eu arriscar a felicidade de todos pela minha?

Alguém bateu na minha porta e logo papai entrou sem avisar. Levantei-me imediatamente. Sua expressão era tempestuosa.

— O que você falou para sua irmã? Por que ela e Luca estão tentando se envolver em nossa família? Você acha mesmo que eles podem me fazer mudar de ideia em relação ao seu casamento?

— Eles querem ajudar porque estão preocupados comigo.

— Eu não ligo! — urrou. — Você vai se casar com Benito e ponto final.

— Eu não posso — falei desesperada.

— Pode e vai.

— Eu não sou mais virgem. Se você não quer que as pessoas descubram, não pode me casar com Benito! — descarreguei.

Papai veio para cima de mim como um furacão, agarrou meus braços e me empurrou na parede. A minha cabeça zumbiu com o impacto.

— O que você disse? — rosnou.

Fiquei boquiaberta com sua cara ameaçadora.

Ele me sacudiu com força até a minha visão embaçar. De repente, Fabi correu para dentro do quarto. Ele puxou o braço de papai na tentativa de me libertar, mas meu pai o atacou. Fabi caiu no chão com o rosto chamejando de dor.

— Volte para o seu quarto, garoto. *Agora*, ou juro que vou fazer você se arrepender.

Meus braços doíam do aperto de papai, mas acenei de leve para Fabi. Eu queria que ele saísse. Ele não precisava se meter em problemas por minha causa. Fabi lutou para ficar de pé e, depois de um tempo de hesitação, saiu mancando do meu quarto. Quando ele estava fora de vista, papai se voltou para mim.

Eu estremeci.

— Diga a verdade.

Eu não conseguia falar. Estava arrependida de sequer ter mencionado qualquer coisa. Papai parecia mesmo querer me matar.

Ele me deu um tapa na cara, mas não me soltou.

— Quem foi? Quem te transformou numa piranhazinha? Alguém da *Famiglia*, não foi?

Lágrimas queimavam meus olhos, porém, eu não chorei. Eu não podia contar a verdade para papai.

— Não — apressei-me em responder. — Eu o conheci na boate, você não conhece.

— Eu não acredito em nenhuma porra de palavra que você diz, sua puta nojenta. E não importa. Você vai se casar com Benito e vai gritar como uma virgenzinha assustada na sua noite de núpcias para que ele não duvide de sua

inocência. Eu juro que se você estragar isso para mim, vou quebrar todos os ossos do seu corpo. — Ele me soltou e recuou com ódio nos olhos. — E se você tentar escapar desse casamento e até pedir ajuda a suas irmãs, acredite, a guerra entre a Outfit e a *Famiglia* será só o começo. Vou caçar você e suas irmãs pessoalmente e, depois, descobrir quem te fodeu e esfolar o cretino. Entendeu?

Assenti bruscamente. Papai parecia querer cuspir em mim. Em vez disso, ele girou nos calcanhares e saiu.

Eu desabei no chão. Agora estava mesmo tudo acabado. Eu não poderia permitir que papai machucasse todos que eu amava só porque eu queria fugir do casamento com Benito. A imagem dos olhos repletos de ódio de papai parecia arder em meu cérebro.

Se eu me casasse com Benito, a Outfit e a *Famiglia* continuariam trabalhando juntas. Fabi estaria seguro, todos estariam seguros. Eu poderia ver as minhas irmãs e Fabi pelo menos de vez em quando e Romero poderia continuar trabalhando para Luca. Ele me esqueceria e encontraria outra pessoa.

E eu? Talvez as coisas não fossem ser tão ruins. Eu nem conhecia Benito. Talvez ele não fosse um cara horrível. E não era como se eu não tivesse experimentado a felicidade. Estar com Romero foi maravilhoso. Era algo do qual eu nunca me arrependeria e sempre lembraria. Estava na hora de fazer a coisa certa. Maria estava aceitando o seu destino. Tantas garotas antes de mim aceitaram. Eu também deveria aceitar, se ao menos mantivesse seguras as pessoas que amo.

Uma vez que tomei minha decisão, me senti aliviada, depois, profundamente triste. Deitei-me, mas o sono não veio. Lembrei-me da nostalgia nos olhos de mamãe antes de ela morrer e não pude deixar de imaginar se o mesmo olhar estaria em meus olhos algum dia.

***

Romero

Nunca achei que um dia pensaria em ir contra a *Famiglia*, mas eu *não* podia assistir Lily se casar com aquele homem. Ela era minha e eu não me importava com o que teria que fazer para que continuasse assim. Luca ficou de olho em mim quase o dia todo ontem. Ele nunca havia me olhado com verdadeira desconfiança em seus olhos. Eu tinha que admitir que doía saber que ele não confiava mais em mim e, pior, que tinha todo o direito de desconfiar de mim. Eu contrariei suas ordens diretas, quebrei a minha promessa e traí as pessoas de quem fui tão próximo, talvez até mais próximo que da minha própria família. Quando cheguei à cobertura de Aria e Luca naquela manhã, vi no olhar de Luca que ele sabia que havia me perdido. Outro Capo teria me eliminado imediatamente para prevenir o pior. Aria me deu um sorriso encorajador, mas eu não deixei de notar que Luca saiu sem beijá-la. Isso nunca aconteceu e era um péssimo sinal.

Assim que pude, liguei para Lily. O telefone tocou quase duas dúzias de vezes antes de eu desistir. Aria me lançou um olhar preocupado.

— Talvez ela ainda esteja tomando café da manhã com Fabi e papai.

Esperei alguns minutos antes de tentar de novo. Se ela não atendesse desta vez, eu reservaria a porra de um voo para Chicago hoje e a pegaria. Para o meu alívio, Lily atendeu depois do terceiro toque.

— Onde você estava? Tentei te ligar antes. Você está bem?

— *Estou bem.* — O desinteresse no tom de voz dela me fez parar. Senti como se houvesse uma barreira entre nós dois que não tinha nada a ver com a nossa separação física.

— Estive pensando na melhor maneira de fazer isso e acho que deveria ir te encontrar assim que possível. Luca está ficando cada vez mais desconfiado, então, precisamos agir depressa.

— *Eu não acho que deveríamos fazer isso.*

— Fazer o quê? — perguntei com cuidado.

— *Fugir*.

— Eu sei que você não quer deixar suas irmãs, mas talvez Luca nos acolha

depois. Pode ser que Aria consiga fazê-lo mudar de ideia.

— *Não* — falou com firmeza. — *Estou dizendo que não quero que você venha aqui e me leve. Eu vou ficar.*

Não consegui acreditar no que ouvi.

— O que você está dizendo? Que quer se casar com Benito? Eu não acredito nisso nem por um segundo. Ele poderia ser seu pai.

— *Mas é um homem importante. Ele tem muitos soldados sob seu comando.*

— Desde quando você liga para algo desse tipo?

— *Sempre liguei para isso. Gostei do tempo que passamos juntos, Romero, mas temos que ser racionais. Nunca daria certo entre nós dois. Você é um soldado e eu tenho um dever a cumprir como filha de um* Consigliere. *Todos temos que fazer coisas que não queremos.*

— Que porra o seu pai fez? Isso não soa como você, Lily.

— *Por favor, Romero. Não faça com que seja mais difícil do que já é. Você tem suas responsabilidades com Luca. Não quero que quebre seu juramento.*

— Não ligo para o meu juramento.

— *Mas deveria!* — disse ela com raiva. — *Não quero que você venha. Está tudo acabado entre nós, Romero. Vou fazer a coisa certa e me casar com Benito. E você deveria fazer a coisa certa e seguir as ordens de Luca.*

De repente, fiquei com raiva.

— Então, o que foi que houve entre nós? Uma aventura de verão? Curiosidade sobre como seria foder um soldado comum?

Lily tomou fôlego e eu me arrependi das minhas palavras duras, mas era orgulhoso demais para retirá-las ou me desculpar.

— *Não podemos mais nos falar* — falou ela calmamente. Ela estava chorando? — *Temos que esquecer o que aconteceu.*

— Não se preocupe, eu vou esquecer — falei e desliguei. Arremessei meu celular para longe. — Porra!

Preocupada, Aria correu em minha direção.

— O que houve? É Lily?

— Ela quer prosseguir com o casamento com Brasci.

Aria congelou.

— Ela falou isso?

Assenti. Fui para a cozinha, precisava de uma xícara de café. Aria correu atrás de mim.

— O que mais ela disse?

— Não muito. Apenas que Benito é um bom partido e que nós dois deveríamos cumprir nossos deveres. Que se foda.

— Ela não falou sério, Romero. Ela te ama. Provavelmente só está querendo nos proteger.

Eu não tinha mais certeza disso. E mesmo que Aria estivesse certa, talvez Lily tivesse razão. Eu dediquei minha vida à *Famiglia*. Não deveria abandonar meu juramento só por causa de uma mulher. Eu era um Homem de Honra e a minha prioridade deveria ser sempre o meu trabalho.

z



CAPÍTULO QUINZE

Liliana

Aria me ligou trinta minutos depois da minha ligação com Romero, tentando me convencer a desistir do plano de me casar com Benito. Porém, ela já estava brigando com Luca por minha causa, eu não permitiria que realmente colocasse seu casamento em risco pelos meus motivos egoístas. Eu me casaria com Benito e tentaria tirar o melhor proveito disso.

As semanas seguintes passaram numa confusão de vestidos de casamento com Valentina, escolhendo flores e o cardápio, visitando pessoas importantes para convidá-las pessoalmente. Vi Benito apenas em duas ocasiões e não houve tempo para mais do que uma curta troca de palavras e um beijo no rosto. Isso e o fato de que eu estava ocupada demais em estar preocupada, quase consegui esquecer que estava realmente organizando meu casamento com um homem que mal podia suportar. Contudo, a realidade veio no dia do casamento de papai com Maria. Ele não falava comigo desde que eu contei que não era mais virgem, exceto nas poucas ocasiões em que tivemos que fingir para Benito ou outras pessoas.

Enquanto Gianna e Matteo chegariam apenas depois para o meu casamento, Aria e Luca também foram convidados para a festa de papai, claro, e isso significava que Romero estava com eles. Eu esperava que ele tivesse decidido ficar em Nova York, não porque eu não queria vê-lo, mas porque estava com

muito medo de encará-lo, de ser confrontada pelo que eu estava perdendo.

Por sorte, eles foram direto para a igreja porque o avião atrasou, o que significava que havia uma chance de eu conseguir evitar um encontro com Romero.

Sentei-me na fileira da frente com Benito ao meu lado. Ele não me tocou de forma alguma, graças a Deus, porque isso seria inapropriado antes do nosso casamento, mas sempre que Aria ou Luca me olhavam, eu sentia como se estivesse fazendo algo indecente ao sentar-me ao lado de um homem com quem sequer queria me casar.

Eu não sabia direito onde Romero estava sentado. Já que ele não era da família, devia estar em algum lugar no fundo da igreja.

Depois da cerimônia, fomos para o hotel onde aconteceria a festa de casamento. Consegui passar pelo jantar sem ver Romero, mas mais tarde, quando estava dançando com Benito, avistei-o do outro lado do salão. Ele me observava. De repente, as outras pessoas que dançavam à minha volta desapareceram ao fundo. A vergonha tomou conta de mim. Queria empurrar Benito. Queria atravessar o salão e me jogar em Romero, queria lhe dizer que precisava dele. Tive que desviar o olhar. Quando a música parou, pedi licença e saí depressa da pista de dança. Corri para a saída. Precisava fugir disso por um momento antes de enlouquecer.

Assim que a porta fechou atrás de mim e eu me vi no corredor do hotel, consegui respirar mais fácil. Contudo, não parei. Eu não queria me deparar com os convidados voltando do banheiro ou indo naquela direção. Queria ficar sozinha.

Virei dois corredores antes de parar e me encostar com a respiração pesada na parede. Dentro de dois dias estaríamos comemorando o meu casamento. O pânico me inundou. Fechei os olhos.

Passos leves me fizeram virar e meu olhar pousou em Romero. Ele estava parado a alguns centímetros de mim, me observando com uma expressão que pareceu uma punhalada em meu coração. Apesar de tudo pelo que passei e

apesar das minhas melhores intenções em calar meus sentimentos por ele, eles pareciam mais barulhentos do que nunca. Romero estava irresistível em seu terno escuro.

— O que você está fazendo aqui? — sussurrei.

— Odiei te ver com ele. É errado e você sabe disso.

Eu sabia. Cada fibra do meu ser lutava contra a proximidade de Benito, mas eu não podia contar isso a Romero.

Ele deu um passo, aproximando-se de mim, seus olhos escuros queimavam dentro dos meus.

— Não deveríamos estar sozinhos aqui — falei num tom de voz fraco, mas não tentei ir embora. Eu não queria.

Ele deu outro passo, cada movimento era muito ágil e elegante e, ainda assim, perigoso. Eu queria me jogar em seus braços. Queria fazer mais do que isso. Fiquei onde estava. Romero reduziu a distância que restava entre nós e apoiou um braço acima da minha cabeça, seu olhar era faminto e possessivo.

— Você quer que eu vá embora?

Diga que sim. Se papai nos encontrasse aqui, poderia matar Romero na hora e, distraído como Romero estava neste momento, meu pai poderia realmente conseguir.

Soltei um suspiro trêmulo. Romero se abaixou e me beijou, e, aí, eu fiquei perdida. Passei as mãos em seus cabelos e desci pelas suas costas. Ele me beijou com mais vontade. Segurou a minha bunda e me levantou. Eu envolvi as pernas em sua cintura, desse jeito a saia do meu vestido de coquetel subiu, mas não liguei. A ereção de Romero era quente contra a minha abertura apesar do tecido da minha calcinha e da sua calça entre nós. Eu me esfreguei nele desesperadamente. Já estava muito excitada. Sentia falta disso. Eu sentia falta *dele*.

Eu sabia que alguém poderia passar por este corredor e nos encontrar, mas não conseguia parar. Romero me encostou na parede e me segurou apenas com um braço. Sua outra mão segurava meu seio por cima do vestido, me fazendo

gemer em sua boca, e meus mamilos enrijeceram. Romero gemeu. Ele empurrou em mim, esfregando sua ereção em meu calor coberto pela calcinha.

— Eu preciso de você — falei sem fôlego contra sua boca. Romero acariciou a lateral do meu corpo, depois, deslizou a mão para o meio das minhas pernas e enfiou um dedo debaixo do tecido da minha calcinha. Ele me encontrou molhada e dolorida. Estremeci à sensação de seu toque.

— Caralho. Você está tão molhada, Lily. — Ele enfiou um dedo em mim e eu arqueei as costas, ofegante. Apenas ele possuía esse efeito sobre mim.

Ele tirou o dedo novamente e abriu o zíper da sua calça. Meu centro se contraiu pela expectativa e pela necessidade. Ouvi um pacote de preservativo sendo rasgado e, então, a ponta do seu pau pressionou a minha abertura e ele começou a deslizar para dentro de mim. Minhas paredes cederam à sua extensão quente até ele entrar por completo em mim. Nós nos olhamos. Isso parecia tão certo. Por que tinha que parecer tão certo?

— Você é gostosa *pra* caralho, Lily. E apertada *pra* caralho, meu Deus.

Nossos lábios encontraram-se mais uma vez. Fazia tempo demais. Romero empurrou em mim, me colocando mais alto na parede. Eu gemi quando ele atingiu um ponto dentro de mim.

— Não podemos fazer barulho — murmurou baixinho, depois, sua boca engoliu meu ruído seguinte. Apertei ainda mais os meus braços em volta do pescoço dele. Parecia que éramos um só, inseparáveis.

Cravei meus calcanhares na sua bunda, conduzindo-o para mais fundo dentro de mim. Uma descarga de prazer me envolveu e eu desmoronei. Romero continuou estocando dentro de mim até que seu orgasmo chegou. Ficamos grudados um no outro, ainda unidos. Beijei seu pescoço. Seu cheiro familiar inundou meu nariz e eu fechei os olhos. Queria ficar assim para sempre.

O som distante de risadas me trouxe de volta ao mundo da realidade. Romero saiu de dentro de mim. Relaxei meus braços em volta dele e deixei as minhas pernas escorregarem até meus pés tocarem o chão. Nem consegui olhar para ele quando ajeitei o meu vestido. Romero jogou o preservativo numa lixeira ali

perto antes de voltar para mim. Nenhum de nós dois disse nada. Pelo canto do olho, eu o vi tocando o meu rosto. Recuei. Escorando-me, levantei o olhar.

— Isso foi um erro — sussurrei.

O rosto de Romero era de espanto, depois, ficou sem emoção.

— Um erro.

— Vou me casar com Benito em breve. Não podemos mais fazer isso.

Romero deu um aceno conciso, depois, deu meia-volta e saiu. Tive que resistir ao impulso de correr atrás dele. Esperei mais alguns minutos antes de ir em direção ao banheiro. Precisava me limpar antes de voltar para a festa senão as pessoas perceberiam que algo havia acontecido. Para o meu alívio, não havia ninguém no banheiro quando entrei. Olhei para o meu reflexo no espelho: meus cabelos estavam bagunçados e a minha maquiagem precisava ser retocada. O suor escorria pelas minhas costas. Mas pior que isso era o formigamento revelador em meus olhos. Eu não podia chorar agora. Isso estragaria tudo. Respirei fundo algumas vezes antes de começar a refazer a minha maquiagem. Quando saí do banheiro vinte minutos depois, parecia que nada havia acontecido, mas minhas entranhas se contorciam. Pensei estar em paz com meu casamento com Benito, esperava que meus sentimentos por Romero tivessem diminuído, mas agora, eu percebia que isso estava longe de ser verdade.

No instante em que pisei na pista de dança, Luca estava lá e me tirou para dançar. Eu sabia que ele queria mais do que isso. Ele nos conduziu em direção a uma parte da pista de dança onde não havia tantas pessoas antes de começar a falar em voz baixa.

— Você ainda vai em frente com este casamento? Você e Romero sumiram por um tempo.

— Sim. Eu vou me casar com Benito, não se preocupe — falei cansada. Eu nem podia culpar Luca por ser tão insensível. Ele me convidara para a sua casa e cuidou de mim, e eu paguei de volta fazendo um de seus soldados quebrar o juramento.

— Você não tem que ficar casada com ele para sempre — falou Luca

despreocupadamente.

— Papai nunca concordaria com um divórcio. — Papai me mataria antes de isso sequer acontecer.

— Existem outras maneiras de sair de um casamento além do divórcio. Às vezes, as pessoas morrem.

— Ele não é tão velho assim.

Luca ergueu uma sobrancelha.

— Às vezes, as pessoas morrem de qualquer jeito.

Ele estava mesmo sugerindo que eu deveria matar Benito?

— Por que ele não pode morrer antes do casamento?

— Isso pareceria suspeito. Espere alguns meses. O tempo vai passar rápido, acredite.

Eu queria acreditar nele, só que meses dividindo uma cama com Benito, tendo-o dentro de mim como Romero acabara de estar, soava como o inferno.

— Aí, Romero não vai mais me querer.

Luca permaneceu em silêncio. Ele sabia que era verdade. Por que Romero ainda iria me querer depois de eu passar meses dormindo com outro cara? Eu já estava enojada só de pensar, o quão pior seria para ele?

— Também há bons homens na Outfit. Você vai encontrar uma nova felicidade. Você está fazendo o certo ao se casar com Benito. Está impedindo que uma guerra aconteça e protegendo Romero de si mesmo. É algo corajoso de se fazer.

Assenti, porém, queria chorar. Luca e eu voltamos para a nossa mesa. Aria tentou conversar comigo novamente, mas desistiu uma vez que eu mal falava nada. Eu precisava sobreviver a este dia de alguma forma e, depois, ao meu casamento, e aos meses em seguida e, quem sabe depois eu teria outra chance de ser feliz. Olhei pelo salão até meus olhos pousarem em Romero. Ele me olhava com olhar crítico. Eu o amava, amava tanto que chegava a doer. Sabia que não haveria felicidade para mim sem ele.

***

Aria e Gianna me ajudaram com o vestido. Óbvio que era branco, com um véu que se arrastava atrás de mim. Deixei meus cabelos soltos porque Benito queria assim.

— Você está linda — disse Aria atrás de mim.

Conferi meu reflexo no espelho, mas só conseguia ver a expressão de absoluto desespero em meus olhos. Eu precisava que o véu escondesse isso do mundo. Gianna e Aria não sabiam sobre a minha última conversa com papai e era melhor assim. Se elas soubessem o quanto ele me assustou, me levariam embora apesar de colocar em risco suas vidas.

— Isso é uma merda — resmungou Gianna, tocando meu ombro. — Lily, dê o fora daqui. Deixe-nos te ajudar. De que serve ser casada com o Capo e o *Consigliere* da *Famiglia* se não podemos obrigá-los a começar uma guerra pela nossa irmãzinha? Você vai ser infeliz.

— Luca disse que eu poderia me livrar de Benito daqui a alguns meses quando não parecer mais suspeito.

Gianna bufou. — Ah, claro, e até lá como será? Meu Deus, Luca poderia ser mais babaca?

Aria não disse nada, o que por si só já era um sinal. Ela costumava sempre tentar defender Luca.

— Você e Luca ainda estão brigados? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Não chamaria de briga. Estamos basicamente nos ignorando. Ele está com raiva de mim por manter segredo sobre você e Romero, e eu estou puta com ele por te obrigar a casar com Brasci.

— Ele não está me obrigando, Aria. Papai está. Luca está agindo como um Capo deveria agir. Isso não é da responsabilidade dele; a *Famiglia,* sim.

— Meu bom Deus, Romero realmente te contagiou. Por favor, me diga que você não acredita de verdade no que acabou de dizer — falou Gianna.

— Não vou deixar que todos vocês se arrisquem por mim.

Irritada, Gianna tocou sua testa.

— Nós queremos correr o risco por você. Só que você tem que deixar.

Mesmo se agora eu permitisse, o que elas poderiam fazer? Tanto Luca quanto Matteo não nos ajudariam, não quando eles estavam cercados pelos soldados da Outfit. Isso seria suicídio. E Romero? Ele faria sem hesitar e seria assassinado. As palavras de papai dispararam em meu cérebro novamente. Não, eu tinha que seguir com isso. Era a única opção.

Alguém bateu à porta e logo depois a cabeça de Maria apareceu. Ela era uma das madrinhas, ainda que nós não nos falássemos muito.

— Você precisa sair agora.

Ela desapareceu antes de eu ter tempo de dizer alguma coisa.

— Não acredito que papai está casado com ela — falou Gianna. — Eu não gosto dela, mas sinto pena. Papai é um canalha.

Eu mal ouvi. Minha visão estava ficando indefinida. O medo percorreu a minha corrente sanguínea, me fazendo querer fugir. Porém, eu mantive a cabeça erguida e abaixei meu véu sobre o meu rosto.

— É melhor irmos logo.

— Lily — começou Aria, mas eu não lhe dei tempo de terminar o que quer que ela quisesse dizer. Apressei-me em direção à porta e a abri, assustada ao ver papai bem ali. Eu não imaginava que ele esperaria por mim aqui. Sabia que ele me conduziria ao altar, mas os pais geralmente esperam na antessala. Talvez ele estivesse preocupado que eu fosse fugir no último minuto.

— Aí está você. Rápido — falou. Ele lançou um olhar duro para Gianna quando ela e Aria passaram, mas não disse nada. Ele estendeu o braço para mim. Uma imagem dele com Maria apareceu na minha mente e eu quis vomitar. Coloquei a mão em seu antebraço e o deixei me conduzir em direção à parte principal da igreja, embora cada fibra do meu ser quisesse me livrar dele. A música já tocava lá dentro. Antes de entrarmos, papai se abaixou. — É melhor convencer Benito de que você é virgem senão ele vai te espancar até a morte e,

se ele não fizer isso, eu faço. — Ele não esperou pela minha resposta. Passamos pelas portas duplas e cada par de olhos se virou para nós.

Meus pés pareciam me guiar enquanto eu caminhava até o altar. Benito esperava por mim no final dele com um sorriso orgulhoso no rosto, como se pudesse finalmente apresentar sua presa para todos. Apesar do risco, meus olhos percorreram a multidão até se instalarem em Romero. Ele estava encostado na parede à direita com uma expressão indecifrável no rosto. Tentei capturar seu olhar, embora isso pudesse ter deixado essa caminhada ainda mais difícil, Romero nem olhou em minha direção. Ele estava completamente focado em Aria, fazendo papel de guarda-costas dela.

Voltei minha atenção para frente, esperando que ninguém tivesse percebido o desvio que meus olhos fizeram.

No lugar onde deveria estar a minha mãe, estava Maria, ombros curvados, pele pálida, olhos tristes; talvez ela pensasse que ninguém estivesse olhando, porque era a primeira vez que não estava com uma cara corajosa. Essa era uma amostra de como eu estaria em breve. Olhei para papai. Ele, por outro lado, parecia rejuvenescido, como se o casamento com uma jovem de apenas vinte anos lhe tivesse permitido perder alguns de seus próprios anos. Será que ele não sentia saudades de mamãe nem um pouco? Ela deveria estar ao lado dele no meu casamento. Meus olhos procuraram Romero mais uma vez. Eu não conseguia parar. E deveria ser Romero quem me esperava no altar. Chegamos ao final do corredor e papai me entregou a Benito. Dedos de velho envolveram a minha mão, suados e muito firmes. Papai levantou meu véu e, por um momento, fiquei preocupada que meu nojo e minha infelicidade estivessem claros como o dia, mas pela cara de Benito, ele não pareceu notar ou se importar. Não ouvi quando o padre começou o sermão. Custou-me tudo para evitar olhar para trás, procurando Romero mais uma vez.

Enquanto o padre e os convidados esperavam pelo meu “sim”, considerei falar “não” por um breve momento. Era a minha última chance, a última saída antes de ficar presa para sempre numa estrada para a infelicidade ou, pelo

menos, até eu descobrir um jeito de me livrar do meu marido. Será que seria capaz de algo assim? Eu nem conseguia esmagar uma mosca quando ela me incomodava.

Apenas diga “não”. Perguntei-me como as pessoas reagiriam se eu me recusasse a me casar com Benito.

Benito ficaria furioso, assim como papai. Mas as minhas irmãs e Romero entenderiam, eles provavelmente lutariam com todos para me proteger. Benito limpou a garganta ao meu lado e eu me dei conta de quanto tempo eu fiquei ali sem falar nada. Depressa, falei o que todos esperavam mesmo quando as palavras pareciam ácido.

— Sim, aceito.

— Pode beijar a noiva.

Benito agarrou a minha cintura. Eu enrijeci, mas não o afastei. Seus lábios ressecados encostaram nos meus. Dava para sentir o gosto dos charutos. Tirei a cabeça e virei para os convidados com um sorriso forçado. Benito me lançou um olhar de reprovação, mas o ignorei. Se ele soubesse o quanto de contenção me custou para não o empurrar, não ficaria puto comigo por terminar o beijo tão rápido.

Pegando a minha mão, ele me conduziu pelo corredor. Meus olhos correram em direção a Romero, mas ele já tinha ido. Procurei pela igreja toda e não o encontrei. Ele devia me odiar agora que me viu beijar Benito e não queria mais nada comigo. Será que algum dia o veria de novo?

Romero

Eu nunca deveria ter vindo a Chicago. Ver Lily andando pelo corredor em direção a Benito me fez sentir como se alguém estivesse esmagando meu coração com uma bota. A única coisa que eu queria era meter a minha faca no olho de Benito bem lentamente, ver a luz deixando-o, ouvir seu último suspiro ofegante. Queria esfolá-lo, queria lhe dar mais dor do que qualquer outro homem já aguentou.

Obriguei meus olhos a desviarem de Lily e focar em Aria como deveria ser.

Ela olhou para trás e sorriu para mim de forma compreensiva. Eu não reagi. Guardei meus sentimentos como fui ensinado a fazer nos primeiros anos depois da minha iniciação, quando ver as pessoas sendo assassinadas ou torturadas ainda me incomodava.

— Pode beijar a noiva.

Meus olhos voaram para a frente da igreja onde a porra do Benito Brasci colocara as mãos na cintura de Lily e praticamente a arrastara para seu corpo. Fiquei puto. Queria matá-lo. Afastei-me da parede, dei meia-volta e saí da igreja. Não saí correndo como queria. Movimentei-me lentamente como se não houvesse nada errado. Porra, que mentira do caralho. Estava tudo errado. A mulher que deveria ser minha havia acabado de se casar com um velho filho da puta.

Fui direto para o nosso carro alugado. Esperei lá até estar na hora de ir para a festa na mansão de Brasci.

***

Luca mal saiu da porra do meu lado na festa de casamento, devia estar preocupado que eu fosse perder a cabeça com todo mundo. Ele não estava errado. Sempre que eu olhava em direção a Lily e Benito, algo explodia dentro do meu cérebro. Não conseguia parar de me imaginar sacando da minha arma e colocando uma bala na cabeça de Benito e, depois, outra na cabeça de Scuderi, por via das dúvidas. Se eu tivesse sorte, eles não me deteriam rápido o suficiente.

Depois do jantar, Aria veio até mim. Eu não tinha certeza se conseguiria lidar com sua pena, mas não iria mandá-la embora. Ela só estava tentando ser gentil.

— Não precisa ficar, sabe disso, não é? Luca está aqui para me proteger. Isso deve ser difícil para você. Por que não vai embora e encontra um hotel? Tenho certeza de que não quer passar a noite sob o mesmo teto que Benito.

Esta noite. Até agora, eu tinha conseguido não pensar muito na noite de

núpcias.

— Não, estou bem. Posso lidar com isso.

Aria hesitou como se quisesse dizer mais alguma coisa, entretanto, ela voltou para Luca.

Quando a festa estava caminhando para o final, pude me sentir ficando cada vez mais nervoso. E, então, o que eu temia aconteceu. Benito e Lily levantaram-se de suas cadeiras para ir para o quarto principal para a primeira noite juntos deles. Uma multidão os seguiu, aplaudindo e dando sugestões do que deveria acontecer esta noite. Minha pulsação acelerou e minha mão ansiava por alcançar embaixo do meu colete.

Segui atrás deles, embora eu soubesse que esta deveria ser a última coisa a fazer. Eu sempre me orgulhei do meu controle, mas dava para senti-lo escapar pelos meus dedos.

Eu sabia que havia dito a Lily que aceitaria seu casamento. Ela me dissera que não me queria. Como um soldado da *Famiglia* de Nova York, era meu dever colocá-la em primeiro lugar. Desejar Lily poderia constituir uma guerra. Não, iria levar a uma porra de uma guerra. Dante Cavallaro era um homem calculista, mas seus soldados estavam esperando por uma oportunidade de nos extirpar de novo. Vi isso em muitos de seus olhares hoje. As coisas entre nós foram ladeira abaixo durante os últimos anos. A fase da lua de mel da nossa união havia passado logo depois do casamento de Luca e Aria, e agora, isso era um casamento de conveniência, um casamento do qual tanto a *Famiglia* quanto a Outfit queriam sair. A menor infração seria suficiente para estragar tudo.

Sem perceber, segui os outros convidados para o hall. Avistei os cachos loiro escuros de Lily no topo da escada, perto da cabeça careca de Benito e uma multidão de outros homens em volta deles. Então, meus pés começaram a se mover, minha mão foi para a minha arma e minhas têmporas latejaram de raiva. Tive que empurrar a multidão, ignorando os murmúrios de protesto. Eu não poderia deixar o filho da puta do Benito tê-la. Lily era minha e sempre seria minha. Se isso quisesse dizer guerra, então, que seja. Eu passaria até o final dos

meus dias caçando russos e canalhas taiwaneses e da Outfit se isso significasse que eu poderia ficar com ela.

Acelerei e Luca apareceu de repente na minha frente. Eu parei, respirando com dificuldade. Fiquei tentado a dar um soco nele, porém, resisti ao impulso. Se eu fizesse uma cena cercado de tanta gente, estragaria tudo. Luca me segurou pelo ombro e me levou para um corredor vazio. Ele me empurrou na parede, fazendo meus ouvidos zumbirem, depois me soltou.

— Cacete! — rosnou ele e agarrou meu ombro novamente. — Ela não é sua. Está casada com outro homem agora.

— Ela nunca quis nada disso — falei bruscamente e me livrei da mão de Luca. — Deveria ter sido eu ao lado dela no altar.

— Mas não foi. É tarde demais, Romero. Isso é Chicago. Não vamos começar a porra de uma guerra porque você não conseguiu se conter dentro da calça.

Eu fui direto para o rosto dele.

— É muito mais do que isso e você sabe.

— Eu não me importo, Romero. Você viu Liliana caminhar naquele corredor e, agora, você tem que aceitar as consequências. Ela cumpriu seu dever e você deveria fazer o mesmo. Vá para o seu quarto e durma um pouco. Não faça nada estúpido.

Luca era Capo. Era sua função zelar pelo melhor da *Famiglia*, mas neste momento eu queria matá-lo. Eu nunca quis matar meu Capo.

— Sim, chefe.

Luca segurou meu braço.

— Estou falando sério. É uma ordem direta. Não vou entrar em guerra por causa disso. Eu te avisei sobre como isso terminaria há muito tempo, mas você não ouviu.

— Não vou fazer nada — falei entredentes. Mesmo não tendo certeza se era verdade ou se eu estava mentindo. Ainda não havia me decidido.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Liliana

Quando as pessoas começaram a gritar para que Benito e eu nos retirássemos para o quarto dele, senti o sangue deixar o meu rosto. Contudo, Benito não desperdiçou nem um segundo. Ele pegou a minha mão e me levantou, em seguida, antes que eu percebesse, estávamos indo para o nosso quarto.

A mão dele grudou no material fino do meu vestido de noiva, estava suada, pesada e quente demais. Lentamente, foi abaixando até parar na minha bunda. Reprimi um tremor. Queria empurrar a mão dele para longe, empurrá-lo para longe, mas ele era meu marido e, em breve, me tocaria ali sem a proteção de um tecido, ele me tocaria em todos os lugares, veria cada centímetro de pele que deveria ser apenas de Romero.

O enjoo tomou conta de mim e eu quase vomitei. Força de vontade pura foi o que manteve o jantar no meu estômago. Dei uma olhada por sobre meu ombro, embora tivesse prometido a mim mesma que não faria isso. Meus olhos buscaram por Romero na multidão, mas ele não estava lá. Parte de mim ficou contente que ele não tivesse que testemunhar Benito me apalpando, mas a outra parte, a parte maior, ficou decepcionada. Essa parte boba que esperava que, de alguma forma, ele impedisse isso. Claro que isso só o teria feito ser assassinado. Ele teria levado um tiro na hora e, logo, estouraria a guerra. Muitas pessoas morreriam, talvez até Fabi, Aria e Gianna. Era bom que ele mantivesse seu

juramento, que ele não tivesse interferido e me deixasse fazer o esperado.

Virei-me de volta e percebi que já havíamos chegado na frente do nosso quarto para a noite de núpcias. Benito abriu a porta e meio que me empurrou para dentro. Congelei no centro do quarto, ouvindo o barulho da porta fechando e os passos de Benito.

— Você é uma verdadeira beleza — falou ele com a voz já densa de desejo. — Durante a noite inteira eu queria ficar sozinho com você. Se não fosse parecer tanta falta de educação, teria te trazido para o nosso quarto horas atrás.

A bile entupiu a minha garganta. Não ousei me mexer por causa do medo de vomitar em meus sapatos. Ele agarrou meus braços e me virou para si, então, antes de eu sequer conseguir me orientar, sua boca encostou na minha. Fiquei sem ar e ele aproveitou a oportunidade para enfiar a língua pelos meus lábios. Ele tinha gosto dos charutos que havia fumado com os outros homens e isso me deixou ainda mais enjoada. Sua língua estava por todos os lugares. Ele não me deu a chance de fazer nada. Meu Deus, isso era horrível! Agarrei seus ombros, cravando os dedos em seu terno e o empurrei o mais forte que consegui, mas ele envolveu os braços na minha cintura, me puxando ainda mais para perto, sem me dar nenhuma chance de escapar. Sua respiração estava acelerada e excitada. Ele estava ansioso demais.

Eu não queria isso. Fechei os olhos, lutando contra as lágrimas e tentando desesperadamente imaginar que era Romero me beijando, mas tudo parecia errado: as mãos desajeitadas na minha cintura, o gosto dele, o jeito que ele movimentava a língua como uma lesma morrendo.

Afastando-me dele, respirei fundo desesperadamente algumas vezes. Seu gosto continuava na minha língua. Eu queria enxaguar a minha boca para me livrar dele.

Benito ficou na minha frente mais uma vez e se aproximou.

— Não se preocupe, querida. Eu vou cuidar muito bem de você. Vou te fazer mulher. Você nunca vai se esquecer desta noite.

Eu sabia que nunca esqueceria. Provavelmente teria pesadelos com isso pelo

resto da minha vida. As últimas palavras de mamãe e a expressão em seus olhos preencheram a minha mente. Como pude deixar isso chegar tão longe?

— Não, eu não posso. — Dei um passo para trás. Precisava fugir, sair deste quarto, precisava encontrar Romero e falar para ele que não conseguiria sobreviver a este casamento, que queria apenas ele, que sempre foi ele que eu quis e seria até o dia em que eu morresse. Eu sabia que estava sendo egoísta, no entanto, não me importava mais em causar uma guerra se a alternativa era ter que passar a minha vida sendo tocada por Benito. Talvez Luca pudesse lidar com a situação. Ele era um bom Capo. Ele podia impedir a guerra. Certo?

A expressão de Benito endureceu, aquele sorriso doce açucarado foi substituído por algo mais desconfiado e faminto.

O medo se instalou no meu estômago como uma bigorna. Ele segurou meus braços apertado demais, fazendo com que eu me retraísse.

— Você é minha esposa e vai fazer o que se espera de você.

— Não, por favor. Não estou pronta. Preciso de mais tempo. — Tempo para descobrir um jeito de sair disso sem matar todo mundo. Tinha que haver uma maneira de ninguém sair ferido.

Benito riu.

— Ah, não tente esta besteira comigo, docinho. Tenho me masturbado com a imagem da sua bunda empinada há semanas. Esta noite quero enterrar meu pau nela. Nada neste mundo vai me impedir, nem mesmo essa sua cara de cachorrinho.

Abri a boca para outra tentativa de implorar, mas Benito me empurrou para trás. Surpresa, gritei.

Meu salto ficou preso na bainha do meu vestido de noiva e eu caí. Preparei-me para o impacto, em vez disso, pousei em algo macio e resiliente: a cama. Como pude ficar tão perto dela?

Tentei fugir imediatamente, mas não tive chance. Benito se debruçou em cima de mim com os joelhos entre as minhas pernas, prendendo meu vestido embaixo dele. Eu estava presa. Debati-me, mas as minhas pernas estavam atadas

pelo tecido. E entrei em pânico. Em pânico como nunca estive antes, nem mesmo quando vi a cena de tortura no porão.

Benito abaixou o rosto para o meu e me beijou novamente. Virei a cabeça para o lado, assim, ele babou a minha bochecha toda, e segurou meu queixo, me forçando a olhar para ele. Seu bafo de charuto tomou conta de mim e seus lábios ressecados ficaram perto demais. Ele estreitou os olhos.

— Ouça, querida. Podemos fazer isso do jeito fácil ou do difícil. Para o seu bem, espero que coopere comigo. Não dou a mínima para qual jeito será. Gosto de violência.

Ele estava falando sério. Dava para ver em seus olhos que ele abusaria de mim se eu continuasse a dificultar as coisas. Eu não podia esperar nenhum tipo de gentileza do meu marido esta noite. Lágrimas e súplicas não o fariam mudar de ideia.

Desejei relaxar embaixo dele. Ele sorriu de um jeito condescendente e mexeu o corpo, finalmente libertando meu vestido. Ele se pressionou em mim com a boca molhada em meu pescoço e foi lambendo até a minha clavícula. Tentei imaginar que era Romero e, quando isso não funcionou, tentei parar totalmente de pensar nele. Tentei ficar vazia e entorpecida, tentei lançar a minha mente para outro lugar e momento, longe do meu marido que faria o que quisesse comigo, independente do que eu quisesse. Benito empurrou a saia do meu vestido para cima e deslizou a mão para a minha panturrilha. Ele grunhiu de satisfação e pressionou o corpo ainda mais contra o meu. Dava para sentir o quanto ele estava excitado. Sempre que eu sentia a ereção de Romero, ficava excitada, mas isso? Meu Deus. Eu não podia fazer isso. Só que ele era meu marido e eu, sua esposa. Escolhi isto para proteger a todos que queriam me ajudar. Esta era a minha obrigação, não apenas com ele, mas com a minha família, com a Outfit. Este era o destino de muitas mulheres. Elas sobreviveram e eu também sobreviveria.

Eu odiava os sons que meu marido fazia, o cheiro que não era o de Romero, o jeito com que suas mãos desajeitadas puxavam meu vestido. Ele era meu

marido. Sua mão subiu até o meu joelho.

Meu marido.

Depois, mais para cima na minha coxa.

Meu marido. Meu marido. Meu marido.

Sua mão chegou à beira da minha calcinha e eu não consegui mais aguentar. Espalmei seu peito e o empurrei de cima de mim. Não soube bem de onde tirei força. Benito tinha pelo menos trinta quilos a mais que eu, mas ele perdeu o equilíbrio e caiu para o lado. Saltei da cama, mas meu vestido estava me atrasando. Cambaleei para a porta com os braços estendidos. Meus dedos estavam a poucos centímetros da maçaneta quando Benito me pegou. Ele apertou meu antebraço, me deixando marcada, e me arremessou para o meio do quarto. Não consegui me dar conta da situação rápido o suficiente e caí para a frente, colidindo os quadris com a mesa no canto. Gritei de dor. Meus olhos encheram de lágrimas.

Benito se encostou atrás de mim enquanto eu estava caída e sua ereção entrou na minha bunda.

— Esta noite, boneca, você é minha.

E aí estava, bem na minha cara. Eu mal notei as mãos de Benito apertando meus seios por cima do tecido, meus olhos estavam fixos no abridor de cartas prateado que brilhava. Benito me apertou de novo, com mais força, provavelmente furioso por causa da minha falta de reação. Peguei o abridor de cartas. Ele combinou bem com a minha mão: frio e duro. Meu marido rasgou o meu espartilho. Eu segurei o abridor com mais força e arremessei o braço para trás o mais forte que consegui. Benito cambaleou para longe ofegante, me deixando livre. Eu me virei. O abridor de cartas espetou o lado direito de seu corpo. O sangue ensopou o tecido branco de sua camisa. Eu devo tê-lo atingido bastante forte, talvez até o tenha lesionado seriamente. Nunca havia feito nada do tipo.

Abri a boca em choque. Eu realmente havia enfiado um punhal no estômago do meu marido. Ele me encarou.

— Sua cadela, eu… — Ele ficou sem ar e caiu de joelhos. E arregalou ainda mais seus olhos feios de besouro enquanto rosnava de dor.

Saí de perto. E se ele gritasse por ajuda? E se alguém visse o que eu fiz? Eu apunhalei *meu próprio* marido. Seria assassinada por causa disso e mesmo que não fosse, Benito, com certeza, me espancaria até a morte se sobrevivesse ao ferimento.

Só havia uma coisa que eu poderia fazer, apenas uma pessoa poderia me ajudar e eu nem tinha certeza se ele ainda me ajudaria depois de tudo o que o fiz passar. Depois do que eu disse e do que ele viu hoje. Talvez ele nem estivesse mais em Chicago. Talvez ele já tivesse pego o próximo voo de volta para Nova York para ficar o mais longe possível de mim.

Corri para onde estava a minha bolsa, abri-a com ferocidade e procurei pelo meu celular. Com as mãos trêmulas, digitei o número que eu sabia de cor. Benito ainda parecia entorpecido, porém, ele se levantou apoiando-se nos cotovelos. Estava ofegante, obviamente tentando encontrar sua voz para gritar por socorro. E se ele viesse para cima de mim? Será que eu conseguiria terminar o que comecei?

Uma nova onda de pânico me atingiu com força.

A voz familiar de Romero ecoou depois do primeiro toque.

— *Lily?*

Nunca me senti tão aliviada na vida. Ele não ignorou a minha ligação. Talvez, só talvez, ele não me odiasse.

— Por favor, me ajude — sussurrei com a voz rouca aos prantos. As lágrimas escorriam pelo meu rosto. E não era porque eu acabei de apunhalar alguém com um abridor de cartas, disso eu não me arrependia.

— *Estou indo. Onde você está?*

— No quarto.

— *Não desligue* — ordenou. Eu não desligaria. Pude ouvi-lo se movimentando, pude ouvir sua respiração calma e isso me acalmou. Romero logo estaria aqui e tudo ficaria bem.

Depois de tudo o que aconteceu, ele ainda corria para me ajudar.

Menos de dois minutos depois, ouvi uma batida na porta. Ele devia estar por perto, ou teria levado muito mais tempo para chegar ao quarto. Por alguns segundos, eu não tinha certeza se conseguiria me mexer. Minhas pernas estavam dormentes.

— *Lily, você tem que abrir a porta. Está trancada. Se eu a arrombar, as pessoas vão subir aqui num segundo.*

Foi só o que precisou. Atravessei o quarto com alguns passos e abri a porta. Meu coração batia na garganta e apenas quando vi a cara preocupada de Romero foi que ousei tirar o telefone do ouvido e desligar. Eu me sentia segura agora, embora soubesse que estava longe disso. Ambos estaríamos em grande perigo se alguém nos encontrasse desse jeito. Ao ligar para Romero, eu o coloquei numa situação perigosa. Como pude fazer isso com alguém que eu amava? Eu não havia seguido com este casamento justamente para proteger Romero?

Os olhos de Romero vagaram pelo meu espartilho meio aberto, pelos meus cabelos despenteados e pela minha saia rasgada, então, seu rosto brilhou de raiva. Ele entrou no quarto, fechou a porta e segurou meu rosto.

— Você está bem? Ele te machucou?

Neguei, e percebi um pouco tarde demais que poderia ter sido uma resposta para qualquer uma das perguntas.

— Eu o apunhalei. Não consegui suportar seu toque. Eu não queria as mãos dele em mim. Eu… — Romero me puxou para si, encostando meu rosto em seu peitoral forte. Ouvi o som de seu coração batendo. Por fora, ele parecia calmo, porém, seu coração o traía. — Eu não transei com ele. Não consegui.

— Ele ainda está vivo — murmurou depois de um instante antes de se afastar. Privada de seu calor, abracei-me. Romero avançou para o meu marido, cujos olhos corriam entre Romero e eu como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. Sua respiração acelerou em seu peito, mas ele se arrastou para mais perto da mesa, tentando pegar seu telefone. Romero ficou sobre ele, depois, empurrou seu braço calmamente de volta para o chão.

Benito caiu de lado ofegando de dor. Ele me lembrava um besouro caído de costas com as patas pedalando inutilmente sobre seu corpo. Mas não senti nenhuma pena.

— Você — rosnou Benito, depois, começou a tossir. O sangue salpicou seus lábios. — Seu Capo armou isso? Chicago o fará pagar dez vezes mais. Dante não vai te deixar me enganar e a todos os outros.

— Você não é tão importante a ponto de Luca dar a mínima para você — falou Romero friamente. Estava com a mesma expressão que vi quando ele assistia aos russos serem torturados no porão.

Eu estremeci.

A compreensão se instalou no rosto de Benito enquanto seus olhos contornavam de Romero para mim.

— Você e ela. — Ele fez uma careta desagradável, cheio de baba nos lábios. — Sua puta nojenta, deixou ele te foder. Você…

Ele não teve chance de terminar a frase. Romero subiu nele, puxou-o pela gola e num movimento experiente sacou da sua faca e a enfiou num ângulo ascendente entre as costelas do meu marido, silenciando sua respiração ruidosa. Sem nem piscar, Romero soltou Benito, que caiu de lado sem vida.



CAPÍTULO DEZESSETE

Liliana

Romero acabara de matar um membro da Outfit por mim. Nossos olhares se encontraram e o medo se espalhou em meu peito como névoa. Romero limpou a faca na perna da calça do meu marido antes de embainhá-la no suporte.

Minha garganta apertou enquanto eu caminhava em direção a ele.

— A guerra está declarada.

— Podemos inventar alguma história. Vou fingir que perdi a cabeça. Eu te quis a minha vida inteira, mas você nunca esteve interessada em mim e hoje eu explodi, invadi seu quarto e ataquei seu marido, que tentou se defender com um abridor de cartas, o qual eu acabei usando para apunhalá-lo. Podemos fazer parecer que tentei te estuprar para que ninguém desconfie que estávamos envolvidos. Pelo jeito que você está, ninguém duvidaria. — Ele acariciou meu rosto. — O filho da puta morreu rápido demais para o modo como ele te tratou.

Eu mal podia acreditar que ele estava sugerindo algo assim. Já era ruim o bastante eu tê-lo arrastado para isso. Não o faria parecer um estuprador nojento para salvar a minha pele.

— Não vou fingir que você tentou me estuprar. Você é o único homem com quem quero estar.

Romero reduziu a distância entre nós mais uma vez e me abraçou com força. Seu cheiro, seu calor, o jeito com que meu corpo encaixava perfeitamente no

dele… isso parecia certo. Meus olhos encontraram Benito no chão. Tentei ser sua esposa e falhei, mas não conseguia ficar triste. Eu nunca quis isso e sempre soube. Ele teria abusado de mim, talvez isso não merecesse uma sentença de morte, mas ele vivia num mundo onde quase sempre a punição era a morte. Seus olhos ainda estavam abertos e parecia que me encaravam. Quanto mais eu olhava para ele, pior eles pareciam ficar. Estremeci violentamente.

Romero se afastou gentilmente.

— Não olhe para ele. — Ele caminhou até o corpo e virou Benito para que ficasse de cara para o chão e não mais para mim. E num piscar de olhos me senti melhor. Ele continuava morto, mas, pelo menos, não me olhava mais com aquela expressão de reprovação.

Cambaleei em direção à cama e afundei. Minhas pernas estavam trêmulas demais para me ampararem. Romero ficou parado por um instante antes de se juntar a mim. Ele passou o polegar pela minha bochecha, pegando algumas lágrimas perdidas. Eu nem havia notado que comecei a chorar de novo.

— Ele está morto. Não pode te machucar nunca mais — falou asperamente. — Ninguém mais irá te machucar novamente. Eu não vou permitir.

— Se você confessar que matou Benito, será morto e não estará por perto para me proteger de nada. — Talvez fosse golpe baixo dar a cartada da culpa, mas eu não podia deixar Romero assumi-la.

O olhar de Romero pousou em Benito e na poça de sangue que se esparramava devagar em volta dele, transformando o carpete beje num mar vermelho.

— Não podemos esconder isso. Mesmo que conseguíssemos tirá-lo da casa sem ninguém perceber, nunca conseguiríamos tirar o sangue do carpete. As pessoas suspeitariam de algo. Alguém terá que levar a culpa por nós.

Enterrei o rosto nas mãos enquanto o desespero se agarrava às minhas vísceras.

— Eu deveria tê-lo deixado me ter. Deveria ter aguentado como tantas outras mulheres antes de mim, mas eu tinha que agir como uma piranha egoísta.

— Não — falou Romero bruscamente, erguendo meu queixo com um dedo. — Estou feliz que o tenha apunhalado. Estou feliz que ele esteja morto. Estou feliz que ele não tenha conseguido o que não merecia. Você é boa e bonita demais para este canalha.

Inclinei-me para frente e beijei Romero. Eu teria aprofundado o beijo, apesar de tudo, teria me perdido em Romero como sempre fiz, porém, ele era mais racional que eu e se afastou.

— Preciso ligar para Luca. Como seu soldado, preciso confessar pelo menos para ele, e então, será com ele decidir o que acontece a seguir.

— E se ele decidir te matar para manter a paz com Chicago? — perguntei baixinho. — Você sabe como ele ficou furioso quando descobriu sobre nós dois. Nem Aria conseguiu convencê-lo a arriscar uma guerra por mim.

Romero apenas ficou me olhando por um longo tempo, então, pegou seu celular e o ergueu até seu ouvido.

— Então, aceitarei sua sentença.

— Não — falei de repente. Joguei o telefone dele longe. — Deixe-me ligar para Aria. Ela pode conversar com Luca. Ele a ouve.

Romero sorriu tristemente.

— Isto é algo sobre o qual nem mesmo Aria pode fazer nada. Luca é Capo e se ele precisar tomar decisões para proteger a *Famiglia*, não deixará Aria mexer com sua mente. Você mesma disse. Ele se recusou a ouvi-la.

— Por favor.

— Eu preciso fazer isso. Não posso me esconder atrás de Aria como um covarde. — Ele ergueu o telefone novamente e, desta vez, não o impedi. Ele estava certo. Luca provavelmente ficaria puto se eu tentasse usar Aria para manipulá-lo.

Prendi a respiração enquanto esperava Luca atender.

— Luca, preciso que venha ao quarto de Benito. — Ouvi Luca levantar a voz do outro lado da linha, mas não consegui decifrar o que ele disse. Não soou gentil. — Sim, estou aqui. Você deveria se apressar.

— *Merda!* — grunhiu Luca alto o bastante para que eu ouvisse, depois, desligou. Romero abaixou o celular devagar e o pôs de volta no bolso.

Peguei sua mão, precisando convencer a mim mesma de que ele estava realmente ali.

Romero olhou para o corpo de Benito, porém, não tentou me dizer que tudo ficaria bem. Fiquei contente por ele não tentar mentir para mim. Repousei o rosto no ombro de Romero.

E ouvimos uma batida de leve. Eu me endireitei, mas segurei a mão de Romero com mais força. Não queria deixá-lo ir. Assim que Luca visse o que aconteceu, era possível que eu nunca mais tivesse a chance de tocar a mão de Romero novamente, pelo menos não enquanto ela ainda estivesse quente. Estremeci quando me lembrei do corpo sem vida de mamãe. Eu não deixaria isso acontecer com Romero.

Romero deu um beijo em minha testa, depois, se soltou de mim e se levantou. Eu também me levantei, correndo os olhos para Benito. A raiva por ele cresceu dentro de mim. Se ele nunca tivesse entrado na minha vida, eu poderia ter sido feliz. Contudo, papai provavelmente encontraria outro marido horrível para mim. Fui sufocada pelo medo enquanto observava Romero empurrar a maçaneta e abrir a porta. E se Luca resolvesse mesmo matar Romero como castigo?

Romero não abriu a porta por completo, então, Aria teve que se esgueirar. Ela respirou fundo ao ver meu marido morto, depois, correu para mim e agarrou meus ombros, mas meus olhos estavam congelados em Luca, que entrou depois dela. Seu olhar pousou em Benito, no abridor de cartas ainda cravado na lateral de seu corpo e no buraco na camisa onde a faca de Romero havia entrado. Romero fechou a porta sem fazer barulho, mas não se mexeu. Eu queria que ele tivesse ficado a certa distância de Luca. Era uma intenção ridícula. Isso não o protegeria.

— Meu Deus, Lily — falou Aria com o tom de voz agudo. Não conseguia me lembrar da última vez que ela soou tão assustada. Encontrei seu olhar.

— O que aconteceu? Você está bem? — perguntou ela. E correu as mãos pelos meus braços, parando os olhos na minha saia rasgada.

Eu não respondi. Luca começara a se movimentar em direção ao corpo e se ajoelhou ao lado dele, analisando a cena sem dizer uma única palavra. Ele estava inexpressivo. Era isso. De repente, eu tive certeza de que Romero e eu não encontraríamos a misericórdia de Luca hoje. Talvez Aria conseguisse convencer Luca a me proteger, mas Romero não teria tanta sorte. Eu sabia que não seria capaz de vê-lo morrer.

Luca levantou a cabeça muito devagar e me olhou tão fixamente que fez meu sangue congelar.

— O que aconteceu aqui?

Olhei para Romero. Será que ele queria que eu contasse a verdade? Ou será que deveria mentir? Tinha que haver uma história que não deixasse Luca furioso o bastante a ponto de nos matar.

Luca se ajeitou.

— Eu quero a porra da verdade!

— Luca — repreendeu Aria —, Lily está evidentemente em choque. Dê um segundo a ela.

— Nós não temos a porra de um segundo. Estamos com um membro da Outfit morto num quarto. As coisas ficarão feias bem rápido.

Aria apertou levemente meu ombro.

— Lily, você está bem?

— Estou bem — respondi. — Ele não teve tempo de me machucar.

Ela franziu os lábios, mas não discutiu.

— Basta — disse Luca com dureza, voltando-se para Romero. — Eu quero respostas. Lembre-se do seu juramento.

Romero parecia um homem conformado com seu destino. Isso me assustou de maneira absurda.

— Sempre me lembro.

Luca apontou um dedo para o cadáver.

— Não parece. Ou você está dizendo que Liliana fez isso sozinha?

— Liliana é inocente — afirmou Romero. Ele nunca me chamava de Liliana. O que estava tentando fazer? — Benito ainda estava vivo quando cheguei. Ela o apunhalou com o abridor de cartas porque ele a agrediu. Foi legítima defesa da parte dela.

— Legítima defesa? — resmungou Luca. Ele fixou seus olhos cinza em mim. — O que ele fez?

— Ele tentou abusar dela — Romero respondeu por mim.

— Eu não perguntei para você! — grunhiu Luca. Aria me soltou e foi até ele, colocando uma mão em seu braço. Ele a ignorou totalmente ao falar: — E se ele tentou consumar o casamento, ninguém nesta porra de casa verá isso como legítima defesa. Benito tinha direito sobre o corpo dela. Ele era seu marido, pelo amor de Deus!

Romero deu um passo à frente, mas parou.

— Você não pode estar falando sério — protestou Aria com olhos suplicantes.

— Você sabe as regras, Aria. Estou declarando os fatos — falou Luca com uma voz muito mais calma.

Aria sempre teve esse efeito sobre ele.

— Eu não me importo. Um marido não tem o direito de estuprar sua esposa. Todos nesta casa deveriam concordar com isso!

Eu estremeci. Os acontecimentos desta noite estavam me alcançando. Eu só queria me deitar nos braços de Romero e esquecer tudo. Romero veio até mim e colocou um braço sobre meu ombro.

Luca estreitou o olhar.

— Eu disse que isso terminaria em tragédia. Então, deixa eu adivinhar… Liliana apunhalou o marido, ligou para você, que terminou a porra do serviço para tê-la para si.

— Isso — falou Romero. — E para protegê-la. Se ele sobrevivesse, teria culpado Liliana e ela teria sido punida severamente pela Outfit.

Luca soltou uma risada sombria.

— E agora ela não será? Eles a levarão a julgamento e não apenas a punirão severamente. Eles também nos acusarão de armar isso, e, aí, haverá um banho de sangue do caralho. Dante é um bloco de gelo, mas precisa mostrar força. Ele vai declarar guerra imediatamente. Tudo porque você não consegue controlar seu pau e seu coração.

— Como se você conseguisse. Você elimina qualquer um que tente tirar Aria de você — falou Romero.

— Só que Aria é a minha esposa. Há uma enorme diferença.

— Se dependesse de mim, Lily já seria minha esposa há meses.

Encarei-o, surpresa. Ele nunca falou nada sobre se casar comigo. Meu coração inchou de felicidade, apenas para virar pedra ao ver a expressão de Luca.

— Alguém vai pagar por isso — falou ele sombriamente. E parou. — Como Capo da *Famiglia* de Nova York, eu preciso culpar Liliana e esperar que Dante acredite nisso e não comece uma guerra.

Isso significava a minha morte certa. Talvez Dante não desse as ordens ele mesmo, mas teria que me submeter ao julgamento de meu pai e eu não esperava nenhuma misericórdia da parte dele. Ele odiava Gianna pelo que ela fizera e não chegava nem perto de ser tão atroz quanto o meu crime.

— Você não pode fazer isso — sussurrou Aria. Os nós de seus dedos estavam perdendo a cor de tanto que ela apertava o antebraço dele.

Romero me soltou e deu alguns passos até o meio do quarto onde se ajoelhou e estendeu os braços.

— Vou levar toda a culpa por isso. Diga a todos que perdi a cabeça e vim atrás de Liliana porque eu a queria há meses. Matei Benito quando ele tentou defender Lily e a si mesmo, mas antes de eu conseguir estuprá-la, você percebeu que eu tinha sumido e veio me procurar. Assim não haverá guerra entre a Outfit e Nova York, e Lily terá a chance de uma nova vida.

— Se essa é a história que você quer que todos acreditem, está faltando uma

coisa — falou Luca.

Romero assentiu. Ele encontrou o olhar direto de Luca.

— Eu darei a minha vida por isso. Atire.

Eu avancei cambaleante.

— Não! — Aria gritou junto comigo.

Luca e Romero nos ignoraram, presos encarando-se numa competição silenciosa. Eu me coloquei entre os dois. Não me importava se isso ia contra alguma regra secreta da máfia. Caminhei em direção a Luca. Pelo canto do olho, vi Romero se levantando. Ele parecia preocupado comigo me aproximando de Luca, mas eu não estava preocupada comigo. Se Luca matasse Romero por minha causa seria meu fim. Nunca seria capaz de viver comigo mesma.

— Por favor — sussurrei, olhando para o rosto inexpressivo de Luca. — Por favor, não o mate. Farei qualquer coisa, por favor, não. Não posso viver sem ele. — Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

Romero colocou as mãos em meus ombros e me puxou para si.

— Não faça isso, Lily. Eu sou um soldado da *Famiglia*. Quebrei meu juramento de sempre colocar a *Famiglia* em primeiro lugar e tenho que aceitar a punição devida.

— Não ligo para juramento nenhum. Eu não quero te perder — falei ao me virar enquanto ele me segurava.

Aria espalmou o peito de Luca.

— Luca, por favor, não puna Romero por proteger alguém que ele ama. Ele e Lily foram feitos um para o outro. Eu te imploro. — A última frase foi dita quase num sussurro. Eu quis abraçá-la, mas estava com medo de me mexer. Ela e Luca contemplavam um ao outro e eu não queria quebrar sua cumplicidade silenciosa, principalmente se isso fosse salvar a vida de Romero. Olhei para Romero. Ele parecia bastante calmo, nada a ver com alguém cuja vida poderia terminar a qualquer instante.

Luca finalmente tirou os olhos da minha irmã e as mãos dela de seu peito gentilmente.

— Não posso basear as minhas decisões em sentimentos. Sou o Capo e tenho que tomar decisões em benefício da *Famiglia*.

Romero assentiu, depois, passou por mim e ficou parado em frente a Luca. Comecei a tremer, completamente apavorada. Os olhos arregalados de Aria pousaram em mim.

— Você é o meu melhor soldado. A *Famiglia* precisa de você e eu não confio em mais ninguém com Aria como confio em você — falou Luca. Ele pôs uma mão no ombro de Romero. — A guerra tem sido inevitável há algum tempo. Não vou acabar com a sua vida para adiá-la por mais alguns meses. Ficaremos juntos.

Quase afundei de alívio. Aria correu para mim e me abraçou apertado. Contudo, meu momento de euforia durou pouco.

— Claro que é possível que não consigamos sair desta casa com vida — acrescentou Luca. — Agora, estamos cercados pelo inimigo.

— A maioria dos convidados ou está bêbada ou dormindo. Poderíamos tentar sair de fininho. Quando derem pela falta de Benito amanhã de manhã, já estaremos de volta a Nova York — falou Romero. Uma pontada de alívio apareceu no rosto dele. Eu queria estar em seus braços, mas ele e Luca precisavam lidar com nosso problema, um problema que eu criei. E se não saíssemos mesmo com vida daqui? A Outfit era muito mais numerosa que nós. Este território era deles e nós estávamos a milhares de quilômetros do nosso reforço.

— Tenho que chamar Matteo e Gianna. Eles precisam vir para cá para podermos descobrir o melhor jeito de sair desta casa — falou Luca, já erguendo seu celular ao ouvido.

Romero veio até mim e aliviou a ruga na minha testa. Eu me encostei nele. Aria foi até Luca, nos dando espaço.

— Eu fiquei com tanto medo — sussurrei.

Romero enterrou o rosto em meus cabelos.

— Eu sei.

— Você não ficou? Era a sua vida que estava em jogo.

— A minha vida tem estado em jogo desde que me tornei um Homem de Honra. Já me acostumei com isso. A única coisa que me assustou *pra* caralho hoje foi quando tive que te ver caminhando para sua noite de núpcias com aquele babaca do Benito. Quis matá-lo naquele instante. Quis matá-lo todos os dias desde que descobri que você foi obrigada a se casar com ele. Estou contente por finalmente ter feito isso.

— Eu também — falei, então, fiquei na ponta dos pés e o beijei.

— Merda. Matteo não está atendendo a porra do telefone.

— Você acha que aconteceu alguma coisa com eles? — perguntou Aria.

Romero deu uma risadinha e trocou um olhar com Luca.

— A única coisa acontecendo é que ele deve estar fodendo sua irmã até cansar neste momento, e está ignorando a porra do telefone — falou Luca.

Franzi o nariz. Claro que eu sabia que as minhas irmãs faziam sexo, eu só não queria ser lembrada disso, ou pior: imaginar.

— Podemos ir até o quarto deles?

Luca balançou a cabeça em negação.

— É mais longe da porta dos fundos. — Ele ligou de novo. — Merda!

— Seria melhor carregar Benito para o banheiro e cobrir a mancha de sangue no carpete com alguma coisa. Assim, se alguém entrar amanhã de manhã, pode ser que nos dê um pouco mais de tempo.

Luca enfiou o celular no bolso e segurou Benito pelos pés enquanto Romero pegava os braços. Eu estremeci ao vê-los carregando o cadáver para o banheiro da suíte. Meu marido parecia um saco de farinha sendo segurado por eles.

— Você deveria tirar o vestido de noiva e vestir algo mais sensato — sugeriu Aria docemente. Ela tocou de leve no meu braço, tirando meus olhos do corpo. Depois de um momento, concordei. Luca e Romero voltaram do banheiro e discutiram a melhor maneira de proceder com nossa fuga.

Peguei um jeans e um pulôver da minha mala que estava num canto, antes de ir para o banheiro trocar de roupa, mas congelei na soleira. Benito estava esparramado na banheira. Eu não queria ficar sozinha com um morto. A bile

subiu pela minha garganta.

— Ei — disse Romero gentilmente surgindo atrás de mim —, quer que eu vá com você?

Assenti simplesmente e entrei, enfim, no banheiro. Romero entrou depois de mim. Tirei meu vestido depressa com ajuda dele.

— De alguma forma eu sempre imaginei que seria diferente quando eu te ajudasse a tirar o vestido de noiva — murmurou.

Eu ri sem fôlego. Larguei o vestido no chão sem cerimônia. Para mim, era apenas um símbolo do pior dia da minha vida. Não fiquei triste em me livrar dele. Talvez um dia eu tivesse a chance de ter outro casamento, um que eu quisesse, com um marido que eu amasse. Vesti a outra roupa.

Romero pegou o vestido e, por um louco momento, pensei que ele quisesse guardá-lo para o nosso futuro casamento.

— O que você está fazendo?

— Quero cobrir a mancha de sangue no quarto com ele. Ninguém vai desconfiar se seu vestido de noiva estiver no chão depois da noite de núpcias. — Ele saiu e ajeitou o vestido no chão.

Luca concordou.

— Isso é bom. Agora, vamos indo. Não quero arriscar ficar aqui nem mais um minuto do que o estritamente necessário. — Ele estendeu a mão para Aria, que a pegou. Eu desconfiava que a tensão entre eles estaria terminada depois desta noite. O jeito com que se olhavam me dava esperança de que Luca a perdoaria por sua discrição. Depois de sacar da sua arma, ele abriu a porta e deu uma olhada no corredor.

— Fique perto de mim — disse Romero para mim, pegando sua arma com uma mão e segurando a minha com a outra que estava livre.

Luca acenou brevemente, depois, abriu mais largamente a porta e saiu com Aria logo atrás dele. Romero me levou seguindo-os. Ninguém falou nada. O corredor comprido estava vazio, mas lá embaixo dava para ouvir risadas espalhadas e a música da festa. O cheiro de fumaça subia. Imediatamente,

lembrei-me do bafo de Benito e do gosto de sua língua na minha boca. Espantei esse pensamento da minha cabeça.

Precisava focar. Eu realmente esperava que nenhum dos convidados decidisse entrar em nosso caminho. Luca ou Romero teria que atirar. E se fosse alguém que eu conhecia? Eu nem mesmo queria pensar nisso. Aria olhou por sobre o ombro para mim enquanto Luca a arrastava. A mesma preocupação que eu tinha estava refletida em seu semblante.



CAPÍTULO DEZOITO

Liliana

Romero e Luca não mostraram nada além de determinação e vigilância ao nos conduzirem pela casa. Enfim, chegamos em frente à porta de Gianna e Matteo. Luca bateu de leve, mas dava para notar pela sua expressão estrondosa que ele teria adorado colocar a porta abaixo se não fosse pelo risco de ser ouvido. Mais uma vez ninguém reagiu e eu estava começando a surtar quando, depois de outra batida mais alta, a porta finalmente abriu. Matteo apareceu na fresta com os cabelos bagunçados e vestido apenas com uma cueca samba-canção que parecia ter sido colocada ao contrário às pressas e escondia um volume por baixo. Olhei para o outro lado.

— Você não captou a mensagem de que eu não queria ser interrompido quando não atendi a porra do seu telefonema? — resmungou Matteo, depois, ele pousou o olhar em Romero e em mim e fez uma careta. — Estou com uma porra de um péssimo pressentimento.

Luca empurrou o ombro de Matteo.

— Caralho, Matteo, quando eu ligar, atenda. Você precisa se vestir. Temos que ir embora agora.

— O que houve? — perguntou Gianna aparecendo atrás de Matteo vestida com um robe de cetim. Seus lábios estavam vermelhos e inchados. Não havia mesmo dúvida nenhuma do que eles estavam fazendo antes de chegarmos. O

olhar dela correu de Aria para mim. — Merda, aconteceu algo ruim, não foi? O babaca te machucou? — Ela passou por Matteo, apesar dos protestos dele e de Luca, e me abraçou.

— Ele está morto — sussurrei.

— Que bom — falou ela sem hesitar e deu um tapinha no ombro de Romero. — Foi você, não foi?

Romero sorriu de leve.

— Sim, o que nos traz ao motivo da nossa pressa.

— Romero está certo. Precisamos sair desta casa antes que alguém se dê conta de que o noivo está morto — falou Luca impaciente.

— Eu teria apostado tudo que seria eu a começar uma guerra entre a Outfit e a *Famiglia*. Meus parabéns, Romero, por provar que eu estava errado pela primeira vez — falou Matteo sorrindo.

— Eu também teria apostado nisso — falou Romero.

Luca suspirou.

— Odeio interromper o papinho de vocês, mas precisamos dar o fora, caralho.

Matteo assentiu e gesticulou para que Gianna entrasse no quarto. O resto de nós os seguiu e esperou enquanto Matteo e Gianna se vestiam. Sempre que eu ouvia vozes, dava um pulo, meio que esperando que fosse papai ou Dante escancarando a porta e atirando em todos nós de imediato. Romero tirou algumas mechas de cabelo que caíam sobre meus olhos; a expressão nos olhos dele me fez perceber que valeu a pena. O amor valia todo o risco. Eu só queria não ter arrastado os outros para o perigo junto comigo. Cinco minutos depois, nós seis saímos do quarto e continuamos nossa jornada pela casa. Os sons da festa diminuíram consideravelmente, o que significava que mais pessoas poderiam estar voltando para seus quartos e potencialmente cruzariam nossos caminhos, mas até agora tivemos sorte.

Descemos a segunda escadaria nos fundos da casa para o primeiro andar e fomos para a porta que levava para a garagem subterrânea. A maioria das casas

nesta área tinha uma porque o espaço do lado de fora era limitado. Ouvimos barulho de passos vindos do corredor à esquerda da porta. Romero me fez parar e apontou sua arma. Matteo e Luca fizeram a mesma coisa. Minha pulsação batia em minhas têmporas. Eles tinham silenciadores nos canos, mas um tiro sempre fazia algum barulho e eu não queria mesmo ter mais sangue nas mãos.

Alguém dobrou o corredor onde estávamos e eu agarrei o braço de Romero para impedi-lo de atirar. Era Fabiano. Ele parou abruptamente com sua arma apontada para nós. Eu nem fazia ideia de que ele portava uma arma, principalmente no meu casamento. Era novo demais para isso. Ele analisou nosso pequeno grupo e suas sobrancelhas escuras juntaram-se em desconfiança. Ele ainda vestia seu colete e sua calça de festa. O que estava acontecendo aqui?

Aria colocou a mão no braço de Luca que estava com a arma, mas ele não a abaixou, nem Matteo, apesar do sussurro insistente de Gianna.

— Não o machuque — implorei. Romero não tirou os olhos do meu irmão, porém, apertou levemente a minha mão em resposta.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Fabiano com firmeza, parado ainda mais altivo do que o normal e tentando parecer um homem. Com a arma e aquela expressão séria, ele quase conseguia parecer mais do que um adolescente.

— Abaixe a arma — ordenou Luca.

Fabiano riu, contudo, parecia nervoso.

— Sem chance. Quero saber o que está acontecendo. — Os olhos dele moveram-se de Aria para Gianna e depois para mim e, finalmente, pousaram na mão de Romero, que segurava a minha.

— Por que você está andando por aí com uma arma? Não deveria estar na cama? — perguntou Aria e, prestes a dar um passo em direção ao nosso irmão, Luca a puxou de volta.

— Tenho funções de guarda — disse Fabiano com uma pontada de orgulho.

— Mas você ainda nem foi iniciado — falei confusa. Eu teria percebido se ele tivesse começado o processo, certo? Fabi sempre me contou tudo. Éramos nós contra todo o resto depois que Gianna e Aria se mudaram para Nova York.

— Comecei o processo de iniciação há algumas semanas. Esta é a minha primeira tarefa. — A mão que segurava a arma tremia ligeiramente. Se eu percebi, Romero, Luca e Matteo definitivamente perceberam. Eu não tinha certeza se isso era bom porque seu nervosismo os fez perceber que ele ainda era um menino, ou se era ruim porque fazia dele um alvo fácil aos seus olhos.

— Papai lhe deu porque pensou que seria um primeiro serviço fácil, não é? Nada de ruim acontece em casamentos — tentei brincar.

Fabi não esboçou um sorriso, nem qualquer outra pessoa. Troquei um olhar com Aria e Gianna. Tínhamos que fugir, isso estava claro, mas não podíamos arriscar que Fabi se machucasse.

— Ele me deu o serviço porque sabia que eu era responsável e capaz — disse Fabi, parecendo um papagaio pessoal de papai. Meu peito ficou apertado. E se Fabi não nos deixasse ir embora? O jeito com que ele apontava a arma para nós parecia absolutamente determinado. Será que ele mudara tanto assim?

— Você não acha mesmo que pode matar nós três, acha? — perguntou Matteo com um sorriso distorcido.

Gianna o fuzilou com os olhos.

— Cala a boca, Matteo.

Fabi mudou de posição, mas seu rosto permaneceu endurecido. Quando será que ele aprendera a fazer cara de paisagem desse jeito?

— Posso tentar — falou Fabi.

— Fabiano — falou Luca calmamente. — Elas são suas irmãs. Você quer mesmo correr o risco de feri-las?

— Por que Lily está aqui? Por que ela não está com o marido? Quero saber o que está acontecendo. Por que estão tentando levá-la com vocês? Ela faz parte da Outfit, não de Nova York.

— Não posso ficar aqui, Fabi. Você lembra que me disse que eu não deveria me casar com Benito? Que não era certo?

— Isso já faz muito tempo e você disse “sim” para ele hoje. Onde ele está, afinal?

Olhei para Romero. Algo na minha expressão deve ter entregado.

— Você o matou, não foi? — acusou Fabi estreitando os olhos entre Matteo, Romero e Luca. — Isso foi algum tipo de armadilha para enfraquecer a Outfit? Papai sempre disse que vocês nos apunhalariam pelas costas algum dia. — Ele levantou um pouco mais a arma.

Aria tentou ir até ele novamente, mas Luca praticamente a empurrou para trás de si.

— Ele é meu irmão! — sibilou ela.

— Ele é um soldado da Outfit.

— Fabi — falei. — A *Famiglia* não tentou enfraquecer a Outfit. Isso não tem a ver com poder. É tudo culpa minha. Benito tentou me machucar e eu o apunhalei. É por isso que eu preciso ir embora. Papai me castigaria, possivelmente, até me mataria.

Fabi arregalou os olhos, fazendo-o parecer mais novo imediatamente.

— Você matou seu marido?

A mão de Romero apertou a minha, porém, a mão que segurava a arma continuou firme. Ele não a mexeu nem um pouco, ainda a apontava direto para a cabeça de Fabi. Se ele matasse meu irmão… eu nem mesmo conseguia terminar o pensamento.

— Eu não sabia mais o que fazer — falei. Decidi não mencionar que Benito ainda estava bem vivo quando Romero enfiou a faca em seu coração. Isso teria complicado ainda mais as coisas.

— E quanto a você e ele? — Fabi acenou em direção a Romero. — Eu não sou idiota. Tem alguma coisa acontecendo entre vocês.

Não havia como negar e eu desconfiava de que Fabi ficaria furioso se eu tentasse mentir para ele. Matteo havia se aproximado de Fabi enquanto conversávamos. Eu não sabia bem o que ele planejava, mas conhecendo Matteo não terminaria bem.

— Estamos juntos há algum tempo. Você sabe que eu nunca quis me casar com Benito, mas papai não me deu escolha.

— Então, você quer deixar Chicago e a Outfit por Nova York, igual a Gianna e Aria — realizou Fabi.

— Eu preciso — falei.

— Você poderia vir com a gente — sugeriu Aria. Percebendo seu erro, ela olhou para Luca, que teria que aceitar Fabi na *Famiglia*.

— Você se tornaria parte da *Famiglia* — falou ele imediatamente.

Fabi balançou a cabeça em negação.

— Papai precisa de mim. Eu faço parte da Outfit. Fiz um juramento.

— Se você ainda não foi totalmente iniciado, não tem vínculo nenhum — esclareceu Matteo, o que não chegava a ser uma mentira, mas, na verdade, ele seria tratado como um traidor da mesma maneira se fugisse e a punição seria a mesma.

Fabi encarou. — Não vou trair a Outfit.

— Então, terá que nos impedir de ir embora — falou Luca simplesmente. — E não deixaremos que faça isso. Haverá sangue e você morrerá.

Enrijeci e estava prestes a falar alguma coisa, porém, Romero balançou a cabeça levemente.

— Eu sou um bom atirador — falou Fabi indignado.

— Acredito em você. Mas você é melhor do que nós três? Quer mesmo que sua irmã Lily seja castigada? Se obrigá-la a ficar, estará assinando sua sentença de morte.

O rosto de Fabi mostrava conflito.

— Se eu deixar que vão e alguém descobrir, me matarão também. Eu poderia ter uma morte honrada se tentasse impedi-los.

Luca assentiu. — Poderia e seria louvado por isso, mas estaria morto da mesma forma. Você quer morrer hoje?

Fabi não disse nada, mas abaixou a arma alguns centímetros.

— Ninguém tem que descobrir que você nos deixou ir. Você poderia tentar nos deter, mas somos muitos — falou Romero de repente.

— Eles pensarão que fiquei com medo e fugi e foi por isso que vocês

escaparam.

Luca acenou de leve para Romero.

— Não se você estiver ferido. Poderíamos atirar em seu braço. Este era para ser um primeiro serviço fácil, ninguém espera que você seja capaz de parar os melhores lutadores de Nova York. Ninguém vai levar a mal se você tomar um tiro.

— Você quer atirar no meu irmão? — perguntou Aria incrédula.

— E se você o ferir gravemente? — acrescentei.

— Eu poderia atirar de raspão em seu queixo se quisesse, acho que consigo atingir um ponto isento de problemas em seu braço — falou Matteo com seu sorriso largo. — E vamos nos arriscar não o matando, então, um ferimento no braço não é nada mesmo.

— O que você me diz, Fabiano? — perguntou Luca depressa antes que Matteo dissesse mais alguma coisa. Nenhum dos homens havia abaixado as armas ainda.

Fabi assentiu lentamente e apontou a arma para o chão.

— Tudo bem. Mas terei que gritar por ajuda. Não posso esperar mais do que alguns minutos, senão eles desconfiarão.

— Alguns minutos serão o suficiente para irmos embora — concordou Luca. — Nós seremos seguidos assim que se derem conta do que está acontecendo, mas cinco minutos nos darão uma boa distância deles. Dante não é o tipo de pessoa que gosta de lutar em público, então, duvido que ele mandará seus homens para uma perseguição de carro. Ele nos atacará depois, quando imaginar ser o melhor modo de nos ferir.

Meu estômago contraiu. Tudo por minha causa. O quanto uma pessoa podia ser egoísta a ponto de deixar que outras se arriscassem tanto por ela?

Romero sorriu me encorajando, mas pela primeira vez não conseguiu me animar.

— A guerra com a Outfit era inevitável. As coisas pioravam a cada dia.

Luca olhou para nós.

— É verdade. Se não fosse por Aria e Gianna, Matteo e eu nem teríamos vindo a Chicago para o casamento.

Até podia ser esse o caso, entretanto, a morte de Benito atiçaria o incêndio. As coisas ficariam bem feias agora.

— Vamos logo com isso — pressionou Matteo. — Estamos perdendo tempo.

— Acho que deveríamos fazer o tiroteio na garagem. Talvez nos dê mais algum tempo. As pessoas não o ouvirão gritando tão facilmente — sugeriu Romero.

Fomos juntos para a porta e descemos um lance de escada para a garagem subterrânea. Não era tão grande quanto a que eu vira em Nova York. Apesar da nossa decisão em trabalharmos em conjunto, nenhum dos homens ainda guardara a arma no coldre. Quando paramos perto de nossos carros alugados, soltei-me de Romero e fui até Fabi. Não deixei de notar como Romero ficou tenso e levantou a arma, mas eu confiava em Fabi. Talvez ele estivesse a caminho de se tornar um soldado da Outfit, mas também era meu irmãozinho. Isso não mudaria. Eu o abracei e, depois de um segundo, ele envolveu os braços em volta de mim. No último ano, ele evitou demonstrações públicas de afeto porque tentava parecer descolado, mas era bom tê-lo perto, principalmente agora que não sabia quando teria outra chance de vê-lo.

— Desculpe por te colocar em apuros — sussurrei. — Queria que as coisas fossem diferentes.

— Nunca gostei de Benito — disse Fabi simplesmente. — Papai não deveria ter te casado com aquele cara.

De repente, Gianna e Aria estavam lá também e se revezaram nos abraçando.

— Temos que ir agora — recordou-nos Luca.

Afastei-me de Fabi e voltei para Romero. Ele gesticulou para que eu entrasse no carro, enquanto Aria e Gianna entraram no outro. Observei enquanto tentavam descobrir o melhor jeito de fingir um tiroteio. Por fim, Fabi deu dois tiros abafados, depois foi a vez de Romero e Matteo. Quando a bala de Matteo cortou o braço de Fabi eu me retraí. Meu irmão largou sua arma e caiu de joelhos

com o rosto contorcido de dor. Nada nisso era falso. Romero correu para o nosso carro e deslizou para trás do volante antes de pisar no acelerador. Luca apertou o botão que fazia as portas da garagem abrirem. A maioria dos convidados havia estacionado na entrada, então, eu não estava preocupada que o som pudesse ter chamado atenção para a nossa fuga antes mesmo de Fabi começar a gritar. Duvidava que alguém tivesse ouvido os tiros silenciados através do teto espesso da garagem subterrânea. Romero conduziu nosso carro pela rampa e daí para a rua. Matteo dirigia o outro carro e vinha logo atrás de nós. Corremos pela rua, passando por alguns convidados bêbados que estavam sentados em um dos bancos de mármore na lateral. Meu coração perdeu um compasso dentro do peito, mas não havia tempo para preocupações. Agarrei o assento enquanto saíamos do local em uma velocidade vertiginosa. Olhei pelo retrovisor, mas o único carro atrás de nós era o que estavam minhas irmãs e seus maridos.

— Não tem ninguém nos seguindo — falei.

— Dê um segundo. A maioria deles está bêbada e vai levar um tempo para se dar conta do que está acontecendo, mas alguém estará sóbrio o bastante para nos perseguir — falou Romero.

Ele parecia calmo quanto a isso. Não era novidade para ele, mesmo que as circunstâncias que nos trouxeram até aqui fosse, mas Romero já era um Homem de Honra há muito tempo. Não era sua primeira perseguição e não seria a última.

Fechei os olhos tentando aceitar tudo o que acontecera nas últimas 24 horas. Caminhei pelo corredor da igreja para um marido que eu odiava, um marido que o homem que eu amava matou por mim. Romero entrelaçou nossos dedos e eu abri os olhos. Apesar da nossa velocidade, dirigia apenas com uma mão. Ele escondeu a arma no compartimento entre nossos assentos. Dei-lhe um sorriso agradecido.

— O que acontecerá quando estivermos de volta a Nova York?

— Você vai morar comigo. — Ele parou. — A menos que prefira ficar com uma de suas irmãs.

Neguei. — Não quero mais me separar de você.

Romero levou minha mão aos seus lábios e a beijou delicadamente, entretanto, seus olhos correram para o retrovisor lateral e ele ficou tenso. Ele me soltou e pegou a arma.

Espiei por sobre meu ombro. Três carros nos perseguiam. Afundei no meu assento e juntei as mãos, enviando uma rápida oração lá para cima. Eu não era particularmente religiosa, mas parecia a única coisa a ser feita. Até agora, nem um único tiro havia sido disparado do outro lado, o que me fez me perguntar se a Outfit havia preparado uma armadilha em algum lugar.

— Por que não estão atirando?

— Esta é uma área residencial e Dante não gosta de chamar atenção para a Outfit. Suponho que ele tenha dado ordem de esperar até estarmos fora dos limites da cidade, o que acontecerá a qualquer minuto. Estamos passando para uma área industrial.

Ele estava certo. Assim que as casas de família foram substituídas por locais de armazenagem, os carros da Outfit se aproximaram e começaram a atirar. Como Matteo estava logo atrás de nós com o outro carro alugado, Romero não conseguiu um tiro certeiro em nossos perseguidores, mas pude ver Luca atirando sem parar pela janela do passageiro. Não consegui ver nem Aria nem Gianna, elas deviam estar abaixadas no banco de trás para não serem atingidas pelas balas.

E se não conseguíssemos escapar? E se nossas vidas terminassem aqui?

Uma das balas atravessou o condutor de um dos nossos perseguidores. O carro rodou e parou. Mas os outros dois carros se aproximaram. Eu não conseguia nem mais ver a placa deles.

Não tenho certeza de por quanto tempo eles nos perseguiram, mas sabia que em algum momento ou Matteo ou Romero cometeria um erro e perderia o controle do carro.

De repente, os dois carros diminuíram a velocidade e deram meia-volta.

— Por que pararam de nos seguir?

— Ordens de Dante, acredito. Eu falei que ele é um homem muito cauteloso.

Vai esperar por uma melhor oportunidade de nos fazer pagar. Isso é arriscado demais para o gosto dele — explicou Romero.

Exalei. Sabia que isso estava longe de acabar. Pelo que conhecia de Dante, Romero estava certo, mas eu estava simplesmente grata por termos todos saídos ilesos esta noite. Descobriríamos o resto amanhã. Olhei novamente para Romero. Eu mal conseguia acreditar que finalmente poderia ficar com ele.

Exceto por duas paradas para o banheiro, não descontinuamos nossa viagem para Nova York e mal conversamos. Quando a paisagem de Nova York finalmente se ergueu do lado de fora do carro, fiquei aliviada. Por algum motivo, a cidade já parecia meu lar e eu sabia que estaria segura aqui. Esta era a cidade de Luca. Não seria fácil para Dante nos atacar aqui.



CAPÍTULO DEZENOVE

Romero

Depois de mais de quatorze horas na estrada, chegamos à cobertura de Luca. Lily adormeceu algumas vezes durante a viagem, mas acordava assustada quase que instantaneamente. Ela devia estar tendo pesadelos com Benito. Eu estava feliz *pra* caralho por tê-lo matado. Quando entrei no quarto principal e vi Benito com um abridor de cartas no corpo, quis gritar de alegria. Sabia que as próximas semanas e meses, talvez até anos, seriam difíceis para a *Famiglia* e para cada um de nós. Dante iria se vingar com tudo o que tinha.

Estacionei o carro na garagem subterrânea e saí. Lily mal conseguia ficar de pé por causa do cansaço, mas se fez de corajosa. O que eu mais queria era levá-la para casa comigo, só que, primeiro, Luca, Matteo e eu precisávamos conversar sem o risco de sofrer um ataque da Outfit.

Quando entramos na cobertura, Aria e Gianna levaram Lily para o sofá. Um protesto ficou na ponta da minha língua. Eu ainda me sentia muito protetor em relação a ela depois de quase perdê-la, e a queria ao meu lado o tempo todo, mas seria ridículo falar algo assim. Ela continuava no mesmo ambiente que eu. Seu olhar ansioso em minha direção quando ela se sentou entre as irmãs me dizia que Lily se sentia do mesmo jeito.

— Temos que convocar a todos para uma reunião. Eles precisam saber que a trégua entre nós e a Outfit já não está mais em vigor. Não quero que ninguém

caia numa armadilha por pensar que pode confiar num cretino da Outfit — falou Luca. Dava para notar que ainda estava puto comigo e tinha todo o direito de estar. Ele não ter me matado foi um sinal maior que eu esperava de sua amizade.

— Algumas pessoas podem não ficar felizes com Liliana e você — expôs Matteo. — Provavelmente não deixarão a raiva falar mais alto, mas eu tomaria cuidado se fosse vocês.

— Não se preocupe. E se alguém encostar um dedo em Lily, arranco-lhe o pescoço.

— Acho que você já causou bastante dano por um tempo — falou Luca com firmeza. — E ninguém vai tentar machucar Liliana. Agora, ela faz parte da *Famiglia* e está sob minha proteção. Suponho que você vai se casar com ela?

Eu nunca a pedi em casamento, mas queria que ela fosse minha esposa.

— Se ela aceitar, eu vou me casar com ela.

— Depois de todo o drama de hoje, é melhor ela se casar com você — resmungou Matteo. Ele se apoiou na mesa de jantar e escancarou a boca num bocejo.

— Vou perguntar-lhe em breve.

Luca levantou a mão.

— Esta não é nossa maior preocupação neste momento. Temos que dobrar nossas medidas de segurança. Nós não só sequestramos a filha de Scuderi, nós matamos um Capitão com uma legião de soldados leais. Haverá sangue a ser pago.

Lancei outro olhar para Lily. A Outfit poderia tentar matá-la. Conhecendo seu pai, provavelmente ele mesmo faria isso. Ele teria que passar por mim se tentasse machucá-la.

***

Liliana

Depois de duas horas no apartamento de Luca, finalmente estávamos no de Romero. Nunca estive lá e estava curiosa, apesar do meu cansaço. Dava para

notar que Romero estava tenso, porém, não tinha certeza do motivo. Talvez ele se arrependesse de tudo o que aconteceu. Ou talvez estivesse apenas preocupado com o que estava por vir.

Romero destrancou a porta e a abriu amplamente para eu passar. Passei por ele, entrando num extenso corredor. Fotos de família em molduras lindas de prata decoravam as paredes. Prometi a mim mesma que daria uma boa olhada nelas quando meus olhos não estivessem mais se fechando. Várias portas ramificavam-se do corredor. Romero me levou até a última à direita. Uma suíte master aguardava atrás dela, mas não paramos ali. Estivemos na estrada por horas e eu estava acordada há mais de 24. Já havia passado do meio-dia, mas eu queria dormir.

Entretanto, ainda conseguia sentir o cheiro de Benito em mim: seu sangue, seu suor, seu odor corporal. Fiquei enjoada. Romero abriu a porta do banheiro da suíte. Depressa, livrei-me das roupas e entrei no box de vidro. Romero me observava em silêncio com um olhar indecifrável em seu rosto. Ele parecia exausto. Quando a água quente escorreu pelo meu corpo, senti que um pouco da tensão deixava meus membros.

— Você quer ficar sozinha? — perguntou Romero depois de um tempo. Ele parecia… inseguro. Isso não era algo que eu estava acostumada a ver nele. Talvez precisasse levar em consideração que ele precisava de um tempo para resolver tudo.

Neguei. — Quero que se junte a mim.

Romero tirou a roupa. Não tentei esconder a minha admiração ao observá-lo. Eu adorava o corpo de Romero. Adorava tudo nele. Cheguei para o lado para ele poder entrar no box comigo. Deslizei meus braços em volta de sua cintura e encostei meu rosto em seu peito enquanto a água caía sobre nós. Eu senti falta da sensação de sua pele na minha. Fechei os olhos. Tanta coisa havia acontecido e ainda havia tanto a acontecer.

— As coisas vão ficar bem ruins para Luca e a *Famiglia* agora, não vão?

Romero acariciou minhas costas.

— A união entre a *Famiglia* e a Outfit estava fadada a se romper em algum momento. Prefiro que tenha sido por causa de algo tão importante quanto você do que por dinheiro ou política. Você vale uma guerra.

— Não tenho certeza de que Luca concorda. Ele já deve estar arrependido de ter me trazido a Nova York.

— Eu conheço Luca. Ele não se arrepende de suas decisões. Uma vez que toma uma decisão, a mantém. E isso não é só em relação a você. Também vale para Aria e Gianna. Elas querem que você seja feliz.

Levantei a cabeça e sorri. Seu corpo me protegia da água. Romero abaixou a cabeça e beijou minha testa, depois, minha boca. Não aprofundamos o beijo, pelo contrário, terminamos o banho depressa. Romero saiu primeiro e pegou uma toalha. Ele a enrolou em mim e começou a enxugar meu corpo suavemente. Relaxei sob seus cuidados delicados. O último fragmento de tensão foi embora do meu corpo. Depois de terminar comigo, peguei uma toalha da prateleira e enxuguei Romero em retribuição. Ele fechou os olhos quando massageei seus ombros.

— Como você se sente? — perguntei calmamente. Eu sabia que os homens, os Homens de Honra em particular, não gostavam de falar sobre seus sentimentos, principalmente tristeza ou medo.

Ele olhou para mim. — Cansado.

— Não, quero dizer com o fato de ter matado Benito por mim. Você está bem?

Romero deu uma risada sem humor. Ele pegou a minha mão e me levou de volta para o quarto, sentou-se na cama e me puxou para o meio de suas pernas, depois, me colocou sentada em uma delas.

— Ele não foi o primeiro e não será o último, mas gostei de sua morte mais do que das outras e não me arrependo. Faria novamente e gostaria da mesma forma.

Romero

Era verdade, e agora que Lily e eu começaríamos a viver juntos, ela precisava saber disso, precisava conhecer todas as minhas partes sombrias. Procurei em seus olhos algum sinal de repulsa, entretanto, não havia nenhum. Ela deu um beijo em meu rosto antes de repousar a cabeça em meu ombro e tracejou meu queixo levemente com os dedos. Isso e a sensação da sua bunda firme na minha coxa despertaram o meu pau, mas agora não era hora de seguir este impulso. Não há tempo, Lily teve que combater seu novo marido, teve que apunhalá-lo e vê-lo morrer. Ela precisava de tempo para se recuperar. Levantei-me e ergui Lily em meu braço, depois, dei a volta na cama com ela no colo e a deitei. Ela manteve as mãos em volta do meu pescoço e não me soltou mesmo eu tendo tentado ficar de pé.

— Lily — falei baixinho —, você precisa descansar.

Ela balançou a cabeça e me puxou para cima dela. Apoiei-me nos cotovelos para não a esmagar com meu peso. Lily passou as pernas em volta do meu quadril e cravou os calcanhares na minha lombar, me puxando para baixo.

Não resisti. Abaixei-me devagar até nossos corpos estarem nivelados e meu pau, pressionado em sua boceta. Ela levantou a cabeça reivindicando a minha boca para um beijo. Olhei dentro de seus olhos, eles estavam ternos e cheios de desejo. Não sei como pude sequer ter acreditado que Lily não me queria. Seus olhos mostravam seu amor por mim tão claro como o dia.

— Preciso de você — murmurou ela, erguendo alguns centímetros os quadris, o que fez a ponta do meu pau deslizar sobre seus grandes lábios. Soltei um assobio baixo com a sensação. Estava molhada e quente. Ela sempre parecia um convite do caralho. Não era preciso pedir duas vezes. Eu sempre a quis. Coloquei o preservativo depressa, segurei sua cabeça e entrei nela devagar e, enquanto fazia, percebi o quanto também precisava disso. Ela estava mais apertada que o normal, talvez pela tensão e pelo cansaço, e eu me certifiquei de ser cuidadoso.

Fiz amor com ela lentamente. Isto não tinha nada a ver com me aliviar, com

ser consumido por desejo e luxúria, isto era algo para nos mostrar que estava tudo bem. Alguns dias atrás, pensei que a perderia para sempre e, agora, ela era minha.

Entre gemidos suaves, ela disse que me amava. Beijei seus lábios. Nunca fui o tipo exageradamente emotivo, mas nunca me canso de ouvi-la dizendo essas palavras.

— Eu também te amo — falei baixinho. Ainda parecia estranho admitir isso para alguém.

Em seguida, quando nos deitamos nos braços um do outro, senti uma paz profunda e abrangente que nunca sentira antes.

***

Acordei com o nascer do sol, mas Lily não estava lá. Levantei-me num pulo, pegando a minha arma na mesa de cabeceira, como sempre esperando o pior. Porém, Lily estava na janela, olhando para fora. Eu não tinha janelas de parede inteira como na cobertura de Luca, contudo, elas não eram exatamente pequenas. Mas Lily havia crescido como filha de um *Consigliere*. Ela teve tudo do melhor durante toda sua vida.

Saí da cama e fui até ela.

— Não é tão grande quanto as que você está acostumada. A mansão de sua família e a cobertura de Aria são muito maiores que o meu apartamento. Você será a esposa de um simples soldado.

Lily saltou ligeiramente, então, olhou por sobre seu ombro para mim.

— Você acha mesmo que eu ligo para esse tipo de coisa? Quando morava numa casa enorme e tinha mais dinheiro do que seria possível gastar, nunca fui feliz, mas quando estou com você, eu sou.

— Mesmo assim, será uma grande mudança para você — falei. Eu não era exatamente pobre, mas ela não poderia fazer tantas compras quanto antes.

Lily se virou totalmente para mim e tocou meu rosto.

— Eu quero só você, Romero. Não ligo para dinheiro. — Ela gesticulou para o ambiente. — E este lugar é lindo. A maioria das pessoas ficaria feliz de morar aqui. Eu adorei.

Era por isso que eu sabia que tinha que ser Lily.

O sol finalmente apareceu sobre os arranha-céus ao redor.

— Olhe — falei, apontando para a cidade.

Lily se virou em meus braços, com as costas em meu peito, enquanto assistíamos ao nascer do sol. Eu queria aproveitar este momento de paz e silêncio porque sabia que não haveria mais tantos momentos como este hoje. A *Famiglia* estava em guerra com a Outfit agora.

— Estou preocupada com Fabi. Queria que tivesse um jeito de descobrir se ele está bem. E se Dante e papai não acreditaram na história dele? Nunca conseguiria me perdoar se algo acontecesse com ele por minha culpa.

— Vou dar um jeito de conseguir essa informação, mas tenho certeza de que ele está bem. Ele é o único filho homem do seu pai. Mesmo que seu pai esteja descontente com ele, Fabi não será punido tão severamente.

— Agora, ele está casado com uma jovem mulher. Poderia gerar um novo herdeiro — falou ela com amargura.

— Deixe-me ligar para Luca e ver se ele sabe de alguma coisa — falei para ela e me soltei. Luca já devia estar acordado, se é que ele chegou a ir para a cama.

Luca atendeu no segundo toque.

— *Você matou outro membro da Outfit?* — Foi dito quase em tom de piada, mas dava para notar a tensão em sua voz.

— Não. Você ficou sabendo de alguma coisa? Dante tentou entrar em contato com você?

— *Não. Ele apenas me mandou um e-mail através de um de seus homens dizendo que a parceria está rescindida.*

— Ele nem sequer te contatou pessoalmente, nem mesmo através do *Consigliere* dele? — perguntei. Isso era uma exibição descarada de desrespeito e

mostrava o quanto a situação era realmente ruim.

— *Não acho que Scuderi esteja muito entusiasmado para falar comigo neste momento* — falou Luca ironicamente.

Lily se aproximou de mim com uma expressão inquieta.

— Acredito que não — falei. — Ouça, Luca, Lily está preocupada de verdade com o irmão. Tem algum jeito de descobrir se ele está bem?

— *Aria está tentando entrar em contato com Valentina, mas até agora não teve sorte. Ela vai tentar de novo mais tarde. De qualquer forma, você e Lily deveriam vir para cá. Temos muito a discutir e as mulheres podem ficar juntas.*

— Tudo bem. Logo estaremos aí. — Desliguei.

— E? — perguntou Lily cheia de esperança.

— Luca ainda não tem nenhuma informação sobre seu irmão, mas ele e Aria estão tentando entrar em contato com Valentina.

— Você acha mesmo que Val vai responder às ligações de Aria? Ela é esposa de Dante e agora que há uma guerra entre Nova York e Chicago, ela arriscaria muita coisa entrando em contato com Aria.

Liliana

Romero tocou meu rosto.

— Vamos ter notícias do seu irmão, Lily, prometo.

Tomamos um banho rápido antes de irmos para o apartamento de Aria. Quando entramos na cobertura, Gianna e Matteo já estavam lá apesar de ser apenas 7h da manhã. O aroma do café recém passado me saudou e pães doces aguardavam no balcão da cozinha. Minhas irmãs estavam em pé conversando e me aproximei delas enquanto Romero foi ao encontro de Luca e Matteo, que estavam sentados nas banquetas da ilha da cozinha.

Aria me abraçou.

— Lily, como você está?

— Bem. Não dormi muito, mas estou feliz por estar aqui com vocês e

Romero.

— Claro que está — falou Gianna. — Estou tão feliz por Romero ter se livrado daquele desgraçado do Benito.

Uma imagem do corpo de Benito coberto de sangue apareceu na minha mente e eu a afastei. Não queria mais pensar nele. Ele não fazia mais parte da minha vida.

Aria me entregou uma xícara de café.

— Tome, parece que está precisando disso. E você deveria comer alguma coisa.

— Modo mamãe ganso ativado — provocou Gianna, entretanto, ela também me olhava com preocupação. — E aí? Como foi sua primeira noite com Romero?

— Gianna — advertiu Aria. — Lily passou por muita coisa.

— Está tudo bem. Amei passar a noite nos braços de Romero sem ter medo de ser pega. Pela primeira vez, pudemos assistir ao nascer do sol juntos.

— Estou tão feliz que esteja feliz — falou Aria.

Assenti. — Mas não consigo parar de me preocupar com Fabi. Quero saber se ele está bem.

— Deixei duas mensagens de voz no celular de Val. Eu realmente espero que ela retorne.

— Mesmo que ela retorne — disse Matteo —, não sabemos suas motivações. Ela pode estar obedecendo as ordens de Dante e buscando informações.

— Val não faria isso — falou Aria insegura.

— Ela é esposa do Chefe. A Outfit está onde reside sua lealdade. Você faz parte da *Famiglia*, o que faz de você o inimigo — falou Luca.

Olhei para Romero. Tudo isso porque eu amava um homem que não deveria amar, e porque queria ficar com ele. Seria eu uma piranha egoísta? Romero encontrou meu olhar. Desejei poder dizer que não faria isso novamente, mas olhando para ele agora, sabia que apunhalaria Benito outra vez para me salvar de um casamento horrível e estar com o cara com quem deveria passar a minha

vida.

Eu era uma piranha egoísta.

— Ei — chamou Aria delicadamente —, não fique tão triste.

Virei-me para ela.

— Você e Val se davam tão bem. Sei que sempre conversavam ao telefone e, agora, não podem mais por causa de toda confusão que eu causei.

— Você é minha irmã, Lily, e te ver feliz e te ter em Nova York com a gente é mais importante do que a minha amizade com Val. E talvez Luca consiga negociar outra trégua com Dante. Dante é um homem pragmático.

— Não enquanto seu pai for o *Consigliere*. Seria um tapa na cara de seu pai se Dante não procurasse vingança — expôs Romero.

— Odeio essa merda de vingança — resmungou Gianna. Matteo se levantou da banqueta, foi até ela e a puxou contra si com um sorriso. — Sei que odeia, mas as coisas são assim.

Gianna revirou os olhos, mas deixou Matteo beijá-la. Antigamente, isso me deixaria com inveja, mas hoje, eu me juntei a Romero e me encostei nele. Ele pôs o braço em volta do meu ombro e beijou minha têmpora.

— Já estivemos em guerra com a Outfit antes. Vamos cuidar disso.

— Não quero que ninguém morra por minha causa.

— Romero está certo. Vamos sobreviver a isso. E não pense que Dante matará um de nós. A ameaça russa ainda é muito forte. Ele não pode colocar a vida de seus soldados em risco numa guerra conosco.

— Nem nós podemos — acrescentou Matteo.

Um telefone tocou nos fazendo dar um pulo. Aria arrancou seu celular do balcão e olhou para a tela, depois, levantou a cabeça com os olhos arregalados.

— É a Val.

Luca se levantou.

— Não deixe escapar que Fabi nos ajudou e seja cautelosa.

Aria assentiu, depois, ergueu o celular ao ouvido.

— Alô? — Ela parou. — Estou tão feliz que tenha ligado. Podemos

conversar? — Aria escutou por alguns segundos e a expressão dela desmoronou. — Eu sei. Só queria te perguntar sobre o Fabi. Ele foi atingido quando tentou nos deter e fiquei muito preocupada. Ele é tão novo. Não deveria ter sido envolvido nisso. Você pode me dizer como ele está?

Aria soltou o ar.

— Então, ele está bem? Ele poderá usar o braço como antes?

Murchei de alívio encostada a Romero, mas as palavras seguintes de Aria me deixaram tensa novamente.

— Ele entrou em apuros porque não conseguiu nos deter? — Aria assentiu e fez sinal com o polegar para nós. Ela ficou calada por um bom tempo depois disso, escutando o que Val falava.

— Tudo bem, vou falar para eles. Muito obrigada, Val. Não vou me esquecer disso. Espero que nossos homens se resolvam logo. Vou sentir falta de conversar com você. Tchau.

— Então...? — perguntei assim que ela desligou.

— Papai e Dante pareceram acreditar na história de Fabi. Ninguém o culpa por nos deixar escapar. Ele não tinha experiência suficiente para o serviço e só entrou nessa por causa da insistência de papai.

Luca parecia um cão de caça em uma trilha.

— Ela disse mais alguma coisa? Sobre os planos de Dante e seu humor?

— Ele está furioso — falou Aria com indiferença. — Mas queria que Val te entregasse uma mensagem — disse ela para Luca, correndo os olhos para mim.

Romero endureceu ao meu lado. Eu desconfiava que sabia qual o tipo de mensagem.

— Se mandarmos Lily de volta hoje, eles podem considerar não se vingar.

Romero se levantou da banqueta.

— Ela não vai voltar.

Luca estreitou o olhar, entretanto, respirou fundo.

— Claro que não. Dante sabe que não concordaremos com esta oferta. Por isso ele a fez.

Romero acariciou meu braço de leve e aproximou a boca do meu ouvido.

— Ninguém vai te tirar de mim. Lutarei um milhão de guerras se for para ficar com você.

***

Passaram-se dois dias, mas poderia muito bem ter sido uma vida inteira. Romero esteve ocupado e eu passei a maior parte do tempo com as minhas irmãs. Porém, esta noite, Romero quis que jantássemos sozinhos no seu… não, no *nosso* apartamento. Ele pediu comida em seu restaurante italiano preferido e a espalhou pela mesa de jantar da enorme cozinha.

Alguns minutos depois que começamos a comer, Romero pousou o garfo na mesa.

— Luca me tornou Capitão.

— Sério? Isso é maravilhoso! — Dava para ver o quanto isso significava para ele. Nunca senti que ele estivesse infeliz como guarda-costas de Aria, mas claro que ser promovido era importante, principalmente porque na máfia as pessoas geralmente assumiam as posições de seus pais. — Com qual negócio você vai ficar?

— Vou assumir algumas boates no Harlem. O antigo Capitão está com câncer e precisa se aposentar, só que ele tem apenas filhas, então, Luca decidiu me dar os negócios dele. Vou ganhar mais dinheiro para nós.

Sorri.

— Você sabe que não ligo para isso. Estou feliz apenas porque você merece.

Romero fez uma careta.

— Algumas pessoas não pensam assim depois da guerra que causei com a Outfit.

— Pensei que a maioria estivesse ansiosa para encerrar a parceria com Chicago.

— Esses acham que eu mereço ser Capitão — falou achando graça.

— Então, quem vai proteger Aria?

— Isso gerou um pequeno problema. Sandro irá proteger Aria e Gianna a partir de agora. Mas não será o bastante, principalmente porque você está frequentemente com elas. Ele não pode proteger vocês três, mas vamos resolver isso.

Quando terminamos a sobremesa, Romero se levantou e deu a volta na mesa vindo até mim. Eu olhava para ele confusa. Ele estava nervoso?

Sem aviso, Romero se ajoelhou bem na minha frente e tirou uma caixinha de cetim do bolso da calça. Congelei quando ele a estendeu para mim e eu a abri, revelando um lindo anel de diamante. Claro que eu esperava que nos casássemos logo. Era o esperado em nosso mundo, o que eu não esperava era que Romero já tivesse me comprado um anel. Ele com certeza não perdeu tempo!

— Eu sei que você passou por muita coisa e sua última experiência com casamento foi horrível, mas espero que dê outra chance a isso. Quero ser o marido que você merece. Quero te fazer feliz e te amar, se você permitir. Quer casar comigo?

Voei para os seus braços, batendo os joelhos no chão duro, mas mal senti.

— Meu Deus, sim. — Beijei-o intensamente.

Romero sorriu ao me puxar para trás. Não nos levantamos do chão. Contanto que estivesse nos braços de Romero, não me importava onde estava.

— Sei que você quer esperar um pouco para se casar comigo. Provavelmente não estamos no clima de planejar outro casamento.

Balancei a cabeça depressa.

— Este é o casamento que eu quero planejar. Desta vez, vou me divertir. Posso levar Aria e Gianna para comprar o vestido de noiva comigo e ficar animada de verdade com isso.

Ele riu.

— Mas quero que conheça minha família primeiro. Assim, podemos lhes dar a boa notícia.

— Ah, claro — respondi devagar. Eu estava animada para conhecer a família

de Romero, mas também preocupada que não fossem gostar de mim.

***

No dia seguinte, Romero me levou para conhecer sua família. Sua mãe morava com o novo marido e as três irmãs de Romero num apartamento simples não muito distante de nós. Eu não deveria ter ficado preocupada que eles não gostassem de mim. Eram pessoas gentis e humildes. Eu já conhecia as duas irmãs mais velhas dele da minha festa de aniversário de alguns anos atrás, porém, nós crescemos, e Tamara, sua irmã mais velha, já havia começado na faculdade. Algo que eu nunca considerei porque sabia que papai nunca aprovaria.

O jantar na minha família sempre foi um evento formal, com meu pai sentado na cabeceira da mesa e todos se comportando da melhor maneira... Bem, exceto por Gianna talvez. Mas aqui era descontraído e divertido. Nós conversamos e rimos a noite inteira e, quando Romero lhes contou que íamos nos casar, eles me abraçaram e ficaram felizes de verdade. Ninguém me olhou estranho porque eu havia me casado com Benito há menos de uma semana.

Eu soube naquele momento que seria feliz nesta nova vida, não apenas por causa do amor de Romero, mas por causa das minhas irmãs e da minha nova família. Isso não me impediria de sentir saudade de Fabi, contudo, eu tinha que confiar que ele encontraria a própria felicidade algum dia mesmo que nunca mais voltássemos a nos ver.



EPÍLOGO

Liliana

Esperei por este momento por muito tempo, imaginara-o tantas vezes que quase parecia um *dèjá vu*. Há algumas semanas no meu casamento com Benito, houve apenas nervosismo, tristeza e medo, agora, eu sentia como se pudesse voar. Felicidade e euforia vibravam em meu corpo. Eu mal podia esperar que a festa acabasse para Romero me despir e fazer amor comigo repetidamente. A única coisa que faltou para ser um dia perfeito foi Fabi. Eu não o via desde a noite do meu casamento e não tinha certeza se algum dia o veria. Eu nem sabia se ele estava bem, se teve problemas por levar um tiro e nos deixar fugir.

Romero me ergueu em seus braços sob gritos animados dos nossos convidados. Não consegui evitar uma gargalhada. Nunca me senti tão leve, como se a qualquer segundo fosse subir para o céu noturno. Arrisquei olhar para cima, perguntando-me se mamãe estava assistindo. Eu fiz o que ela queria. Arrisquei ser feliz e valeu a pena. Romero beijou meu rosto, atraindo a minha atenção de volta para ele. Nossos olhares se encontraram e meu coração inchou de amor. Ele começou a caminhar em direção ao nosso quarto e, desta vez, mal conseguia esperar chegar para ficar a sós com meu marido, para tê-lo para mim nesta noite. Assim que deveria ser. Todas as mulheres deveriam estar felizes no dia de seu casamento, deveriam se sentir seguras nos braços de seu marido, deveriam ter o direito de se casar por amor e não porque alguém decidiu seu par por elas.

Encostei o rosto no vão de seu pescoço, sorrindo para mim mesma. Pelo canto do olho, avistei as minhas irmãs e seus maridos. Aria sorria para mim e Gianna balançava as sobrancelhas. Eu dei uma risada. Romero roçou os lábios na minha orelha.

— Mal posso esperar para te despir e beijar cada centímetro da sua pele sedosa.

O desejo percorreu meu corpo.

— Depressa — sussurrei.

Romero riu, mas, na verdade, acelerou. Ele abriu a porta do nosso quarto com o cotovelo, depois a chutou para fechar antes de atravessar o cômodo em direção à cama e me abaixar.

— Meu Deus, você é linda *pra* cacete. Mal posso acreditar que é finalmente minha.

— Eu sempre fui sua.

Romero segurou meu rosto e me beijou intensamente antes de começar a trabalhar no meu vestido, descobrindo lentamente centímetro por centímetro do meu corpo. Ele beijou cada local que surgia, mas não onde eu queria que beijasse. Quando me deitei diante dele de espartilho e calcinha, seus olhos percorreram meu corpo com fome e veneração. Eu adorava aquele olhar. Ele me fazia sentir a garota mais bonita do mundo. Ele deixou os dedos deslizarem pelos meus tornozelos, depois, subiram para as panturrilhas e as coxas, até chegarem à minha calcinha. Ergui os quadris. Romero soltou uma risada e deu um beijo ali, e lambeu o local.

— Por favor, Romero.

Ele enganchou os dedos na minha calcinha e a deslizou para baixo. Quando voltou, abriu minhas pernas e abocanhou as minhas dobras. Exalei. Com carícias lentas de sua língua, Romero me deixou louca, e quando deslizou um dedo para dentro de mim, o prazer me atropelou. Meus dedos dos pés curvaram e a minha bunda se projetou da cama, contudo, Romero continuou me dando prazer até eu não aguentar mais e empurrar sua cabeça para longe, rindo ofegante.

— Seu primeiro orgasmo como minha esposa — falou Romero com um sorriso de autossatisfação ao rastejar para cima e pairar sobre mim.

— Espero que não seja o último — provoquei.

— Você está dizendo que ainda não está satisfeita? — Ele deslizou um dedo para dentro de mim de novo e o movimentou lentamente.

Balancei a cabeça.

Romero tirou o dedo e desamarrou meu espartilho, deixando meus seios nus. Ele chupou um dos meus mamilos enquanto metia o dedo dentro de mim mais uma vez.

Era muito gostoso e pude sentir que estava chegando perto, mas precisava de Romero dentro de mim.

— Preciso de você dentro de mim — implorei.

Romero não desperdiçou nem um segundo. Ele saiu da cama e se despiu depressa. Seu pau já estava duro e reluzente. Ele se movimentou entre as minhas pernas. Fechei a mão em volta de seu mastro, apreciando sua firmeza e calor. Massageei-o algumas vezes antes de guiá-lo para a minha entrada. Quando a ponta roçou na minha abertura, relaxei nos travesseiros. Romero começou a se movimentar lentamente dentro de mim. Pude sentir cada centímetro dele até, enfim, me preencher por completo. Envolvi o pescoço de Romero e o puxei para beijá-lo. Eu adorava beijá-lo, o jeito com que sua barba arranhava levemente meu lábio, seu gosto, tudo. Nunca me canso.

Romero se mexia num ritmo lento, tirando quase tudo apenas para meter seu pau todo dentro de mim de novo.

— Toque-se — ordenou ele murmurando baixo.

Não hesitei. Enfiei meu braço entre nossos corpos e meus dedos encontraram meu clitóris. Comecei a fazer pequenos movimentos circulares. As pontas dos meus dedos roçavam de vez em quando no pau de Romero, o que me deixava ainda mais louca.

— Isso, meu amor, goze para mim — rosnou Romero. Ele beijou meu pescoço e com uma das mãos segurou a minha perna e a enganchou em seu

quadril. Acariciei-me ainda mais rápido e, quando Romero meteu em mim de novo, me desfiz. Meu corpo arqueou da cama. Romero gemeu, estocando ainda mais forte e rápido, e o senti gozar dentro de mim.

Eu estremecia por causa dos tremores subsequentes do meu orgasmo. Romero enterrou o rosto no meu pescoço e eu corri as mãos pelos seus cabelos, descendo pelas suas costas. Depois de um momento, ele saiu de cima de mim, deitando-se de costas na cama, me puxou para si de modo que fiquei meio deitada em seu peito. Corri os dedos nos pelos de seu peito e escutei seu coração acelerado.

— Mal posso acreditar que é finalmente minha. Ninguém pode te tirar de mim agora. — Romero depositou um beijo no alto da minha cabeça. Sorri, satisfeita e feliz. Por um breve momento, meus pensamentos flutuaram até Fabi, imaginando o que ele estaria fazendo agora. Sem ele e as minhas irmãs, eu não estaria deitada ao lado de Romero neste momento. Eles arriscaram muita coisa pela minha felicidade, assim como Romero. Eu sempre seria grata pelo que fizeram e tentaria fazer seus sacrifícios valerem a pena, tentaria viver a vida plenamente.

Virei-me e Romero me abraçou por trás. Estava tarde e eu estava exausta. Em algum momento, Romero adormeceu. Eu adorava ouvi-lo dormindo ao meu lado. Isso sempre me deixou à vontade.

A respiração regular de Romero soprava em meu pescoço descoberto. Não consegui dormir mesmo estando satisfeita e exausta. Saí debaixo do braço de Romero e da cama. Peguei um roupão de banho e o vesti antes de sair pela porta da varanda, que tinha uma linda vista das redondezas e do mar. Amanhã, voltaríamos a Nova York e, então, nossa vida de casados começaria de verdade. Fiquei olhando para o céu noturno. As estrelas sempre foram mais brilhantes fora da cidade e, mesmo assim, sempre havia algumas que brilhavam mais. Quando era criança, costumava pensar que elas representavam pessoas que haviam morrido e que nos observavam como estrelas. Parei de acreditar nisso há muito tempo. Mas não podia deixar de me perguntar se em algum lugar, de

algum modo, mamãe me observava. Será que ela estaria feliz por mim? Será que talvez estivesse orgulhosa? Eu nunca descobriria, mas mantive minha promessa a ela. Arrisquei tudo por amor e felicidade. Olhei por sobre o ombro para o corpo adormecido de Romero, depois, com um último olhar para as estrelas, voltei para a cama e me aconcheguei nele. Ele me abraçou.

— Você saiu daqui — resmungou ele.

— Precisava tomar um ar — falei suavemente.

— Estou feliz que tenha voltado.

— Eu amo você — sussurrei.

Romero me apertou com mais força e beijou a minha têmpora.

— E eu amo você.

Talvez as coisas não fossem ser sempre fáceis no futuro, mas eu sabia que nunca me arrependeria de correr o risco. O amor valia cada risco.

SOBRE A AUTORA

Cora Reilly é autora de séries cujos personagens apresentam-se como *bad boys* perigosamente *sexies*. Antes de encontrar sua paixão em livros de romance, ela era uma autora publicada tradicionalmente de literatura para jovens adultos.

Cora mora na Alemanha com um bonito, mas louco, cãozinho da raça *Bearded Collie*, além de sua família, com a chegada, há pouco tempo, de uma filha linda. Quando ela não passa seus dias sonhando com histórias de fazer suspirar, ela planeja sua próxima aventura de viagem ou cozinha pratos muito picantes de todo o mundo.

Apesar de sua graduação em Direito, Cora prefere conversar sobre livros ao invés de sobre leis, a qualquer momento.

Siga-a em suas redes sociais:

Facebook (página): @CoraReillyAuthor

Twitter: @CoraReillyBooks

Instagram: @corareillyauthor

OUTROS LIVROS PELA BEZZ

Ligados pela Honra

Ligados pelo Dever

Ligados pelo Ódio

EM BREVE

Ligados pela Vingança


bezz
EDITORA
NOS BRAÇOS DO
ROQUEIRO
LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER
TERRI ANNE BROWNING

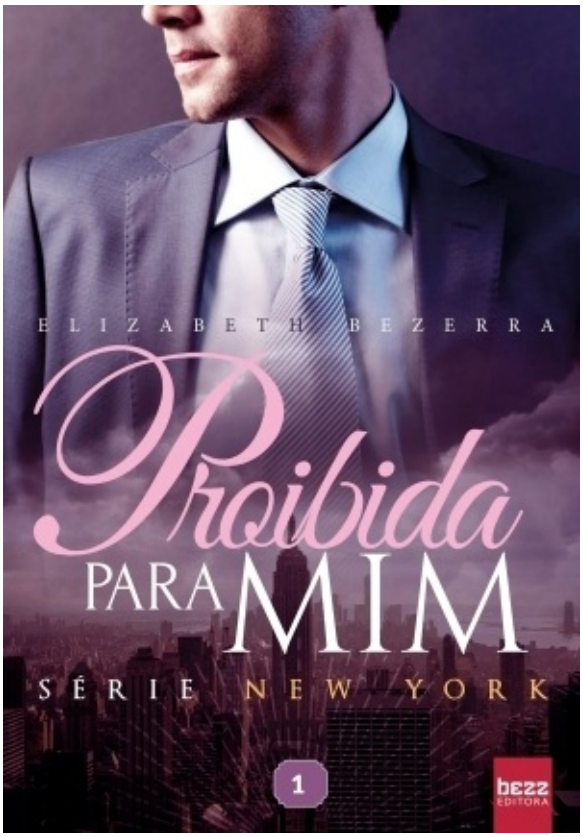
Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne
9788568695449
147 páginas

Compre agora e leia

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

Compre agora e leia


ELIZABETH BEZERRA
Proibida
PARA MIM
SÉRIE NEW YORK
1
bezz
EDITORA

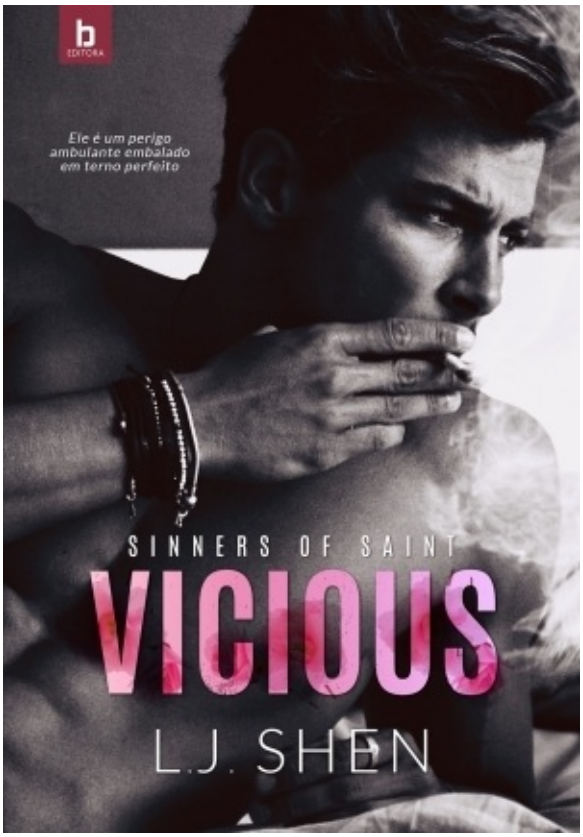
Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth
9788568695371
310 páginas

Compre agora e leia

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

Compre agora e leia


Ele é um perigo
ambulante embalado
em terno perfeito
SINNERS OF SAINT
VICIOUS
L.J. SHEN

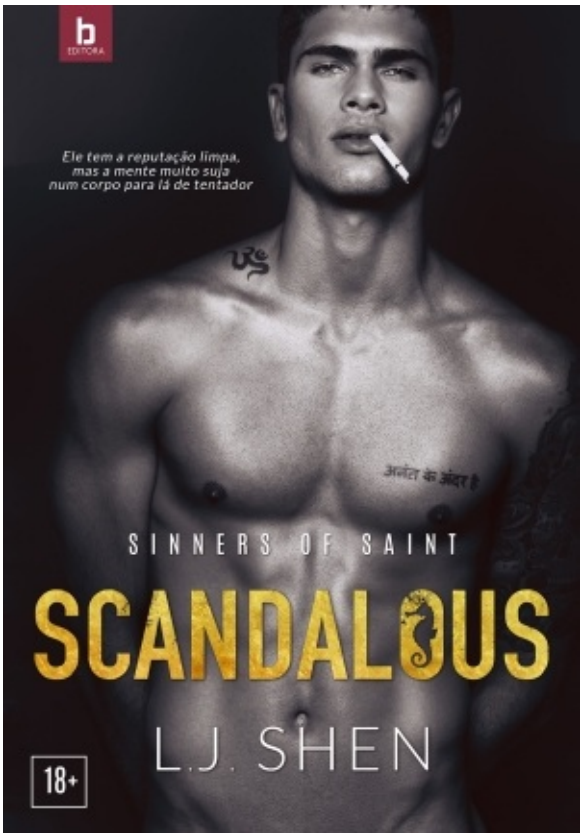
Vicious

Shen, L.J.
9786586066586
200 páginas

Compre agora e leia

Emilia Dizem que amor e ódio são os mesmos sentimentos vividos em situações diferentes, e é verdade. O homem que aparece em meus devaneios, também me assombra em meus pesadelos. Ele é um advogado brilhante. Um criminoso habilidoso. Um lindo mentiroso. Valentão e salvador, monstro e amante. Dez anos atrás, ele me fez fugir da pequena cidade onde morávamos. Agora, ele veio atrás de mim em Nova York e não vai embora enquanto não conseguir o que quer. Vicious Ela é uma artista ávida. Bonita e sutil como a flor de cerejeira. Dez anos atrás, ela invadiu minha vida sem avisar e virou tudo de cabeça para baixo. E pagou o preço. Emilia LeBlanc não é para mim, é a ex-namorada do meu melhor amigo. A mulher que conhece meu segredo mais sombrio, é a filha dos empregados que contratamos para cuidar de nossa propriedade. Só isso já deveria ser um enorme NÃO, mas, quem disse...? Ela me odeia. Não estou nem aí. É melhor que ela se acostume comigo.

Compre agora e leia


Ele tem a reputação limpa,
mas a mente muito suja
num corpo para lá de tentador
SINNERS OF SAINT
SCANDALOUS
L.J. SHEN
18+

Scandalous

Shen, L.J.
9786586066890
200 páginas

Compre agora e leia

Eles o chamam de O Mudo por um motivo. Duro, frio e calculista, ele raramente fala. Quando o faz, é com desdém. Quando o faz, suas palavras não são para mim. Quando o faz, meu estômago revira e meu mundo sai do eixo. Ele tem trinta e três anos. Eu tenho dezoito. Ele é pai solteiro e parceiro de negócios do meu pai. Eu sou apenas uma criança para ele e a filha de seu inimigo. Ele está emocionalmente indisponível. E eu estou... sentindo. Sentindo coisas que não deveria sentir por ele. Trent Rexroth vai partir meu coração. Não é apenas uma pichação na parede, mas algo marcado em minha alma. E, ainda assim, eu não consigo me afastar. Um escândalo é a última coisa que minha família precisa. Mas um escândalo é o que vamos oferecer. E, oh, que gransioso caos será.

Compre agora e leia


O
GRANDE
MOMENTO
NATHALIA CABRAL
COLEÇÃO
TEMPORADA DE
CASAMENTOS

O Grande Momento

Cabral, Nathalia
9786586066081
152 páginas

Compre agora e leia

Como organizadora de eventos, especialmente de casamentos, Mahara sabia que ser selecionada para participar do reality show "Temporada de Casamentos" ajudaria a dar um salto na sua carreira. Pelas regras, ela teria uma parceria para disputar o prêmio contra outras duplas. No entanto, ela não esperava que o seu parceiro fosse alguém tão sedutor. Lorenzo queria ganhar o prêmio e, com isso, ajudar a deslanchar a sua loja de vestidos de noivas. Porém, se viu surpreendido pela tenacidade de sua parceira, e ficou absolutamente encantado. O prêmio já não era tão importante, mas Mahara, sim. Um ano depois daquele fatídico programa, Mahara se viu obrigada a trabalhar ao lado de Lorenzo na organização de um casamento. Ao longo desse processo, muitas coisas deram errado, outras, reacenderam a antiga paixão, mas o que ela não sabia era que esse seria o casamento da sua vida… A Editora Bezz orgulhosamente convida para este evento que abre a Temporada de Casamentos com luz, festa e surpresa. Apaixone-se pelo casal e divirta-se nessa organização atrapalhada.

Compre agora e leia